

CINTYA MARIA COSTA RODRIGUES

HISTÓRIAS SOBRE LUGARES, HISTÓRIAS FORA DE LUGAR? Os escritores e a literatura do Sudoeste de Goiás.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Campinas – UNICAMP, sob a orientação da prof.^a Dr.^a Emília Pietrafesa de Godoi.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 25/04/2006.

Banca:

Prof.^a Dr.^a Emília Pietrafesa de Godoi – Orientadora

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão – UFU

Prof.^a D.^a Ellen Fensterseifer Woortmann – UNB

Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa - UFG

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço – UNICAMP

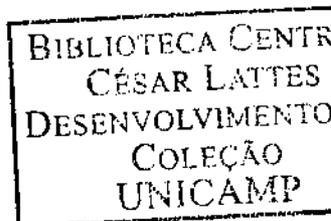
Suplentes:

Prof.^a Dr.^a Fernanda Arêas Peixoto - USP

Prof.^a Dr.^a Heloisa André Pontes - UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Renata Medeiros Paoliello -

Campinas, abril de 2006



DE
HAMADA TT UNICAMP
R618h
EX
BD BC/ 30939
16.123-00
D X
0 \$ 11,00
31/10/06

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Bib ID 389652

R618h **Rodrigues, Cintya Maria Costa**
Histórias sobre lugares, histórias fora de lugar? os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás / Cintya Maria Costa Rodrigues. - - Campinas, SP : [s. n.], 2006.

Orientador: Emília Pietrafesa de Godoi.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Escritores. 2. Literatura e Antropologia. 3. Literatura e História – Goiás (GO). 4. Literatura – História e crítica. I. Godoi, Emília Pietrafesa de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(cc/ifch)

Palavras – chave em inglês (Keywords): Writers.

**Literature and anthropology.
History and literature - Goiás
Literature – History and criticism.**

Área de concentração : Processos Sociais, Identidades e Representações do Mundo Rural.

Titulação : Doutor em Ciências Sociais.

Banca examinadora : Emília Pietrafesa de Godoi, Ellen F. Woortmann, Jadir de Moraes Pessoa, Carlos Rodrigues Brandão, Fernando Antonio Lourenço.

Data da defesa : 05/04/2006

BIBLIOTECA CENTR
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

CINTYA MARIA COSTA RODRIGUES

**HISTÓRIAS SOBRE LUGARES, HISTÓRIAS FORA DE LUGAR? Os escritores e
a literatura do sudoeste de Goiás**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas – UNICAMP, como requisito parcial
para a obtenção do título de doutor em Ciências
Sociais.

CAMPINAS

2006

HISTÓRIAS SOBRE LUGARES, HISTÓRIAS FORA DE LUGAR? Os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Ciências Sociais.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 05/04/2006

Banca:

Profª Drª Emília Pietrafesa de Godoi – Orientadora
Profª Drª Ellen F. Woortmman – UNB
Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa – UFG
Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão – UNICAMP
Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço – UNICAMP

Suplentes:

Profª. Drª. Fernanda Áreas Peixoto – USP
Profª. Drª. Renata Medeiros Paoliello – UNESP
Profª. Drª. Heloisa André Pontes – UNICAMP

CAMPINAS, 2006.

Em memória de Basileu Toledo França

Para meus pais, Nati e João

Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à idéia de um eu sólido, à identidade a quem tanta gente dá tanta importância. Essas correntes, como os temas da vida de uma pessoa, fluem ao longo das horas de vigília e, em seu melhor estado, não requerem nenhuma reconciliação, nenhuma harmonização. Elas escapam e podem estar fora do lugar, mas pelo menos estão sempre em movimento, no tempo, no espaço, em toda espécie de estranhas combinações que se movem, não necessariamente para frente, às vezes umas em choque com as outras, fazendo contrapontos, ainda que sem um tema central. Uma forma de liberdade, eu gostaria de acreditar, embora esteja longe de ter certeza disso. Esse ceticismo também é um dos temas aos quais particularmente gostaria de me agarrar. Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo.

Edward W. Said, *Fora do lugar: memórias*

Junto com a linguagem, é a geografia – especialmente na forma deslocada de partidas, chegadas, adeuses, exílios, nostalgia, saudades de casa e da viagem em si – que está no cerne das minhas lembranças daqueles primeiros anos. Cada um dos lugares onde vivi – Jerusalém, Cairo, Líbano e Estados Unidos – tem uma rede densa e complicada de valências que constitui grande parte do que significa crescer, ganhar uma identidade, formar minha consciência de mim mesmo e dos outros. E em cada local as escolas têm um lugar privilegiado na história, como microcosmos das cidades e metrópoles onde meus pais encontraram essas escolas e me matricularam.

Edward W. Said, *Fora do lugar: memórias*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
<i>A região da aldeia: os pressupostos geográfico-espaciais da literatura goiana e a construção do sudoeste de Goiás.</i>	22
. A perspectiva geográfica na história literária em Goiás	25
. A relação do escritor com os lugares: o sentido da noção de <i>aldeia</i> .	37
. O sudoeste recriado por Basileu Toledo França.	41
CAPÍTULO II	
<i>A vida dos lugares e os lugares da vida: o percurso de escritores no universo regional e a inscrição literária dos lugares.</i>	50
. Lugares, histórias e biografias	50
. O transcurso dos escritores nos universos da vida e da carreira e a leitura dos lugares	58
. Aproximações e distanciamentos biográficos	104
CAPÍTULO III	
<i>Lugares literários para as histórias dos lugares: o romance e o sudoeste.</i>	111
. A inclusão das histórias dos livros nas histórias dos lugares.	141
CAPÍTULO IV	
<i>A literatura nas localidades: a dinâmica da leitura e as relações que a recriação literária introduz nos lugares</i>	153
. Os lançamentos de livros e homenagens: a construção do reconhecimento social.	155
. E as histórias entram no campo das <i>controvérsias</i> : a comunicação e as polêmicas literárias.	177
. O acirramento das polêmicas entre os escritores.	182
. Os escritores e a constituição do espaço institucional das letras: as academias de letras locais e regionais.	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
REFERÊNCIAS	217
ANEXOS	223
Anexo A - Lista: Artigos de jornais e revistas, correspondências, discursos, convites, ata, folder	
Anexo B - Lista de instituições pesquisadas	
Anexo C - Mapas	
Anexo D - <i>Fac-símile</i> de livros	
Anexo E - Correspondências, ata e convites notícias e artigos de jornais impressos	
Anexo F - Notícias e artigos de jornais impressos	

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao CNPq pelo apoio financeiro recebido para a realização deste trabalho.

Sou grata a Universidade Federal de Goiás que me concedeu o afastamento para cursar o doutorado em Campinas-SP.

Agradeço a Emília Pietrafesa de Godoi, minha orientadora, a confiança em mim depositada, que permitiu, ao longo de todos esses anos, a realização deste estudo.

Carlos Rodrigues Brandão, que acompanhou os meus estudos desde o mestrado, apoiou a realização do doutorado e discutiu comigo o tema da tese nos diferentes momentos dessa trajetória.

Maria Cristina T. Machado leu o projeto inicial e forneceu as primeiras leituras sobre a literatura regional. Devo-lhe o meu ingresso na discussão dessa vertente literária.

Devo um agradecimento a todos os professores do Departamento de Ciências Sociais da UFG pelo apoio à realização do curso.

Agradeço ao professor Fernando Antonio Lourenço pela confiança e compreensão, sobretudo, no momento do redirecionamento da temática do projeto. O Prof. Fernando esteve presente em todas as bancas e é testemunha de todos os tropeços dessa construção.

A professora Suely Kofes foi fundamental no momento em que a pesquisa apresentou o primeiro impasse. Suas sugestões durante o exame de qualificação ajudaram a preencher as lacunas teóricas do texto já esboçado.

Sou grata a professora Fernanda Áreas Peixoto pela crítica ao conteúdo submetido a exame, na defesa do projeto. A sua disciplina na USP propiciou o encontro com uma bibliografia que auxiliou na fundamentação teórica da tese.

Agradeço aos professores Jadir de Moraes Pessoa e Ellen F. Wortmann pela leitura do texto final. As suas valiosas sugestões estão presentes em todo o trabalho.

O meu agradecimento a todos os escritores que fazem parte deste estudo e às suas famílias, que permitiram a minha presença nos espaços resguardados de suas casas e de suas vidas.

A todas as instituições pesquisadas e às pessoas, que assistiram as minhas buscas nas localidades do sudoeste de Goiás.

Aos amigos de Jataí, especialmente, Suely, Antônio, Enimar, Luciene e suas famílias, que me acolheram durante a pesquisa de campo.

Aos funcionários da pós-graduação da Unicamp, Maria Rita, Gilvani e Júnior, que me ajudaram a cumprir as exigências burocráticas.

Sou grata a todos os amigos, aqueles que presenciaram de diferentes formas e em diversos momentos, as alegrias, o esforço e o sofrimento que envolveu a realização deste trabalho. Kika, Elza, Isabel, Eliana, Domingos, Simone, Adriane, Paulo, Emílio, Célia, André, Renan...

A Zezé, que fez a revisão final do texto em um momento tão frágil de sua saúde.

Agradeço a minha família, pelo apoio fundamental e imprescindível para a realização do doutorado.

Ao Carlos e ao Caio, especialmente.

RESUMO

Este estudo debruça-se sobre uma vertente da literatura goiana, mais precisamente, sobre textos que trazem a referência do sudoeste de Goiás como espaço simbólico de reconhecida especificidade cultural, com o objetivo de compreender a construção desse espaço. As histórias dos lugares sudoestinos são o conteúdo principal da literatura local focalizada aqui. Essas histórias e essa literatura constituem, os campos privilegiados da construção desses lugares. Nelas se pode verificar a inscrição do “sentido do próprio” e ver atuar, por meio de processos específicos da construção dos textos, um conjunto de relações dos sujeitos envolvidos, os escritores locais, nos espaços definidos por suas trajetórias e escrituras.

A apreensão dos modos de construção dos lugares privilegiou os escritores que, em razão dos seus textos e através deles, bem como das relações que mantêm com os lugares, envolveram-se em processos de construção de referências culturais definidoras de seus espaços de vida e história.

A construção do sudoeste de Goiás – objeto que se firmou para este trabalho – dimensionou, desde o princípio, um entrelaçamento entre os sujeitos, os seus textos e os lugares, e jogou com a possibilidade de um caminho de investigação definido pelas relações entre essas três dimensões como o mais apropriado para o entendimento dessa construção. Os capítulos definidos são fragmentos, unidos pela idéia de um constante entrelaçamento, cujo palco principal é um lugar histórico e social.

Os dois textos escolhidos foram interpretados de forma *contrapontual*, isto é, dentro de uma perspectiva comparativa que considera os elementos estéticos e de conteúdo que surgem como diferenças significativas, com conseqüências para a visão dos lugares que cada texto constrói. A leitura em contraponto aqui realizada abarca a sugestão de Said (1995) de uma abordagem interpretativa que as analisa em conjunto, tratando-as de forma a não polarizá-las, mas, a entrelaçá-las por meio da tentativa de construção de visões, de imagens de cultura, de história e de sociedade.

A interpretação dessas obras considerou as relações das narrativas com a cultura. A propósito desse aspecto, é possível dizer que a produção textual incorporada à análise traz a marca do lugar e expressa um passado. A literatura, ao mesmo tempo em que faz circular essa marca, que também está inscrita na trajetória dos escritores, veicula a sua continuidade.

SUMMARY

This study is about the Goiânia literature, definite exact, about texts that bring reference of the south west of Goiás as a symbolic space of the recognizable specificity culture with the goal to understand the build of this space. These histories and the literature are the patent fields of this place building. In the histories it is possible to identify the registration of the “own meaning” and see to act, through the specific process of the texts elaborations a relation group of the involved people, the local writers, in definite spaces through their trajectories and contract.

The apprehension of the building way of this places privileged the writers that in reason of their texts and through them, as well as the relation they keep with the places, they involved in process of the building of the culture references that are defined of their spaces of life and history.

The building of the south west of Goiás- object that firmed for this job- conducted since the start, a mix among the people, their texts and the places and played with the possibility of an investigation way defined for the relations among those three dimensions as the most appropriate to the understanding of this building.

The defined chapters are fragments, joined for the idea of a constant union, whose the main scenery is a history and a social place.

The two choosen texts were interpreted the contraposition, besides, in a comparison and the contents that appears as significatives differences, as a consequence to the view of the places that each text build. The reading in comparision here realized has the suggest of Said (1995), of an interpretative view that it analyzied together treating them the way of not making them all together, but mix them through the experiment of the building of views, the culture images, the history and the society.

The interpretation of this texts considered the relation of the narration with the culture.

In purpose of the aspects, it is possible that the textual production incorporated the analysis bring the brand of the place and express the past. The literature, at the same time that moves this brand, that is also registrated in the writers trajectory, shows its continuation.

Keywords: Writers.

Literature and anthropology.

History and literature – Goiás

Literature – History and criticism.

Biography.

INTRODUÇÃO

Este estudo debruça-se sobre uma vertente da literatura goiana, mais precisamente, sobre textos que trazem a referência do sudoeste de Goiás como espaço simbólico de reconhecida especificidade cultural, com o objetivo de compreender a construção desse espaço. As histórias dos lugares sudoestinos são o conteúdo principal da literatura local focalizada aqui. Essas histórias e essa literatura constituem, os campos privilegiados da construção desses lugares. Nelas se pode verificar a inscrição do “sentido do próprio” (e obrigatório) e ver atuar, por meio de processos específicos da construção dos textos, um conjunto de relações dos sujeitos envolvidos, os escritores locais, nos espaços definidos por suas trajetórias e escrituras.¹

O sudoeste de Goiás é um lugar sobre o qual se escreve e se fala, de formas variadas, sob diferentes visões e cuja construção sintoniza-se com as histórias pessoais dos escritores. O sentido do escrever observado na literatura sudoestina aproxima-se daquele definido por Certau (1994), como uma “página em branco”, na qual um sujeito institui e constitui o lugar próprio, o espaço onde uma história encontra lugar para se fazer. Por sua vez, a construção dos lugares por meio desses textos trabalha tanto a representação do tipo mapa – um lugar próprio para expor um saber geográfico – quanto é constituída por *relatos de espaço* – no sentido de um lugar praticado. Nesse aspecto, é válido considerar que, a literatura local articula modos distintos de representação. Nesse processo, ela funda espaço e lugares e constrói uma espacialidade ao pautar-se por outras formas organizadoras de áreas sociais e culturais (CERTAU, 1994, p.208).²

A apreensão dos modos de construção dos lugares privilegiou os escritores que, em razão dos seus textos e através deles, bem como das relações que mantêm com os lugares, envolveram-se em processos de construção de referências culturais definidoras de seus espaços de vida e história. Os escritores escolhidos para análise são tanto aqueles cujos

¹ Considera-se, aqui, as análises de Bourdieu (2002) e Certau (1994).

² Tais formas organizadoras são fundamentadas na maioria das vezes por relatos orais e documentos cartoriais. A própria idéia de “região” – uma área mais extensa – aparece nessa literatura referindo-se também aos espaços de parentesco e espaços de circulação das famílias fazendeiras do sudoeste, com denominações específicas.

textos constroem interpretações mais abrangentes da realidade retratada, quanto os que seguem outros caminhos reflexivos e realizam interpretações mais situacionais e memorialísticas. As incursões de alguns desses intérpretes em ensaios histórico-sociológicos e artigos acadêmicos também foram consideradas, pois alguns deles transitam na fronteira entre a literatura e as ciências sociais e expressam o entrelaçamento dessas diferentes linguagens (e lugares).³

Construídos em forma de romance histórico, de coletânea de ensaios, de poesias, de contos ou de crônicas, os textos falam do passado e do presente, da cidade e do campo, e recriam lugares, pessoas e acontecimentos. Esses livros são utilizados nas escolas e podem facilmente ser encontrados em um lugar de destaque nas bibliotecas dos municípios. Ao produzirem a história particular dos lugares, eles dialogam com a história regional. Contudo, ao colocarem em evidência esses lugares como locais a partir dos quais o discurso se expressa, estabelecem uma oposição com a história regional.

Essa literatura também representa uma busca constante pela especificidade cultural, através da valorização de temas locais e acontecimentos transcorridos nos lugares. Nas obras são demarcadas as diferenças regionais a partir de vários elementos, entre os quais destacam-se o processo de povoamento, a genealogia dos grupos familiares, a geografia física, a constituição de tipos humanos, a ênfase na memória social, etc. A forma descritiva em que esses temas são desenvolvidos nas obras, sobretudo nos romances históricos, é uma opção deliberadamente assumida pelos escritores, por possibilitar uma maior aceitação e uma ampla acessibilidade aos leitores.

Nessa intensa procura por particularização, os escritores ligados às localidades exercem uma função fundamental como atores nas relações que se estabelecem entre os universos que eles mesmos ajudam a construir.

Para tratar dessas questões mais amplas, a discussão inicia-se no primeiro capítulo com as formulações da história literária de Goiás da década de 1960, considerando o modo pelo qual as categorias geográficas foram inseridas nas discussões sobre a cultura e ecoaram, nas diferentes produções literárias sudoestinas, guiando as iniciativas dos escritores no campo da cultura das localidades.⁴

³ Afirmar esse entrelaçamento não significa, no entanto, desconsiderar a oposição que emerge desses campos por constituírem-se lugares diferentes de fala. (BARTHES, 2004).

⁴ A análise de Saalins (1990) norteou o tratamento dado aqui às categorias geográficas.

Na intenção de abordar a questão mais específica da construção do sudoeste de Goiás desse período, tomei como significativa a interpretação particular de Basileu Toledo França em *Sudoeste – tentativa de interpretação*. O escritor participa das formulações sobre a literatura em Goiás do período destacado, ao mesmo tempo em que é considerado o principal idealizador do sudoeste como região. Além disso, a obra de França permite observar os entrelaçamentos dos campos disciplinares da época em que se multiplicaram as tentativas de construção de uma história literária para Goiás.

O intercruzamento observado está presente especificamente nesse texto de França, mas aparece em toda a sua obra, como produto de uma trajetória marcada pelas passagens pela sociologia, história, educação e literatura. Seus diferentes espaços de formação, trabalho e vida são revelados nos diferentes gêneros de textos que escreveu.

A discussão empreendida no primeiro capítulo da tese permite vislumbrar a transposição das questões presentes em estudos sobre as relações da literatura com as ciências sociais e, particularmente, sobre a história da literatura, no Brasil. Da mesma forma, pode-se observar como atuam as relações e cisões entre os campos literário e das ciências sociais sobre as quais nos fala Wolf Lepenies (1996), referindo-se a determinado momento de constituição desses eixos disciplinares.

O uso das categorias geográficas na interpretação da cultura em Goiás é aqui visto, por um lado, como o produto das migrações interdisciplinares de conceitos em um momento de constituição de uma história particular da literatura regional e que acompanha a construção dos lugares goianos. Por outro lado, é inevitável perceber como essa utilização ao mesmo tempo em que é seguida pelos literatos locais, esbarra nas histórias das localidades. Os conceitos de “área” e “região” estão na literatura do sudoeste, identificando espaços de parentesco e espaços de circulação de famílias - o sertão dos Garcia, a região dos Lima, a região da Serra do Cafezal - que ultrapassam as delimitações do mapa geográfico, sobre as quais se construiu uma interpretação cultural para Goiás.

Considera-se ainda que o uso das categorias geográficas pela história literária em Goiás deve ser entendido sob o prisma de um processo mais amplo de consolidação de visões, idéias, histórias e imagens sobre os lugares e de construções que hierarquizam e opõem os espaços entre si (SAID, 1995). Nesse sentido, é possível verificar como tais utilizações contribuíram para consolidar a imagem do sudoeste como região superior em

Goiás. A idéia de superioridade referida não está restrita, contudo, às interpretações da história literária. Ela está presente na literatura local. Alguns autores lançam mão de elementos culturais traduzidos como “próprios” do sudoeste e interpretam sob o prisma hierárquico, positivando as qualidades regionais em detrimento de outras regiões goianas.

O segundo capítulo é resultado das incursões no campo das biografias durante o doutorado em ciências sociais. Com base no pressuposto de que faz sentido pensar as relações entre espaço e produção simbólica a partir da trajetória de escritores nos lugares em que viveram, foram realizadas entrevistas com seis escritores goianos, as quais foram incorporadas, na análise final dos relatos, as biografias escritas, para então examinar as relações com os lugares, dando atenção ao modo pelo qual efetivaram as suas referências espaciais e literárias. A análise mostra, que é possível falar de *vínculos* quando se trata das relações do escritor com o seu espaço de referência, uma vez que se trata também de lugares de tal modo incorporados à sua trajetória, que com ela se confundem. Ao mesmo tempo, confirmando o entendimento de Mandelbaum (1973), os lugares também fornecem sentido às biografias. Os relatos biográficos dos escritores foram considerados também como relatos de espaço e pressupõem a relação entre a existência e a experiência, como parte de uma “construção entrelaçada” de lugares, textos e vida.⁵

No terceiro capítulo, são examinados dois textos sudoestinos: *Pioneiros*, de Basileu Toledo França e *Serra do Cafezal* de Maria, Eloá. A interpretação *contrapontual* adotada por Said (1995) mostrou-se adequada para tratar dessas obras, por permitir que o intérprete se movimente entre os textos através de um exercício comparativo. Nesse estudo, a ordem a ser seguida é a do movimento entre os elementos do texto e a pretensão do analista não é a de esgotar todos os aspectos possíveis da comparação nem das obras em suas individualidades. Além disso, essa abordagem possibilita o estabelecimento de aproximações e distanciamentos entre interpretações dos autores, visualizando as suas divergências nas narrativas das histórias. Foi possível também atentar, com essa opção, para as implicações da forma romance na cristalização de idéias sobre o espaço e a cultura local, nas interpretações sobre o sudoeste, assunto sobre o qual Edward Said tratou em *Cultura e Imperialismo*.

⁵ Ver Certau (1994).

O processo de escrita dos livros ingressou nessa parte da tese e emergiu na pesquisa graças aos próprios escritores, que manifestaram interesse em falar sobre como fizeram os livros. Os relatos sobre a escritura das obras abordaram o envolvimento individual do autor com o *fazer do texto* quanto uma descrição do estudo preliminar que subsidiou a história narrada. Emerge dessa discussão, a noção de *texto como patrimônio* (MORDENTI, 2004), como um bem material e simbólico do lugar (BORDIEU, 2002). Alguns livros de literatura local, especialmente *Pioneiros*, tornaram-se objetos históricos reverenciados pela sociedade local, por se tratar, nesse caso particular, da primeira história escrita da cidade de Jataí. O aspecto da materialidade da obra surgiu inevitavelmente nessa reverência especial que a transformou em objeto. Muitos livros, como a primeira edição de *Pioneiros*, estão expostos nas vitrines dos museus e bibliotecas das cidades do sudoeste.⁶

As narrativas desse processo construíram (e constituíram) a história da obra, colocando os livros num patamar de significância que é inseparável das histórias. É também nesse entrelaçamento entre a história da obra e a história narrada, destacado pelos escritores, que os vínculos com a realidade se revelaram. Escrever um livro sobre temas locais envolve os escritores em histórias pessoais e coletivas nas quais ele também é parte.⁷

O quarto capítulo trata das relações dos escritores nos espaços locais e de suas diferentes formas de inserção em tais espaços. A fim de desenvolver a temática desse capítulo, parti das manifestações sobre as histórias dos livros nas localidades para o modo como estes instauraram uma dinâmica discursiva, envolvendo testemunhas com os autores, e escritores entre si, em controvérsias sobre o enredo das histórias.

Um outro aspecto destacado nesse último capítulo aborda a dinâmica local e a inserção dos escritores quando estão envolvidos na criação das academias de letras dos municípios e das regiões. Os escritores considerados na pesquisa destacam-se também pela participação na criação dessas agremiações. A formação das academias faz parte das discussões sobre a hegemonia cultural de um município e das ações dos escritores para promover a cultura das letras em suas localidades.

⁶ Incorporou-se aqui também a interpretação de Roger Chartier (1998) quando trata desse aspecto da materialidade dos livros nos espaços da leitura.

⁷ No terceiro capítulo foram incorporados apenas os relatos de Maria Eloá e Basileu sobre a construção de seus livros. Os relatos dos outros escritores sobre esse assunto estão incluídos na análise do segundo capítulo.

No capítulo final, é evidenciado o modo como o texto, produto da expressão literária, encontra outras relações na dimensão social, através da leitura e de um sistema de comunicação, e envolve leitores e autores num outro processo que deriva da circulação das histórias escritas, criadas e recriadas literariamente. As relações identificadas entre os escritores, as testemunhas e a sociedade, em Jataí, e entre os escritores, no sudoeste de Goiás, podem informar sobre a importância dada pela sociedade local à construção da especificidade e à produção de uma história própria. Como diz Certau (1994), *a leitura é um lugar praticado*. Compreende-se ainda que a leitura pode informar sobre a circulação de histórias e de significados que transitam num determinado espaço social. Como afirma Robert Darnton (1986, p. 279), *a leitura não é uma habilidade como a carpintaria, mas uma ativa elaboração de significados dentro de um sistema de comunicação*, entender a circulação das histórias escritas e as leituras é, como esse autor diz, entender *como pensavam aqueles que podiam participar da transmissão do pensamento por meio dos símbolos impressos*.

Os textos literários circulam histórias de fundação, reminiscências, lembranças, traços do passado, que são elementos de constituição de uma memória social. Os escritores escrevem as histórias das localidades, falam do tempo passado, resgatam personagens, constroem genealogias e dividem a designação de homens de letras com as nomeações de sábios e historiadores locais. Assim, alguns escritores das localidades assumem a posição de guardiões de memória, função que traz implicações de autoridade para quem assume. Outros são considerados “memórias ambulantes”, pelas suas participações como *testemunhos* de acontecimentos passados e pela capacidade de lembrar de pessoas e acontecimentos do passado dos lugares. Ao escreverem as histórias locais, ficcionais ou não, eles se tomam intermediários entre o texto e a sociedade e tradutores de uma vontade de fixação de uma versão de história e de construção da memória social.

Assim, o “ser escritor” em uma localidade é parte de uma designação ampliada, que inclui as suas relações nos espaços definidos.

O resultado das discussões e as relações incluídas na construção das histórias dos livros são as diferentes versões produzidas, que são aceitas ou não pela sociedade. A história que se quer coletiva, fala de pessoas, de famílias e de acontecimentos particulares. É criticada, negada e afirmada. Os processos de investigação empregados pelos escritores

para subsidiar as histórias são postos em questão, mesmo quando trata-se de romance. Em suma, a produção dos textos instaura uma dinâmica interna às localidades e entre elas, e abre espaço para a discussão da literatura, da história e da cultura.

O percurso da pesquisa

O marco inicial deste trabalho pode ser localizado em alguns dos diferentes momentos de minhas incursões no universo do sudoeste de Goiás. Figuram entre esses momentos, uma experiência de trabalho como professora no Campus Avançado da UFG em Jataí, entre 1995 e 1998, que me aproximou das pessoas da cidade e das localidades adjacentes, e a elaboração do projeto de doutorado, que exigiu a leitura das produções historiográficas e literárias sobre Goiás. Para a tese, a experiência de campo em 2003, foi fundamental, pois redirecionou a pesquisa ora apresentada.

Uma entrevista com o escritor Basileu T. França em Goiânia, marcou o início do trabalho de campo, antes da viagem para o sudoeste. À época, já conhecia algumas de suas obras e a sua identificação como escritor sudoestino. No entanto, a recorrência a França atendia ao propósito de conhecer o modo como ele construiu sua interpretação sobre o sudoeste. A entrevista, realizada em várias sessões, conduziu a investigação a outras direções, resultando na adoção de uma abordagem mais biográfica que temática e trazendo novas indagações que, finalmente, levaram a uma reconsideração dos sujeitos da pesquisa. A série de entrevistas com França operou como uma “entrevista referência”. Foi a partir dela que o projeto original da pesquisa foi reorientado para os escritores e os escritos sobre o sudoeste de Goiás, diferentemente da versão original, que privilegiava as representações de um grupo de fazendeiros sudoestinos ainda vinculados aos preceitos da fazenda tradicional da região sudoeste. A pesquisa redefinida trouxe a literatura para o eixo do trabalho e problematizou o papel do escritor nos espaços locais, tratando das relações desses sujeitos com as realidades sobre as quais escrevem, dentro da discussão sobre a inscrição de visões de história e cultura e de imagens de espaço.⁸

⁸ As obras literárias ingressaram na proposta original do projeto de doutorado sobretudo como fontes de

Em julho de 2003, ainda não totalmente convencida da mudança da pesquisa, parti para o sudoeste com o objetivo de estabelecer contatos com os fazendeiros, definidos inicialmente como nossos sujeitos. No entanto, eles também reportavam-se às histórias escritas, demonstrando um interesse crescente pela literatura local e, em Jataí, dediquei-me a buscar, nas bibliotecas, textos literários.

A literatura local, que apresenta como temática principal a história do município, chama a minha atenção e passei a atentar para as razões do grande número de livros sobre esse mesmo assunto, bem como para a importância dessas produções no âmbito das demais localidades do sudoeste. Os textos sobre a história de cada lugar conduziram-me aos escritores que, com raras exceções, vivem no lugar sobre o qual escrevem. As designações que identificam esses autores não são, contudo, restritas ao fato de escreverem; em geral, estão relacionadas tanto às atividades que exercem nas localidades quanto a algum aspecto de seus escritos sobre a realidade. Além de escritores, eles são denominados *sábios*, *guias nativos*, *intelectuais locais*, *historiadores locais*, *eruditos de província*, *memórias ambulantes*, etc. Essas designações são, na maioria das vezes, assumidas pelos escritores e encontradas em diferentes fontes escritas de circulação regional e local. O escritor Binômio da Costa Lima, por exemplo, pelo conhecimento que tem da geografia do município de Jataí e adjacências, costuma acompanhar pesquisadores de diferentes áreas científicas em pesquisas de campo e é considerado um *sábio* e *guia nativo*, mas não discorda quando é citado como *fazendeiro*. Filadelfo Borges, por sua vez, é nomeado *memória ambulante*, pela capacidade que tem de guardar nomes de pessoas ilustres e lembrar de acontecimentos passados de Jataí. Já José Faria se considera um *intelectual local*. Basileu T. França é o que recebe o maior número de designações, sobretudo da imprensa, mas prefere ser chamado de *estudioso de assuntos locais*. Martiniano se considera *escritor e pesquisador* e, mais recentemente, é também visto como *historiador*. Maria Eloá é considerada escritora.

As primeiras conversas com os escritores mostraram um outro aspecto da literatura local que auxiliou na definição do propósito de estudo: a revelação da possibilidade de uma *rede de comunicação* entre os próprios escritores, bem como entre estes e os leitores, quando envolvidos, de diferentes formas, na construção das obras. Percebi assim, que

conhecimento.

escrever a história de um lugar ou da “aldeia”, como dizem alguns dos escritores, é ingressar numa intrincada rede de comentários, de inclusões e exclusões de pessoas e grupos familiares que interagem no cotidiano de uma cidade. Como mencionei anteriormente, os escritores são, ao mesmo tempo, atores. Muitas vezes, relatam os fatos que eles próprios testemunharam e a participação da sociedade assume o *status* de co-autoria, no momento em que ela é chamada a referendar produções que ajudou a construir.

Com o trabalho de campo, ficou cada vez mais evidente que o sudoeste de Goiás é um lugar sobre o qual se escreve, por diferentes motivos e de diferentes formas. Ao pôr em questão a literatura desse lugar para o eixo de uma discussão crítica, o espaço foi redirecionado como *locus* de enunciação da palavra e de discursos, assim como foi problematizada a relação entre aquele que escreve e os lugares, que se tornam os assuntos e/ou objetos dos escritos.

Redirecionada a pesquisa, outras fontes e sujeitos foram privilegiados. Em Jataí, o primeiro local do sudoeste onde o trabalho de campo se realizou, os levantamentos foram efetuados no acervo de documentos do escritor Basileu T. França, doados ao Centro Cultural, em Jataí, cujo nome homenageia esse intelectual; nos arquivos dos jornais locais, em revistas, e outros acervos pessoais. A pesquisa nas fontes jornalísticas e as realizadas nas bibliotecas e instituições culturais ampliaram-se para as localidades de Mineiros, Caçu, Rio Verde e Goiânia. Durante os levantamentos, realizei as entrevistas com os escritores e defini aqueles que comporiam a análise. Inicialmente, escolhi permanecer em Jataí, cidade que já conhecida desde a experiência de trabalho anterior e que, pela localização geográfica, tornava mais ágil o meu deslocamento para os municípios circunvizinhos.

Para ilustrar melhor o espaço inicial da pesquisa, basta dizer que o município de Jataí localiza-se no centro-sul da região sudoeste de Goiás. Como Rio Verde, Jataí é procurado pelas pessoas que vivem nos municípios próximos para os atendimentos das diferentes áreas de serviços públicos e privados, tais como de saúde, educação, comércio, cultura e transporte. A sua história particular, tal como concebida pelo escritor Basileu T. França, confunde-se com a história do sudoeste. É o município da região que mais teve textos redigidos sobre sua história: apenas França publicou dez livros sobre a história dessa localidade. A centralidade de Jataí é identificada, no plano cultural, na relação que estabelece com os outros municípios e é interpretada localmente pela histórica preocupação

com educação e cultura. Para os escritores dos outros municípios do sudoeste, no entanto, o que o faz de Jataí um centro regional não se vincula exclusivamente ao fato de o município dispor de boas instituições de educação e cultura, mas de exercer uma histórica dominação cultural no âmbito regional.⁹

As entrevistas com os escritores foram realizadas em suas residências, nas localidades em que viviam, e dependeram da disponibilidade de tempo de cada um. As sessões se desdobraram e se dividiram para todos os biografados, gerando gravações longas, de quatro horas de duração, em média. O caso do escritor Basileu Toledo França diferenciou-se pela situação de sua saúde. Seus relatos foram gravados em quatro sessões de entrevista, durante os meses de maio, junho e julho de 2003, em Goiânia. O escritor encontrava-se na fase terminal de sua doença e faleceu em novembro do mesmo ano.

As demais entrevistas foram realizadas em 2004 e fizeram parte de visitas mais longas nas localidades. As entrevistas realizadas na casa dos escritores possibilitaram uma série de observações que outros locais não permitiriam, tais como o conhecimento do acervo particular de livros; a oportunidade de um diálogo não gravado e o compartilhamento de outros momentos da vida diária. Com Binômio da Costa Lima, o “seu Meco”, por exemplo, houve a oportunidade de acompanhá-lo nas viagens que costuma realizar como guia nativo, às fazendas e a outras localidades do sudoeste, juntamente com pesquisadores de outras áreas.

O conceito de *saturação* elaborado por Bertaux (1980) ajudou na definição da quantidade de escritores selecionados, bem como na percepção de que essa escolha é processual, subjetiva e está relacionada com a representação que pesquisador tem do objeto da pesquisa. Nesse caso, a definição prévia pelo sudoeste encaminhou várias escolhas. Depois, passei a conhecer os textos e a procurar os seus autores. A definição pelos escritores também não seguiu rigidamente o recorte geográfico da região, mas os escritos e

⁹ A questão da centralidade desse município em relação aos outros da região sudoeste, tem fundamentos políticos, econômicos e culturais que se inserem na história regional, e é tratada pelos escritores que entrevistei como manifestação de *superioridade*. A *superioridade* de algumas localidades e seus desdobramentos no plano da cultura foi levantada pelos escritores, na forma de uma crítica às imposições de alguns municípios sobre outros. Trata-se de um aspecto das falas dos escritores locais que destaca a oposição hierárquica entre espaços na região sudoeste, tendo como referência outra relação de oposição também apontada entre o interior e a capital de Goiás. Na análise sobre a região do entorno de Brasília, Andréa Borghi (2003) identifica tensões entre os espaços locais e a ordem estatal, tratando sobre a imposição da centralidade do Estado-Nação frente às localidades municipais. A centralidade dos municípios mencionados tratadas no decorrer deste trabalho, pode ser vista aqui como um desdobramento dessas tensões, abordadas por Borghi.

as biografias dos escritores. O escritor José Faria, por exemplo, escreve sobre o município de Caçu, que não faz parte da região sudoeste de Goiás, segundo a delimitação do IBGE. Todavia, ele viveu parte da vida e iniciou sua carreira de escritor em Jataí. Sua biografia inclui os relacionamentos com os outros escritores dos municípios próximos.

A identificação de uma comunicação entre esses autores em torno de assuntos comuns, mais observada entre uns do que entre outros, e o acirramento dos relacionamentos em Jataí, fez com que me ativesse à circulação dos assuntos no âmbito dessa localidade. Isso me levou à utilização de diferentes procedimentos metodológicos: a pesquisa em fichas de bibliotecas e à identificação dos diferentes livros de história local. Depois, procedi à pesquisa nos jornais, de uma forma geral, atentando para os artigos dos escritores e para as matérias literárias. Nesse processo, fui, muitas vezes, levada por informações dos escritores sobre as datas dos lançamentos dos seus livros, e pelas suas informações sobre as polêmicas. As entrevistas também direcionaram as buscas nas localidades.

A participação dos escritores nas academias de letras, levou a pesquisa para a observação das cerimônias de lançamentos de livros, das comemorações e das homenagens aos escritores.

A morte do escritor Basileu T. França, no final de 2003, interrompeu o processo de entrevista e fez surgirem textos e homenagens cerimoniais em memória do intelectual, que suscitaram a minha participação em missas e homenagens na Academia Goiana de Letras. Busquei também acompanhar as repercussões do seu falecimento pelos jornais, atentando para as matérias e os textos dos discursos em homenagem a esse escritor.

A pesquisa em bibliotecas públicas, arquivos de jornais e em acervos particulares de escritores e de outras pessoas foi realizada tanto em Goiânia quanto nas localidades do sudoeste. A idéia inicial foi localizar livros, textos e escritores e também ter uma noção da “circulação das letras” e da produção literária no âmbito local e regional, não perdendo de vista o sudoeste como um lugar de circulação de textos.

Vale lembrar aqui, que um importante aspecto dessa busca foi ter-me permitido o conhecimento de pessoas ligadas ao mundo literário e a minha inserção nas relações entre os escritores.

As bibliotecas públicas e livrarias do sudoeste e de Goiânia reservam lugares separados para a literatura goiana. Essa prática não apenas facilitou a busca e a localização

dos livros como também possibilitou a constatação das ausências. Por exemplo, alguns livros de literatura local puderam ser encontrados em livrarias da capital; outros, no entanto, sequer nas localidades de referência. Grande parte dos livros que consultei são edições esgotadas, encontradas somente em bibliotecas públicas e acervos particulares.

Outros aspectos importantes dizem respeito às bibliotecas particulares, muitas das quais pertencentes aos próprios escritores, e à forma com que seus proprietários lidam com os livros. Algumas dessas bibliotecas, sobretudo daqueles que faleceram e estão sob a responsabilidade da família, guardam segredos e são de difícil acesso. Em Jataí, fotografias e livros são verdadeiros tesouros acessíveis a poucos. Por outro lado, é possível encontrar raridades mal conservadas nas bibliotecas públicas.

origem ingressa como um valor fundamental de explicação da produção literária desenvolvida em Goiás.

Nesse aspecto, nota-se uma certa dúvida entre os intérpretes goianos ao definirem os autores como escritores dessa terra, ora pelo nascimento no solo goiano, ora pelo registro da realidade goiana em suas obras. Assim, o regionalismo apresenta-se de início, como a modalidade na qual se edificou a literatura em Goiás. Emerge dessa dificuldade a questão de como atender a um projeto de literatura *autenticamente goiana*, numa formação sócio-histórica marcada pelo povoamento de contingentes de várias regiões do país, tal era a situação com a qual as primeiras tentativas de síntese se depararam.

Os historiadores da literatura desse período viram nos escritores do passado, sobretudo, aqueles que já apresentavam algum destaque na literatura nacional, a sinalização para o reconhecimento da produção cultural. Tal reconhecimento pressupôs a adoção de certos princípios já definidos pelos autores do passado, como Hugo de Carvalho Ramos, que afirmam a realidade regional e local como espaço de referência literária e atuação política e cultural do escritor goiano.

Uma outra dificuldade que se interpôs para os intérpretes do período destacado, foi como lidar com o descompasso que eles próprios identificaram entre a literatura nacional e aquela que eles se empenhavam em organizar. Segundo esses intérpretes, enquanto nas outras regiões do Brasil certos gêneros, como o romantismo, o realismo e o simbolismo, já haviam desaparecido, em Goiás, os autores pareciam ignorar a dinâmica literária nacional. A realidade goiana foi, para esses críticos e historiadores, tardiamente, a inspiração para a literatura goiana.

A ausência de uma sintonia - no sentido de desnível - entre literatura goiana e a literatura nacional foi vista como sinônimo de provincianismo e atraso de uma sociedade marcada pela atividade agropastoril. Essa atividade econômica ao mesmo tempo em que foi responsável pela vinculação do homem às terras goianas, representava um empecilho ao desenvolvimento de uma consciência para as artes e a cultura.¹

Ao lidar com essas questões da formação da literatura em Goiás, a história literária participou, paralelamente, do processo de afirmação de uma identidade política e cultural

¹ Conforme o exposto no quarto capítulo, essa é uma preocupação que persiste entre os escritores locais.

regional, incluindo-se no projeto mais amplo de afirmação do *ser nacional*, no qual se inscreve a história literária brasileira.²

Como parte das tentativas de interpretar as produções literárias em Goiás e das questões que emergiram desse processo, uma das abordagens que se destaca é a que trata da formação de “áreas culturais” na realidade sócio-cultural do Estado. O modo como escritores e historiadores literários utilizaram os conceitos de “zona” “região” ou “área”, para identificarem a formação de espaços culturais circunscritos, indica a presença de categorias geográficas na interpretação da cultura. A delimitação em áreas culturais ajudou a identificar os espaços de produção literária e, ao mesmo tempo, influenciaram o modo de ver a cultura, nos limites geográficos do estado.³

Utilizando também como suporte explicativo os estudos de povoamento e migração desenvolvidos pela historiografia, e as divisões fisiográficas das regiões, a história literária elegeu espaços homogeneizados e particularizados de cultura, visando um tipo de mapeamento das manifestações culturais, sobretudo literárias. Uma das conseqüências dessas distinções geográfico-culturais foi contribuir para que partes do território do estado fossem tidas como mais propensas a concentração de formas culturais “avançadas”. Os princípios de heterogeneidade e diferenciação que sustentaram as relações entre as áreas e sobre os quais se firmou um conceito particular de cultura não foram suficientes para eliminar as conseqüências hierarquizantes que a interpretação baseada em áreas culturais ajudou a instituir.

Os textos que circunscrevem as áreas culturais, de uma forma mais específica, poderiam passar despercebidos em uma análise da história literária de Goiás, por não ter gerado debate significativo entre os historiadores da literatura da época. No entanto, a pesquisa realizada com os escritores, levou a considerar a influência dessa abordagem, pela maneira como eles a utilizaram na interpretação da realidade local e regional. Portanto, mesmo sendo questionável a definição de área cultural que serviu de suporte explicativo para a abordagem em discussão, mostrou-se interessante saber, por que se adota, nessa

² Uma discussão sobre a história da literatura brasileira, nessa perspectiva, encontra-se em (VENTURA, 1991).

³ As interpretações da história literária regional destacadas foram aquelas formuladas e divulgadas na década de 1960 – momento em que os estudos nessa área sobre Goiás apresentavam-se mais sistematizados e quando se percebe um empenho coletivo de intérpretes em construir tal história.

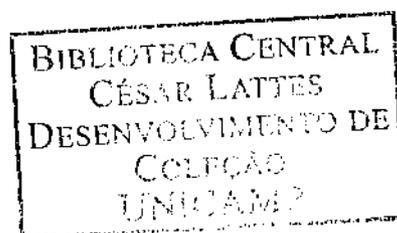
interpretação cultural da literatura, um conceito superado para a explicação das semelhanças e diferenças culturais. Tornou-se importante conhecer também os desdobramentos da abordagem geográfica da cultura a partir das leituras dos escritores do sudoeste que, muitas vezes, sustentaram-se nos conceitos - mais literais - de região e área cultural para construir suas interpretações sobre os lugares. Destaca-se na análise desse aspecto, o escritor Basileu Toledo França e sua obra: *O sudoeste: tentativa de interpretação* (1959) como um caso exemplar em que a realidade regional – o sudoeste de Goiás – constitui o espaço exclusivo para estudos e realização literária.

Procurei, assim, não perder de vista que a abordagem centrada em “áreas culturais” da história literária goiana também colabora na criação ideológica do espaço de atuação do escritor regional. Alguns escritores encontraram nessa forma de interpretação a oportunidade de adotar as regiões como espaço para a atuação política e literária.

Edward Said (1995) lembra que os escritores, “estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus”. Sua obra sobre o imperialismo e a sua proposta de uma *análise geográfica da experiência histórica* ajudou a fundamentar a discussão que aqui se desenvolve. Busquei integrar nessa discussão, a perspectiva de compreensão sobre o modo como a interpretação geográfica construiu lugares e moldou uma forma de ver a cultura em Goiás. A construção da região sudoeste é resultado de processos históricos específicos e de políticas governamentais, mas é, sobretudo, produto de interpretações que elegeram e individualizaram algumas vantagens históricas e geográficas para essa região. A história literária, na tentativa de produzir sínteses culturais, considerou a história econômica e demográfica do estado, reproduzindo a hierarquia entre regiões com profundas implicações socioculturais e influenciou as produções textuais locais.

A perspectiva geográfica da história literária em Goiás

O conceito de área cultural na geografia emerge em um momento histórico da disciplina que coincide com a transição de uma geografia positivista para uma nova



geografia, no início do século XX. É um momento em que ocorre uma mudança metodológica marcada pela superação de uma forma de ver o espaço – a partir das descrições das diferenças espaciais, para uma percepção mais explicativa (Silveira, 1990, p. 23).

Segundo a definição adotada por Silveira (1990), o conceito geográfico de área é resultado de uma diferenciação realizada pelo observador, de um espaço delimitado. Nessa definição, destaca-se o fato de a área constituir um espaço construído pelo pesquisador, que o distingue segundo seus objetivos metodológicos. Dessa forma, a área é uma construção, um instrumento de análise, e se diferencia de região ou território, que correspondem à realidade objetiva.

No âmbito da antropologia, o conceito de área foi incorporado pelos antropólogos americanos ligados a Franz Boas, na década de 1920. Inicialmente, o conceito de área cultural foi adotado pelos museus etnográficos americanos nos estudos sistemáticos que subsidiaram as exposições museológicas. Sua aplicação possibilitava a disposição e distribuição espacial dos elementos de uma cultura nas exposições, ajudando a definir as unidades de exposição para a apresentação dos objetos em espaços específicos. Dessa primeira utilização, o conceito passou a ser adotado por alguns antropólogos boasianos (Wissler, Kroeber, Lowie e outros) para explicar os processos de transmissão e difusão cultural. A definição das áreas culturais previa, metodologicamente, a identificação dos traços ou conjuntos de traços culturais, conforme certos procedimentos:

“De um lado, estabelece-se, por exemplo, sob a forma cartográfica, a distribuição no espaço de um traço, de um grupo de traços ou de um complexo cultural. De outro, os desaparecimentos, os empobrecimentos, as transformações, que atinge um grupo de traços ou um determinado complexo cultural, tentam-se definir os percursos e centros de difusão. Enfim, comparando sociedades particulares ou espaços sociais mais amplos, observando a presença ou ausência de traços característicos, procura-se descobrir as relações históricas que existiram entre essas sociedades ou entre espaços sócio-culturais.” (Mercier, 1974, p. 60).

Entretanto, conceito de área cultural, aplicado pelos antropólogos americanos, apresentou limitações e fragilidades explicativas que redundaram em críticas ferrenhas no campo disciplinar. Sobressaem, em primeiro plano, aquelas que acusam o caráter determinista do conceito, identificado pela sobreposição do aspecto geográfico ao cultural, ao considerar o meio físico na análise das culturas. Outro aspecto, criticado por trazer

complicações para a análise antropológica das culturas, diz respeito à relação espaço-tempo, à correlação entre distância e duração: nesse conceito, as desigualdades do espaço corresponderiam às diferenças no tempo. Assim, como uma categoria explicativa dos processos culturais e das culturas, o conceito de área cultural mostrou-se inadequado, quando se trata de analisar as diferenças e as semelhanças culturais. Ao postular a proximidade entre distância geográfica e histórica, como uma explicação válida para a análise das semelhanças e diferenças entre as culturas, o conceito simplificou a análise cultural em uma relação de contigüidade. Como afirma Harris (1978, p. 327), ao discutir as limitações e críticas ao conceito de área cultural, “entre distancia y tipo cultural no hay una relación simple. De hecho, todos los evolucionistas estarían de acuerdo en que hay una receptividad diferencial a las influencias culturales que es independiente de la distancia”.

Em seus artigos, “Atualidade do romance em Goiás” e “A linguagem em Goiás”, ambos de 1965, o escritor e crítico literário Gilberto Mendonça Teles, emprega os conceitos de área cultural e zona cultural e sustenta que, a situação geográfica de Goiás é um fator a ser considerado na análise de sua formação cultural e na identificação das manifestações literárias.⁴ Para Teles, a centralidade geográfica do estado e a situação de confronto com outras regiões (Piauí, Bahia, Maranhão, Pará, Mato Grosso, Minas Gerais) expôs Goiás aos processos migratórios que o povoaram de pessoas vindas dessas diferentes regiões brasileiras. Em diferentes momentos históricos, esses imigrantes foram induzidos tanto pela iniciativa estatal (a construção de Goiânia e Brasília, a expansão dos projetos econômicos desenvolvimentistas e colonizadores para a região Centro-Oeste), quanto pelas relações propiciadas pela proximidade inter-regional.⁵

“Uma simples leitura do mapa goiano nos mostrará, pela movimentação hidrográfica, pela situação do planalto e das planícies e pela densidade demográfica irregularmente distribuída, uma série de áreas perfeitamente delineadas e que, conhecidas nas suas características econômico-sociais, podem ser tomadas como “zonas culturais” do Estado. E não é à toa que existe no norte de Goiás um movimento separatista, de certo modo romântico, mas que não deixa de possuir as suas raízes em bases perfeitamente justas e coordenadas” (TELES, 1995 p. 223).

⁴ “A linguagem em Goiás” foi apresentado na forma de comunicação no XI Congresso de Lingüística e Filologia Românicas, realizado em Madri, em 1965 e, posteriormente, incluído no livro “A crítica e o princípio do prazer”. (TELES, 1995, p. 395-412).

⁵ É importante assinalar que, nesses artigos em que há referências à delimitação de zonas culturais, o escritor refere-se também aos seus trabalhos, desenvolvidos até o início da década de 1960, na Inspetoria Regional de Estatística do IBGE em Goiânia.

Desse processo de ocupação e povoamento, resultou que o norte do estado formou-se pelos nortistas e baianos e o planalto, a região sul, a sudeste e a oeste, por mineiros, paulistas e, mais recentemente, por grupos de nordestinos:

[...] todo o território goiano no norte e nordeste, quase 400 mil km² de terras, foi povoado através do gado, tanguado por nordestinos e baianos, à procura de novas terras e pastagens [...] Levando as suas boiadas pelos campos gerais, seguindo o curso do Rio São Francisco, os vaqueiros da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Ceará atingiram as terras goianas e ali se foram radicando, constituindo áreas culturais que resistem ainda hoje às influências do sul do Estado, onde se localiza a capital, situada a duzentos quilômetros de Brasília (TELES, 1995, p. 403).

As zonas mais povoadas do Estado, além do centro, onde se encontra a capital, são justamente as do Sul e Sudoeste, onde a antropônimo, os oragos, a toponímia, a vida comercial e mesmo educacional têm relações com algumas cidades do triângulo mineiro (TELES, 1995, p. 400).

Para Teles, os processos de povoamento de Goiás propiciaram a aglutinação de pessoas de origem cultural semelhante e formaram “áreas culturais”. As áreas, localizadas em diferentes partes do estado, receberam nomeações geográficas e foram denominadas como norte, nordeste, leste, oeste e centro-sul. Não obstante tal denominação é possível encontrar, em outros trabalhos do autor, outras referências a áreas com o nome de planalto, sudoeste e sul. A origem dos grupos que povoaram essas regiões goianas está inserida na demarcação do estado.

Nas interpretações da história literária, encontra-se também a referência ao *ciclo do boi* como um processo civilizador, que fez as populações de fora do estado criarem raízes no território goiano. No entanto, esse ciclo é referido como um processo inicial de povoamento e, segundo Teles (1995), as influências culturais não se encerraram nos processos iniciais de povoamento. Elas continuaram se estabelecendo através dos tempos, pela proximidade geográfica das regiões de Goiás com as de outros estados.

Basicamente, as distinções de Teles remodelam uma diferenciação mais ampla entre o norte e o sul de Goiás - haja vista, o fato de que suas análises realizaram-se em anos anteriores à formação do estado do Tocantins - e carregam separações históricas entre essas duas grandes áreas geográficas de Goiás, já tratadas pela historiografia regional. A história de Goiás registra os movimentos políticos havidos no estado, do período da independência do país, que identificou o caso da secessão do norte “como o de maior força e expressão no cenário político da Província”. Entretanto, alguns escritores goianos referem-se a essa

região como uma unidade, dando destaque à sua situação geográfica segregada como um entrave ao acesso às melhorias culturais propiciadas pela capital. Os jornais das décadas de 1950 e 1960 pesquisados, mostram que essa distinção norte e sul representava um modo de ver o espaço do estado, quando os assuntos tratavam, sobretudo, da política, da economia e das manifestações culturais.⁶

Para o escritor, as diferenças entre as regiões também são explicadas pelos fatores geográficos que, de certa forma, facilitaram o deslocamento e a permanência das populações nas regiões goianas próximas aos limites dos estados de origem e pelos fatores econômicos e migratórios que impulsionaram o deslocamento da expansão populacional de diversas regiões brasileiras para Goiás e todo o Centro-Oeste. Entretanto, as características geográficas que delimitaram as zonas culturais e teceram as relações entre regiões pela distância em função dos centros irradiadores da cultura deixam entrever as distinções culturais. A região centro-sul, de uma forma mais abrangente, destaca-se pela proximidade de Brasília e das regiões mais desenvolvidas do país e por abrigar a capital do estado. A região norte caracteriza-se pelo seu isolamento cultural, geográfico e econômico em relação aos espaços de promoção da cultura e da literatura no estado. Assim, foi nas áreas povoadas sobretudo por mineiros e paulistas que se incluem no centro-sul que se registraram as primeiras manifestações literárias consideradas “autenticamente goianas”.

A interpretação de Teles, centrada nos processos de povoamento definidos pela historiografia goiana, assinala, por um lado, a diversidade cultural do estado, centrada em suas “áreas culturais” – de norte a sul –, apontando a uma heterogeneidade como um elemento positivo da formação cultural de Goiás. Por outro lado, concentra tal diversidade numa visão bastante particular na região centro-sul, qualificando-a como “a região mais brasileira de Goiás”, onde, segundo o escritor, se realizaria a síntese cultural do estado e do Brasil. A importância cultural do centro-sul de Goiás se firma, portanto, por uma caracterização cultural que considera a separação do norte pela via do isolamento geográfico.

É importante ressaltar que, as primeiras análises historiográficas sobre Goiás já demarcavam as diferenças entre os dois pólos de povoamento regionais – o do norte e o do sul:

⁶ Sobre o movimento separatista do norte, ver LACERDA (1973) e BRASIL (s.d. p. 93 – 101).

Que o norte de Goiás é um velhíssimo reduto pecuário provam-lhes os fatos... essa região teve seu esplendor nos séculos que se foram e sustentou seu predomínio até quando da cessação da iniciativa de Couto Magalhães, organizando o serviço de navegação dos rios. A mencionada zona limítrofe com mais comércio com os Estados vizinhos do que com o sul goiano, onde se estende o lençol de Jaraguá, tal se fosse a espinha dorsal da pecuária do alto Araxá (Brasil apud FRANÇA, 1979, p. 59).

A citação de *Americano do Brasil*, transcrita por Basileu Toledo França no ensaio “Cavalo de Rodas” não apenas retrata a anterioridade de uma distinção que os estudos dos processos de povoamento da historiografia goiana apresentaram. Ao inserir o texto de *Americano do Brasil* no cerne de uma discussão sobre o advento da modernização em Goiás, através da entrada do automóvel em território goiano, França problematiza o fato de duas grandes regiões goianas, separadas pelo isolamento geográfico e pelas diferenças, inclusive cronológicas, do processo de povoamento, terem presenciado em momentos distintos o advento comum do automóvel. A distância inter-regional e a extensão territorial de Goiás fizeram que, segundo França, uma mesma inovação tecnológica ingressasse em território goiano com treze anos de intervalo. França ressalta, em sua análise, a particularidade de o sudoeste ter saído na frente na história do automóvel em Goiás, considerado um divisor de águas para a modernização, em detrimento da região norte, onde o povoamento foi anterior. Aqui se nota que a “fase de esplendor” do norte, de que fala *Americano do Brasil* faz parte de um passado pouco considerado nas análises mais recentes da história literária goiana, apontando as produções como isoladas (FRANÇA, 1979, p. 59-67).

Um fato curioso, as duas áreas não tinham contacto, a não ser esporádico e penoso, sendo alcançadas pelo automóvel em épocas diversas e por razões inteiramente diferentes. No norte – devido ao isolamento maior imposto pela geografia – a chegada de automotores ocorreu pouco depois da Revolução Outubrista de 1930, que interrompeu por 40 anos aproximadamente o ciclo do progresso que se anunciava de modo auspicioso, com a via iniciada para ligar o vale do Tocantins ao vale do São Francisco (FRANÇA, 1979, p. 59).

De outra parte, cá no sudoeste as coisas andaram mais rápidas, como permitiam o espaço geográfico e os antecedentes históricos, constituindo-se a iniciativa da penetração do cavalo de rodas não simples feito individual, embora isto seja por si só de relevante importância, mas resultado de empreendimentos que, além de envolver dois homens de modo particular – Ronan Rodrigues Borges e Sidney Pereira de Almeida – talvez seja a maior demonstração coletiva de ato solidário e empenho conjunto, ocorridos até hoje naquela área de 80.000km², que vai das margens do Paranaíba, a leste, às águas do alto Araguaia, a oeste, e lagoa radioativa do Aporé, no sul (FRANÇA, 1979, p. 62).

A construção de Goiânia trouxe, segundo Teles, a possibilidade da centralidade da cultura das letras no estado e imprimiu à região centro-sul um caráter peculiar, impondo à interpretação geográfica da cultura outras implicações, agora sob a influência da noção de centro. Não obstante o empenho da história literária em considerar as áreas geográfico-culturais na produção cultural do estado, é perceptível como a centralidade da capital foi objeto de uma construção discursiva que deu mais consistência e continuidade às vantagens históricas do centro-sul:

[...] apesar de existirem no norte de Goiás algumas cidades antigas e de certa importância histórica, como Porto Nacional, Tocantinópolis, Dianópolis (Cp. O romance *O tronco de Bernardo Elis*), Natividade e Arraias, o certo é que o norte goiano, obrigado a sujeitar-se ao seu isolamento geográfico, não pôde beneficiar-se dos raros empreendimentos culturais que tiveram as cidades do centro e do sul, mais próximas da Capital [...] (TELES, 1969, P. 24).

No “Balanço artístico-literário de Goiás em 1964” Teles (1965) utiliza a delimitação do município para localizar os acontecimentos literários e artísticos de maior destaque do ano em Goiás. Nesse artigo, o autor considera Goiânia, por sua centralidade, pólo de concentração dos eventos mais significativos:

Em que pesem às 222 cidades (sedes de municípios) existentes no Estado de Goiás, é naturalmente a Capital, Goiânia, a cidade onde se verificou a grande totalidade desses acontecimentos que são, por diversas razões, os de maior densidade e valor para o crescimento intelectual do Estado.

Cidades como Inhumas, Morrinhos, Catalão, Jataí, Porto Nacional, Goiás (Vila Boa) e algumas outras tiveram também os seus acontecimentos artísticos e literários, válidos para a região, mas situados, de certa forma, em nível inferior ao nível cultural já alcançado em Goiânia.⁷

Entretanto, em uma nota de texto de 1963, Teles (1983, p. 34) pondera a centralidade da capital:

É interessante lembrar que Goiânia, com trinta anos de existência, ainda não está cumprindo rigorosamente a sua função centralizadora, no sentido de unificação das forças econômico-sociais do Estado, havendo regiões (como o Sudoeste, o Norte e o Nordeste) cujos contatos culturais e econômicos se têm verificado com o Triângulo Mineiro, com Belém do Pará e com Barreiras (BA), respectivamente. De certo modo, a capital do Sudoeste tem sido Uberlândia ou Uberaba, enquanto Araguari até há pouco centralizava a região Sul (Nota de 1963).⁸

⁷ Artigo publicado no Suplemento Literário do jornal *O Popular* (3 jan. 1965) em Teles (1995, p. 62).

⁸ Gilberto Mendonça Teles, *A poesia em Goiás*. Goiânia, Editora UFG, 1983, 2ª edição, p. 34.

Em 1965, Teles (1983, p. 163) minimiza os argumentos de 1963, resgatando a posição de vanguarda cultural e literária da capital:

E apesar de não ter conseguido ainda tornar-se um centro econômico e cultural de Goiás, conforme salientamos no capítulo I, nota 3, a sua posição de vanguarda é hoje um fato indiscutível, não só por se encontrarem aqui os nossos melhores escritores, mas pela localização do ensino universitário, pela proximidade de Brasília e, também, pela nova orientação política do atual Governo (TELES, 1983, p. 34).

Apesar do cuidado de Teles ao comentar, nos artigos de 1965, as regiões norte e sul do estado, o modo como aborda a situação da área mais ampla do centro-sul, que abriga a capital, demonstra que muitas áreas culturais não se encontravam plenamente integradas a esse centro. Embora a nota – escrita em 1963 – referira-se aos aspectos econômicos, o texto deixa entrever as relações culturais estabelecidas com as regiões de outros estados. Portanto, pode-se concluir, a partir de Teles, que a centralidade de Goiânia esbarrou na estrutura econômica e sociocultural das áreas estabelecidas antes da sua construção e que a sobreposição entre “conteúdo cultural de uma região” e “produções literárias regionais” que se entrevê na interpretação da história literária de Goiás, traz algumas dificuldades.

No segundo artigo citado, “A linguagem em Goiás”, o conceito de “zonas culturais” é reforçado por uma análise que tem a geografia lingüística como fundamento. Através da análise da obra de Hugo de Carvalho Ramos, “Tropas e boiadas”, Teles identifica uma “área lexical da língua portuguesa na região central do Brasil” formada pela diversidade lingüística das diferentes populações que constituíram os núcleos culturais, particularizando-os em termos de variação lingüística. A atenção do autor também se volta para a região centro-sul, onde uma singularidade firmada na diversidade cultural ali formada é o fundamento para a síntese cultural. Nota-se, por si, que idéia de síntese do autor também recebe uma influência geográfica, ao concentrar na região centro-sul, onde se situa a capital, o espaço da formação de uma linguagem cujo conteúdo é a representação da “região mais brasileira do País” (1995 p. 406). Ainda discutindo a linguagem em Goiás, Teles fala de uma “síntese natural” decorrente do processo de povoamento, pelo que Goiás constitui-se num espaço de cruzamento de diferentes correntes de ocupação humana do país e lança a hipótese da formação de um grande “denominador comum da fala brasileira”. E

nessa análise, mostra que, mesmo guiado por uma idéia positiva de diversidade cultural, Teles não se desprende da abordagem que delimita as áreas culturais.

Ao tecer as caracterizações das “áreas culturais”, Teles apresenta um quadro do estado e prepara a análise para receber e, de certa forma, localizar as produções literárias. A literatura goiana recebe um marco definido por acontecimentos históricos, que distingue as produções anteriores e posteriores a 1930 e antes e depois do surgimento de Goiânia e Brasília. Assim, se a literatura goiana é vista por esse escritor espacialmente, circunscrita às regiões culturais do estado, ela se acha temporalmente delimitada por dois acontecimentos históricos: a revolução de 1930 e a construção das capitais. A demarcação temporal divide, da mesma forma, as produções culturais, visto que, em Goiás, segundo esse escritor, pode-se falar verdadeiramente da constituição de uma literatura goiana após esses acontecimentos, tendo como centro definido a região da capital.

A abordagem de Teles sobre a literatura goiana, também sofre influências da interpretação da literatura brasileira que parte da formulação das “ilhas culturais” no território brasileiro, para fundamentar a análise das particularidades culturais e literárias. Sobre essa influência, a interpretação do escritor Vianna Moog é a referência principal:⁹

Fragmente-se o Brasil em regiões onde predominem o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas formas de produção e o problema ficará imediatamente simplificado. Lá onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade, pode ter-se a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido, formando como que uma unidade à parte no conjunto da literatura brasileira. Porque, sob este ângulo, apesar da continuidade do território, não constituímos um continente; somos antes um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas (Moog, 1966 p. 110).

Em Goiás, as idéias do escritor Vianna Moog influenciaram a interpretação da história da literatura e forneceram outra base interpretativa para a análise da literatura, também centrada no conceito de literatura como cultura. A noção do espaço brasileiro como um espaço cultural heterogêneo, formado por áreas geográficas díspares, uma espécie de ilhas de cultura a produzir cada uma um tipo de literatura, foi fundamental para a

⁹ A conferência “Interpretação da Literatura Brasileira” foi proferida por Vianna Moog no Salão de Conferências do Ministério das Relações Exteriores, a convite da Casa do Estudante do Brasil, em 29 de outubro de 1942, e publicada no volume X da coletânea *Obras de Vianna Moog* que recebeu o título de *Uma Interpretação da Literatura Brasileira e outros escritos* (Vianna Moog, 1966).

interpretação regional que vê nas regiões goianas, núcleos culturais importantes para a formação da literatura que ali se produziu e também para uma história da literatura envolvida na interpretação das produções literárias. Ao lado dessa imagem de espaço heterogênea, com o advento da nova capital goiana, a noção de um centro na constelação das áreas mantém o sentido hierárquico e desigual do suposto sistema. Em Goiás, a centralidade cultural de Goiânia é construída apesar do reconhecimento de um universo cultural heterogêneo.

Crítico das interpretações cronológicas da literatura brasileira, Vianna Moog propõe, em *Uma Interpretação da Literatura Brasileira* a interpretação geograficamente descentralizada dos *núcleos culturais*, compreendidos como unidades de cultura detentoras de uma certa homogeneidade. Vianna Moog, elege sete ilhas culturais de onde se fundamentaria uma caracterização da literatura brasileira. Para ele, a idéia de um sistema interpretativo, tal como um “arquipélago” formado por ilhas culturais homogêneas e autônomas, seria melhor adequado à realidade literária brasileira. A cada um dos sete núcleos culturais, arbitrados por Vianna Moog, corresponderia um tipo de literatura: a amazônica, telúrica; a nordestina, social; a bahiana, erudita; a mineira, geográfica e humanística; a paulista, bandeirante; a riograndense, regional e universal; a metropolitana, que corresponde à capital brasileira da época – Rio de Janeiro - caracteriza-se como “centrada na ironia”.

Os sete núcleos propostos também correspondem, segundo Vianna Moog, às grandes realidades brasileiras. É importante notar como uma idéia de uma totalidade emerge de sua definição de núcleos culturais:

[...] que as sete ilhas de nosso arquipélago cultural são as grandes realidades brasileiras; que através delas os nossos fenômenos sociais se aclaram por si mesmos, os históricos como os econômicos, os políticos como os literários, assim como fora delas se tornam confusos, intrincados, obscuros. Esses núcleos culturais explicam, tanto as nossas lutas de tendência separatista, como as grandes e pequenas rivalidades no domínio das letras (Moog, 1966 p. 128).

Um dos desdobramentos da abordagem sobre as *ilhas de cultura* diz respeito aos escritores e aos seus vínculos com tais unidades geográficas e culturais:

Fora do seu núcleo cultural o escritor, a menos que traga o seu núcleo entranhado na alma, corre o risco de corromper-se. Conserva a habilidade, extingue-lhe porém o fogo interior. O homem

sem núcleo cultural, como o sem religião e o sem pátria, é uma utopia, quando não uma indignidade. Ai dos que se deixam moralmente desenraizar, dos que não trazem em suas vestes a poeira imponderável do seu núcleo de província, essa poeira de cultura que não está somente nos livros, senão também no ar que respiramos, nas imagens que contemplamos, nos tipos humanos com quem primeiro convivemos, nas cruzes que velam o sono dos nossos mortos sagrados, nos sinos do campanário de nossas aldeias, na virtude e nos defeitos dos lugares de onde partimos (Moog, 1966 p. 129).

Há outras formulações da história literária de Goiás com outras referências de espaço, que falam de região e não especificamente de área. No entanto, os dois conceitos confundem-se na maioria das definições. Alguns autores utilizam o termo região como estado à região Centro-Oeste; contudo, o objetivo é apresentar os condicionamentos da obra literária e de quem a produz: o escritor regional. Na síntese elaborada por Jubé (1978, p. 10), encontra-se a seguinte definição de região: “Conjunto de peculiaridades geográficas, sociológicas, econômicas, culturais, lingüísticas, que imprimem ao artístico o sinete individualizante”.

O conceito de região formulado por Jubé é aplicado para se referir não às delimitações do estado de Goiás, mas ao Centro-Oeste de forma mais abrangente. Para esse autor, as características culturais da literatura em Goiás não são exclusivas. Existem características culturais identificadas como próprias do estado, ramificadas em toda a região Centro-Oeste. Apesar de mencionar os locais de uma certa homogeneidade cultural, não há um tratamento separado desses espaços de cultura:

Estado integrante da Região Centro-Oeste, de economia baseada na atividade agropastoril, é verdade que tal característica não se qualifica como exclusividade goiana, pois que abrange um vasto território de planaltos extensos, dotados de pastagens naturais propícias ao criatório, cujas lindes vão do norte da Bahia, passando pelo Triângulo Mineiro, e chegam até ao Mato Grosso, de onde partem os rebanhos rumo aos frigoríficos. Nas obras representativas dos escritores dessa região assinalam-se traços comuns, evidenciando componentes culturais idênticos, encontrando-se em mineiros e goianos (Jubé, 1978 p. 11).

O conceito de região traz, em Jubé (1978), diferenciação e particularização circunscrita a limites que não se sustentam nas distinções geográficas até agora discutidas. Sua interpretação traz a relação positiva da sociedade com a arte literária, por um lado, e, por outro, a do escritor e o processo de criação e o significado da realidade nesse processo. Apesar de considerar a vasta área de abrangência de Goiás, não considera de forma delimitada como vimos em Teles e Vianna Moog. As diferenças entre as regiões do estado

e os vínculos com regiões de outros estados, relativizam a exclusividade das peculiaridades culturais de Goiás. Para o autor, as características da literatura goiana ultrapassam as delimitações geográficas do estado. A literatura aqui produzida evidencia traços culturais comuns a diferentes regiões e estados. É possível observar que mudam as bases sobre as quais se forja um conceito de cultura goiana: não se trata de pensar a cultura em Goiás como exclusiva, mas de considerar a sua particularidade como o desenvolvimento de um processo cultural mais amplo, que atravessa os limites geográficos do estado.

Não obstante os limites da abordagem centrada no estudo das áreas culturais, outros objetivos, relacionados ao mapeamento e à catalogação da literatura justificam a construção dos núcleos culturais. Esses objetivos estiveram presentes nessas delimitações, com a intenção de registrar as produções literárias e seus autores. A discussão sobre a constituição da unidade cultural-literária em Goiás incluiu a idéia de um resgate do passado, para a constituição de um acervo geral de obras e autores por regiões. A idéia do mapeamento das produções culturais teve também como fim a identificação de uma realidade desconhecida, o resgate da memória cultural do estado, através da identificação da literatura oculta pelo isolamento geográfico.

Na perspectiva de Teles e Vianna Moog, a iniciativa de escritores que se dedicam, tanto a um levantamento das produções literárias da sua região, quanto à realização de trabalhos restritos às localidades é defendida e incentivada. É nesse sentido que se estabelece a aproximação entre a identificação das áreas culturais e o propósito de valorizar iniciativas individuais de escritores em suas regiões, em registrar e construir a história local. Teles (1983, p. 187), embora utilize o conceito de área, aproxima-o do conceito de região; e o escritor, aproxima-o das condições objetivas de um lugar:

Coelho Vaz já nos deu uma coletânea de escritores catalanos (Vultos catalanos), 1959, obra excelente para o estudo regional das letras goianas... Aliás esse exemplo de Coelho Vaz, que encontra paralelo na obra de Basileu T. França, deveria ser imitado em todos os municípios, para que se possa, no futuro, traçar o mapa cultural do Estado de Goiás.

Não se pode afirmar, com certeza, se essa valorização do papel do escritor goiano resultou nas publicações literárias locais. No entanto, é possível dizer, pelas histórias publicadas sobre a região sudoeste de Goiás, que a positivação conferida a tais iniciativas

relaciona-se diretamente com o número de obras e escritores envolvidos na escrita das histórias locais. Qualquer iniciativa de escritores, vinculados aos seus municípios de origem, de organizar as produções literárias locais ou mesmo de dedicar-se à escritura de obras de cunho local é incentivada e apontada como exemplos de caminho a ser seguido nas letras goianas. Qualquer interesse manifesto de catalogação de âmbito estadual, tem reflexos nos espaços geograficamente delimitados das localidades. Escritores se empenham em caracterizar a sua região traçando a sua importância cultural, política e econômica particular. É o que se vê no caso do escritor que adota determinada região como *locus* da escritura literária e acaba fortalecendo a idéia de região cultural e concentrando em si a autoridade do conhecimento cultural regional ao fazer convergir para si a figura do historiador local, do sábio do lugar etc. O mapeamento cultural é um item na tentativa de dar unidade regional para os lugares, destacando escritores antigos e trazendo ao pertencimento de cada região autores que por lá passaram. Percebe-se, dessa forma, que a caracterização cultural é um item importante de fortalecimento da região geográfica, que está implícito nos projetos e elaborações da história literária em Goiás.

É o que ocorre com o escritor Basileu Toledo França. Em seu livro *Cadeira nº15*, de 1971, ele inclui artigos sobre os escritores que, segundo afirma, tiveram uma passagem pelas terras sudoestinas, como Crispiniano Tavares, Visconde de Taunay, José Godoy Garcia e outros. França também publica um livro, sobre a poetisa Leodegária de Jesus, destacando o fato de essa escritora ter vivido em Jataí, no sudoeste, e produzido as suas poesias quando vivia nas terras sudoestinas (FRANÇA, 1971, 1996).

Essa iniciativa de França, de aproximar nomes de destaque na literatura nacional para Goiás e o sudoeste inclui-se em seus propósitos de construção da especificidade da região. Ao traçar o esboço de uma história literária formulada pelas *passagens*, esse autor fundamenta a sua idéia sobre como deve ser o escritor de uma região.

A relação do escritor com os lugares: o sentido da noção de *aldeia*

O escritor Basileu T. França consolidou a sua carreira intelectual como um escritor da região sudoeste de Goiás. Produziu mais de dez livros e artigos tratando de diferentes

aspectos dessa região e tem o seu nome reconhecido entre os seus confrades da Academia Goiana de Letras como um pesquisador e escritor profundamente vinculado à realidade sudoestina. Trata-se de uma adoção do percurso intelectual desse escritor que se firma pela relação com a terra natal e pelo interesse pelos temas da memória e da mudança social. Essa opção declarada do sudoeste goiano se sustenta na visão que tem sobre o papel do escritor em sua realidade, substancializada pela idéia de *aldeia* e na compreensão da importância (política, econômica, social, cultural, geográfica e histórica) da região sudoeste para o estado de Goiás:

Como filho de uma das regiões mais ricas, belas e promissoras do Estado de Goiás, que é o Sudoeste, não temos feito outra coisa senão pintar a nossa aldeia, como aconselhou o grande escritor. Descendente de rudes e modestos vaqueiros de Minas, que desbravaram no século passado aquela imensa área, povoando-a, o que veio consolidar as conquistas depredatórias dos Bandeirantes, aprendemos desde cedo a sentir e admirar a obra sem alarde dessa gente que Euclides da Cunha, em uma síntese luminosa retratou assim de corpo inteiro: “Bravo e destemeroso como o primeiro (bandeirante), resignado e tenaz como o segundo (jesuíta), tinha a vantagem de um atributo supletivo que faltou a ambos: a fixação no solo (FRANÇA, 1978, p. 75).

O discurso de posse de França, na Academia Goiana de Letras, proferido em 28 de maio de 1965, expressa as idéias do escritor nesse assunto em discussão:

Pioneiros, o nosso primeiro romance, publicado em 1954, demonstra cabalmente este esforço – depois continuado e intenso – com que perseguimos um ideal de homem de letras: se não pudermos ser mais nada na vida, gostaríamos de permanecer, só e simplesmente, como escritor daquela região (FRANÇA, 1971, P. 75).

Assim tem sido a nossa atividade e a nossa preocupação maior de sempre: pintar a nossa aldeia e projetá-la, se possível em todos os seus aspectos. Se for uma pretensão inatingível por deficiências pessoais – que as temos e muitas – a história o dirá. De qualquer modo, entretanto, para nós não há outro caminho que nos satisfaça e nos dê o reconhecimento público como prêmio ao trabalho que vamos realizando. Só existe este. E na noite de hoje, cremos sinceramente, os nossos pares confirmam o que ontem era para nós mera suposição. Palmilhamos a estrada certa. (FRANÇA, 1971, p. 77).

França compreende que o seu papel como homem de letras se firma num contexto de transitoriedade – é como ele vê a época em que escreveu o discurso – e reconhece esse papel inserido numa temporalidade e numa espacialidade. É possível perceber o quanto ele

estava envolvido em um contexto de época e às idéias que circulavam. Suas palavras refletem e expressam as recentes mudanças políticas e econômicas do Centro-Oeste, desencadeadas pela construção de Brasília. Ele se coloca em sintonia com essas recentes mudanças e à realidade a qual se refere como provedora de temáticas para o intelectual daquele momento histórico.

Em suas explicações, a referência espacial do escritor regional oscila entre uma idéia de região mais ampla – o Planalto Central – e referências mais específicas de Goiás ou da região sudoeste. Há sempre uma referência geográfica na forma de retratar os lugares. Apesar dessa oscilação da realidade geográfica de referência (essa mesma oscilação é indicativa de uma idéia de lugar que se quer passar), é a idéia de “aldeia” que melhor traduz o “desejo”, o “compromisso” ou o “papel” do escritor local e regional:

Ainda hoje, o melhor conselho para quem escreve continua sendo o de Leon Tolstoi: “Pinte a sua aldeia...” Pois, na verdade, os grandes literatos têm alcançado a popularidade e o renome sendo fiéis a sua terra e a sua gente. Partiram do regional para o nacional e – muitas vezes – alcançaram fama em todo mundo (FRANÇA, 1975, P. 74).

O conselho de Tolstoi, mencionado por França, pode ser encontrado em outras obras de autores goianos, em prefácios e orelhas de livros recentes, escrito de diferentes formas. É o caso do prefácio do romance *Tuna*, do sudoestino Sebastião Arantes, escrito por Brasigóis Felício, em 1984:

E este é o caso de Sebastião Arantes, um jovem escritor que, embora tenha residido sempre no interior goiano, lá pelas férteis paragens do sudoeste, nunca se reduziu à timidez inabalável, de ferro, que costuma acometer os que vivem na província – e Goiânia, para quem não sabe, é ainda uma fazenda asfaltada, pelo que revelam os costumes de seus habitantes, principalmente os do segmento a que, pedantesamente, chamamos de “intelectualidade[...]

[...] E não só por isso, mas também pela inventiva da linguagem, que, mesmo reproduzindo a oralidade do meio rural, e o falar caipira-goiano, não se circunscreveu a reproduzir falas e modismos, como o fazem certos pitorescos regionalistas que conheço. Em seu livro, além de contar histórias, o autor entendeu também de denunciar os descabros que, já naquela época, o desgoverno impunha às populações rurais goiano-brasileiras. Pois que o escritor cabe mais do que iniciar os leitores no ludismo às vezes sem consequência dos contos e “causos” interessantes; ao escritor cabe também apontar o dedo à chaga, lutar contra as estruturas injustas de sistemas autoritários como o que atualmente desgoverna este país – pois ele, autor, é também um cidadão, além de ser testemunha, depoente das realidades trágicas ou belas de seu meio e tempo (FELÍCIO, 1984, P. 18).

Sebastião Arantes soube, neste seu esforço ficcional, seguir o conselho de Tolstoi: “Descreve a tua aldeia, e relatarás o mundo”. Sem descambar para tentativas egolátricas de fazer vanguardismo, na forma de inocentes e inúteis jogos de palavras (FELÍCIO, 1984, P. 19).

Também aparece no texto de orelha da publicação póstuma do escritor Léo Lynce, escrito por Vera Maria T. Silva, em 2003:

Se quiser ser universal, descreve a sua aldeia”, dizia Tolstoi. Esta **prosa quase completa** de Léo Lynce, compreendendo suas crônicas jornalísticas e seus discursos, atesta isso. O assunto maior e mais insistentemente repetido nesses artigos é Goiás – suas belezas, suas carências, sua gente. Léo Lynce olha para sua terra e seu povo com um olhar entre amoroso e exigente. Compara “sua aldeia” com o mundo, desvela orgulhosamente suas belezas, mas também revolve suas chagas, muitas delas ainda atuais.

[...] Cidadão é aquele que participa da vida de sua comunidade, que tem consciência de seus direitos e deveres, que zela pelo cumprimento das normas estabelecidas, que vigia para que elas não sejam excessivas, que se preocupa com o bem estar social, tomando parte ativa nos destinos da polis. Lendo essa prosa quase completa, conclui-se que Léo Lynce foi um cidadão, na mais legítima acepção da palavra, e exerceu a cidadania principalmente nas páginas do jornal (ARAÚJO, ARAÚJO, 2003, P.).

Para alguns escritores goianos, o caminho que consagrou obras e autores regionais no passado ainda se apresenta como uma forma de consagração da carreira e de conquista de reconhecimento para além das dimensões locais e regionais a que se mantém vinculados pela escritura. Nesse sentido, a literatura local apresenta-se como uma tradição e um meio de alcance de reconhecimento literário e mantém o escritor fiel às realidades sobre as quais escreve. A explicitação dos motivos pelos quais determinados autores adotam certos lugares em Goiás como inspiração para os seus textos – ficcionais ou não – vem muitas vezes endossada pela frase do escritor russo, transcrita de diferentes formas: “se quiser ser universal, descrevas a sua aldeia” ou senão, “pinte a sua aldeia”. Os exemplos de autores do passado, como Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Elis que lembram a instauração de uma tradição, são sempre apontados como um caminho a ser seguido.

Reportando-nos ao tópico anterior deste capítulo, lembramos que, encontramos o mesmo sentido em frases de Vianna Moog (1966, P.9) em sua análise sobre os escritores e a literatura brasileira: “Para ser grande e universal, Shakespeare não precisou renegar a sua ilha, nem Cervantes a sua Alcalá de Henares, nem Dante a sua Florença. Foram todos de sua terra e do seu tempo”

A aldeia representa um lugar, que pode ser tanto uma localidade, uma região geográfica quanto o estado, e demarca uma relação de fidelidade do escritor a um espaço que, muitas vezes, é a sua terra natal. Em todos os casos, essa idéia de aldeia afirma, para o escritor, a particularidade como um meio de alcance de outras dimensões no campo literário. Para os lugares retratados, objetos de uma descrição geográfica e cultural, mais do que um conhecimento e reconhecimento do espaço desconhecido, essa idéia também envolve a relação com outros espaços e a própria constituição desses espaços. Essa questão remete à capacidade da literatura de construir espaços e evidencia uma relação do escritor com os lugares. A discussão remete não apenas à positividade de um regionalismo na literatura goiana, considerado inevitável para o reconhecimento da literatura aqui produzida, mas à relação objetiva do escritor com uma realidade.

O sudoeste recriado por Basileu Toledo França

Além de *Pioneiros*, mais duas obras do escritor Basileu Toledo França compõem o que ele próprio considera a “trilogia do sudoeste”: *Capangueiros e jagunços* e *Triângulo dos diamantes*.¹⁰ No entanto, toda a sua bibliografia, com exceção dos trabalhos realizados em São José do Rio Preto, traz as terras sudoestinas como lugar de referência para a escritura. Do estudo que realizou em 1959, quando exercia o cargo de assessor de educação e cultura do governo de José Feliciano Ferreira, resultou a publicação *Sudoeste: tentativa de interpretação*.¹¹

Esse estudo de França traz uma descrição abrangente e delimitada do espaço sudoestino, incluindo os aspectos geográficos (paisagem, geologia, solo), econômicos, históricos e socioculturais. Não se trata de obra ficcional, mas de um ensaio histórico-sociológico com um caráter técnico e fortes influências da interpretação geográfica. A

¹⁰ Ver a entrevista de França publicada na revista *Brasil Oeste*. (FRANÇA, 1986).

¹¹ Esse estudo, considerado pelo autor como uma síntese da região sudoeste de Goiás, realizou-se a pedido do governo do estado e teve como objetivo justificar, perante os técnicos da estrada de Ferro Araraquara, que visitaram a região, a continuidade da ferrovia em território goiano. Na entrevista que concedeu para este trabalho, França relatou que a sua participação nessa questão de estado não se restringiu à elaboração da síntese sobre o sudoeste e que atuou politicamente na defesa da extensão dos trilhos da ferrovia para Goiás.

descrição da região sudoeste apresentada nesse trabalho tem como uma de suas principais fontes, além das informações históricas provenientes de estudos do próprio autor, as pesquisas realizadas pelos geógrafos Aziz Nacib Ab'Sáber e Miguel Costa Júnior. Esses pesquisadores percorreram a região sudoeste em 1948 em viagem de estudos e produziram dois artigos com base em observações de campo.¹²

Para Ab'Sáber e Costa Júnior, a região sudoeste de Goiás tem uma “originalidade geográfica” que a distingue de outras regiões fisiográficas do Planalto Central goiano. No conjunto de terras e paisagens do Centro-Oeste brasileiro, o sudoeste possuiria uma “posição” entre as áreas “pioneiras” do oeste de São Paulo e Triângulo Mineiro e os sertões do Araguaia, Mortes e Xingu, que se estendem para Noroeste”.

Na interpretação dos geógrafos, a especificidade do sudoeste resulta tanto por fatores geográficos quanto econômicos:

Embora apresente muitas semelhanças de paisagens e vida econômica em relação ao Sul do Mato Grosso, difere, no entanto, dessa região, por não possuir uma rede ferroviária de função econômica vivificadora, por não ser zona de fronteira internacional com grandes rios navegáveis e por não contar com uma área de fácies geobotânico comparável à da região dos ervais. Não possui, por outro lado, uma sub-região de pastagens naturais equiparável, em extensão e significado, aos célebres campos da Vacaria. Sua posição mais continental e segregada no centro do Planalto Brasileiro foi, por si só, capaz de criar uma homogeneidade maior de paisagens botânicas, influenciando, além disso, no ritmo de clima regional, nas condições morfológicas de detalhe e na vida econômica geral da região. Nesse sentido, o sudoeste de Goiás restou como uma unidade bem caracterizada e simples das terras e regiões geoeconômicas do Centro-Oeste (AB'SÁBER, COSTA JR, 1950, p.5).

Os pesquisadores descrevem o sudoeste circunscrito à sua própria individualidade, segregado cultural e economicamente, numa situação caracterizada como *marginal* em relação às zonas pioneiras paulistas que prosperaram em função das ferrovias, do café e do algodão. A ausência de centros consumidores, a pobreza do solo, a aspereza do clima, a pobreza das técnicas de exploração, do povoamento (baixa densidade demográfica), dos núcleos urbanos e de redes de comunicação e transporte constituem os aspectos negativos que entravam o desenvolvimento regional.¹³

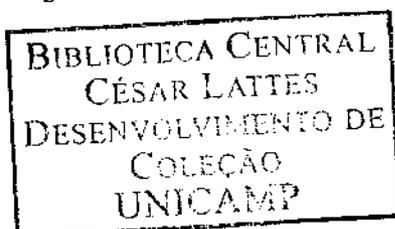
¹² Ver Ab'Sáber e Costa Júnior (1950) e também Ab'Sáber e Costa Júnior (1951).

¹³ As análises de Ab'Sáber e Costa Júnior sobre o sudoeste vão ao encontro dos anseios políticos governamentais de promover o prolongamento da estrada de ferro para essa região e das idéias correntes na

As análises dos geógrafos ajudam a fundamentar a interpretação de França sobre a unidade do sudoeste de Goiás. Para França, a região sudoeste pode ser interpretada como uma unidade geográfica e cultural, apesar das diferentes sub-regiões que compõem o seu território. A idéia de uma unidade, segundo França, coaduna com a existência de zonas diferenciadas que ele nomeia como sub-regiões: do Paranaíba, do Araguaia, do Aporé e das Pastagens. Para cada sub-região, França constrói peculiaridades, abrangendo todos os aspectos da realidade. Além dessa demarcação espacial, a síntese de França inclui a análise histórica do sudoeste e divisão temporal em períodos de desenvolvimento constituídos por acontecimentos e nomeados por ele: *período heróico*, *período de consolidação*, *período de transformações político-sociais* e o *período de Brasília*. No estudo do povoamento do sudoeste, que teve início, segundo esse intérprete, a partir de 1820, há igualmente quatro subdivisões cronológicas: a primeira seria *da pré-história até 1918*, com a chegada do automóvel; a segunda, ou *de consolidação*, compreende o *pós-guerra até 1930*; o terceiro corresponderia ao período de o *surgimento de Goiânia, até 1957*, e o quarto e último, o *período de Brasília*, com o advento da capital federal.

Além dos geógrafos citados, nesse texto, França busca elementos para sua fundamentação interpretativa em autores com seus escritos, contribuíram para a história da região, como Saint Hilaire, Visconde de Taunay e o poeta Leo Lynce. A partir da afirmação da unidade sudoestina, França interpreta as situações vividas pela região em relação às demais regiões do estado antes da construção de Goiânia. A situação de segregação geográfica, econômica e cultural do sudoeste no estado de Goiás, também afirmada por Ab'Sáber e Costa Júnior, é invocada por França para explicar as estreitas vinculações do sudoeste à Minas Gerais e o afastamento de Goiás por um longo período de sua história particular. Para esse escritor, a integração da região à Goiás iniciou-se após a mudança da capital para Goiânia. A segregação do sudoeste e sua posterior integração são, portanto, fatores importantes na construção de sua especificidade histórica e cultural. É possível afirmar, baseado nas explicações desse escritor, que a construção do sudoeste, a partir de um determinado período de sua história, se faz pela sua exclusão (política e cultural) de Goiás. A situação geográfica de isolamento do sudoeste em relação à Goiás e sua proximidade física à Minas Gerais e São

época que firmavam a importância da ferrovia para o desenvolvimento regional. A ausência da ferrovia é vista, por esses geógrafos, como um entrave ao progresso da região.



Paulo são tomadas por França como fatores que determinaram a formação de uma unidade cultural sudoestina com características mais mineiras que goianas. No entanto, a exclusão político-cultural é, segundo ele, o que impulsionou uma histórica “mudança de rumo” que integrou a região definitivamente ao estado.

Seguindo um dos princípios constantes de suas interpretações sobre o sudoeste de Goiás, de que *é a “geografia que faz a história”*, França descreve a região detalhando inicialmente os seus aspectos físicos (geológicos, climáticos, pedológicos), apresentando, em um primeiro momento, a situação geográfica para depois inserir a análise histórica. França adota a interpretação dos geógrafos Aziz Ab-Sáber e Miguel Costa Júnior, que identifica uma individualidade geográfica na área sudoestina, e incorpora ao seu estudo as distinções estabelecidas pelos geógrafos paulistas. A primeira imagem do sudoeste que sua interpretação de França nos transmite é a de uma vasta área geográfica, cujas fronteiras com Mato Grosso e Minas Gerais permitem ter uma característica de formação heterogênea, tanto geográfica quanto sociocultural.

A divisão interna do sudoeste em sub-regiões segue uma sistematização descritiva que se caracteriza pela complementaridade inter-regional, como se constituíssem totalidades menores da região mais ampla. Tais delimitações não carregam as mesmas características da demarcação mais ampla do sudoeste. Elas não se opõem significativamente entre si, como ocorre quando o sudoeste é comparado com outras regiões goianas. França não estabelece comparações valorativas, que indiquem uma hierarquia substantiva entre as áreas internas descritas.

No entanto, no quadro das sub-regiões, configura-se a centralidade da região de pastagens e sua caracterização como a área genuinamente sudoestina. A interpretação de França elege a região “do império do boi”, onde, segundo ele, predominou um modo de vida mais homogêneo e um povo diferenciado pela atividade econômica que ali se desenvolveu de uma forma mais absoluta. A predominância da pecuária – a atividade original do início do povoamento – é o que distingue a região de pastagens das demais áreas internas ao sudoeste.¹⁴

A não identificação de uma oposição significativa entre as sub-regiões não elimina, contudo, a generalização para todo o sudoeste, do modo de vida que se desenvolveu na micro-região de pastagens. A interpretação de França, ao mesmo tempo em que constrói

¹⁴ Ver mapa da região elaborado França no anexo deste capítulo.

especificidades em áreas geográficas menores do sudoeste, como integradas a uma totalidade, não incorpora tais especificidades à história regional mais ampla. Em consequência, a delimitação do espaço interno do sudoeste em sub-regiões não se desdobra, satisfatoriamente, em diferentes historicidades sub-regionais. Apesar da identificação de áreas diferenciadas, as caracterizações histórico-temporais não se individualizam a ponto de fortalecer as delimitações espaciais. Dessa forma, a subdivisão de França tem o sentido mais de complementaridade do que de divisão sociocultural e histórica, propriamente dita. Pode-se identificar, nessa interpretação de França, o que Rosa Maria G. Silveira considera como a “entificação e autonomização do espaço”, encontrada em interpretações que, ao partirem da construção do espaço já dado *a priori* – a idéia de região traz essa característica – promovem a separação entre a espacialidade e a historicidade (SILVEIRA, 1990, P. 17 – 42).

Observa-se, particularmente em *Sudoeste – tentativa de interpretação* (1959) que, a história regional construída por França segue os passos da historiografia goiana quando elege o processo de povoamento como marco inicial do surgimento do sudoeste. Vale recordar aqui os períodos cronológicos definidos por esse escritor. Com o subtítulo de “Evolução regional do sudoeste”, a interpretação de França arbitra quatro períodos cronológicos da história: *período heróico, período de consolidação, período de transformações político-sociais, período de Brasília*. Segundo França, cada período detém características específicas que justificam a divisão por ele estabelecida. É importante anotar a contradição que de saída, mostra essa construção histórica, quando pensada no contexto mais amplo da história do estado. Primeiramente, ela constrói uma historicidade para um espaço particularizado de Goiás e, se as especificidades geográficas da região condenaram-na a um isolamento espacial por um longo período, a construção histórica reafirma tal condição, na medida em que não integra de uma forma total os processos histórico-sociais considerados exteriores à região.

O destaque do processo evolutivo do sudoeste que a interpretação de França indica traz, para discussão, o assunto da integração da região à realidade de Goiás. A análise histórica encaminha o fluxo dos acontecimentos para um momento em que o sudoeste, sucumbido no seu isolamento geográfico, que o deixa sob a influência de outros estados da federação, passa a assumir um lugar na realidade goiana. Noutros termos, poder-se-ia dizer que a geografia perde força na definição do destino “natural” – definido pelo povoamento passando os acontecimentos históricos a definir a sua integração – principalmente política – a Goiás. A

construção de Goiânia e Brasília, a revolução de 30 e a participação dos sudoestinos nesses acontecimentos são eventos que definem a integração.

Para o escritor B. T. França, a situação de isolamento do sudoeste, sempre lembrada em seus escritos, deixava a região econômica e politicamente numa condição subalterna, antes da construção de Goiânia. Se, por um lado, a proximidade de Minas Gerais estreitava o sudoeste às melhorias do “mundo civilizado”, no campo econômico e político, permanecia uma região marginal já que estava ligado legalmente a Goiás e dependia das iniciativas governamentais estaduais para a melhoria da infraestrutura, a fim de incentivar a economia regional, tais como: estradas e ferrovias.

Nesse aspecto da relação com a capital da época, uma característica regional ajuda a construir a atitude dos sudoestinos em face da ausência de colaboração do estado, decorrente do próprio isolamento regional. Segundo França, a região sudoeste sempre se comportou de forma independente do estado, procurando resolver suas questões internas de forma individual e privada. Nessas resoluções, a qualidade da população e de seus “líderes” não deixou a região sucumbir.

O relato de França sobre este assunto expressa mais claramente essa afirmação:

Cintya - Em *Sudoeste - tentativa de interpretação* o senhor fala sobre a situação de segregação da região sudoeste em relação ao restante do estado de Goiás e, ao mesmo tempo, defende a sua integração definitiva. Explique um pouco mais essa situação regional.

Basileu - É, vou lhe explicar. O caminho natural de Goiás para São Paulo, esse é que foi o grande foco econômico ou pólo econômico, que atrai o país inteiro e naquele tempo mais ainda, embora hoje seja mais importante, mas, para nós era mais atraente. Eu vou falar sobre isso. Então, como o território do Triângulo ou do sudoeste, um é continuação do outro, tanto é que Uberlândia surgiu, como eu já te expliquei, não sei se você está lembrada, Uberlândia, que era São Pedro de Uberabinha, ela desenvolveu-se como ex-distrito de Uberaba, graças ao fluxo econômico do sudoeste para Minas e São Paulo, Barretos, embora não passasse todo o Triângulo, cortavam uma parte, e a riqueza, as riquezas do sudoeste, iam, eram mandadas para Minas especialmente de Uberaba, que era uma espécie de capital natural na nossa região. Muitas famílias naquele início de Jataí, têm raízes em Uberaba. Minha família é uma delas. E aconteceu o seguinte, por se tratar de um território tão próximo, e um comprador já preparado para pagar os produtos que iam do sudoeste, esse vínculo geográfico, e essa corrente econômica foi-se avolumando, com o crescimento da população, com a entrada de mais fazendeiros nas terras do sudoeste, novas fazendas, novas propriedades e também chegaram até o ponto de ter empresários, muitos empresários que tinham, eles falavam “borrarna”, era um grupo, uma tropa, tropa de transporte de muares que levavam mercadorias do sudoeste para Uberaba, para Araxá, para esses lugares de Minas e traziam de lá outras coisas. E eu sei, até naquele início você vê ali, o Crispiniano Tavares, com o Contos, fábulas e folclore diz, é o avô da Darci França que fazia esse transporte, era um dos que fazia esse transporte. E, como não havia ainda ponte no Paranaíba, os animais eram jogados na água e as mercadorias passavam de canoa. Só em 1909, 1910, que Afonso Pena estava no governo e que mandou fazer a

ponte. Daí ficou até com esse nome Ponte Afonso Pena. É outra curiosidade que você não sabia. Então ficou muito mais fácil porque os animais atravessavam a ponte, não precisavam ser atirados na água. Perdiam sempre algumas cabeças de gado. E o perigo também, o risco, era um negócio. Mas essa ligação geográfica, como uma continuação do território de Minas, fez que as famílias também que se radicaram na região, fossem de vínculo mineiro e um pouco paulista, mais mineiro do que paulista. Nós, então, eu vim conhecer Goiás Velho, em 1955, a nossa capital era Uberaba, Ribeirão Preto, São Paulo, para tratamento de saúde. Eu mesmo com seis anos fui levado pra tratar lá e o sudoeste então não estava integrado na realidade geográfica do estado. Estava integrado na realidade geográfica, da ligação direta com o Triângulo, para ir a São Paulo. Às vezes, não era para parar lá não, era para comprar em Ribeirão, pra levar os filhos para estudar. Os fazendeiros nossos em Jataí e na região, compravam casas em Barretos na década de 20. Eu mesmo fui levado para lá em 31 por um desses fazendeiros, para São Paulo. Ele me levou até Barretos, de lá ele me mandou pra Rio Preto pra eu encontrar meus tios. Então eles compravam casas lá e as famílias moravam para os filhos estudarem lá. O pessoal de Jataí, esse pessoal mais antigo, os filhos iam morar em Barretos, a família ia morar em Barretos pra eles estudarem lá. Eles estudavam em Ribeirão, em Cravinhos, Campinas, naquelas cidades lá. Por que? Porque é geografia fazendo história.

Cintya - Então, o isolamento da região Sudoeste, sobre o qual o senhor se refere, diz respeito à situação da região no Estado de Goiás?

Basileu - Sabe o que é, "islado", diz o espanhol, isolado, ilhado, era um enclave, vamos dizer assim, mineiro, no terreno, falando em termos bem simplórios, território goiano. Falando isso em termos bem simplórios. Porque nós não tínhamos comunicação com a capital, um ou outro tinha carro naquela época pra trazer alguém pra Goiás Velho pra estudar. As escolas de Uberaba eram melhores, eram centros mais exemplares. Então, esses fatos geográficos, ou essa realidade geográfica, tornava o Sudoeste uma unidade curiosa dentro da geografia do Estado. Embora goiano, era muito mais ligado a Minas, São Paulo, do que a Goiás.

A particularidade do sudoeste é também construída pela comparação com outras regiões do Estado. A distinção realizada por França ajuda a construir elementos de superioridade cultural circunscrito ao sudoeste, utilizando diferentes elementos comparativos. Segundo França, os contatos com as regiões "mais desenvolvidas" (econômica e culturalmente) do país contribuíram para a formação de uma cultura "aberta para o progresso", para o novo e de uma forte consciência de independência. Importante assinalar que essa construção não se detém a caracterizar tipos regionais e suas aproximações culturais com outros estados mais desenvolvidos economicamente – que ocorre quando ele aproxima o sudoestino ao gaúcho -. França também afirma a formação de uma *mentalidade, uma forma de pensamento, uma consciência* para o sudoestino, que ele reafirma no depoimento para este trabalho:

Cintya - Então, o senhor acha que se desenvolveu no Sudoeste um tipo de cultura diferenciada?

Basileu - Sem dúvida nenhuma. Tanto é que o Sudoeste tem umas características bem curiosas. O Sudoeste sempre foi independente do governo. Nunca pediu nada ao governo do Estado.

Sempre montou o primeiro serviço de luz, com uma pequena usina de lá, particular, o primeiro cinema, o primeiro serviço de água encanada. Quer dizer, eles não dependiam de Governo, era iniciativa particular. Até hoje lá, é muito mais importante do que a ação de governo, em alguns casos, hoje. Agora, essa independência do Sudoeste levou a criar características bem diferentes de outras regiões de Goiás. Tem o espírito progressista, gosta de coisas novas, recebe bem os chegantes. Certas regiões atrasadas como, Corumbá, Jaraguá, eles não gostam de estranhos, eles não aceitam a chegada de pessoas que vão se intrometer na vidinha deles lá. Já o Sudoeste é diferente. As pessoas se sentem bem lá quando, desde que eu era menino, porque antes de eu ser menino, porque minha família contava, era esse espírito, dessa cultura, vem dessa, desse desligamento com a política do Estado propriamente e eles praticamente eram autônomos nesse aspecto. Não dependia do Governo. Então eles não deixavam de ser goianos, a região não era, não deixava de ser goiano, mas com características muito semelhantes, não digo de São Paulo, mas com regiões mais progressistas, do interior de São Paulo, no Triângulo Mineiro. O automóvel chegou aí em 1918, só chegou ao norte de Goiás muitos anos depois.

Em outra entrevista concedida à Revista Brasil Oeste, França é claro quanto às especificidades da região sudoeste. A sua interpretação evidencia os elementos de superioridade regional em relação aos outros espaços goianos (Revista Brasil Oeste, 1986).

A história daquela área, que vem apenas de um século e pouco, é recente quando a comparamos com outras zonas do Estado de Goiás, mas sempre teve uma característica que distingue de todas as outras: nunca dependeu ou esperou recursos governamentais para melhorar o nível de vida do povo. A iniciativa particular ali sempre andou à frente do poder público.

Em razão de tudo isso que ficou dito, o sudoeste é um grande celeiro não apenas de grãos, carne e outros produtos – no setor econômico –, mas especialmente de homens de tempera forte, que nasceram para dirigir negócios e comandar outros homens.

Como todos os vaqueiros do mundo, o sudoestino possui um elevado senso de liberdade, tem grande apego à terra e jamais se submete por muito tempo às arbitrariedades e mandonismo dos governos fortes.

Sem o sudoeste, só para citar um exemplo, Pedro Ludovico Teixeira não teria mudado a capital do Estado. Aquela gente deu-lhe apoio integral, inclusive com cabras armados e habituados à luta, para que tudo se fizesse contra a vontade dos poderosos caiados, o que parecia impossível na época. Assim nasceu Goiânia.

França não deixa de considerar que o surgimento do estado de Goiás faz um corte numa área contígua e integrada. Antes do estabelecimento dos limites fisiográficos de Goiás com Minas Gerais, a região sudoeste estendia-se dentro do atual território mineiro e manteve-se como uma área integrada pelas relações econômicas e socioculturais dos habitantes de ambos os estados. A interpretação de França sobre as relações Minas – Goiás faz sentido dentro de uma análise regional sobre as conseqüências do estabelecimento das fronteiras político-administrativas e geográficas em regiões do Brasil. É importante observar, contudo, que é a identidade mineira que é buscada como passado regional e não como sendo desde

sempre parte de uma formação goiana. Importa também observar que a relação com Minas Gerais faz-se de fora para dentro de Goiás é, portanto, uma via de mão única. A relação com Mato Grosso é um desdobramento desse processo inicial e corresponde à continuidade das ações expansionistas dos pioneiros, que já haviam se apossado das terras em Goiás. A partida para as terras mato-grossenses tem origem em Goiás, portanto, de dentro para fora.

Se, conforme França apresenta, o sudoeste é uma unidade geográfica e cultural, vale a pena pensar sobre os elementos que o unificam. As especificidades destacadas por esse escritor, tais como a origem comum dos primeiros povoadores, a atividade econômica original de sua formação, a relação com a cultura de outros estados e as características geográficas e culturais, constroem uma única historicidade que coincide com o espaço delimitado. As microrregiões imprimem uma descontinuidade espacial no interior da própria região e as histórias das localidades apresentam a relativização da historicidade. Vale a pena, então ponderar sobre como qualificar as diferentes histórias produzidas, no espaço de prevalência de uma história regional hegemônica. Assim, é apropriado questionar como tais histórias particulares lidaram com as primeiras formulações da história regional e como os escritores, mais recentemente, têm construído as diferentes histórias do sudoeste e lidado com a carga histórica incorporada a esse espaço.

CAPÍTULO II

A VIDA DOS LUGARES E OS LUGARES DA VIDA: o percurso dos escritores e a inscrição literária dos lugares.

De resto, faz-se também necessário uma grande dosagem de sentimento local, identidade mesmo quase absoluta com o meio, para que se possa apreender e sentir em toda a sua nativa e bárbara poesia, seja a opulência, seja a miséria desses nossos tão caluniados latifúndios.

Hugo de Carvalho Ramos

Lugares, histórias e biografias

“Sentimento local e identidade absoluta com o meio”: as palavras de Hugo de C. Ramos reafirmam algumas qualidades para o escritor regional, centradas no vínculo com o universo sociocultural e o meio geográfico de Goiás. A literatura regionalista desse escritor é caracterizada pela *denúncia social*. Contra os imaginários negativos do sertão e do sertanejo da época, Ramos defende uma literatura de conhecimento, que visa tanto denunciar o estado de abandono e esquecimento das regiões de Goiás pelo governo e pela intelectualidade da metrópole, quanto registrar, descrever esses espaços, retirando-os de uma situação de desconhecimento (VINCENTINI, 1997).

A literatura de Hugo de Carvalho Ramos postula um tipo de escritor regional e reafirma o vínculo com o lugar geográfico como fundamento de uma relação necessária para a produção literária. “Sentimento” e “identidade” são também aspectos de um posicionamento político do escritor, que ele defende para si e para os demais escritores goianos. Em sua visão, os escritores devem atuar politicamente contra o esquecimento desses lugares periféricos.

O papel do escritor regional assume, nas palavras de Ramos, um conteúdo político, nos quadros de um campo literário de época profundamente marcado pela oposição entre “lugares”, no espaço hierarquizado da nação. A contraposição, entre os “intelectuais do litoral” e os “intelectuais de província”, muito encontrada nos textos de Ramos e de outros escritores goianos posteriores a ele, encontra, na realidade brasileira, as condições objetivas para a construção de uma crítica cultural.

As interpretações sobre a história da literatura goiana ressaltam o vínculo inevitável da literatura produzida em Goiás com o regionalismo. Tal ligação tem-se desenvolvido, historicamente, com muitos dilemas, classificações e periodizações variadas. Se, para alguns escritores que produzem uma “literatura regionalista”, encontram-se justificações próximas às delineadas por Ramos, para outros, conviver e produzir no campo literário em que predomina a ótica do regionalismo transfigura-se em dilema existencial, em incômodo, a respeito do qual surgem manifestações variadas de negação.

Nesse aspecto, é exemplar o conflito apresentado pelo escritor Alaor Barbosa, que, num artigo de 1966, intitulado “Programa de aprendizado literário”, volta o seu olhar para a realidade de sua cidade:

Ora, é preciso conhecer as coisas. É necessário saber dos objetos. É indispensável a geografia, o conhecimento da distribuição e localização e inter-relação das coisas. É de alta valia estar no chão, saber as esquinas, os endereços – é preciso conhecer os mapas. Os ondas, os quantos e os comos. O conhecimento do concreto, do particular, do regulamento; do Código antes da filosofia do Direito. Partir do particular para o geral. O concreto para o abstrato. Subir por degraus. Alcançar por etapas. Movimentar-se em sentido e modo centrífugo. Partir do centro para a periferia, da Terra para o Universo, do município para o mundo, do arraial para o cosmo. Muito tenho aprendido depois que enfoquei para o meu município, sobre o meu pequeno mundo o meu interesse e a minha atenção cognitiva. Antes de conhecer o mundo, o grande cosmo, é preciso conhecer as ruas e estradas e costumes e tradições – enfim: a realidade global e íntima do meu pequeno mundo municipal (BARBOSA, 1967).

Em seguida ele completa:

Apoderar-me de Morrinhos. Ruas, quintais, esquinas, praças, nomes de ruas – quem foram eles, que fizeram? – fazendas, meios de transporte, estórias, economia meio e formas de vida, projetos, visão de mundo, quadrilhas, catiras, poesia do povo. É a realidade em que surgi, em meio a qual apareci, dentro da qual brotei e me elaborei. Conheça-la. Conheça Goiás (BARBOSA, 1967, p. 72).

Imediatamente depois, em junho de 1967, em um artigo sobre Monteiro Lobato, o mesmo escritor manifesta a sua crítica ao regionalismo. Assumindo a visão que considera esse gênero literário como uma “literatura menor”, leva para fora da literatura as produções de cunho documental:

Regionalista? Lobato era muito artista para ser um escritor regionalista ou regional. Não vejo nos contos dele os sinais identificadores de uma obra regionalista. Reduzi-lo à condição e estatura de um escritor paulista do vale do Paraíba é descabido, injusto, errôneo. A chamada “cor local” existe nos seus contos – a cor local do vale do rio Paraíba do Sul. Porém, e daí? Toda obra literária tem cor local. Aliás: rara a obra literária que a não tem. Nem é regionalista Lobato, nem a cor local é essencial ao regionalismo. O escritor regionalista é um escritor menor. Não existe essa dicotomia regionalismo–universalismo. Uma obra literária verdadeira é universal em essência, ainda que contenha elementos regionais. A obra que se puder ou dever classificar como regional é obra documental, de valor extra-literário (BARBOSA, 1967, p. 39).

O modo como os escritores têm retratado os lugares, nos textos literários, tem merecido, na história da literatura brasileira, certas classificações e críticas que apontam para o excesso de descritivismo e para a tendência à estereotipia dos personagens das histórias. Assim, tem sido visto o regionalismo literário. A valorização do pitoresco e do particular em detrimento do geral e universal, é vista como uma característica negativa do regionalismo e um entrave para uma visão cosmopolita de literatura (CANDIDO, 2000; CHIAPPINI, 1987).

No entanto, reconhece-se que o escritor regional e suas produções, através da tendência ao documentarismo e ao descritivismo, realizaram um papel importante de registro e de conhecimento da realidade brasileira, no tempo em que não se tinha ainda constituído o campo intelectual-científico no Brasil e num momento em que outros espaços geográficos e sociais do país eram totalmente desconhecidos da maioria da população e da intelectualidade.¹

O assunto deste capítulo partiu de questões que são debatidas no âmbito de um regionalismo literário, mas ultrapassa-as, na medida em que busca situar as realidades de referência do escritor para além das classificações das histórias literárias. O escritor de assuntos locais, cuja literatura encontra a referência do lugar como característica central,

¹ Essas idéias são discutidas em Antonio Candido (2000); VICENTINI, (1997) e SENNA (2000).

acha-se também influenciado pelos lugares sobre os quais ele escreve. A relação com a realidade, que esse escritor acaba transpondo para a literatura é também produto das interações desses escritores com um mundo particular. Essas relações estão entrelaçadas com as suas trajetórias e estas constroem lugares e literatura. As questões discutidas aqui voltam-se para as construções dos escritores e para o modo pelo qual essa construção carrega implicações de uma estética e dos condicionantes pessoais e sociais que cercam a produção das obras. Essas produções, mais do que contar, criam e recriam histórias.

Visto pela ótica das classificações literárias e das produções textuais, a questão central levantada neste texto pode até significar uma certa redundância, já que a forma de retratar os lugares que informa um certo vínculo com o meio geográfico é parte da definição das obras e dos escritores como regionalistas. Porém, a proposta é desenvolver, para além de uma definição literária construída e da idéia de um vínculo pré-definido e esperado entre os sujeitos, os seus textos e o espaço geográfico, um aprofundamento na trama dos vínculos relacionais, que, são significativos para a construção dos lugares e para a compreensão desses mesmos vínculos. Parte-se assim, da premissa, de que os lugares são histórias, contadas, recontadas e vividas.

A dimensão relacional e biográfica enfocada considera a atuação dos escritores nos lugares da escritura e permite compreender como as suas trajetórias são marcadas pelos deslocamentos espaciais e, ao mesmo tempo, pela opção por lugares de vida e trabalho. A análise das narrativas biográficas permitiu acompanhar as determinações sociais e culturais que atuaram nesses deslocamentos, bem como as representações dos escritores sobre a sua própria atuação nos espaços percorridos. Possibilitou, ainda, observar como os escritores acabaram seguindo os preceitos definidos por autores goianos do passado, pela história literária regional e pelo próprio campo literário regional que eles acabam ajudando a formar. Dessa forma, a opção pela análise dos relatos biográficos escritos e exteriorizados nas entrevistas diretas, mostrou-se a mais adequada para a compreensão dos entrelaçamentos que envolvem a construção do sudoeste de Goiás.

A opção biográfica, bem como o tratamento metodológico dos dados biográficos, teve como referência outros estudos tais como o realizado por Sérgio Miceli, sobre os intelectuais brasileiros. Certas aproximações com a pesquisa de Miceli permitiram ver que muitos dos determinantes sociais levantados por esse pesquisador para os intelectuais da

República Velha são também encontrados entre os escritores focalizados no presente estudo (MICELLI, 2001).

Como ocorreu na pesquisa de Miceli, não se trata aqui de um campo literário plenamente constituído; logo, a pesquisa não se encaminha para uma análise específica desse campo. Contudo, não se pode desconsiderar que os escritores que integram esta pesquisa estão envolvidos na formação das instituições literárias regionais e locais. Como será visto mais especificamente no capítulo IV, a atuação dos escritores nas localidades redundou na fundação das academias de letras dos municípios e na criação dos movimentos culturais no âmbito local. Uma das conseqüências dessa atuação local do escritor é a sua participação no processo de institucionalização local e regional das letras e na constituição de espaços de promoção da cultura e da memória das localidades de Goiás.

Outras análises centradas em biografias integraram a construção deste capítulo e contribuíram na análise das trajetórias dos escritores. O estudo de David G. Mandelbaum (1973) sobre a história de vida de Gandhi considera os deslocamentos geográficos e a permanência em locais definidos como significativos para a análise das mudanças na vida e carreira de Gandhi. Os deslocamentos corresponderam a períodos dentro dos quais o pesquisador também identificou outras mudanças no percurso da vida do biografado. O estudo de Mandelbaum traz uma interpretação da vida de Gandhi na qual os lugares vividos relacionam-se a momentos de aquisição, de escolhas, de conversão – de papéis, de imagens e de relações sociais – fundamentais para a compreensão da sua história de vida e para sua imagem pública consagrada. Por centrar a análise biográfica em apenas uma experiência de vida, o estudo desse antropólogo motivou as críticas que destacaram os riscos da “ideologia biográfica” e da “ilusão biográfica”, bem como os limites da utilização da noção de adaptação.² Com relação a esse último aspecto, embora neste estudo a análise esteja centrada em seis relatos biográficos distintos, há um esforço para não perder de vista a singularidade de cada experiência de vida, nos lugares onde as trajetórias adquiriram um sentido.

Os artigos de Daniel Bertaux sobre os usos dos relatos biográficos destacam a sua validade metodológica, quando o objeto do pesquisador envolve preocupações

² Sobre a “ilusão biográfica” ver Bourdieu, (1986, p. 69-72). As críticas sobre os riscos de os relatos encaparem a “ideologia biográfica” foram levantados por Bertaux. A esse respeito ver: Bertaux, (1980).

socioestruturais e sociosimbólicas. Para Bertaux, (1980), o uso da biografia em estudos disciplinares específicos depende substancialmente do objeto construído pelo pesquisador. No entanto, ele defende a utilização de mais de um relato de vida nas pesquisas, definindo-se pelas abordagens mais situacionais e socioestruturais dos relatos biográficos.

Uma atenção ao conceito de “saturação” forjado por Bertaux, (1980) ajudou a definir a quantidade de escritores selecionados e a analisar os seus relatos. Segundo esse autor, essa escolha é processual, subjetiva, e relaciona-se com a representação do pesquisador sobre o objeto da pesquisa. Foram selecionados, para a pesquisa biográfica, seis escritores, cuja literatura produzida tem como referência principal o universo local: a localidade, o município e a região sudoeste de Goiás. A escolha dos escritores seguiu o critério do gênero dos textos produzidos. Nesse sentido, este estudo definiu-se por aqueles escritores que escreveram livros sobre as localidades da região sudoeste de Goiás. Foram incluídos os que abordaram a realidade, seja de uma forma mais abrangente sejam aqueles que partem da história de uma família ou de membros de famílias e produzem histórias mais “situacionais”, “pessoais” ou “memorialísticas”.

As histórias conduziram àqueles escritores que constituem uma referência na produção da história local. Mesmo não tendo sido esta a intenção primeira da pesquisa, os escritores focalizados na análise biográfica são aqueles já conhecidos por produzirem a história do município ou atuarem com destaque nas atividades culturais. As diferenças entre os escritores quanto a essa posição de referência local e regional é moldada por sua própria trajetória, que também define o alcance dessa representação nos lugares.

Alguns escritores selecionados não são autores consagrados da capital ou vistos pelo público e intelectualidade de Goiânia como escritores maiores; todavia têm algum tipo de reconhecimento, pela realização de trabalhos no campo intelectual, pela autoria de livros que abordam a história das localidades e por produções isoladas.

Os escritores que compuseram o quadro da análise não foram agrupados segundo o critério de geração literária. Mesmo assim, foi possível aproximá-los pelas datas das obras produzidas e perceber alguma aproximação, sem, contudo, engessar a análise segundo tais características.

O critério de origem que considera o nascimento, não foi determinante na escolha dos escritores. No entanto, durante o processo da pesquisa e com a realização das

entrevistas, foi verificado que apenas um dos entrevistados não nasceu na localidade sobre a qual escreve, e que todos eles mantêm vínculos de parentesco e familiares nos municípios onde moram e desenvolvem suas atividades literárias e culturais. Esse aspecto é significativo, não apenas porque se trata sobre as histórias dos lugares, mas o critério de nascimento envolve a classificação dos escritores na região da escritura e é um item considerado por aqueles que escrevem sobre a história literária em Goiás. Tal classificação, como foi possível perceber, não busca a exclusão de escritores da história literária regional, mas ao contrário, inclusão, o pertencimento, até mesmo daqueles não nascidos em território goiano. A consideração do nascimento mostra, portanto, o quanto a definição do escritor pelo lugar da escritura foi um aspecto mantido pela história literária regional e que envolveu também a própria definição de uma literatura “autenticamente goiana”, forjada pelos historiadores literários.

Entre aqueles que saíram e retornaram à localidade de origem - a maioria deles - a volta implica o desenvolvimento de um trabalho na área da cultura e da política, muitas vezes definido previamente, através das relações com políticos, colegas e parentes. Ao assumir um cargo político ligado à cultura ou por meio do pleito político-partidário, os escritores biografados - com exceção de Binômio, que se declara não envolvido com a política partidária - tem em comum o envolvimento político-partidário e a definição por diferentes linhas ideológicas.

O afastamento e o retorno aos lugares de nascimento fazem sentido nas representações dos escritores sobre suas próprias trajetórias bem como nas suas auto-definições e escrituras dos lugares, que eles realizam. Assim, entender o significado do “lugar de origem” na vida e na obra dos escritores envolve também o conhecimento dos deslocamentos temporais e espaciais que constituíram suas trajetórias. Faz-se necessário ter em mente os universos sociais possíveis que envolveram a circulação desses sujeitos em sua época. Nesse aspecto, o local de nascimento é uma referência para os deslocamentos.

Uma das contribuições fornecidas pelo estudo biográfico relaciona-se com a possibilidade de um mergulho nas diferentes concepções dos escritores sobre sua atuação simultânea como testemunhas e atores dos acontecimentos, quando envolvidos com as escrituras sobre as localidades. Inseridos na realidade local e regional, esses sujeitos receberam outras designações associadas à de escritor, tais como “sábios” e “historiadores

dos lugares”. São também pessoas conhecidas por estudar e, ao mesmo tempo, participar da história e da cultura do lugar.

As diferenças entre as trajetórias dos literatos trouxeram uma certa dificuldade para a comparação e a generalização, no encaminhamento das narrativas individuais. Entretanto, não constituíram um impedimento para que se observasse a recorrência, nas trajetórias, de uma construção aproximada das relações no percurso da vida e da carreira nos universos regional e local.

A escolha dos assuntos para a comparação foi determinada, tanto pelo enfoque previamente definido para a tese, quanto pelas próprias narrativas dos escritores. Dessa forma, alguns escritores, como Maria Eloá e Binômimo, pelo enfoque dado às suas experiências na fazenda, permitem aproximações mais específicas; No entanto, distanciam-se no plano ideológico e na forma de envolvimento com a carreira de escritor.

Os dados biográficos considerados na construção deste capítulo advém dos relatos biográficos orais e aqueles recolhidos em diferentes fontes escritas. As informações sobre a vida dos escritores foram selecionadas de pequenas biografias e autobiografias encontradas nos prefácios e outras partes dos livros dos próprios autores. Foram também utilizadas entrevistas publicadas em livros e jornais. Alguns autores têm biografias e autobiografias mais extensas. É o caso de Binômimo da Costa Lima, cuja história de vida foi objeto de estudo acadêmico – uma dissertação de mestrado da área de Educação. O escritor Basileu Toledo França têm publicada uma autobiografia, que abrange um período de sua vida. As diferenças entre as fontes biográficas consultadas exigiram que se reconhecesse limites de cada uma e a particularidade quanto ao enfoque da pesquisa. A suposição de que as biografias e autobiografias publicadas seriam mais completas não se confirmou. A autobiografia de França, por exemplo, abrange apenas um período de sua vida e mostra-se repetitiva, pois se atém a informações da vida do autor já bastante veiculadas em outras fontes. Isso talvez se deva à atuação de um “discurso pronto”, ao qual o autor se acha preso.

As fontes escritas tiveram uma função complementar aos relatos biográficos dos escritores, fornecendo informações prévias aos relatos e auxiliando na indicação dos assuntos a serem abordados. Elas contribuíram também para avaliar a iniciativa e o sentido do “falar sobre si próprio” dos escritores – mesmo não sendo este o objetivo pretendido com a análise das biografias. Um elemento complicador na análise dos relatos e das demais

fontes escritas - e que reforçou a importância dessas últimas no processo de comparação - foi a recorrência ao “discurso pronto”. A repetição de uma história, de assuntos ou de trechos da vida e o modo como é dito, expressam o discurso formal dos escritores, sobretudo por serem pessoas que são sempre convidadas a falar sobre si mesmas, seus feitos e localidades. A atenção a esse aspecto – a construção do si próprio – permitiu adentrar no campo representacional, através do qual o escritor faz uma reflexão sobre o seu próprio lugar, na construção dos lugares retratados.

As entrevistas foram realizadas nas casas dos escritores, nas cidades dos municípios do sudoeste, em que eles vivem. Apenas a entrevista com o escritor Basileu Toledo França foi realizada na capital, Goiânia, quatro meses antes do seu falecimento. Em razão da extensão dos relatos e do tempo disponíveis dos escritores, as entrevistas desdobraram-se em várias sessões, que duraram um dia inteiro ou um período do dia cada uma.³

O transcurso dos escritores nos universos da vida e da escritura e a leitura dos lugares

As entrevistas realizadas com os escritores apresentaram formas de relatar a vida e a carreira centradas nos deslocamentos espaciais e sociais, que informaram um movimento sempre constante entre “saídas e retornos” aos lugares. Para esses escritores, falar da própria vida e da carreira é referir-se a um processo de idas e vindas, no qual se encontram as pessoas e as realizações. Faz parte da história individual e coletiva dos escritores, sair da terra natal e retornar a ela, transpor os limites da ordem social de origem e envolver-se com o “mundo da instrução”. As trajetórias relatadas mostram que os deslocamentos espaciais que implicaram um afastamento mais prolongado de sua localidade ocorreram em função dos estudos e de relações pessoais, e não, especificamente, da carreira literária – que acabou circunscrita ao espaço regional. Todavia, foi na busca pela “melhoria intelectual” – uma experiência comum a todos os escritores entrevistados, concretizada na saída do local de nascimento e ingresso em instituições de ensino (escolas, ginásios, universidade) – que eles iniciaram e desenvolveram relações com o mundo literário e produziram seus

³ As condições de realização das entrevistas foram relatadas na introdução deste estudo.

primeiros escritos. Não obstante a busca por instrução escolar apresentar-se como o motivo primeiro da saída da casa dos pais, esta representa, igualmente, o início de um rompimento com o mundo anterior, com um estado de coisas, com uma situação social compartilhada pela família.

Maria Eloá de Sousa Lima e Binômio da Costa Lima são conterrâneos, contemporâneos e parentes, e vivem atualmente na cidade de Jataí. Eles têm em comum também o fato de terem nascido e vivido a maior parte de suas vidas, em fazendas da família, situadas em regiões rurais diferentes, hoje inseridas, respectivamente, nos municípios de Serranópolis e de Jataí, no sudoeste de Goiás.⁴ Algumas pinceladas no contexto regional ajudam a situar as histórias desses escritores.

Até a década de 1950, quando sofre o impacto econômico mais significativo em sua estrutura produtiva e social, pela aceleração do processo de modernização da agricultura, a região sudoeste chegou a ser considerada “estagnada” e “atrasada”. Alguns autores que pesquisaram esse espaço social pelo prisma do “desenvolvimento desigual do capitalismo” se preocuparam com o sentimento manifestado em expressões cotidianas de “já teve” em Jataí que significavam a ausência de infraestrutura de serviços na cidade.⁵ Nessa época, a fazenda ainda constituía uma unidade produtiva predominante de uma economia centrada na criação de gado, que já apresentava indícios de desagregação social e decadência econômica na estrutura tradicional.⁶

As famílias de fazendeiros da região sudoeste de Goiás viviam em fazendas de criação de gado, quase auto-suficientes e mantinham relações econômicas e sociais constantes com as cidades do triângulo mineiro, sobretudo Uberaba, que é considerada, mesmo após o surgimento de Goiânia e Brasília, *a capital*, para essa região.

⁴ Quando o foco da análise particulariza-se na região de origem, algumas diferenças entre os espaços aparecem nas obras dos autores. Ingressam assim, outros fatores, que o tempo e as relações internas construíram. Nesse aspecto, os limites do município tornam-se uma complicação e fica mais adequado falar de região, no sentido simbólico que os próprios escritores construíram. A “região da Serra do Cafezal”, onde Maria Eloá nasceu e viveu e sobre a qual ela escreveu, hoje faz parte do município de Serranópolis, que, já pertenceu a Jataí. Então, se num dado momento do passado, havia uma região mais ampla, hoje os limites municipais impõem outras demarcações espaciais. Essas especificidades não comprometem o sentido aqui empregado para “conterraneidade”, mesmo porque, no caso de Eloá e Binômio, que são aparentados, a terra natal também abrange o espaço do município. Para esses escritores, que nasceram e viveram no campo, a fazenda é o lugar a partir do qual eles falam do passado e deve-se ter em mente essa formação social e espacial anterior. É também nesse assunto que considera-se os relatos de biográficos como relatos de espaço.

⁵ Esse assunto foi tratado por MACHADO (1996).

⁶ A respeito do assunto em pauta ver: SUAREZ (1980;1979); MOTA (1980; 1981).

As biografias desses escritores revelam algumas experiências comuns que traduzem a oposição ou, antes, a relação cidade e campo e as transformações sociais e econômicas regionais. Eles são testemunhas e herdeiros tanto do apogeu quanto do declínio de um mundo e de uma época. Os seus relatos de vida acompanham o processo mais amplo do desaparecimento da fazenda tradicional de gado do sudoeste de Goiás, que redundou na mudança definitiva das famílias de fazendeiros para a cidade de Jataí.

Os relatos de Binômimo da Costa Lima expressam, de uma forma mais destacada, as transformações regionais. A impressão que fica da leitura de sua biografia escrita e de seu relato, é que o escritor viveu intensamente cada mudança coletiva introduzida. Ou seja, apresenta uma biografia ligada às contradições impostas pelas formas capitalistas que atingiram o sudoeste de Goiás. Uma das características centrais do relato biográfico de Binômimo é a grande inserção que faz de sua vida nas questões de ordem coletiva e a dificuldade de expressar as situações pessoais de forma mais exclusiva.

A saída da fazenda para estudar não o levou a um afastamento definitivo desse universo, físico-espacial, econômico, social ou emocional. Ainda menino, Binômimo mudou-se com os pais, inicialmente, para a cidade de Mineiros, no sudoeste, para estudar. Depois, estudou em colégio interno, em Alto Araguaia, na fronteira com o estado de Mato Grosso. Fez o correspondente ao atual ensino médio em Belo Horizonte e retornou à fazenda para trabalhar com o pai, momento em que abandona completamente os estudos escolares. Na fazenda, casou-se e, quando os filhos atingiram a idade escolar, se transferiu gradativamente com a família para a cidade de Jataí, onde permanece.

A escritora Maria Eloá, assim como Binômimo, nasceu na fazenda, na região da Serra do Cafezal, de onde saiu em 1943, com vinte anos de idade, para cursar o primário, na cidade sudoestina de Rio Verde. Nessa cidade, estudou em escola profissionalizante que ensinava técnicas agrícolas e enfermagem. Esse momento é narrado pela escritora, em um trecho biográfico do seu livro *Serra do Cafezal*, como um período de *descoberta*:

Corria o ano de 1944. Eu gostava da escola, dos professores e dos colegas. Descobri a Biblioteca Pública e comecei a ler desordenadamente. Nunca em minha vida lera tanto. Travei conhecimento com muitos autores dos quais nem de leve sabia da existência: Jorge de Lima, Guerra Junqueira, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e tantos e tantos outros que nem posso enumerar. Apaixonei-me completamente por Pablo Neruda e lia e relia seus belos poemas com a unção de quem recita uma prece. Entre os livros da Biblioteca Pública, descobri os “Escândalos do Petróleo e

do Ferro” e pude conhecer um Monteiro Lobato diferente daquele que tanto me encantara em “A menina do narizinho arrebitado”. Um Monteiro Lobato de látego em punho a vergastar desassombrado os corruptos da época (LIMA, 1988, p. 30).

A narradora também apresenta, no mesmo livro, o que ocorria, segundo a sua percepção, no contexto dessa época na cidade de Rio Verde:

Em Rio Verde, naquele ano de 1944, só se falava em Direitos Humanos, reforma agrária, anistia para os presos políticos, partida para a Europa da Força Expedicionária Brasileira, Democracia, Estado Novo, imperialismo, capitalismo, socialismo, o povo, eleições, Getúlio, Prestes, Hitler, Mussolini, De Gaulle, Roosevelt, Churchill, Petain, Paris ocupada, Rússia, o exército vermelho, a batalha de Stalingrado, a cobra vai fumar, câmbio negro, racionamento, vitória na guerra, Brasil. Formou-se na cidade grupos que defendiam os mais diferentes pontos de vista, desde o integralismo ao comunismo. As escolas organizavam passeatas no dia 21 de abril e nos discursos se misturavam a exaltação de Tiradentes à necessidade urgente de se acabar com Hitler e Mussolini. Dava-se vivas ao Brasil e morras à Alemanha (LIMA, 1988, p. 31).

A entrada tardia na escola é uma diferença da trajetória de Maria Eloá com os outros escritores em análise. Ingressar na escola com vinte anos de idade e no momento histórico que a própria escritora contextualiza, trouxe para os primeiros anos de estudos escolares outras percepções da realidade, outros significados. É nessa época, como se verá mais adiante, que a escritora descobre o Partido Comunista e se filia a ele. A partida para Rio Verde irá fazê-la ver de uma outra forma o mundo da fazenda.

O transcurso entre Rio Verde e a Fazenda durante o período de estudos retrata as suas condições como estudante de poucos recursos financeiros e a situação da região da época:

Passei outra vez um ano inteirinho sem ir em casa. A viagem de Rio Verde à Jataí e de Jataí à Fazenda Santa Clara não era fácil. Nas férias mais longas do fim do ano, eu pegava a carroceria de algum caminhão de pessoa conhecida que vinha de Uberlândia ou de São Paulo e me encarapitava em cima dos caixotes e fardos de tecidos, rumo à Jataí [...] Anteriormente, eu avisava por carta do dia da minha chegada a Jataí e eu meu pai mandava alguém com um cavalo arreado me buscar (LIMA, 1988, p. 31).

Maria Eloá relata a saída da fazenda como almejada, mas difícil, devido às condições financeiras da família. As dificuldades que poderiam comprometer os estudos não são abordadas por Binômimo, em seus relatos. As diferenças entre esses autores também aparecem quando retratam as pessoas da família que os estimularam nos estudos. Para Maria Eloá, não é o pai, mas a mãe que é lembrada, exercendo um papel importante na sua formação intelectual básica, ainda no campo.⁷ A propósito, segue o relato de Maria Eloá em um trecho de sua entrevista para este trabalho:

Maria Eloá - Primeiro, eu teria que voltar lá atrás. Acho que eu ilustraria melhor a minha história dizendo que a minha primeira professora foi a minha mãe. Eu falei isto?

Cintya - Não.

Maria Eloá - A minha mãe era uma fiandeira, uma tecedeira. Ela alfabetizou todos os filhos. Então, era minha mãe fiando. Tinha sempre um banquinho baixo ao lado da roda e ali quase sempre tinha uma criança. E ela trabalhando alfabetizava a gente. Depois, no correr do dia, os filhos mais velhos, que já liam corretamente, tinha que fazer uma leitura em voz alta ao lado dela. E os livros, às vezes, eram repetidos. Porque o nosso drama era não ter livros. Então, eram livros emprestados. A gente lia e relia até decorar, mas tornava a ler. E a minha mãe ensinava pontuação e ensinava muito bem. E ela tinha um gosto pela leitura.

Se a influência para os estudos é uma contribuição da mãe e iniciada em casa, a continuidade dependeu da ajuda financeira de um tio rico, que proveu os estudos escolares da escritora em Rio Verde:

Isso aconteceu quase como um milagre, a minha partida para a cidade de Rio Verde, no sudoeste. Eu tinha um desejo grande de estudar, era até doloroso, porque não havia possibilidade. Mas eu tinha um tio, um tio rico, sabendo dessa angústia, desse anseio, e ele me proporcionou. Mas, quando eu estava no segundo ano em Rio Verde, vieram as férias de fim de ano e ele morreu em um acidente trágico. Mas voltei a estudar dezoito anos depois. Dezoito anos depois, eu entrei no ginásio aqui em Jataí, vinda através do meu atestado, que havia feito as provas de admissão no ginásio. Este papel tinha dezoito anos, mas ainda me valeu. Eu estudava junto com os jovens. Eu não podia

⁷ As informações biográficas sobre a escritora foram retiradas de seu relato biográfico oral através de entrevista específica para este trabalho. No entanto, também foram utilizadas as narrações biográficas contidas na primeira parte do livro *Serra do Cafezal* e outras informações sobre a vida da autora contidas em outros livros de história local de outros escritores. As falas da autora citadas sem indicação de fonte nesta tese, são provenientes dos relatos orais. O mesmo procedimento foi adotado para todos os escritores biografados, em todo o trabalho. É importante salientar, todavia, que a utilização dos relatos orais e narrações biográficas escritas não buscou suprir lacunas de informações mas, aproveitar também a riqueza dos pequenos trechos das biografias escritas, na maioria das vezes redigidas pelos próprios autores em prefácios ou partes de seus livros.

estudar no curso noturno porque a minha filha não teria com quem ficar. Então, eu estudei de manhã e isto também foi interessante.

As trajetórias de Maria Eloá e Binômimo têm em comum as questões relacionadas ao rompimento ou assunção do destino definido para eles, na fazenda. Ambos desviam-se do caminho socialmente esperado pela família, cada um a sua maneira. Se para Eloá a permanência na fazenda significava a adoção do papel da mulher fazendeira, para Binômimo, o estudo era uma idealização do pai, que foi rompida pela sua desistência. Ambos os escritores relatam que não se identificavam com o trabalho da fazenda, apesar de valorizarem esse ofício, em suas escrituras e depoimentos, e acabarem retornando para o campo, após as temporadas de estudos fora, assumindo as posições na fazenda de forma renovada.

Apesar de considerar que se afastou do papel esperado por ela como filha de fazendeiros, Maria Eloá traz em suas atividades atuais – e não apenas na escritura - a herança da vida na fazenda. Os trabalhos manuais com os retalhos que desenvolve atualmente em Jataí e que a fazem considerar-se uma artesã, carregam as experiências do mundo de origem:

Aos treze anos, eu era uma vara de apanhar mamão. Já tinha crescido o que tinha que crescer. Até os vinte anos vivi a vidinha que a minha mãe me traçou: cozinhar, cuidar da casa, lavar roupa, descaroçar, cardar, fiar o algodão que nós mesmos colhíamos. E já estava aprendendo a tecer no tear caseiro. Nesses trabalhos artesanais de tear que são hoje tão valorizados e que a minha mãe fazia questão de ensinar a cada uma das filhas para não quebrar a tradição de várias gerações de mulheres, confesso que fui a única que não prosperei.

Da mesma forma, a experiência de vida de Binômimo mostra que é de dentro da fazenda que ele busca a realização e o aprimoramento intelectual. A sua predileção por assuntos ambientais e ecológicos cresceu quando ele decidiu permanecer na fazenda e abandonar os estudos fora.⁸

Por ser o único filho homem, “Meco” – como é também chamado – disse ter-se preocupado, na época em que decidiu abandonar os estudos, com a situação do pai sozinho

⁸ O exame da trajetória de Binômimo Costa Lima fundamentou-se na entrevista realizada para este estudo e na biografia escrita por outra pesquisadora. Sobre a biografia escrita ver: Pinto (2003).

no trabalho com o gado. Apesar de declarar não gostar das atividades cotidianas de fazendeiro, Binômimo buscou conciliar o gosto pela observação e experimentação da natureza com o trabalho da fazenda.

Após adquirir a sua própria terra, ele deixa a casa do pai, e se casa. Somente quando os filhos já estão estudando em Jataí é que ele se muda definitivamente da fazenda com a família. A mudança para a cidade é narrada como uma decisão da família, mas conduzida por uma série de fatores econômicos regionais, semelhantes aos de outras famílias fazendeiras da época, que também fizeram parte desse êxodo:

É um processo muito rápido! Que te transforma. Você ainda não adaptou à coisa, porque isso foi uma coisa que foi acontecendo. O sujeito da cidade também sofreu essa consequência, mas sem o impacto de mudança que o sujeito que veio da fazenda. Foi o ano que mudou praticamente todo mundo para a cidade. Não sei que diabo foi isso. Essa mudança foi em 1967, mais o menos. Meus meninos já estavam na idade de escola: com sete anos, seis anos [...] (PINTO, 2003, p. 44).

O período vivido na fazenda do pai, após o retorno de Belo Horizonte, é considerado por Binômimo como aquele que lhe possibilitou direcionar-se para o conhecimento do meio ambiente regional, de uma forma ainda não realizada. É um momento em que o conhecimento tradicional que ele adquiriu no decorrer da vida, herdado de gerações anteriores de fazendeiros, aproxima-se do conhecimento adquirido na carreira escolar. As frustrações por “estar num lugar em que não queria estar” são compensadas pelas reflexões que a vida no campo lhe possibilitou:

Meu pai era uma pessoa também que gostava de plantas. Toda vida, todo fazendeiro que morava no mato tinha um conhecimento muito grande de plantas, conhecia toda a árvore, sabia para que servem...Eles tinham esse conhecimento. Agora, tinha pessoas que gostavam mais daquilo tudo. Tinha uns que gostavam de ficar conversando de genealogia – tem gente que tem uma memória que é capaz de saber de dez gerações. Está tudo na cabeça dele. E outros que são irmãos daquele, já não sabe nem o nome do pai.

Quando eu vinha de férias, trazia livros para o meu pai ler. Ele lia tudo. Eu trazia para ele livros didáticos, do ano que eu fiz, e ele estudava aquilo tudo sozinho, e sabia tudo. Quando eu chegava, eu fazia um ano na frente dele. Ele ainda sabia mais que eu. Velho do diabo esse! Ele sabia tudo dos livros que eu lia naquele ano e trazia para ele. Um dos livros que ele achou bom demais foi “Casa grande e senzala”. Ele também gostou de “Os sertões”, que é um livro de difícil leitura. Ele tinha um dicionáriozinho velho daqueles, então ele ia anotando aqueles nomes, e lia aquilo tudo tranquilo, sabia tudo. Ele não tinha estudo, praticamente os irmãos também não. Agora o nível cultural dele era muito maior que dos irmãos. Um exemplo bem dele: os irmãos dele falavam que ele

não era muito trabalhador, e ele nunca gostou muito de mexer com fazenda. Mas um dia um irmão dele falou: “-Olha minha mão o tanto que é estragada e olha sua!” e pegou a mão dele e abriu assim... ela estava limpinha. Aí ele falou: “- não, nossa diferença é muito fácil de ser resolvida. É só você lavar suas mãos. Eu lavo as minhas, agora você não lava as mãos e vem exibir (PINTO, 2003, p. 90).

Esses fatos da trajetória de Binômimo têm uma importância fundamental no entendimento de suas definições posteriores, no intelectual local em que ele se tornou em Jataí e para a especificidade dos textos que escreveu. Se a vida na fazenda aproximou-o de um tipo de conhecimento tradicional da natureza, a vida em Belo Horizonte colocou-o em contato com a cultura da cidade, urbana. O relato do escritor sobre o tempo vivido na capital mineira envolve desde as trapalhadas do rapaz do campo, que anda de bonde pela primeira vez, quanto o deslumbramento pelo que a cidade oferecia na época. As amizades que fez, os professores que teve, os lugares que frequentou, os livros que leu. Há um conjunto de realizações que são relatadas e que mostram distâncias entre a vida do campo e a da cidade e, ao mesmo tempo, querem mostrar o quanto o campo não está tão distante da cidade como se pensa.

Apesar dessas diferenças, Binômimo diz não ter tido problemas em relacionar-se na capital mineira. Em trechos da narrativa, Binômimo explica como era possível, morando na fazenda, manter-se em contato com o mundo inteiro. Morar na fazenda no sudoeste goiano, para esse autor, não significava estar isolado do mundo. As informações e o conhecimento circulavam entre as famílias de criadores de gado com melhores condições financeiras, através dos livros, das cartas, do rádio, dos viajantes, dos tropeiros, dos professores esporádicos. A vida na fazenda, que ele retrata, não é de sofrimento, mas de aquisição de conhecimento e de vivência familiar, revelando um caráter bastante positivo daquele mundo. As dificuldades levantadas – como a distância e a carência de escolas – são compensadas pelo tipo de convivência familiar que ela possibilitava. O relacionamento com os pais, irmãs, primos, tios, avós e demais parentes é, no geral, harmônicos, e traduz uma vida que tem a família como eixo principal.

As relações com outras famílias que viviam na fazenda, a dos agregados, é relatada também como harmoniosa. No relato desse intelectual, a distância social entre o agregado e

o fazendeiro é avaliada como insignificante: eles eram quase iguais – pelo trabalho, que era realizado em conjunto, e pelas roupas que usavam.

O conhecimento tradicional é repassado através das gerações, e o escritor enaltece o fato de pertencer a uma família de pessoas que valorizam a educação e a cultura, enfim o conhecimento, mesmo quando não freqüentaram instituições de ensino. O trabalho na fazenda é descrito pela ótica das possibilidades de inventividade, mostrando como o fazendeiro da época lidava com os recursos que tinha na fazenda, criando instrumentos para facilitar a vida cotidiana. Ao tratar sobre o valor do conhecimento tradicional e da criatividade dos fazendeiros, Binômimo inclui o pai como um exemplo de um fazendeiro inventor. Entre os membros da família que contribuíram para o seu interesse pela pesquisa e para o conhecimento do meio ambiente regional, o escritor lembra o pai e um primo mais velho.

No relato biográfico de Binômimo, a saída da fazenda para estudos dos filhos inaugura uma oposição entre dois mundos e duas formas de conhecimento: a fazenda e a cidade, o conhecimento científico e o saber tradicional. A residência na cidade marca também o seu envolvimento mais efetivo com questões político-ambientais, a participação em associações e, sobretudo, a sua atuação não mais como fazendeiro – mesmo continuando proprietário de terras no município – mas como uma pessoa que reflete o mundo da fazenda segundo suas convicções ideológicas. A separação entre cidade e campo, que o seu relato evidencia, é realizada, sobretudo, durante a narração das transformações sociais e demonstra consciência diante dos acontecimentos. Sua concepção de fazenda e de fazendeiro assenta-se na realidade do passado da região e pressupõe a permanência da família do fazendeiro trabalhando na terra. Para ele, a vinda para a cidade descaracteriza por completo a estrutura sociocultural anterior e o “ser fazendeiro”:

Eu lembro que em 1968 eu já estava assim mais envolvido. Tudo que relacionava com pesquisa, qualquer coisa me cativava mais. Então eu me lembro que nós fizemos um seminário aqui foi em 68, 69, não me lembro mais – nós fizemos um seminário e eu já preocupado com a destruição do cerrado. Porque foi quando eles arrumaram uns tratores, treinando com correntes. Derrubavam tudo que estava na frente [...]

Essas mudanças ocorridas fizeram que me afastasse um pouco da fazenda. E eu comecei de vez em quando a escrever um artigo para um jornal, uma coisa assim. Mas na arte de escrever até hoje eu sou meio... Acho que comecei a escrever porque de vez em quando alguém me mandava uma notícia que tinha um concurso de contos e eu participava. Mas essa área era muito restrita.

Agora, o que eu fiz mais foi quando eu mudei para a cidade. Assim, mais definitivamente, eu comecei a participar da comunidade: era secretário, tesoureiro do clube. Do Jóquei Clube, por exemplo, eu fui (PINTO, 2003, p. 144).

A permanência na cidade marca também o início de sua atuação efetiva como pesquisador autodidata e escritor. E, nesse assunto, a oposição entre conhecimento tradicional e científico perde espaço para uma concepção que concilia esses dois campos. Binômino aproveita a permanência na cidade para realizar trabalhos que envolvem a prática associativa, vinculando-se às associações locais, e participa de movimentos relacionados às questões ambientais, dando continuidade a uma prática já iniciada na fazenda, que pressupõe a relação entre o conhecimento tradicional da natureza e o seu gosto pela experimentação e a observação.

Escrever é também uma atividade que ele iniciou depois da saída da fazenda e está relacionada a essas novas atuações no novo espaço social. O conhecimento acumulado durante a vida no campo sobre o meio ambiente natural da região e suas atuações nessa área em Jataí passam a ser conhecidas por pesquisadores de universidades goianas e de outros estados.

Com a mudança definitiva para a cidade de Jataí, Binômino dá continuidade às suas atividades de fazendeiro, de outra forma, e envolve-se mais com questões comunitárias e ambientalistas. Ele intensifica o atendimento aos pesquisadores que o procuram, interage com universidades, participa de eventos universitários e institucionais, escreve contos e artigos e passa a ser reconhecido como um pesquisador autodidata, defensor do meio ambiente e “sábio do lugar”: o “seu Meco” :

Eu sempre gostei do cerrado. Tudo que se dizia do cerrado eu participava, e tentava conhecer mais, saber mais das coisas. Porque, por exemplo, todo fazendeiro, realmente fazendeiro, conhece tudo do cerrado. Falta para eles às vezes é saber detalhar por exemplo: ele sabe que sangra d'água só dá na beira d'água. Então, falta para ele na hora dele falar “vamos povoar um córrego”. Ele falar o que deve ser plantado, as plantas que dão na beira d'água. Ele não atinou ainda de pensar isso, mas ele sabe, embora cada dia menos, sabe menos. Mas cada dia menos há gente que sabe. Mas, então, às vezes detalhes assim “essa planta dá fruta, essa fruta pode ser aproveitada”. Isso às vezes ele não atina de pensar essas coisas... ela pode se transformar na culinária, numa coisa. Por isso que eu dediquei mais a essas áreas assim, separando [...] (PINTO, 2003, p. 14).

É pensando a forma como Binômimo narra o conhecimento tradicional e a sua transmissão que se pode entender melhor que o não gostar da fazenda não significa romper com ela nem com o mundo que ela organiza, enquanto unidade simbólica e produtiva. Binômimo reflete o conhecimento acumulado e estabelece comparações com outras formas de conhecimento. Ele encontra vínculos, aproximações e afastamentos e põe em ação uma “consciência reflexiva”. Apesar de crítico quanto às mudanças econômicas e socioculturais que atingem a fazenda e a região sudoeste, ele é um incentivador das inovações tecnológicas, no mundo rural, e envolve-se com essas inovações. Não é apenas através do gosto pela natureza que ele se mantém totalmente na e da fazenda até quase os quarenta anos e procura contornar as suas frustrações pela não saída para estudar. É também como se, individualmente, ele buscasse uma “solução” para aquele “sistema” – como ele próprio denomina o “mundo da fazenda”- em crise, indo atrás de novas tecnologias e apresentando-as para os outros fazendeiros. Tal busca pressupõe para ele uma reflexão sobre o passado, sobre as ações das gerações passadas e uma consciência das contradições internas - decorrentes ou não do ingresso de formas de produção capitalistas na região sudoeste de Goiás, como podemos observar quando ele relata a sua própria experiência com o “consumismo”:

Eu fui deixando de trabalhar direto na fazenda, quando vim e trouxe os filhos para estudarem. E foi um período muito terrível também, porque foi o período que começou a mudança de todo um sistema de vida. Coincidentemente, foi também o período que eu vim mudar para cá. E foi quando começou o consumismo. Então, quem morava na fazenda e usava um sistema independente de tudo, chega aqui e começa a ser dependente e consumir (PINTO, 2003, p. 142).

Escrever, para Binômimo, é tanto uma consequência das pesquisas que ajudou a desenvolver junto com outros pesquisadores, quanto resultado do gosto pela leitura que herdou da família. A relação entre literatura e família coloca-se, da mesma forma, em parte dos escritores analisados, quando eles localizam no grupo de parentesco mais amplo uma característica familiar constante. Os escritores buscam na família, entre os parentes, uma herança, um elo, para a sua vocação cultural-literária.

Esse gosto pela leitura eu herdei dele (pai), mas isso eu já descobri que é da família Lima. A família Lima gosta de ler tudo, de todo lugar. Eu te contei que outro dia a gente estava lá na reunião de um lançamento de livro, do livro da Luzia, e convidaram a turma e várias pessoas e entidades foram ficar lá na frente, para formar a mesa. Quando terminou aquele lançamento, eu estava lá naquele movimento e resolvi contar quantos Lima tinham lá dentro, você não há de ver que 90% das pessoas que estavam envolvidas era Lima? Como cantor, declamador, poetas, onde já se viu? Mas o que que é isso?

Esse lançamento foi daquela poetisa que é secretária lá da academia. Foi outro dia aqui na Câmara dos vereadores. Falei: “- isso é da raça mesmo!” Era tudo Lima. Então Lima sempre tem a turma que gosta, meio metido a poeta. E veio de longe: o Silvestre da Costa Lima, o meu tio, que esse é um nome tradicional da família...Mas esse era o pai, para o avô. Era pai do Zé Primo, que foi o primeiro Costa Lima que veio para essa região. O pai dele chamava Silvestre (PINTO, 2003, p. 142).

Da mesma forma que Binômimo, Maria Eloá vincula o gosto pela leitura a uma herança familiar, como uma tradição herdada:

Na família Franco, é comum. A família Franco é muito grande no estado de Goiás. No sudoeste, nós temos Franco espalhado por todos os municípios. E muito raramente se encontra, entre os Franco, uma pessoa que não gosta de ler. E quando encontra a gente fica admirado. Então, eu não sei explicar de onde veio este gosto da leitura. Eu também não entendo porque um tio rico, fazendeiro, da minha mãe, tinha uma estante com livros da melhor literatura da época. E os livros eram editados em Portugal, edições de Lisboa da cidade do Porto e muitos livros editados em Portugal de franceses e ingleses. Era o melhor. “Os miseráveis” eu li na minha infância. Então, minha mãe pegava emprestados estes livros e a gente lia muito. Eu acho que isto influenciou muito em mim para que mais tarde eu pudesse escrever. Porque a gente primeiro gosta da literatura depois pretende fazer literatura. Eu acho que as pessoas que não lêem não serão escritoras, se escreverem serão medíocres. Temos que primeiro assimilar a literatura e depois com certa timidez, tenta-se escrever também.

Retornando ao relato de Maria Eloá, ela explica o que acontecia na época de sua saída da fazenda e remete às questões locais e regionais, inserindo sua própria trajetória no contexto social. O universo social narrado pela escritora apresenta diferenças na forma de retratar os personagens do campo, em comparação ao relato de Binômimo, centrado na família do fazendeiro, sobretudo no que se refere às outras categorias de pessoas que faziam parte do mundo da fazenda.

As famílias de trabalhadores e agregados são lembradas espontaneamente pela escritora, mesmo quando o assunto em pauta não se refere a elas. As diferenças entre fazendeiros ricos e pobres, grandes e pequenos, que a sua narrativa revela, constroem uma

caracterização do campo menos homogênea e menos harmônica, atentando para as diferenças internas da categoria de fazendeiros e para as relações de dominação e subordinação que ela presenciou. A escritora também deixa claro, desde o princípio do relato biográfico, o seu posicionamento político e ideológico a respeito dessas relações. A história da região da Serra do Cafezal, onde ela nasceu, é narrada tendo as diferenças econômicas entre as categorias de sujeitos evidenciadas desde o princípio, seguindo um eixo discursivo e a opção de sobrepor uma história centrada nas desigualdades sociais à história dos costumes. Ou melhor, uma história dos costumes tecida em meio às relações de dominação e violência, entre fazendeiros e as demais categorias que viviam no campo: os agregados, filhos ilegítimos, negros, mulheres e “bairanos”:

Meu pai foi um fazendeirinho pobre, o problema era o seguinte: o Cândido Costa Lima, que é o dito tio da minha mãe, que tinha livros, que eu nunca pude entender porque ele gostava de livros, ele era rico. Ele era um fazendeiro que cultivava muito café. A região recebeu o nome de Serra do Cafezal por causa da abundância de cafezais. Todos os fazendeiros, grandes ou pequenos, tinham os seus cafezais. Meu pai tinha um pequeno cafezal. Mas, os que tinham grandes cafezais e depois começaram a investir na pecuária e organizava os retiros de criações de gados ficaram ricos. Enriqueceram com o trabalho, embora gente não possa deixar de colocar aí a exploração do homem pelo homem, dos fazendeiros explorando os agregados o tempo todo. Pagavam salários mínimos, quer dizer salário mínimo não é a palavra certa, salários de fome. Eles não passavam fome, porque os agregados naquela época, tinham vida boa. Eles ganhavam pouquíssimo, mas tinham lá sua casinha, tinha seus porquinhos engordando, tinham as galinhas, comiam do bom e do melhor. E quanto ao vestuário, os filhos dos fazendeiros vestiam do mesmo jeito, porque era muito raro o fazendeiro que se preocupava, por exemplo, as moças tinham vestidos bons, de tecidos melhores. Mas alguns, até ricos, não ligavam para isto. As moças eram mal vestidas, descalças. Na nossa casa não servia de exemplo, porque meu pai era um fazendeiro pobre. Meu pai era criado na terra... Então, ele tinha os agregados. Tinha dois agregados que cultivavam na roça para os mantimentos do gasto. Plantava arroz, milho, feijão e não cobrava nada. Mas o meu pai era carreiro, carreiro apaixonado. Ele fazia frete para buscar o sal em Três Lagoas no Coxim.

A transformação regional também é objeto dos relatos de Maria Eloá e assume um caráter de proximidade pela forma com que atinge as famílias de fazendeiros de um modo mais geral. Tal qual Binômio, a escritora explica a mudança dos fazendeiros para a cidade por razões ligadas à educação. Suas narrações reafirmam uma característica, sempre encontrada nos relatos de Binômio, que mostra a preocupação dos fazendeiros com a educação dos filhos. Todavia, convém atentar para o modo como Maria Eloá destaca as

dificuldades e diferenças entre aqueles que podiam “por os filhos na escola” e os “que não podiam”:

Eu não sei explicar bem o que aconteceu. Mas me parece que a mentalidade dos fazendeiros mudou, foram forçados a mudar. Por exemplo, os fazendeiros não vieram para as cidades abandonando terra, vendendo sem um motivo. O motivo era os estudos dos filhos, não havia escolas rurais. Naquela época, os fazendeiros contratavam os professores. O poder público não dava a mínima importância ao pessoal da zona rural. Não havia escola mesmo. Então, o que eu acho que trouxe tanto os fazendeiros como os agregados, que trabalhavam nas terras deles, porque eles também vieram para que os filhos estudassem. Ficaram aí, trabalhando numa coisa ou outra que não era a profissão. Eles eram da terra. Eu acho e até chego a afirmar que o motivo foi este: o descaso do poder público na educação das crianças da zona rural, tanto dos fazendeiros como dos agregados. Porque, na medida do possível, eram contratados professores, repassava-se o dinheiro do cafezal e trazia o dinheiro para o caixa, mas também não havia tantos professores na zona rural. Em geral, os professores eram os escrivões que lecionavam também.

Após dois anos de estudos, em Rio Verde, e a morte do tio que provia seus estudos, Maria Eloá retorna para fazenda e permanece durante dezoito anos trabalhando como professora nas escolas das fazendas de parentes em Serranópolis. Durante esse tempo, casa e, quando a filha alcança a idade de doze anos, muda-se da fazenda para Jataí. O estudo da filha estimula-a a voltar a estudar, e ela resolve fazer o ginásio. Cursa o ginásio em Jataí, junto com alunos mais jovens e, quando termina, muda com a filha para Goiânia. Na capital, a escritora cursa o segundo grau, faz o vestibular para o curso de Letras e é aprovada em primeiro lugar. Em 1970, quando cursava o segundo ano de letras, abandona os estudos por motivos familiares, retorna para Serra, agora município de Serranópolis para dirigir o ginásio da cidade a convite do prefeito. Logo depois, ela retorna definitivamente para Jataí.

Duas experiências de Maria Eloá são significativas para entendimento de suas idéias e de sua literatura: o envolvimento com o *esperanto* e a vinculação ao partido comunista. O *esperanto* ela descobriu quando ainda morava na fazenda, através de uma rádio do Rio de Janeiro (Rede Mundial de Rádio). Ela fez o curso pelo rádio e, juntamente com uma prima, em Jataí, organizou um grupo e começou a se corresponder com pessoas de vários países. A experiência com o *esperanto* foi interrompida em 1964, com a ditadura militar. Nessa época, houve muita perseguição aos estudantes de Jataí. Ameaçada de prisão, ela suspendeu as correspondências e perdeu o estímulo para continuar.

Em suas avaliações sobre a sua trajetória, a escritora considera que o esperanto possibilitou-lhe o alargamento da sua visão de mundo através do contato que fez com pessoas de diferentes países.

Esta oportunidade do esperanto também me ajudou muito a acordar para um punhado de coisa. Inclusive, esse aprendizado derrubou as barreiras de línguas, porque eu só sei português e esperanto. Naquele tempo, eu mantive correspondência com pessoas de vários países. E para escolher os meus correspondentes, porque nós assinávamos uma revista que é do órgão oficial do esperanto, registrado na Holanda, e trazia muitos endereços de pessoas interessadas em correspondência. E era uma correspondência séria, correspondência importante, correspondência que possibilitava uma amizade verdadeira entre as pessoas. Pessoas de países diferentes, que nunca se encontraram e que não sabem a língua nacional um do outro. Então, eu escolhi pessoas de países de língua eslava. Eu queria fazer um teste com o esperanto para saber se realmente era válido. Se o esperanto serviria pra um intercâmbio internacional entre os povos do mundo. E como a língua eslava não tinha nada a ver com a nossa, e eu não fiz nem inglês, nem francês, nem italiano, nada de língua latina, eu fui buscar lá no oriente da Europa. E verifiquei que o esperanto realmente funcionava.

Durante a segunda experiência em Rio Verde, em 1944-1945 (a permanência anterior, em 1943, foi para cursar o primário) para estudar na Escola Profissional Rural, Maria Eloá conheceu as idéias do partido comunista e interessou-se por elas. No discurso que proferiu em agosto de 1945, durante a militância no partido, a escritora deixa entrever as linhas ideológicas que definiram o seu posicionamento político naquele momento, como se pode verificar no seguinte trecho:

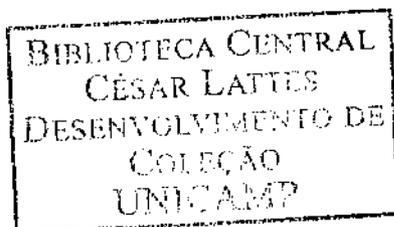
‘Por que me tornei comunista’.
Amigos e Companheiros.

...Companheiros, eu, como camponesa que sou, que nasci, cresci e tenho vivido na fazenda, no convívio com os sertanejos pobres da minha terra, bem posso dar-lhes uma idéia do que é a vida para os meus infelizes conterrâneos.

Desde a infância, tenho acompanhado de perto o mourejar constante dos roceiros e a grande miséria que sempre tem habitado em nossos sertões, transformando os habitantes do campo em seres à parte que não têm nada senão o trabalho rude e penoso dos sítios.

E, contudo, não se pode dizer que os sertanejos não sejam capazes de grandes cousas. Quantas inteligências lúcidas não conheço nos ínvios sertões serranos.

Mas lá não existem escolas e nenhum meio há dessas inteligências se desabrocharem para serem úteis a si mesmas e aos outros. E ali crescem crianças vivazes que se transformaram em jovens indiferentes a tudo que não seja o cultivo da terra e a criação do gado e que são explorados e prejudicados em seus interesses.



Pois, amigos, foi pensando em tantos companheiros que como eu nasceram em tão precárias condições, que fiz a mim mesma o protesto solene de trabalhar, lutar e fazer algo pela nossa emancipação das classes pobres da minha terra (LIMA, 1988, p. 98).

Apesar dessa filiação político-partidária, a escritora fala com ponderação sobre as influências ideológicas do PC e suas idéias críticas em relação às relações de trabalho no campo na época. Para ela, o seu pensamento já tendia a ver tais relações de forma diferente da sua família e encontrou nas idéias do partido uma fundamentação ideológica. É curioso como, em seu relato, a experiência com o PC surge na resposta à pergunta sobre a ênfase que a escritora dá, em seus romances, às categorias de trabalhadores do campo. Para explicar tal característica de sua literatura, ela lembra que os seus pensamentos já estavam voltados para esses sujeitos, quando encontrou as idéias do partido. No momento da entrevista, quando o assunto surgiu, estava presente Antônio Cândido, esposo da escritora, que participou da conversa e enriqueceu o diálogo:

Maria Eloá - Mas era assim, eu coloco os baianos, os agregados... Parece, filha, que a gente já nasce com uma cabeça mais ou menos encaminhada. Depois de Rio Verde, veio a Segunda Guerra Mundial, houve uma liberação grande. O partido comunista se tornou legal e eu me filiei no partido comunista. Se eu me senti atraída é porque eu já tinha uma cabeça encaminhada. Eu, sozinha lá em Rio Verde, não tinha como dizer se eu entraria naquele partido, se era perigoso, diz que mata até criança...

Cintya - A Senhora foi indicada por alguém?

Maria Eloá - Eu morava na casa de uma viúva, que tinha um genro que era comunista. Ele e a esposa. Então, eles me convidaram para participar de uma reunião no comitê. Estava tudo novinho, a guerra tinha acabado de terminar. Eu participei da reunião, comecei a estudar, me informar e eu conservei essas idéias.

Cintya - A senhora ficou quanto tempo no partido?

Maria Eloá - Eu diria que estou nele até hoje, não filiada.

Cintya - Eu soube que a senhora foi candidata a vereadora aqui em Jataí, como foi essa candidatura?

Maria Eloá - Eu fui candidata a vereadora pelo PT. Depois de ter voltado de Rio Verde, meu sogro era completamente avesso à idéia de reforma agrária. Mas o meu marido, que era contra, criticava muito de mim dizendo que todo comunista tinha a calça remendada na bunda, quer dizer, preguiçoso. Aí, eu tentava clarear as idéias dele e deixei-o à vontade. Fica ele para lá com as idéias dele e me deixa com as minhas. Mas depois, lá na fazenda eu comecei a observar. À tardinha, quando vinham peões e peões, porque depois nós tivemos os nossos próprios agregados, esperando terminar de arrumar o jantar, eu comecei a ouvir meu marido a conversar com eles sobre as coisas, tentando colocar na cabeça deles, aquilo que eu tinha pensado em colocar na cabeça dele. Então, isso foi uma coisa extraordinária. A partir das observações, mas ele não dava o braço a torcer, eu passei a observar. E mesmo antes do PT, a gente já pensava na reforma agrária. Tem até um projeto que nós fizemos juntos, um projeto de reforma agrária, que eu gostaria que adotassem a nível municipal, para a coisa sair. Então, é isso.

Cintya - Eu li, em Serra do Cafezal, um trecho onde a senhora conta um caso sobre a sua volta de Rio Verde, sobre sua relação com a família de agregados de sua avó. Nesse trecho do livro, me parece que a senhora vive um conflito entre a consciência de saber dos direitos dos agregados e a relação com sua avó Floriana. Eu queria mergulhar mais fundo nesse conflito: entre o conhecimento ideológico que a senhora adquiriu em Rio Verde e a sua volta para a fazenda.

Maria Eloá - Esse conflito existiu. Interessante, o meu próprio pai, analisando depois calmamente as minhas idéias, ele aderiu, mas no início não. Eu era vista como uma pessoa perigosa. Quando eu cheguei à região da Serra Cafezal, as pessoas não me repudiaram. Até hoje as pessoas dizem assim: "Eu gosto de você desde o tempo que o povo falava que você era comunista".

Antônio - Naquele tempo, os agregados eram amigos dos patrões.

Maria Eloá - Ele está reforçando um lado, que eu falei só de mim.

Antônio - Os agregados e patrão eram uma coisa só. Só que uns eram os que trabalhavam e outros os que pagavam.

Maria Eloá - Uns exploravam e outros trabalhavam, mas era isto.

Antônio - Não, exploravam porque aquilo era a vida.

Maria Eloá - Aquilo era vida, mas era exploração.

Antônio - Mas se não der emprego não tem como viver.

Maria Eloá: Eu aceitei o comunista porque ele oferecia oportunidade de tantas mudanças. Eu acho que já tinha a minha cabeça meio encaminhada, porque eu imediatamente aceitei, eu abracei a causa lá em Rio Verde. Agora, sobre o conflito, quando eu percebi que não havia o terreno, não tinha a possibilidade de tocar para frente. Mas eu ainda fiz a campanha de Isabel Santos que foi candidata pelo partido comunista. Ela morreu aqui, em Jataí, foi professora aqui em Jataí. Ela foi candidata a deputada estadual. Então, eu estava de professora na fazenda do pai do meu marido e ainda parti para dar uma força a Isabel lá na região. Fui ver se arrumava mais alguns votos para ela, contrariando todo mundo, com dizeres.

Cintya -E nesse momento, surgiram outros conflitos?

Maria Eloá - Houve conflitos. Eu recebi uns papéis, enviados pela Irmã Delfonso, que era a líder aqui. Eram papéis de propaganda política do PC, papéis de reforma agrária. E eu me aventurei a colocar aqueles papéis na porta da escola que era na fazenda do pai do meu marido. Nessa época, nós já éramos casados. Aí, ele disse: " - Tire aqueles papéis, meu pai não vai gostar." Mas eu disse: " - Lá é uma escola e eu sou a professora." Mas aí ele próprio foi lá e tirou. Então, o que foi que eu fiz? Botei a viola no saco e descabreei. Não havia campo, não havia como fazer nada, desisti.

Cintya - Como os fazendeiros reagiram a essa entrada do PC na fazenda?

Maria Eloá - Lá na região da Serra do Cafezal, tinha o amigo Teixeira, que era comunista e gostava, e havia uns outros poucos, que apesar de serem donos de terras, gostavam. Mas os outros odiavam, combatiam como um perigo. E também a Igreja Católica, que fazia uma guerra cerrada contra. Eu nunca pude entender os rapazes de roupa vermelha que saíam para todos os cantos. Eles falavam tanto horror, espalhavam livros, cartazes dizendo que o comunismo matava gente, que na Rússia o comunismo era ruim. Então, é como se eu estivesse politicamente morta durante vários anos. Depois, morando aqui em Jataí anos e anos depois, eu vi o PT na televisão e disse ao meu marido: "Eu vou ingressar nesse partido".

Quando já morava efetivamente em Jataí, Maria Eloá filiou-se ao Partido dos Trabalhadores - PT e depois ao Partido Democrático Trabalhista - PDT e se envolveu com a militância política. Foi candidata à vereadora, desfilou-se duas vezes, por insatisfações com a organização interna desses partidos. Atualmente, a escritora declara não ser filiada a nenhum partido, apesar das simpatias por tendências políticas de esquerda.

O afastamento definitivo da fazenda transformou a relação objetiva que mantinha com o campo e ingressou na literatura, em 1998, com *Serra do Cafezal*, romance que conta histórias transcorridas nas fazendas da família em Serranópolis. Como ela mesma afirma, a fazenda passa a existir apenas em pensamento e depois em seus livros. Com a publicação do primeiro livro, a escritora ingressou na Academia Jataiense de Letras, mas por pouco tempo. Afastou-se dessa instituição, por não encontrar um grupo de interlocução satisfatório para ela:

Parece que estive mais ligada à fazenda após a minha saída de lá. Isto eu acho importante, quando a gente perde é que a gente dá valor. Quando eu mudei, eu ia pouquíssimo à fazenda. Nós vendemos nosso sítio, nossa sede, como dizem, para o meu sogro mesmo. Então, a gente não tinha compromisso nenhum. Meu marido se transformou em comerciante de gado. Ele comprava muita terra, o dinheiro que sobrava ele comprava um pedaço de terra. A terra não valia nada, a pessoa ficava muito apertada e ele tinha visão. Só que depois as dívidas “demoliram” tudo. Esse amor à terra, esse desejo que chega a ser até meio doloroso, porque às vezes eu fico pensando que se tivesse um alqueire de terra, meio alqueire, eu seria agregada de um fazendeiro, se me descem. Mas agora na minha idade, não é possível, eu fiz 80 anos no mês passado.

Outro autor que é objeto da nossa análise, também inserido no contexto jataiense, é Basileu Toledo França. Sua biografia destaca-se dos demais escritores analisados por várias razões, entre as quais, a densidade de sua obra e o seu percurso social diferenciado. É o escritor mais velho em idade. Nasceu em 1919, na cidade de Jataí. É autor dos ensaios que ajudaram a instituir uma idéia de região para o sudoeste e do romance histórico sobre a fundação da cidade de Jataí, texto que é uma referência de escritura de história local, para os demais escritores entrevistados. É reconhecido como autor dos “textos primeiros”, por instituir na região uma tradição de escritura sobre as localidades. Publicou dez livros sobre Jataí e a região. É membro da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e não se integrou, como os demais escritores, na formação e participação das academias das localidades do sudoeste de Goiás, apesar de manter-se informado sobre a região e de ter o nome integrado na Academia de Letras de Jataí e de participar de eventos locais dessa cidade, como atesta sua biografia.

Dos autores incluídos neste trabalho, Basileu é o que mais possui informações biográficas escritas e organizadas. Escreveu e publicou sua autobiografia, abrangendo o

período que viveu em Jataí - até 1931. Publicou um depoimento pessoal em forma de entrevista com os seus confrades da academia, e organizou o próprio acervo biográfico, que incluiu as entrevistas concedidas a jornais e revistas e os comentários de críticos e colegas. Por ocasião da criação do Centro Cultural de Jataí, Basileu doou o acervo pessoal para esse centro, que recebeu o seu nome.

Uma das conseqüências do número de informações pessoais desse autor e do volume de suas publicações é o desnível que se estabelece na comparação com os outros autores. As informações biográficas escritas de França diferenciam-se em quantidade dos outros escritores focalizados neste trabalho. Mas, essa vantagem em informações traz desvantagens comparativas e analíticas, por apresentar uma visão de que *tudo já foi escrito*, de *completude* mesmo. Entretanto, na tentativa de contornar esse desnível, foram considerados os relatos biográficos, escritos em diferentes fontes, também dos outros s autores, buscando-se compreender cada biografia de forma singular. Como compreende Mandelbaum, (1973) que lidou com essas mesmas questões ao realizar mais um estudo sobre Gandhi, o excesso de informações e interpretações é um dado a se considerar do ponto de vista das vantagens e desvantagens, quando se enfrenta uma biografia. Essa peculiaridade da biografia de França tem também como conseqüência, para o trabalho do pesquisador, a dificuldade de vê-lo desvencilhado da imagem que esse escritor teceu para si próprio ao longo dos anos.

O período que viveu em Jataí com a mãe, até os doze anos de idade, foi escrito em 336 páginas da biografia publicada *Monólogos em surdina*. Nessa publicação, Basileu conta sua versão do lugar em que nasceu e fala das raízes familiares anteriores ao seu nascimento.

De forma diferente de Binômimo e Maria Eloá, Basileu nasceu na vila de Jataí e, apesar de a origem da família paterna ter vínculos mais próximos com a fazenda, o escritor narra sua infância e adolescência como vivida no cotidiano das ruas de Jataí. Ao tratar das famílias paternas e maternas em sua biografia escrita, esse autor constrói suas origens familiares através da demarcação dos universos do campo e da cidade:

Nesse pedaço de chão aprazível e cheio de encantos da natureza, onde nasceu meu pai, o primogênito José começou a trabalhar muito cedo a fim de ajudar os pais na lida diária da fazenda. No curral. No engenho. Nas plantações. E quando já era maiorzinho acompanhava o carreiro até o

Jataí com o fim especial de vender produtos do campo. Desde a lenha das pequenas derrubadas anuais até o queijo, manteiga, rapadura, farinha de milho e polvilho de mandioca. De um tudo, como se fala por lá. Aos 13 ou 14 anos de idade, já ia sozinho à cavalo fazer o seu comércio na rua, de casa em casa. Em uma dessas idas à cidade, que começava a atraí-lo como lugar melhor para se viver, estudando, aprendendo e progredindo, ele conheceu certa garota bem mais nova e enamorou-se dela (FRANÇA, 2000, p. 30).

Falando da origem da família materna, ele faz uma descrição da casa em que viviam:

Ali estavam os Toledos na rua do Sapo, saída para Rio Verde. Moravam em casarão de esteios de aroeira à vista, várias janelas abrindo sobre a rua e um rego volumoso de água muito clara que corria silenciosamente nos fundos, bem perto da cozinha, da latada de chuchu e do jirau de pratos e panelas. Na sala da frente funcionava a escolinha do maestro e fotógrafo Olímpio Guimarães de Toledo, que ensinava primeiras letras e música a várias crianças e jovens do lugar, mantendo ao lado pequeno ateliê fotográfico (FRANÇA, 2000, p. 29).

As diferenças entre as duas famílias são demarcadas:

O tio Olímpio, como era chamado carinhosamente o professor, músico e fotógrafo, levava uma vida muito diferente daquela vida de austeridade dos Françaes, dedicados apenas à disciplina diária do trabalho do campo, com o peso e a urgência das tarefas que se iniciavam antes do sol amanhecer. Sem divertimento e sem lazer de qualquer espécie. Viver era sinônimo de trabalhar, apenas trabalhar. Não, a casa da rua do Sapo aparecia constantemente cheia de gente e de sons dos instrumentos de banda – a banda Sta Cecília – que o regente fundara e dirigia. Lá vivia uma família alegre e divertida, trabalhadora também mas nem tanto, que gostava de festas, saraus e serenatas. Outro mundo, portanto, para aquele garoto nascido e criado na Gurita, às vezes chegando à porta da morada a fim de oferecer os seus produtos do campo sendo anunciado aos gritos pela guria, á qual ele se afeiçoara sem nada manifestar (FRANÇA, 2000, p. 29).

Segundo Basileu, a decadência econômica da família paterna, no campo, gera a transferência para a cidade, onde o pai ingressa no ramo do comércio e se enriquece culturalmente pelo convívio com pessoas intelectualmente mais esclarecidas e por um autodidatismo. Uma peculiaridade que já no início se destaca, na autobiografia de França, é o modo como ele encaminha a narrativa para a localização da influência intelectual, que têm a origem no grupo familiar. O autor refere-se ao pai apresentando-o como um autodidata no ofício do comércio. A influência do meio cultural da cidade é um fator que o faz crescer intelectualmente. Os parentes da mãe também são considerados pelas suas qualidades na área da cultura, como o tio que dava aulas de música em Jataí. O pai torna-se

um comerciante promissor e alcança o posto de promotor. Após o casamento, a família de Basileu continua morando em Jataí, até a morte do pai por tuberculose. Primogênito e órfão de pai aos três anos de idade, o escritor muda-se para a casa dos avós, logo após o segundo casamento da mãe. Segundo diz em sua autobiografia, a mudança para a casa da avó deveu-se a dificuldades no relacionamento com o padrasto.

Basileu permanece, até próximo dos doze anos, em Jataí, quando, após um período com a mãe, parte para São José do Rio Preto com os dois tios maternos para estudar. Após concluir o ginásio nessa cidade, em 1938, então com dezenove anos, transfere-se sozinho para São Paulo, onde dá continuidade aos estudos e trabalha como revisor de livros na Editora Revista dos Tribunais. Em 1942, ele retorna a Jataí por causa da doença da mãe, que morre no mesmo ano. Durante a permanência de quase um ano na cidade nesse período de doença da mãe e, segundo ele diz, “para preencher o tempo” e sanar a angústia pelo mal incurável da mãe, Basileu recolhe dados e depoimentos pessoais sobre a história de Jataí os quais irão fundamentar o seu primeiro romance histórico: *Pioneiros*.

Conforme o seu relato para esta pesquisa, a saída de Jataí para os estudos foi difícil. A pobreza e a orfandade aparecem como traços do passado, da infância, que limitavam as possibilidades da saída para a continuidade dos estudos:

Outra coisa, as pessoas de maior posse, eu particularmente tive a felicidade de estudar em São Paulo, embora eu fosse menino pobre e órfão, porque minha mãe tinha dois irmãos, que trabalhavam e se dispuseram a me orientar e a me ajudar. Mas lá, naquela época da minha meninice, só os filhos de pessoas ricas, fazendeiros e comerciantes, quer dizer, rico é... vamos dizer assim, relativo a um ambiente e a época, é que tinham condições de levar os filhos para estudar lá fora. Então de tal maneira o comércio de gado se fez assim, constante, durante décadas com Barretos, e outras cidades, mas essa especialmente, que vários fazendeiros passaram a ter casa em Jataí e casa em Barretos. Porque lá morava a família pros filhos estudarem. Então eu vou te contar casos de médicos, casos de advogados, casos de engenheiros e pelos pais terem casa em Barretos, viveram o ambiente paulista, e tiveram toda a influência da educação paulista, com todas as deficiências naturais que todos tem, e estudaram em Ribeirão Preto, estudaram em Franca, era naquele tempo, um pólo muito importante de cultura e educação. Franca, Mococa, parece que tinha uma cidade que chamava Mococa, eu não me lembro o nome, Jabuticabal, e outras que à medida que iam fazendo o curso médio, o curso secundário naquela época, o ginásio que ia direto pra faculdade, foram pra universidade, então aí vem vários casos, e esse pessoal voltou. Porque em Jataí, as famílias radicadas lá, raízes de lá, tem esse mérito de não abandonar a cidade, por algum tempo. Hoje naturalmente pode ter mudado. Rio Verde também tem essa característica, Mineiros. Mineiros eu tenho um colega de infância, ainda é vivo, é um velho como eu, dois filhos dele formaram-se em Medicina em Portugal. E voltaram e criaram um hospital lá em Mineiros. Então essa experiência não é apenas de Jataí, ela é coletiva da região. O que é uma coisa importante.

No depoimento que forneceu ao Museu do Som da Academia Goiana de Letras, Basileu fala de sua saída de Jataí para os estudos como uma oportunidade única de aquisição de cultura e conhecimento, cujo acesso era restrito a poucos na época. Em resposta a uma das perguntas dos acadêmicos, o escritor retoma a oposição entre a cidade e o campo e a valorização da instrução que também observamos nos relatos para a esta pesquisa⁹:

Sem dúvida alguma esse afastamento de Goiás foi altamente benéfico para mim... Era um privilégio. Entretanto, apesar da minha pobreza – um simples engraxate, prejudicado nos estudos por longo tratamento dos olhos e sem patrimônio familiar – fui viver em uma cidade maior do que Jataí, em pleno desenvolvimento, com estrada de ferro, hospitais, escolas e tudo aquilo que constituía, na época, a florescente boca do sertão da Alta Araraquarense. De um pequenino núcleo rural, que era a continuação dos campos de criar, passei a centro realmente urbano, com todas as vantagens que a civilização nos oferece aí, para a formação da personalidade e da cultura geral.

Em Rio Preto, freqüentei as melhores famílias e os melhores ambientes, graças à amizade dos meus tios Sebastião e Ulderico T. Piza, que eram dois jovens lutadores. Um jornalista e outro bancário. Ambos gozavam de muito bom conceito na sociedade local e isto representou grande ajuda para a minha formação, em contato com pessoas educadas, finas e cultas (FRANÇA, 1979, p. 24 - 25).

O retorno do escritor a Jataí, aos vinte anos de idade, lhe dá-lhe a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre a história da cidade. Para Basileu, a experiência do trabalho como revisor de livros, na Revista dos Tribunais, em São Paulo, o fundamentou e aguçou a sua sensibilidade para o resgate da memória social local. Nesse momento, o escritor se diz privilegiado por reunir as possibilidades do nativo – que lhe permitiu ter acesso aos informantes e aos documentos com mais facilidade – e do intelectual, que lhe propiciou o distanciamento necessário para olhar e ver com outros olhos os aspectos da cidade não vistos pelos nativos. Essa diferenciação de valor que o autor estabelece está presente em sua obra, quando menciona o descaso das pessoas em Jataí para com os documentos históricos:

E eu então não fiz isso conscientemente, mas quando cheguei a Jataí, já cheguei com essa bagagem, e o meu subconsciente estava carregado da importância, do valor e da riqueza desse

⁹ O depoimento do escritor ocorreu em 1978, quando ele respondeu às perguntas de treze acadêmicos goianos. Essa entrevista foi publicada em 1979 por uma editora goiana (FRANÇA, 1979). As informações biográficas do escritor foram extraídas principalmente desse depoimento escrito, de sua biografia escrita (FRANÇA, 2001) e da entrevista fornecida para este trabalho.

assunto, para quem quisesse preservar a memória social. Então, quando eu cheguei de São Paulo, eu já cheguei preparado para essa visão diferente. Eu não era um nativo, um filho da terra que estava vendo o assunto dia a dia. Em Sociologia, se chama “estranho sociológico”. A pessoa que chega, numa sociedade, e tem acuidade e intuição para entender a importância de certas coisas, que os locais não avaliam e nem apreciam, nem dão o devido valor. Então, eu cheguei com essas duas vantagens: ser filho da terra e ter circulado tranquilamente no meio de todas as famílias. Descendente dos Vilelas e Carvalhos, que minha avó era Carvalho e Vilela, e amigo dos velhos que eram amigos dos meus pais, foram amigo dos meus pais e amigos do meus avós. E eu então tive a liberdade de entrevistá-los, numa época que não havia gravador, era tudo na ponta do lápis. Isso é outra curiosidade que eu posso te contar de passagem. Então, essa preparação, de leigo, autodidata, mas com embasamento em obras de alto valor, e num trabalho sério como de revisor de livro, que é uma profissão que realmente me honra ter exercido, quando novinho, um ano, dois anos, aprendi demais.

Após a morte da mãe, Basileu mudou-se para o Rio de Janeiro e estudou durante um ano na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Praça XV. Em 1944, retornou a São José do Rio Preto, cidade onde também vivia a família da futura esposa, que conheceu durante a sua permanência anterior. Casa-se com a historiadora, filha do jornalista Eduardo Gomes, e trabalha com o sogro no jornal local. Nesse período em São José do Rio Preto, trabalha com os dois projetos de história local que realizou: a segunda versão de *Pioneiros*, agora na forma de romance, publicado por uma editora dessa cidade, em 1954, e a pesquisa que fundamentou seus trabalhos escritos sobre a história de Rio Preto, estes não publicados. Ainda nessa época, o escritor envolveu-se com as questões culturais e políticas da cidade. Foi suplente de vereador pela UDN e participou de atividades ligadas à cultura local, como a implantação da Casa de Cultura e a participação no I Congresso Paulista de Escritores.

França manteve-se desde essa época, ligado às atividades educacionais, juntamente com a esposa. Dirigiu uma escola profissionalizante do SENAC e teve a sua própria escola – um ginásio. Segundo o autor, as “pendengas jurídicas” com as quais ele e a esposa tiveram de lidar por causa da escola, os desmotivaram-nos a permanecer em Rio Preto e os conduziram para Goiás, aceitando os convites de amigos. Em 1955, França retorna definitivamente para Goiás, dessa vez para Goiânia.

Na capital, a partir de 1955, França dá continuidade à carreira de escritor e professor e ingressa no serviço público estadual. Assume a direção de instituições e órgãos do estado ligados à cultura e educação, nos quais exerce diferentes funções públicas. Na área de docência, destaca-se a participação do escritor no processo de criação da Universidade Federal de Goiás e na instituição da cadeira de Sociologia da Educação da Faculdade de

Educação, onde ministrou aulas. A carreira de França em Goiânia está vinculada às suas funções e atividades como funcionário público e à participação no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, onde exerceu um mandato como presidente, bem como na Academia Goiana de Letras, onde ingressou em 1965.

Retomando novamente o depoimento que forneceu ao Museu do Som da Academia Goiana de Letras, verifica-se que as perguntas que os treze acadêmicos, dirigiram à França se referiram a fatos, histórias, pessoas, lugares e publicações do escritor sobre a região sudoeste de Goiás e Jataí. As indagações dos colegas escritores informam um certo reconhecimento dos entrevistadores sobre a ligação da obra e do escritor com tal região e localidade, como se pode verificar:

1. Qual o motivo de sua saída de Goiás por algum tempo e a razão de sua volta?
2. Foi benéfico esse afastamento? Porquê?
3. Sociólogo, alguns possíveis valores da cultura mineira – sóciohistórica – interferiram em sua tentativa de interpretação do sudoeste?
4. Acha que o sudoeste, em termos de desenvolvimento, segue exatamente as trilhas abertas quando de sua incorporação à realidade goiana?
5. O rio Claro e outros cursos d'água da região de Jataí têm sido respeitados na estrutura de sua ecologia?
6. A quase universidade que funciona em Rio Verde está modificando realmente a paisagem cultural do sudoeste?
7. A que se pode atribuir a ausência de jornais e revistas na região sudoeste de Goiás?
8. O que mais o impressiona na região em que nasceu?
9. Que reminiscências você pode transmitir sobre a passagem em Jataí da Coluna Prestes?
10. Quais suas recordações infantis do atual poeta José Godoy Garcia?
11. Estabeleça, caro confrade, uma relação socioeconômica e cultural entre a região de S. José do Rio Preto e Jataí.

Esse depoimento de França comprova já haver, em 1978, quando ele foi concedido, um reconhecimento de suas obras e estudos de escritores da capital, que o qualificam, a partir de sua relação com o sudoeste de Goiás. As perguntas dos escritores da academia goiana de letras ao escritor abordam também outra característica das suas obras: a predileção pelo ensaio históricosociológico ou, quando se trata de romance, a presença marcante de fontes históricas na composição da ficção. Também nesse aspecto sua biografia desse escritor contribuiu, ao revelar as suas passagens pela academia e as pesquisas como autodidata.

Em um outro momento desse mesmo depoimento, quando lhe é perguntado acerca de sua dedicação preferencial ao gênero ensaio, ele respondeu:

A questão de consciência diante de documentos, que estão desaparecendo de arquivos públicos, que estão se deteriorando, e a minha função de jornalista em contato com esses papéis durante nove anos, como já disse aqui, me levaram um dia a me debruçar sobre todos os livros do cartório de Rio Preto. Sobre todos os livros da Câmara de Vereadores, especialmente os de leis da municipalidade. Sobre documentos infindáveis do arquivo na capital de São Paulo, de jornais de Jaboticabal, Araraquara e outras cidades paulistas, para fazer durante seis anos seguidos – de 1945 a 1951 – a história de uma região e de uma cidade onde realmente não nasci. Então, não é apenas por amor a minha terra propriamente dita, que no caso seria Jataí, mas por uma questão de consciência diante dos fatos e dos documentos. É isso que tem me levado quase sempre a escrever, mas eu gostaria de não ter um documento, uma fotografia ou um arquivo se deteriorando diante de mim, para me dedicar mais à arte literária, porque sinto que esta é realmente a minha vocação maior: fazer histórias, fazer ficção (FRANÇA, 1979, p. 54).

A pergunta do colega escritor chama a atenção para uma característica reconhecida na obra de Basileu, constituída, em parte por ensaios histórico-sociológicos baseados em pesquisas primárias de documentos e em depoimentos pessoais. Na resposta, o autor esquivava-se da vinculação com o lugar de nascimento como pressuposto da sua escritura, mas confirma o seu gosto pela pesquisa sobre os lugares. A resposta de Basileu nada revela também sobre os seus sentimentos pela cidade natal. Na verdade essa definição só foi possível de ser observada de forma indireta, por intermédio de sua biografia e de outros depoimentos em que fala de fatos de sua vida, tais como as razões pelas quais decidiu dar o nome do fundador da cidade de Jataí ao único filho homem: João Manoel.

Na entrevista para este trabalho, França falou sobre esse assunto, mas reportando-se ao período em que trabalhou como revisor em São Paulo. Ele considerava que a experiência de dois anos nessa cidade fora decisiva na aquisição de fundamentos para sua atuação como pesquisador autodidata e, sobretudo, a confiança para assumir o valor do conhecimento local no contexto mais amplo da literatura nacional. Esse afastamento temporário de Goiás, deu ao escritor o argumento de outras referências para a sua literatura, ligando-a às obras de autores sem a formação universitária específica:

A minha paixão pela história, pelos fatos, pelas pessoas, por documentos, as fotos, todo esse material eu já tinha adquirido antes, porque eu fui revisor da Revista dos Tribunais, durante dois anos. Trabalhei em revisão de livro e revisão de livro se faz de dois. Eu trabalhei com um ex-franciscano,

um verdadeiro sábio. Ele, lógico, não me deu aula com sistemática, como um curso, mas eu aprendi demais com ele, por exemplo, eu ajudei a fazer a revisão do “Viagem Pitoresca através do Brasil”, do Rugendas, que era do alemão, ele grande conhecedor do alemão, quem traduziu foi o Sérgio Millet diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, naquele tempo, importantíssima. Ele tinha então uma coleção de livros, só sobre esse tipo de estudos. Não só de estrangeiros como de brasileiros. E lá também se imprimiam muitos livros da José Olympio, Coleção Documentos Brasileiros, que eu tenho quase todos e ajudei a revisar vários deles. Eu tinha a Coleção Brasileira, vários volumes da Brasileira foram editados. Então, eu embora tivesse me preparado para fazer outro tipo de curso, fui me apaixonando, porque eu lia das sete horas da manhã às cinco horas da tarde, só com um intervalo de uma hora para o almoço, e supervisionado por um verdadeiro sábio que era o meu amigo Jorge de Souza, que teve outro caso, outra história. Então, aquilo realmente me deixou surpreso de ver a riqueza deste material, e outra coisa, era na maioria feita por leigo, autodidata, que um era engenheiro, outro era médico, mas resolveram fazer aquilo, se apaixonaram, e hoje são livros estudados na Universidade.

Sobre como ele considera a si mesmo em relação aos estudos que fez e às obras que publicou, França responde:

Eu respondo com toda sinceridade, que eu tenho consciência de que eu não sou historiador. Eu tenho é realmente um grande gosto e interesse, paixão, pela história, pelo passado, pelos feitos individuais também de algumas pessoas, e isso em decorrência daquela minha experiência na Revista dos Tribunais que foi acumulada durante dois anos. Mas o que eu sou então? Eu mesmo me pergunto. Na minha opinião, eu sou um estudioso de história local. Um pequeno estudioso da história local, ou quase insignificante porque o Brasil todo não me conhece, e sou na realidade um pesquisador desse tipo de vida, desse passado e dessa documentação. Eu sou na verdade é isso. Um curioso que estuda história local e pesquisa. Então, eu não sou historiador, sou um pesquisador e estudioso de história local. Porque eu fiz lá em São Paulo, e fiz em Jataí.

Na mesma entrevista, França falou sobre o seu reconhecimento como escritor regional, por parte das instituições públicas e do governo de Goiás. Foi na época em que era assessor de educação e cultura, no governo de José Feliciano Ferreira (seu conterrâneo de Jataí) que ele realizou, sob encomenda, o estudo sobre o sudoeste, intitulado: *O sudoeste: tentativa de interpretação*, destacado no primeiro capítulo deste trabalho:

Eles sempre me respeitavam porque eu sempre fiz trabalhos sérios sobre a região. E nunca fui contestado, inclusive o Governo quando queria saber alguma coisa, mandava me chamar.

Quer dizer que aquilo era muito honroso para mim. Ao mesmo tempo uma grande responsabilidade, mas é porque ele sabia, como meu conterrâneo e família, contra-parente de toda família, nós éramos contra-parentes, que o meu trabalho era um trabalho que vinha de muitos anos, sedimentado por uma acumulação de dados e pesquisas, e isso tudo em profundidade. Então, isso me dava, assim, autenticidade e respeito perante os outros. Tanto é que, quando terminei, o governo publicou depois em livro - pelo jornal “O popular”, o “O sudoeste de Goiás, tentativa de

interpretação”. Depois, eu encontrei o deputado estadual na cidade, ele tinha vindo a trabalho. – “Ô Basileu! vem cá! Escuta, você publicou um trabalho formidável sobre o sudoeste e pôs lá: tentativa de interpretação. Aquela é uma verdadeira interpretação. Você não tinha que pôr isso, não, mas só “O sudoeste de Goiás, interpretação”. Então, realmente eu sempre gozei desse bom conceito entre os que escreviam e tinham alguma cultura, porque nunca fiz nada pelas “ramas”, embora as plantas tenham as folhas mais altas, de uma árvore, diz a literatura, eu não faço nada pelas ramas, e muito menos pelo alto.

A realização desse estudo para o governo do estado fornece uma noção da posição do escritor, à época, bem como de suas relações políticas. Funcionário público e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Basileu era reconhecido, na época, como um intelectual vinculado à escritura de um lugar: - o sudoeste e Jataí - e escrevia como um “observador instruído”, que fala da capital para o lugar de origem.¹⁰

A abordagem do escritor Martiniano J. Silva, centrou-se, inicialmente, na característica que o distingue dos demais escritores comentados: Ser o único, entre os escolhidos para a análise que não nasceu na região sobre a qual escreve. Membro de uma família de migrantes nordestinos, Martiniano nasceu em Poço de Pedra, no interior do estado da Bahia. De origem pobre, como ele próprio declara, morou em casa de pau-a-pique e estudou em escola rural, antes de partir, com a mãe e os irmãos, para a cidade de Poxoréu, no estado do Mato Grosso, ajudado por um tio. Permaneceu durante um ano com a família nessa cidade. Ainda com a ajuda do tio, transferiu-se para Cuiabá e ingressou no ginásio, em um internato católico, durante quatro anos. Morou em Cuiabá durante nove anos. Lá, cursou parte do segundo grau, em uma escola pública, até ingressar no exército permanecendo por um ano e meio. Após retornar do serviço militar, decidiu mudar-se para Goiás.¹¹

Ele considera que a sua mudança para Mineiros, no sudoeste de Goiás, foi por “motivo de amor” e não por questão econômica. Ainda em Cuiabá, conheceu uma estudante de Mineiros, com quem casou-se anos depois. Por intermédio da namorada, conheceu Mineiros, em 1958; e, dessa época até a mudança definitiva, em 1967, manteve-se sempre em contato com a cidade.

¹⁰ Sobre a designação do escritor como um *observador instruído*, ver Willians, (1989, p. 269–290).

¹¹ A análise da trajetória de Martiniano foi realizada principalmente com base nas oitenta páginas do seu relato biográfico, fornecido para este trabalho.

Decidido a fazer o vestibular para Direito, Martiniano mudou-se para Goiânia, em 1960, com a mãe e a irmã. Após ter enfrentado dificuldades financeiras com a família e empregos insatisfatórios no comércio, o escritor termina o segundo grau numa escola pública, faz o vestibular e ingressa na universidade. Nesse meio tempo, já havia se firmado como vendedor de livros, profissão que lhe proporcionou o custeio dos estudos universitários e a sobrevivência da sua família. A profissão também lhe possibilitou encontros mais freqüentes com a namorada, em Mineiros, em razão das viagens que fazia ao sudoeste, para a venda de livros.

Na faculdade, Martiniano fez parte de um grupo literário, formado por colegas que mais tarde se tornaram autores consagrados e conhecidos em Goiás, identificado como Grupo dos Oito. Nessa época, o escritor encontrou espaço para integrar-se na vida literária da capital, apesar de reconhecer a sua posição em relação aos grupos literários locais consagrados da época. Sobre a década de 1960, Martiniano acredita que a atmosfera cultural em Goiânia refletia todo o simbolismo desses anos no mundo, e ele se sente realizado por ter sido envolvido pelas idéias e os sentimentos dessa época:

Esse grupo foi o principal responsável por essa influência dentro de mim, esse grupo que apareceu junto comigo. Sem dúvida nenhuma. Mas lá eu já tinha um grupo de pessoas. O Bernardo Elis, por exemplo, e vários outros nomes, o próprio José Mendonça Teles, uma turma lá. Tinha até um grupo lá chamado da década de 40, uma revista e todo esse pessoal. Esse grupo teve uma influência muito grande, até escreveram um livro a respeito.

Embora quando esse grupo se organizou com os chamados escritores novos, eu a bem dizer não fiz parte. Eu ficava bastante desconfiado, talvez pela minha própria origem sertaneja, vindo do mato talvez. Aliás, eu quero continuar assim mesmo. E eu assistia a muitas coisas, mas achava que não tinha condição intelectual, vamos dizer assim, de participar do grupo.

Goiânia estava, assim, começando. Era um processo de efervescência. Não era só do ponto de vista específico da cultura, era um momento do mundo, a década de 60. A década de todas as revoluções, chamada hoje pelos interpretadores da história, da Filosofia, da política etc. como a década de todas as revoluções. Então, Goiás não poderia ficar, Goiânia não poderia ficar fora, evidentemente. E nós, estudantes de Direito, fazíamos parte disso. Eu fui tesoureiro do centro acadêmico da nossa faculdade. Fiz parte das melhorias, das vidas políticas. Nós queríamos resolver os problemas do mundo, naquele tempo. Então, a vida era muito efervescente, uma coisa assim muito forte. E eu era uma das pessoas que recebia essas influências todas e queria participar disso. Queria participar. Eu gosto muito de política.

Em 1964, ainda durante os estudos universitários, Martiniano lança o primeiro livro - *A moça que ria muito* - um romance inspirado na namorada. Na época, não se sentia amadurecido nem à vontade como escritor e romancista, no contexto literário da capital. A

descrição que faz do lançamento, realizado em uma livraria no centro da cidade, reforça o dilema que surge da sua condição de iniciante no mundo literário, no mundo dos escritores consagrados da capital.¹²

Após esse primeiro livro, Martiniano deixa de publicar durante dez anos e passa a se preocupar com a sua formação intelectual. Tal inquietação vai conduzi-lo à pesquisa e às questões culturais mais localizadas. Para o escritor, a vontade de fazer pesquisa e de melhorar a sua formação intelectual encontrou-se com a realidade em Mineiros. Intensificaram-se suas inquietações sobre uma comunidade negra que vivia nas proximidades da cidade: a comunidade Cedro, remanescente de quilombo. Como pesquisador autodidata e já interessado pela questão negra em Goiás, recolheu depoimentos, fez pesquisa em documentos e publicou em 1974 o seu segundo livro, sobre essa comunidade.

A adoção da pesquisa como caminho para a construção dos livros permitiu-lhe - em sua opinião - superar as deficiências de uma formação cultural básica ligada ao ambiente social de origem, que não lhe oferecera as oportunidades de aprimoramento que a condição de escritor requer:

Mas tem um detalhe, um fato que mexe comigo também com relação a minha vida de pesquisador - se é que eu posso me referir assim - é muito difícil definir o que significa escritor. Mas eu escrevi o primeiro livro e tomei um susto, fiquei assustado, porque eu achei que o meu livro deixava muito a desejar, e aí eu falei: "eu não vou escrever livro agora não, eu vou ficar lendo, eu vou ficar pesquisando, eu vou ficar pensando, eu quero, eu quero fazer alguma coisa melhor". Fiquei preocupado com isso. Embora do ponto de vista de conteúdo é capaz de eu ter dito o que queria dizer naquele momento, que é possível que eu tenha alcançado alguma coisa, se é que a gente consegue alcançar alguma coisa. Porque, depois, eu fui perceber que a gente não alcança nada. A gente está só começando. É, mas foi ótimo, porque eu fiquei alguma coisa vermelha, talvez os meus anjos da guarda, talvez alguma coisa do meio da caatinga que eu sempre carreguei quando eu era caçador de tatu do meio do mato. Das coisas que tem lá, das influências também da cultura indígena, não sei. Daquela coisa baiana, talvez. Eu sei que isso veio, veio ficar pertinho de mim, dentro de mim, para me avisar, pra não deixar o Martiniano caído logo em seguida.

E eu sei que tudo isso foi acontecendo, mas apareceu mesmo em mim essa vontade de fazer um trabalho lá no campo da Antropologia, da Sociologia, porque eu não tinha muita clareza do que significa isto. Bom, mas eu estava lendo mais, lendo bastante. Os meus contatos com os historiadores com as pessoas assim já estavam maiores, o meu nome já estava por aí, com aquele primeiro livro, mas eu sabia que não era, que era ainda um livro que eu deveria fazer, e tal. Eu tinha clareza disso, eu precisava fazer alguma coisa melhor. Foi dessa maneira que eu reuni material, sem deixar de ser advogado, ao mesmo tempo era uma coisa que tinha que fazer, inclusive porque era uma questão de sobrevivência, eu tinha minha família, eu tinha um filho que é o Rui, deficiente

¹² O relato de Martiniano sobre esse lançamento foi reproduzido no capítulo IV.

físico, eu tive que enfrentar tudo isso com minha esposa, eu fui para Brasília, para o hospital Sara Kubitschek. Ele ficou 20 anos em tratamento. Apesar de todas essas coisas, eu não fugi de nenhuma maneira desse âmbito chamado cultural. Essa preocupação de fazer um trabalho que eu queria que fosse bonito, que fosse importante, que fosse além dos meus desejos pessoais, que ele atingisse a independência, principalmente a independência das pessoas, você precisa fazer pesquisas, conhecer um pouco mais a história, especialmente uma história que foi silenciada, mentida, no mínimo esquecida, que é a história do povo negro.

Com a pesquisa sobre Cedro e a publicação de *Sombra de quilombos*, em 1974, Martiniano introduz algumas novidades na historiografia sobre o sudoeste de Goiás: o ingresso de novos sujeitos históricos e a abertura de uma discussão sobre a questão étnica e racial. Com esse enfoque, seu livro aborda uma outra historicidade e demarca outros limites cronológicos para os primeiros grupos na região, afetando a historiografia regional. Nas histórias escritas sobre o sudoeste, os negros aparecem apenas como escravos e depois como informantes da vida de escravidão dos pais e avós. Escrever sobre uma comunidade negra rural, dona das terras em que vive, implica incluí-los em um espaço até então visto como predominantemente dos grandes fazendeiros.

Quando da pesquisa sobre Cedro, Martiniano diz que as suas intenções de conhecimento já se pautavam em uma concepção de história afastada da histórica escrita tradicional do sudoeste:

Eu queria fugir já daquele tempo. Então, eu estava aqui, mas eu estava desconfiado dessas coisas já, não sei quem me ajudou nisso, não. Mas eu sei que eu estava desconfiado e por isso uma maneira que foi muito bom de ter encontrado o Cedro, porque ele foi que, o objeto no melhor sentido, que eu encontrei justamente fugindo dessa história oficial, da história genealógica, embora eu tenha o maior respeito pelo Instituto, por que eu sei que tudo isso faz parte, é importante, tem, que ser escrito, mas eu queria também mostrar que essa história não é só essa genealógica, essa oficial, essa de barões, essa de leis, essa de donos de terra, donos da região não sei o quê. Então, por isso mais eu quis então mostrar Mineiros começando por Cedro, aqui e uma comunidade negra, sem a qual a cidade também não se reflete. Que ela é uma comunidade sem a qual os fazendeiros não teriam feito certas coisas que eles fizeram naquele tempo, já desde o final do século XIX, umas décadas dos séculos XIX.

Então, eu quis mostrar isto a comunidade que estava aí. Ninguém escrevia, aliás, ninguém falava dela, ninguém lembrava dela, mas ela estava aí com seus costumes, com suas tradições, com suas rezas, com suas comidas, com suas histórias, com sua forma muito interessante de ver a natureza, de ver a água, o rio, de ver a serra, completamente diferente dessas coisas nossas, do chamado Ocidente.

E eu já me preocupava com essas coisas todas e justamente eu quis mostrar o Cedro como a região, como uma comunidade, como gente que mora aqui na região, gente que dorme, que funga, que ronca, que come, que ama, que tem dificuldade - aliás, é o que mais eles têm - e que a cidade não tem como viver sem esse povo. Então, eu acho que isso foi ótimo. Foi ótima essa coisa. Uma coisa ótima, que aconteceu foi o fato de eu fazer amizade com aquele povo. Nossa! tenho uma

amizade com aquele povo lá, que quem quiser me ofender é fazer qualquer coisa com aquele povo lá. Eu estou aqui para defender no que for possível, para evitar que se faça qualquer bobagem com eles lá, queria ser um advogado daquele povo, realmente tentar defender a sua história, e todos os seus anseios.

O lançamento de *Sombra de quilombos*, em Mineiros, narrado pelo escritor, permite entrever a repercussão do livro no universo local e as relações do escritor com a sociedade na época. Apesar de Martiniano não tratar do impacto da obra na comunidade negra sobre a qual escreveu, é possível observar “as costuras” relacionais com a elite e a inserção do escritor por sua nova abordagem da história local:

Foi em 1974. Eu lancei o livro aqui, trazendo Paulo Araújo que é dono da livraria Cultura Goiana, que é meu amigo, trazendo escritores para este lançamento aqui. Então, a chamada elite local, porque todo lugar tem esse detalhe chamado elite, ela estava, ela me prestigiou no meu lançamento e respeita a minha pessoa e apesar de todas as restrições que são comuns, na nossa região, a discriminação pelo fato de ser cabeludo, a discriminação pelo fato de ser baiano, a discriminação pelo fato de ser descendente de negro, de índio, a parte de índio, os meus queridos Pataxós, tudo isso Martiniano nunca deixou de sentir, mas isso veio melhorando cada vez mais, e a gente tem de dizer o que é verdade. O que é mais verdade, todavia esse reconhecimento ele vem se acentuando e com esse lançamento foi interessante, foi muito, acho que foi um passo, eu cheguei a lembrar assim: “Será que santo?” Mas, aí, eu percebi que o milagre ainda estava muito longe, desde aquele momento. Foi muito importante, muita gente comprou o livro. Professores compraram o livro, outras pessoas, muitas pessoas, médicos, advogados, e tal.

Segundo Martiniano, a repercussão positiva do livro, em Mineiros, após o lançamento, deve-se à linguagem utilizada e ao fato de a obra estar voltada para o público local. Apesar de não se tratar de romance, o livro foi feito com uma linguagem que facilitou a utilização didática, por professores e alunos em sala de aula, mesmo não tendo sido inserido na leitura obrigatória das escolas. Com essa publicação, o escritor combinou o “escrever sobre” com o “escrever para” e produziu a obra pensando nos possíveis leitores em Mineiros, incluindo a comunidade negra.

Os lançamentos de seus livros são vistos pelo escritor como momentos de reconhecimento e de conhecimento para o público local, ao mesmo tempo em que, abre espaço para a interação do autor com os leitores dos lugares onde são realizados. Essas comemorações também fizeram parte do processo de inserção gradativa de Martiniano em Mineiros.

Ao descrever o lançamento do primeiro romance em Mineiros, também em 1964, e ao compará-lo aos eventos literários posteriores, Martiniano nota um crescimento, uma mudança na forma de as pessoas encararem os assuntos culturais, demonstrando a sua preocupação com a forma de recepção da cultura por parte do público local:

Em 1964, eu lancei o livro, “A moça que ria muito”, aqui, em um baile do clube mais importante da cidade, no dia das mães, no mês de maio. E eu estava lá, com a namorada. E o finado José de Assis, que é o político mais importante daqui, inclusive é um dos mais importantes do estado - chegou a deputado federal, chegou a governo, a candidato a governo - e... pela primeira vez, o povo da cidade recebeu alguém autor de livro e eu lancei o livro lá naquela noite muito bonita, e eu, todo entusiasmado, tinha feito o lançamento em Goiânia, e foi muito interessante, que o pessoal, a mocidade, a sociedade local, estava lá muito bem alinhada naquela festa bonita, baile, festa em que o povo, os homens iam todos vestidos a caráter, todo mundo de gravata, as mulheres bem vestidas. Havia um estilo de roupas de uma cintura que ficava muito fina, das mulheres. Recordo bem disso, e eu estava lá com meu terninho cor escura entusiasmado para lançar meu livro, pela primeira vez na cidade de Mineiros. Eu já começava a vê-la como um local onde eu iria, simplesmente morar e ser um, ser um objeto, melhor sentido da palavra, das minhas preocupações intelectuais, das minhas pesquisas, dos meus livros, eu preocupava com aquilo naquele tempo. Bom, o que aconteceu no lançamento? Houve um momento em que o deputado José de Assis, uma das amizades, que eu tinha feito das primeiras aqui, ele fez uma, espécie de uma apresentação do trabalho, disse do lançamento do livro, que eu estava lá para isso, para lançar o livro e tal, chegou a falar com relação, a aquisição do livro. Mas depois dele eu andei falando também, evidentemente com os meus entusiasmos ali, com as minhas emoções. Depois, eu me sentei na mesa, a namorada ali pertinho, a Chica e umas amigas dela, os amigos que estavam junto na nossa mesa, e confesso que fiquei parado sentado, não apareceu nenhum cristão pra comprar o livro! E eu fiquei com a cara de não sei o quê. Meio sem graça, esperando alguém, para autografar. Então, o José de Assis percebeu, voltou lá, em um microfone improvisado, lá, e falou: “Ele está esperando lá, quem quiser adquirir o livro, ele vai autografar”, e fez uma explicação mais ou menos sobre o que era um autógrafa. E aí, apareceu uma fila, formaram uma fila pequena e tal, indiana. Um atrás do outro, alguém fotografando aquilo ali e tal, e aí eu autografêi, não lembro mais quantos livros.

Foi nesse fato, com relação a este livro. É, mas, eu posso dizer, que, com relação, ao reconhecimento, a minha vida em Mineiros, desde que eu cheguei aqui eu lutei muito, para merecer respeito das pessoas, realmente, não foi fácil, não. Porque a discriminação, ela existe em todo canto, contra nós, os baianos, pelo fato de ser baiano.

Após a pesquisa e a publicação de *Sombras de quilombos*, Martiniano inicia uma participação cada vez maior nas questões culturais e políticas locais e assume a escritura da história de Mineiros. Após essa primeira experiência, o autor envereda-se pelos rumos da história das famílias tradicionais e sobre os primeiros povoadores do lugar e publica, em 1980, *Mineiros – memória cultural*. É importante assinalar que, apesar de as suas preocupações de estudo voltarem-se para a história dos grupos não contemplados pela

história oficial da região, ele também realiza pesquisa e escreve sobre a história das famílias de fazendeiros que fundaram Mineiros.

Seguindo também o argumento da *ausência* de história escrita, Martiniano põe-se a pesquisar fontes primárias, em documentos e através da realização de entrevistas orais, buscando construir a história das primeiras famílias fazendeiras mineirenses. Tal como no caso dos outros escritores, a ausência dessa história escrita sobre os lugares foi a razão apontada para a escritura dessa forma de história do lugar. Todos os escritores entrevistados - Basileu, José Faria, Maria Eloá e Martiniano – fizeram essa alegação. Esses escritores acabam sendo os autores dos “textos primeiros” não no sentido apontado por Barthes e adotado por Geertz mas, como agentes da instituição de uma historicidade, de um registro primeiro (BARTHES, 1982; GEERTZ, 1988). Chama a atenção o fato desse registro histórico ocorrer pelas mãos de pesquisadores autodidatas. Aliás, o autodidatismo em história e nas outras ciências sociais é assunto ressaltado pelos escritores tanto como uma limitação para um trabalho que poderia ter sido melhor, quanto como justificativa do caminho árduo da produção da história local.

Outro aspecto importante nesse processo de instituição de uma história local diz respeito à forma como eles acabam por reunir a memória oral e escrita do lugar. Recolhendo os documentos, escritos de escritores desconhecidos, gravando os depoimentos de velhos, guardando as fotografias eles acabam se constituindo em uma espécie de “guardiões de memória”.

Um dos produtos da atuação de Martiniano na área da cultura e da política em Mineiros envolveu a criação da Academia Mineirense de Letras e Artes, em 1969, dois anos após a sua chegada à cidade. Falando sobre esse fato, o escritor diz que sua iniciativa visou “incluir os escritores locais que escreviam e criar uma instituição que defendesse a questão cultural e as letras no município e no sudoeste”. É importante observar, na atuação de Martiniano, seus objetivos integradores, no âmbito regional, Por meio de ações no campo cultural. A criação da academia está ligada à idéia de “movimento cultural”, também presente nas falas dos escritores José Faria e Filadelfo Borges analisados a seguir. Tais autores, quando se referem a “movimento cultural”, tratam das ações que envolvem a organização de concursos literários, palestras e debates com escritores da capital, enfim, eventos que mobilizam a sociedade para a cultura e aqueles envolvidos com as letras e as

artes regionais. Observa-se também que a integração pretendida por Martiniano não se refere apenas aos escritores do município, mas de outras localidades do sudoeste. O escritor também idealizou a criação da academia de letras do sudoeste goiano, pensando numa integração regional de escritores, a exemplo da existente em outros lugares, como a Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Essas tentativas institucionalizadas de regionalização das letras por intermédio de uma instituição será melhor discutida no capítulo quarto. Nesse momento, é importante entender como as ações do escritor, vão se centralizando e adquirindo uma forma política no âmbito local.

Apenas Martiniano e Basileu, entre os escritores analisados aqui, são membros da Academia Goiana de Letras – a academia da capital. Ao comentar a sua participação nessa academia, ele diz que o seu ingresso foi produto de suas obras e do que ele escreveu no jornal *O popular* de Goiânia, que o tornaram conhecido e reconhecido por lá. Por ocasião da morte de Basileu, em 2003, Martiniano foi escolhido para falar na cerimônia em sua homenagem, na sede da Academia Goiana de Letras, da qual participaram, os acadêmicos e a família do homenageado. Em virtude dos vínculos estabelecidos no curso da pesquisa, fui também convidada para a cerimônia e compareci. O discurso proferido por Martiniano nessa homenagem, ressaltou as contribuições de Basileu para a literatura goiana e sudoestina, destacando suas obras e sua trajetória de pesquisador.

Martiniano declara-se uma pessoa em constante busca de conhecimento, de instrução e de crescimento intelectual. Foi assim que ele explicou o interesse pela pesquisa o ingresso, em 1990, no curso de mestrado em História, na Universidade Federal de Goiás. Era uma turma de dez alunos, dos quais ele era o mais idoso.

Os objetivos de Martiniano com a pós-graduação relacionavam-se com a busca por métodos de conhecimento para suas pesquisas. Ao falar sobre essa experiência, Martiniano tece críticas à estrutura departamental da universidade e ao excesso de especialização do conhecimento. As dificuldades que enfrentou dizem respeito à delimitação do universo da pesquisa – os quilombos do Brasil Central – e o que essa delimitação provocou de reações entre o corpo de professores e a orientadora, que acharam tal universo muito amplo. Vencida tal dificuldade - em que, segundo Martiniano, a sua experiência como advogado na resolução de conflitos foi muito útil -, o escritor concluiu o curso e apresentou à banca a sua dissertação, alcançando o conceito máximo. Quando indagado sobre o que esse retorno à

universidade lhe acrescentou, o escritor fala da mudança na forma de ler as obras. Por outro lado, ele também acha que a sua experiência de escritor ajudou-o no momento em que os acadêmicos mais sentem dificuldades: no processo de escrita da dissertação. Esta foi convertida em seu livro mais recente: *Quilombos do Brasil Central*.

O percurso de Martiniano e o seu deslocamento nos espaços sociais trazem, igualmente, questões sobre a condição do escritor de província em relação ao da capital. Ao mesmo tempo, o intelectual local em que ele se torna acaba por reunir elementos para uma centralidade no universo regional. A iniciativa de formação de uma academia regional, integrando os escritores dos municípios, é uma ação política voltada para a constituição de um espaço intelectual separado da capital. Tal deslocamento do *locus* da centralidade da cultura das letras vista sob a ótica regional, conduz a um outro grupo de questões que dizem respeito às hierarquias internas, entre os municípios no espaço regional, e a relação com o campo cultural da capital. Iniciativas como a de Martiniano (e também do escritor José Faria), ao idealizar as academias regionais, representam tentativas políticas de integração. Como esse assunto será tratado capítulo quarto, cabe aqui apenas mencionar que o retorno do escritor ao lugar adotado na sua escritura envolve um compromisso político local e regional e, em alguns casos, ele se torna agente de demarcação de fronteiras - políticas, intelectuais e culturais. Tanto a experiência de Martiniano quanto a trajetória de José Faria são emblemáticas nessa questão.

O escritor José Faria Nunes nasceu em 1948, em Caçu, um lugar mais ao extremo da região geográfica do sudoeste de Goiás, na fazenda dos pais, integrantes de uma família de pequenos fazendeiros mineiros de Campina Verde. Sua saída da terra natal ocorreu também por motivos de estudo. Seu relato biográfico problematiza questões de ordem coletiva, que dizem respeito às relações políticas entre os municípios do sudoeste – ênfase observada também no relato de Martiniano, e à mobilidade interna na região realizada sobretudo por estudantes em busca de formação. Eis o registro encontrado em sua biografia escrita, publicada em 1975:¹³

¹³ Por fidelidade à decisão de considerar as biografias escritas dos escritores, algumas informações aproveitadas na análise foram extraídas dos pequenos textos biográficos inseridos em alguns livros de José Faria. Contudo, o longo relato biográfico fornecido pelo escritor para esta pesquisa, foi a principal fonte.

Professor desde 1965, atualmente leciona no Colégio Municipal de Caçu, onde exerce também a função de orientador educacional e de moral e civismo. Promoveu o I Concurso Sudoestino de Literatura, em 1971, na cidade de Jataí, onde residia. Participou do I Encontro Nacional de Professores e Orientadores de Educação Moral e Cívica realizado em Goiânia no ano do Sesquicentenário da Independência. Conciliando sua vida estudantil com o rudimentar trabalho agrícola e o de servente de pedreiro, termina o curso primário em 1964, findo do qual ingressa no magistério. Nomeado e efetivo pelo estado, transfere-se para Jataí, onde conclui o curso ginásial e inicia o técnico em Contabilidade e o curso Normal, trocando-os pelos exames supletivos de segundo grau. Em Jataí, além do magistério, exerce as funções de bibliotecário na Biblioteca Pública Municipal e de auxiliar de escritório. Em princípios de 1974 retorna a sua cidade natal, ocupando os cargos de professor de História, orientador educacional e de Moral e Civismo no colégio Municipal de Caçu (FARIA, 1975, p. 7).

A biografia constante em seu segundo livro assim o descreve:

Primogênito e único filho vivo de uma irmandade de três, José Faria Nunes nasceu em Caçu, aos 7 de dezembro de 1948. É filho do casal mineiro de Campina Verde, Arlindo Nunes de Oliveira e Catarina Rosa Faria. Quebrou seu braço direito aos seis anos de idade, restando-lhe uma fratura que o marcou... (FARIA, 1978, p. 7).

A primeira publicação de Faria concretizou-se no período em que ainda permanecia no sudoeste. Em 1975, após alguns anos de estudo e trabalho em Jataí, o escritor publicou, por uma gráfica de Caçu, o intertexto: *Partículas do tempo*, um microlivro de poemas que, segundo o autor, trata dos desencontros diários de um namoro. Ainda em 1975, o autor publica no jornal *Folha do Sudoeste*, de Jataí, um artigo intitulado *Deserto cultural* em que discute e denuncia a situação de apatia cultural de sua cidade natal, na época. É perceptível, nesse artigo, a leitura de um autor que já fala sobre mudança, para sua terra, a partir de uma experiência de instrução em outro espaço social, como bem expressa o seu relato na entrevista: “O meu ambiente em Jataí que naquela hora nossa! Para mim, coisa de outro mundo!”

Esse artigo de Faria é importante para entender o pensamento naquela época, do autor ao mesmo tempo em que permite localizar as relações com escritores regionais e a migração de idéias entre eles. No caso de José Faria, as influências do escritor Martiniano são observadas, sobretudo, com relação às suas idéias acerca da criação das academias locais e regionais:

...Por que não criarmos aqui uma entidade cultural onde o povo possa dar vazão a seus impulsos literários, desenvolver seus talentos e, quem sabe? – talvez em tempo relativamente curto tenhamos escritores levando a Goiás e ao Brasil a voz da terra do Alcaçuz?

Não é hipótese remota. Os grandes escritores também foram pequenos. Só que tiveram oportunidade. E é essa oportunidade que queremos proporcionar ao nosso povo. Mineiros, cidade pequena, como sabemos, tem sua academia de letras. Por quê? Será que o mineirense tem mentalidade mais elevada que o caçuense? Não se pode afirmar isso...

E Caçu? Até quando vai se interessar pela agropecuária, comércio e esportes? Até quando vai se desenvolver apenas o bolso e o físico? E a cultura? (FARIA, 1975).

Essa proposta de Faria só viria a se concretizar – parcialmente - após quase vinte anos, quando ele retorna do período de estudos em Goiânia e passa a residir definitivamente em Caçu. Com o retorno para a terra natal, o escritor tratou de organizar a Academia do Extremo Sudoeste de Goiás, abrangendo uma região, segundo ele, culturalmente diferenciada do restante do sudoeste. Apesar de burocraticamente já organizada, a idéia dessa academia suscita desacordos entre os próprios escritores das localidades incluídas na região postulada por Faria, por diversos motivos, entre os quais, a definição do lugar da sede da instituição.¹⁴

Após terminar o Segundo Grau, José Faria presta vestibular em Goiânia para o curso de Jornalismo e ingressa na Universidade Federal de Goiás em 1978. Nesse mesmo ano, ele publicou o primeiro livro por uma editora de Goiás. A coincidência com a morte da mãe que residia com ele na capital - fato que marcou a vida do escritor – comprometeu o lançamento do livro. Ainda em Goiânia, o escritor cursou Direito em outra universidade, integrou a diretoria da UBE – Goiás por mais de um mandato, participou de concursos literários e recebeu prêmios.

Duas questões tornaram tensa a trajetória de Faria em Goiânia: a sua afirmação como escritor no contexto literário da capital e as relações com a terra natal que a própria literatura testemunha. Ao comentar a sua monografia de final de curso de Jornalismo, que abordou a história de Caçu, o escritor trata da própria identificação com a terra de origem e da sua definição de intelectual local. Tal definição, ao mesmo tempo em que incorpora o vínculo da permanência física no lugar, defende o compromisso do intelectual com sua terra, mesmo estando afastado dela. Para o autor, negar a própria terra contraria uma

¹⁴ O assunto das academias de letras regionais e locais será tratado no capítulo quarto.

identidade fundamental vinda do pertencimento ao lugar. No entanto, para José Faria, o que legitima esse pertencimento não é apenas o nascimento, mas uma relação mais estreita com o lugar e um certo compromisso em escrever sobre ele, mantendo-se ligado às questões que lhe diz respeito. Ao falar sobre esse assunto, em entrevista para este estudo, Faria menciona outro escritor local, Ataulpa Alves de Lima, que vive na capital:

E aí, gostei da idéia. Fiz, publiquei o livro. E aquilo foi tomando gosto. Houve uma aceitação razoável. Por que eu fiz isso lá? Por que eu quis trabalhar? Porque eu acho que as pessoas da sua terra, precisam assumir a sua terra. Porque Ataulpa, ele saiu daqui e foi para Jataí, de Jataí foi para Uberlândia, depois foi para Goiânia. Mas lá em Goiânia ele não era de Caçu, ele era de Jataí. Tanto que no livro “A Poesia em Goiás” de Gilberto Mendonça Teles, publicado me parece que em 1964, colocou a Ataulpa como membro de Jataí, e eu sou de opinião que por menor que seja sua comunidade, é necessário que assuma a sua condição, por exemplo: eu assumo a minha negritude, assumo hoje, porque quando eu era criança eu achava ruim eu ter características negras. Porque era a cultura do branqueamento. Eu queria ser branco. Mas, aí, depois, com o tempo fui tomando consciência da minha negritude, hoje eu sou mais feliz em ser mais negro do que branco, do que mais branco do que negro, eu sou, eu gosto disso.

E, quando fala da própria assunção literária do lugar de origem, Faria salienta o reforço da ausência para sua crescente identificação com o lugar:

José Faria - A necessidade da ausência. Por estar ausente aqui. Não ter nada de referência, eu quis fazer, assumir a minha “caçuensidade”. Eu não sei se pode existir isso. Eu falo: assumi a nossa “goianidade” ou a nossa “brasiliedade”, eu a minha “caçuensidade”. Então, assumi até que, durante um certo período, eu não era Faria, eu era Caçu o “Caçu”. Sempre me chamaram muito de “Caçu”.

Cintya - O senhor foi sempre foi identificado como uma pessoa de Caçu, um escritor de Caçu ou isso veio com o tempo?

José Faria - Não, eu sempre fui identificado como Caçu. Quando fui pra Jataí, eu não liguei por ser de Caçu.

O relato de um acontecimento transcorrido em Caçu – a procura pelo escritor da cidade por parte de outra escritora - exemplifica as relações entre intelectuais locais e problematiza as dimensões da produção dos textos: o “escrever sobre”, o “ser nativo” e a “assunção política do lugar”:

Ela tomou conhecimento desse trabalho meu, de uma forma até curiosa, que ela veio aqui pesquisar, procurou um cidadão. Daí, ele falou: “Não, quem sabe de Caçu aqui é o Ataulpa que

mora em Goiânia”. Aquela estória. Era o intelectual da cidade. Isso no hotel em que ela estava. Então, o menino que escutou a conversa, falou: “Oh, doutora! Ele não falou a verdade para a senhora, não. Quem sabe de Caçu aqui é o professor Faria”. Então, ela me achou, conheceu o início do meu trabalho, e ela gostou desse trabalho.

Mais uma vez, fica evidenciado que o “ser intelectual local” nessas realidades envolve mais que a escritura sobre o lugar: envolve o compromisso político do escritor com a terra que adota. O critério do nascimento relativiza-se diante de certas situações como a que Faria relatou. Assim, a construção do intelectual resulta de uma intrincada relação com a sociedade local e envolve a participação do escritor nas questões culturais. Logo, o ato de adotar certos escritores como intelectuais de certos lugares é arbitrar um tipo de reconhecimento social. A formação desse reconhecimento envolve tanto a linguagem que se emprega nos livros – que demonstra os objetivos do autor para com a leitura e o público local –, quanto os rituais de consagração literários (as homenagens e lançamentos de livros) nos locais das histórias – que envolve uma idéia de socialização do conteúdo e de retorno do produto do conhecimento e dá oportunidade de manifestações sobre as histórias. A presença dos escritores nos lugares favorece uma relação entre leitor e escritor e um tipo de “troca” de opiniões face a face, além, é claro, de ajudar na definição do vínculo de pertencimento, discutido no quarto capítulo.

Ao falar sobre a publicação dos seus livros sobre a história local, Faria relata:

Foi uma maneira da gente contribuir para as escolas, para os estudantes com informações, porque aqui era uma romaria, todo dia alguém aqui no meu escritório: “Faria, fala sobre isso, fala sobre a fundação, etc.” E aí aquela romaria. O livro veio para trazer subsídios para os estudantes, para professores e também para curiosos, algum pesquisador que quisesse saber mais de Caçu.

A relação com a academia, em virtude dos cursos universitários que faz, e as contribuições das diferentes linguagens entre si (científica e literária) são avaliadas como positivas, mas não determinantes para o seu trabalho como escritor. José Faria estabelece com mais objetividade a separação entre o universo científico e o literário e confere centralidade à literatura em sua trajetória de escritor. O relato do escritor deixa entrever a separação entre a instrução (universitária, escolar) e carreira literária, inserindo-se predominantemente na segunda. Apesar da distinção e da sua opção, Faria apresenta em seu

relato, incertezas quanto à definição de si mesmo como escritor (o parâmetro é a sua definição de escritor consagrado), embora invoque, para atestar essa condição, ora a aprovação em concursos literários, ora as obras que produziu. De forma diferente dos demais escritores, em momento algum, o escritor se considera um historiador local, mas se define como um intelectual, situado em um processo de busca por reconhecimento.

Não foi o mundo acadêmico que me fez escritor, foi a minha convivência com a União Brasileira de Escritores que me aproximou mais. Agora, se teve importância? Claro que teve. Porque um título universitário, isso pesa muito na vida de um escritor. Eu acho que... quando eu me formei em Jornalismo, isso aí significou muito. O não vou nem dizer me formar em Jornalismo, quando eu passei no vestibular de Jornalismo: eu já olhava Goiânia, parecia que Goiânia estava sorrindo para mim.

O fato de eu entrar na Universidade Federal de Goiás, a linguagem acadêmica, por exemplo, você fez um curso de Direito, e um curso de Jornalismo. Ajuda, como formação. A linguagem do Direito é um pouco... acho que o Direito, ele ajuda mais como confiança de tramitação. A linguagem do Direito a gente aproveita pouco na literatura. Agora, o Jornalismo sim, ajuda a escrever. Eu, no curso de Jornalismo, já era jornalista. Tanto que minha professora de prática de redação jornalística, dentro do jornal, hierarquicamente, em termos de salário, cargo, ela estava abaixo da minha condição. Quando ela era minha professora, eu era redator e ela era repórter. Salário diferente. E eu tinha um salário maior que o dela, porque o fato de já escrever, e acho que a minha literatura ajudou no Jornalismo, ajudou a me dar mais confiança no texto, meu texto era melhor um pouco do que [...] pelo menos meu chefe de reportagem gostava mais do meu texto do que do dela.

O retorno à terra natal, em 1984, ocorre quando ainda cursava Direito na capital. Nessa ocasião, o escritor atende ao convite do então prefeito de Caçu, para assumir a secretaria de educação do município e envolve-se mais efetivamente com a política local. Permanece dois anos em Caçu, e depois retorna a Goiânia para concluir o segundo curso universitário. Após essa fase, em 1988, ele volta definitivamente para ao sudoeste e candidata-se a vereador, exercendo a função por um mandato. Em Caçu, Faria dá continuidade a seu trabalho como jornalista e assume a edição e direção de um jornal local - *Jornal da Terra* - e passa a se dedicar às questões políticas e culturais da localidade onde reside até hoje.

O outro escritor, Filadelfo Borges, chegou em Rio Verde para morar, efetivamente, em 1973, vindo de Jataí, sua terra natal, por causa de uma transferência involuntária de trabalho. A mudança para a cidade, segundo o escritor, se deu em razão de questões políticas. Filadelfo trabalhava como fiscal arrecadador do estado de Goiás e passou, desde

então, a residir em Rio Verde com a esposa e o primogênito dos três filhos que teve. A residência nessa cidade inaugurou outra etapa de vida para o escritor. Em termos de sua literatura, Filadelfo estreou em Rio Verde com o exercício da “comunicação epistolar”. O escritor ficou conhecido em todo o estado pelas cartas que enviou à seção “Cartas do leitor” do jornal *O Popular*, de Goiânia, e foi considerado como a pessoa que mais escreveu cartas para aquele jornal. Estas foram reunidas em uma publicação exclusiva, em 1993.

Apesar de não ter uma biografia escrita, as cartas publicadas são fontes para o conhecimento de fatos de sua vida, de fatos ocorridos no passado, sobre o seu pensamento e sobre o cotidiano das cidades de Jataí e Rio Verde.¹⁵ As epístolas de Filadelfo revelam a sua predileção por escrever temas do cotidiano das cidades citadas: a política local, os bobos de rua, o futebol, personagens da política, religião, menores abandonados etc. Tais personagens e temas também estão presentes nos livros e artigos que publicou.

Em uma dessas cartas, Filadelfo narra as suas lembranças da cidade de Jataí e transforma a distância geográfica, de apenas 100 quilômetros, numa distância construída pelo sentimento da saída inusitada. Ao ler o seu relato, tem-se a impressão de se tratar de uma cidade situada a muitos quilômetros de distância, com uma possibilidade remota de um retorno. A pequena distância física não é compatível com a distância que o afastamento provocou. O escritor fala do passado da cidade em que viveu, dos casarões, das ruas e das pessoas, ressaltando a beleza e a destruição:

[...] Atravessei o rio Doce e desci a mudança em Rio Verde porque os “donos” de Jataí exigiram minha transferência. Escolhi esta urbe que me acolheu e aqui estou de bem com a vida e vibrando de amor pela carinhosa cidade – mãe adotiva.

[...] As lembranças ficam e por certo me acompanharão até o túmulo no dia em que o Senhor me chamar. Oxalá morra em Rio Verde e para isto não tenho pressa. Não quero partir agora, tenho muito o que fazer. Quero me projetar escrevendo livros e projetar Rio Verde no mundo encantado da literatura. Se Deus quiser (BORGES, 1993, p. 50 –51).

Apesar do dilema da mudança exposto em uma de suas cartas, na entrevista que forneceu para este trabalho, o escritor declara pertencer a quatro cidades do sudoeste:

¹⁵ Os relatos biográficos desse escritor para este trabalho forneceram elementos suficientes para a análise. Dois artigos biográficos escritos e publicados ajudaram na compreensão de sua trajetória.

Me tornei, modéstia à parte, um autodidata da história dessas duas cidades e também um pouco em Mineiros, sou casado em Serranópolis. Eu costumo dizer que eu sou de quatro cidades, eu fui gerado em Serranópolis, na hora do parto nasci em Jataí, onde fui criado, casei em Mineiros e moro aqui. E... tenho um sonho, um sonho grande em.... tem o jornal da cidade, eu sou cronista dele.

Situar-se entre dois lugares. Esta parece ter sido uma situação constante na vida literária e pessoal de Filadelfo. Quando indagado sobre como lida com as cobranças sobre seu pertencimento às duas cidades, ele assim responde:

Eu comecei me abrir, eu tinha um pouco de constrangimento, eu comecei me abrir, escrever artigos exaltando Jataí aqui em Rio Verde. As pessoas viam isso com naturalidade. Às vezes, acontecia alguma cobrança com lançamentos de livros: “O senhor se considera mais jataiense ou rio-verdense?” “ Uai, eu, na realidade, eu tenho mais amor a Jataí, eu sou de Jataí, mas às vezes eu falo não”.

Eu sou apaixonado por Jataí, e pretendo voltar para lá. Vou levar a família, porque criou meu desejo é de ter residência dupla, trabalhar lá, morar aqui, quando eu era fiscal, eu saía daqui, por exemplo, segunda-feira, e ia trabalhar em Quirinópolis e ficava a semana toda.

Filadelfo nasceu numa fazenda, no município de Jataí, em 1944. Filho de pai comerciante, mas de origem rural, herdou o nome do avô fazendeiro. Na breve autobiografia que escreveu, o escritor fala da infância pobre do pai, das humilhações que passou e como ele venceu, tornando-se rico:

No ano de 1916 nasceu o meu pai, numa fazenda onde moravam seus genitores, localizada nas vizinhanças de Rio Doce, divisor dos dois municípios mais populosos do sudoeste, Rio Verde e Jataí, do lado deste. Viveu Joaquim Borges uma infância difícil, mas venceu. Não faltou quem pretendesse humilhá-lo, lembrando-lhe que era procedente de “fora- do-perímetro”, expressão de há muito substituída por periferia e que representava desdém, desprezo descarregado por gente mesquinha, tomada de preconceitos. Trabalhara na infância guiando tropas cavалares e maldoso era o seu patrão que o proibia de interromper a marcha a fim de matar, junto a um córrego, a sede infernal. Certa vez até urina bebeu. Num outro emprego, bem cedo, punha-se de pé, antes que o Sol dissipasse as últimas trevas, e dirigia-se à padaria do Limongi, de onde saía a entregar pão para a freguesia (BORGES, 1998, p. 17).

Após uma trajetória de muito trabalho, o pai do escritor prospera com um comércio instalado na fazenda em que morava. A mudança para a cidade ocorreu em 1950, com a compra de uma casa e a reinstalação da casa comercial, com novas dimensões. Após uma

vida de conforto na cidade, a família experimentou o declínio – já em processo - com a venda da loja e a morte de Joaquim Borges, em 1989.

Filadelfo viveu o cotidiano da cidade de Jataí até a década de 1970 e não esconde a sua preferência pela cidade, como universo de reflexão e produção literária. Gosta de escrever crônicas sobre a cidade, e seus personagens típicos. Os seus escritos falam das missas, do jogo de futebol, dos bobos de rua, do carro de som que passa na rua, dos eventos de que participou, da sua vida escolar etc. Os acontecimentos narrados nos livros não atestam uma preocupação em apresentar as fontes, quando menciona informações advindas dela, mas se baseia, sobretudo, na vivência pessoal do dia-a-dia urbano.

O escritor chegou a ingressar na Faculdade de Letras, em Rio Verde, mas desistiu. Considera a sua vida escolar “muito atribulada”. Segundo Filadelfo, foi como orador e como uma pessoa que possui uma boa memória para nomes que ele ficou conhecido em Jataí:

Eu acompanhava o deputado Ferreira. Então, lembro que chegava um político do interior, chegava de Portelândia, de Mineiros: “Deputado, eu quero que o senhor vá lá na nossa cidade, dia tal. Fulano falou para vocês irem lá, e vai ter que levar aquele seu menino”. Eles falavam desse jeito. Eu tinha 19, 20 anos, mas era um menino, era um menino muito simples. Então a oratória e a escrita sempre, sempre me fascinaram.

Nunca tive timidez em falar. Para mim, quanto maior a praça pública, quanto mais gente melhor. Eu prefiro falar, tanto faz em ambiente intelectualizado, tanto popular, para mim, é tudo na mesma.

O gosto do escritor pela militância política, pela oratória e pelo associativismo o levou-o ao sindicalismo. Em Rio Verde, ingressou na maçonaria, em 1976. Tornou-se membro do diretório local do Partido dos Trabalhadores e foi presidente da Associação dos Fiscais do Estado de Goiás - AFFEGO, por cinco mandatos – um cargo sempre ocupado por sindicalistas da capital. Segundo o escritor, o fato de escrever para jornais da região, da AFFEGO e da capital, foi muito importante nessas eleições, porque foi eleito por colegas que não o conheciam, mas, liam suas cartas e artigos.

Se, por um lado, a literatura ajudou-o no sindicalismo, o trabalho como fiscal sofreu interferências de sua prática intelectual, que chegaram a comprometer a continuidade da profissão:

Quando, estava no exercício do Fisco, aconteceram coisas interessantes. Eu cheguei em Santa Helena, entrei numa empresa de cereais, entrei como fiscal, o empresário me recebeu, disse o seguinte: “ Eu guardo tudo que o senhor escreve.” Ele começou a me tratar, não como fiscal mas, como um intelectual. Eu não tive condições de fiscalizá-lo. Ele era meu admirador. Então, eu tive que comunicar: “Eu não tenho como fiscalizar essa empresa”. Isso começou a embarçar, e aconteceram outros casos assim. Eu entrava na firma como fiscal, e o empresário, não me via como fiscal. Em resumo, em Rio Verde eu não era mais visto como fiscal. Era visto como escritor, como colunista de jornal e isso começou a atrapalhar o meu serviço do Fisco. E foi o que me apressou a querer aposentar porque me envolvi, comecei a me envolver com cultura, com movimentos culturais na cidade. Eu achava que estava sendo pesado para o Fisco, eu gostava muito do trabalho do Fisco, eu amava aquilo, mas eu achei que estava sendo prejudicial. Eu já estava na idade de aposentar, me apressei. “Vou sair, porque estou sendo pesado para o estado, estou sendo mau funcionário”. Não tinha como ser um bom funcionário, as pessoas me confundiam, não me viam como um fiscal. As pessoas falando em livro, cultura e depois eu tinha que pôr pessoas envolvidas em cultura e dirigir eventos culturais, eu precisava de patrocínios, como é que... eu ficava constrangido em chegar em empresários e pedir patrocínios para o evento da Fundação Municipal de Cultura, sendo que eu era fiscal, ficava constrangedor.

A atuação de Filadelfo como intelectual envolveu a ocupação de cargos públicos na área da cultura e da organização de eventos culturais, como parte do que ele, da mesma forma que Martiniano e Faria consideram “movimento cultural”.

A criação da Academia Rioverdense de Letras, é parte dessa atuação dentro do que ele considera como movimento cultural. Segundo o escritor, o fato de escrever colocava-o num constante dilema sobre uma instituição que agregasse os escritores da sua localidade e promovesse a cultura local. Para a fundação, ele utilizou as amizades construídas com escritores da Academia Goiana de Letras. Organizou toda a parte burocrática, utilizando documentos da Academia Goiana e contando com a ajuda fundamental de membros da maçonaria à qual é vinculado. Para o escritor, a ajuda da maçonaria foi determinante para a fundação da academia:

“Eu preciso desses, eu preciso que os irmãos se reúnam comigo, assinem a ata de fundação, lá no salão da loja, quero que a loja empreste o salão, o salão de festas, aí vou arrumar um advogado que ele tem que me orientar”. E foi na hora, e assim foi feito. Nós nos reunimos, a loja fez sua ata e o corpo de intelectuais que eram mais próximos, assinaram a ata, e nasceu a academia. Aí, aqueles maçons que estavam lá disseram: “Bom, eu não tenho cadeira nenhuma, eu não sou poeta, eu não sou escritor, não sou, não tem nada que me prenda aqui, eu estou aqui, eu estou aqui para fundar”.

A Academia Rioverdense de Letras, Artes e Ofícios, foi instalada em 1995, com vinte vagas, mas apenas 14 foram ocupadas pelos acadêmicos “fundadores”. Filadelfo presidiu a instituição por um ano, após sua criação.

O escritor é também identificado pelo conhecimento que tem da história de Jataí e de Rio Verde, sobre o qual a sua literatura se edificou. O gosto pela crônica e pela observação dos fatos cotidianos da cidade, levou-o a escrever um diário. Filadelfo faz anotações diárias a respeito de tudo o que ocorre na cidade e no país. Segundo ele, isso também ajuda nas solicitações constantes das diferentes pessoas que o procuram, em busca de informações históricas. Pela sua memória aguçada, é capaz de lembrar de fatos e nomes do passado das cidades com grande facilidade. Por essas qualidades é considerado uma “memória ambulante”.

Estou sempre colaborando, e sou chamado para entrevista em rádio, chega aqui, em Rio Verde, para escrever artigos sobre isso. Às vezes gasto horas nisso, vem alunos na minha casa, pedir informações e quando foi ano passado - não, acho que foi ano atrasado - o prefeito de Jataí pediu que eu fosse falar com ele. Ele pediu o seguinte: “No aniversário da cidade, não vai haver desfiles. Quero fazer uma programação diferente, eu quero me reunir com a sociedade, em vários eventos, em vários movimentos. Então, quero que vá lá alguém como você e fale de memória, fatos sobre a cidade, sobre qualquer tema, sobre o que você quiser, esportes, política, tipos da cidade”. Então, eu contava. Eu fui lá e falei, falei e focalizei alguns fatos pitorescos da política e da cidade.

Em outro momento da entrevista, Filadelfo fala, através de casos vividos, sobre como é visto e procurado em Rio Verde: um misto de testemunha, informante e orientador de estudos locais.

A gente não é chamado para passear, sou chamado por esse aspecto. Vem adolescente aqui. Aqui tem um rapaz, o Waires, ele foi meu assessor quando eu tive na Secretaria da Cultura, e ele tinha sido convocado, tinha sido solicitado pelo meu antecessor, pelo doutor Antônio Arantes, para fazer um levantamento na cidade sobre a história do futebol, do esporte. Então, ele veio falar comigo, aí eu dei muitas informações sobre o Corinthians de Rio Verde, fundado em 1947, o Botafogo do Rio Verde, fundado pelo doutor Vanin. Eu disse isso porque era menino em Jataí. A rivalidade futebolística era grande e influencia a história, para quem acompanhava o futebol. Eu sabia o que estava acontecendo na rua, os principais jogadores. Então, você tem que ouvir fulano chorar, aqueles que foram dirigentes, ou foram jogadores, tem que falar com o Fábio Araújo, que foi vice-prefeito, que foi um grande esportista, tem que falar com Paraguai, você tem que pegar, falar com aqueles que jogaram futebol, dirigiram clubes, pegar documentos, tem fotografias, e ele fez um belo trabalho.

Quando comenta sobre como os livros foram construídos e sobre seus projetos futuros na área literária, ele critica o amadorismo de seus textos e dos trabalhos de alguns colegas da região e defende a pesquisa documental como caminho para a escritura da história das cidades. Filadelfo discorda do autodidatismo e do processo de pesquisa que fundamenta a escrita da história apenas na oralidade, em depoimentos de pessoas, classificando esses trabalhos como amadores. Ele avalia que os seus trabalhos, atualmente, estão se tornando mais documentais. Essa avaliação é recorrente entre os escritores entrevistados. É curioso como, nessa reflexão, o escritor deixa de atentar para sua própria condição de testemunha, da qual ele sempre lança mão para compor seus livros e atender às solicitações da sociedade. Apesar de reconhecer a importância dos textos mais situacionais e menos abrangentes para contar a história da cidade, em sua fala há afirmações que desvalorizam a crônica como modalidade literária para o relato da história local. Os tipos de textos apropriados seriam aqueles mais totalizadores e que abrangem grandes períodos da história e, sobretudo, centrados no passado.¹⁶ Filadelfo não se define um escritor no sentido que considera ser esse profissional, mas se identifica como “escriba”:

Eu acho, que nós pecamos pelo amadorismo. E eu, Filadelfo, pequei pelo amadorismo, é... a falta de formação acadêmica. Mas todos contribuíram de uma forma ou de outra, para deixar informações. O Basileu, ele saiu do parâmetro, aí, do amadorismo. Basileu escreveu e foi mais fundo, foi mais historiador. O Basileu e o Binômio da Costa Lima saíram desse amadorismo. Com Martiniano, eu diria também e com a Eloá.

Então, esses quatro, eu acho, escreveram realmente a história de maneira, assim mais aprofundada. Eu escrevi, mas acho que estou bem aquém deles na qualidade da produção, e não estou distante. Todos contribuíram a informação é válida e Rio Verde tem Onaldo Campos.

Então, acho que, em resumo, nós aqui que somos escritores cronistas, escritores, eu sou escriba, não sou escritor, nós marcamos nossa presença, nós fomos, nós deixamos o nosso recado e nós contribuimos para que essas coisas... porque, Rio Verde simplesmente é muito descuidada em relação a sua história. Eu contribuí para que isso fosse reavivado. Jataí é mais cuidadosa com isso, de alguns tempos para cá. De uma forma ou de outra nós temos influenciado, as pessoas têm influenciado para o resgate da cultura, porque se não desaparece. Rio Verde tem se preocupado muito com o aspecto econômico, esquecido o aspecto cultural, com exceção do governo que sempre se preocupou com isso, Rio Verde não se preocupa com isso. Rio Verde, a administração que está aí, não tem a menor preocupação com isso. Preocupa-se em trazer empresa, trazer empresa para pagar

¹⁶ É ainda cedo para responder analiticamente sobre as razões dessa valorização do documento em detrimento da oralidade entre os escritores. No entanto, é possível que não apenas a instrução universitária de alguns desses escritores não seja explicação suficiente. Talvez seja preciso considerar o crescimento do número de faculdades nas localidades e as cobranças sociais nesses lugares em relação ao campo disciplinar julgado adequado para as histórias locais: a História, a Antropologia, a Sociologia ou a Literatura.

menor imposto, pra dar emprego. E nós, e nós escritores, nós que trabalhamos nesse campo, nós achamos, eu acho que nós devemos ter, porque o que o está escrito fica.

O primeiro livro que eu escrevi, os problemas da política, eu fiz bastante memórias. Sobre César Bastos, comecei a fazer pesquisa. Aí, quando escrevi, sobre os prefeitos eram feitas pesquisas, eu pus, aquilo que eu conhecia também que foi vivenciado. Foi o que eu falei desde menino. Eu me interessei por política. Então, eu comecei a fazer, a valorizar pesquisa. A documentar mais do que a falada, do que a testemunhada verbalmente. Às vezes, uma pessoa fala, uma pessoa mente, às vezes até de maneira involuntária, ela nem percebe isso. Então, eu gosto mais de ir na pesquisa e... nesse livro que eu tenho aí, eu reproduzo às vezes ata da fundação da Congregação Batista de Rio Verde, eu reproduzo a ata. Eu a copio, e lá na frente tem a cópia dela para provar que é verdade. Aí, essa igreja, essa congregação se transformou em igreja, e faço a mesma coisa lá na frente. Tem, aí outras coisas que eu só cito a ata, aí, se a pessoa quiser, que vá lá nos arquivos, eu cito a ata, página, às vezes. Então, mas, eu tenho procurado valorizar a pesquisa, a documental.

Apesar de reconhecer que sempre consultou documentos para construir os livros, Filadelfo considera a formação acadêmica um requisito para a construção da história local. Nessa interpretação, ele valoriza o trabalho de colegas que têm essa formação. Considera, ainda, que os trabalhos de “maior fôlego”, como o realizado pela prima Maria Eloá, ela mesma com formação acadêmica não concluída, têm méritos semelhantes aos dos outros escritores que menciona.

Aproximações e distanciamentos biográficos

O movimento temporal que os escritores executam, quando falam de suas vidas e de suas carreiras literárias, é interposto por outro movimento: aquele que envolve os deslocamentos espaciais entre lugares vividos. O desdobramento do passado em lugares vividos fornece uma visão do fluxo espaço-temporal que constitui as trajetórias. O sentido das buscas por instrução e realização pessoal é aqui vista no quadro desses deslocamentos, eles mesmos, parte de uma construção de vida.

A saída da terra natal é por eles definida a partir do problema crucial da ausência de escolas no lugar de origem, mas está relacionado ao valor compartilhado da instrução formal. O entendimento dos relatos passou pela compreensão do significado desse valor cultural, que, entre outras questões, move a busca por melhoria intelectual.

Tanto a saída dos lugares quanto os retornos (ou o não retorno físico como ocorre com Eloá, Filadelfo e, mais especificamente, com Basileu) sofreram influências da

experiência adquirida fora desses espaços. Nesse transcurso, a terra natal permaneceu como uma referência simbólica mediatizada pela distância física. Maria Eloá e Filadelfo, afastados em circunstâncias distintas, manifestam um grande saudosismo pelo lugar anterior e idealizam uma possível volta embora a distância física entre a terra natal e o lugar de onde escrevem (cerca de 100 quilômetros) não seja significativa.

De forma diferente, Basileu não manifesta qualquer vontade de retorno. Esse escritor fala da terra natal com emoção pela infância que viveu, mas coloca-se na posição de um *escritor observador*. Para Filadelfo, o nascimento na fazenda não suscita sentimentos da mesma natureza que os manifestados por Eloá e Binômio. Em seu relato, ele afirma a sua origem na cidade de Jataí, sobre a qual escreve. Este também o caso de José Faria, que se mantém ligado à cidade de Caçu, apesar de ter tido uma experiência de vida na fazenda. Para Binômio e Eloá, a fazenda é o lugar de origem que eles fazem questão de reafirmar no texto e no relato. Para Binômio, a fazenda hoje é um lugar transformado, ao qual ele não quer voltar - mesmo porque nunca gostou do trabalho cotidiano de fazendeiro. No entanto, o meio ambiente e os costumes tradicionais que constituíam o modo de vida da fazenda são defendidos no presente. É importante ter em mente que a perspectiva de retorno de Filadelfo para Jataí pauta-se por possibilidades reais. O retorno de Eloá é cogitado no presente como uma realização quase impossível haja vista a idade em que se encontra. Para Martiniano, o lugar natal é lembrado como berço de sua origem sertaneja, que é sempre incluída no relato como uma identidade não apagada, apesar do afastamento espacial e de não ter escrito qualquer texto sobre esse lugar de infância.

Para os participantes deste estudo, a instrução deve fazer parte da carreira do escritor. Os escritores não demonstraram ter consciência de como esse valor da instrução pode ser produto das mudanças estruturais regionais ou da entrada de instituições de ensino universitárias na região em períodos mais recentes. O contato com os intelectuais da capital, a existência de escritores com mais de um curso superior e a prática de pesquisa autodidata parecem ter sido, no geral, os fatores principais dessa valorização.

Entre as mudanças coletivas das quais os escritores demonstram ter mais conhecimento, destacam-se aquelas que atingiram a fazenda. Estas foram mais sentidas por Eloá e Binômio. A mudança rápida e massiva dos fazendeiros para as cidades é explicada, sobretudo, em razão da busca de escola para os filhos. No entanto, os relatos de

Filadelfo e de Basileu sobre as suas famílias, como também o relato de Eloá sobre a falência do marido, apontam para um outro processo, já demonstrado por que outras pesquisas regionais: a modernização da agricultura no sudoeste de Goiás. A saída da fazenda das famílias fazendeiras também ocorre pela perda da terra ou pela falta de condições financeiras para dar continuidade ao trabalho no campo.

Por outro lado, o valor da educação fez parte do mundo da fazenda. A busca por escolas colocava-se como um problema para os fazendeiros, sobretudo os pequenos, exatamente pelo valor que dispensavam aos estudos dos filhos. Essa preocupação pode ser encontrada nas histórias desses escritores e na literatura regional.

A busca pela instrução não é sentida como uma pressão social, exterior às suas vontades individuais de melhoria. Mesmo Binômio, que desiste espontaneamente de estudar, apesar dos incentivos do pai, destaca o quanto aquele mundo em que ele vivia valorizava a formação escolar. Sobretudo nos relatos de Binômio, o mundo da fazenda era um mundo dinâmico e não isolado, situado em constante contato com o exterior e, no qual se atrelava um conhecimento tradicional com igual valor do científico. Independentemente da instrução formal, esse escritor mostra um mundo de sabedoria, no qual cada parente seu detém certas qualidades autodidatas. Também Maria Eloá estabelece uma mediação, ao inserir o tema das relações de exploração e dominação dos fazendeiros que ela presenciou. Mostra a sabedoria da mãe e a forma como ela ensinava, e chama a atenção para a presença de pessoas e locais – como a biblioteca do tio rico na fazenda – que representavam preocupações com a cultura e a instrução.

O escritor Martiniano traz uma outra contribuição, uma outra percepção de literatura, ao acionar uma nova identidade – a dele próprio – sustentada em sua ascendência negra, baiana e indígena, e trabalha com temas diferentes dos demais desde seus primeiros escritos. Ao fazer isso, ele utiliza a sua marca de parentesco para dar legitimidade a sua obra. Nesse aspecto, esse escritor segue a lógica que perpassa as biografias neste trabalho e acaba por não afastar-se dela. Portanto, apesar de migrante, estruturalmente, ele está na mesma posição dos demais na medida em que põe em movimento a sua genealogia e

história pessoal (a identidade de negro e seu local de nascimento, o seu parentesco) para legitimar sua obra.¹⁷

No geral, os escritores remetem-se a uma base antiga, que é resgatada por eles na literatura e trazem uma visão do passado. Dessa forma, eles marcam as suas posições como intermediários de um tempo – passado, de outras falas – as testemunhas orais, e de um espaço - que é recortado para a narração.

Em suas construções, a genealogia é o campo da legitimidade. Os lugares retratados e narrados em suas biografias recebem a marca de um percurso familiar e de parentesco, de onde eles buscam a significância nos relatos.

¹⁷ Sou grata às sugestões da professora Ellen Woortmann nesse assunto.

QUADRO-SÍNTESE

Escritores, origem, relações com o lugar da escritura, escolaridade, mobilidade e obras

Escritores	Ano e lugar de nascimento	Principais ocupações e atividades que exerce ou exerceu	Vínculos no lugar sobre o qual escreve	Tempo de permanência no lugar sobre o qual escreve	Educação formal	Outros lugares onde viveu.	Produção	Tipos de publicações	Ano da primeira Publicação em livro.
					Especialidade				
Basileu T. França	1919, em Jataí	Professor, diretor de jornal e de escolas, jornalista, funcionário público, assessor de educação e cultura, suplente de deputado, vereador, membro do IHGG e Academia Goiana de Letras, revisor de livros.	Nascimento, familiar parentesco.	Jataí: até os 12 anos de idade.	Superior, Economia.	São Paulo, Rio de Janeiro, São José do Rio Preto e Goiânia.	16 livros, 3 edições críticas e artigos em antologias	Ensaio, romance histórico, conto, poesia.	1951
Binômio da C. Lima	1930, na fazenda da família, em Jataí	Fazendeiro, pesquisador autodidata, ambientalista, membro da Academia Jataiense Letras e do Instituto H. e Geográfico de Goiás.	Nascimento, familiar, parentesco, trabalho, moradia.	Jataí: 74 anos: sempre morou.	Nível médio	Belo Horizonte e em fazendas no munic. de Jataí	1 livro, 4 artigos.	Genealogia, artigos científicos	1977
Filadelfo Borges	1944, na fazenda da família, em Jataí	Funcionário público (fiscal arrecadador aposentado), membro fundador da Academia Rioverdense de Letras, e da Academia Jataiense de Letras, membro da Maçonaria.	Nascimento, familiar, parentesco, trabalho.	Jataí e Rio Verde: sempre morou nas duas cidades.	Nível médio	Jataí	7 livros	Ensaio, conto	1982
José Faria	1948, na fazenda da família, em Caçu	Professor, funcionário público, jornalista, membro do IHGG e Academias Rioverdense e Mineirense de Letras. Membro fundador da Academia de Letras do Extremo sudoeste de Goiás. Diretor e editor de jornal local, vereador.	Nascimento, trabalho, familiar, parentesco e moradia.	Caçu, ausentou-se apenas por motivos de estudo.	Superior, Direito e Jornalismo	Juiz de Fora, Campina Verde, Goiânia.	4 livros	Ensaio, poesia, romance	1974
Maria Eloá de S. Lima	1923, na fazenda da família, em Serranópolis	Professora aposentada, artesã, membro da Academia Jataiense de letras, militante política (PT, PCB e PDT), candidata a vereadora.	Nascimento, familiar, parentesco, trabalho e moradia.	Jataí e Serranópolis: ausentou-se por curtos períodos	Superior incompleto, Letras	Goiânia, Rio Verde e fazendas em Serranópolis	4 livros	Conto, romance histórico	1988
Martiniano J. Silva	1936, Casa Nova, Bahia	Vendedor de livros, funcionário administrativo, advogado, professor, membro fundador da Academia de Letras de Mineiros, idealizador da Academia de Letras do Sudoeste Goiano, membro do IHGG e da AGL, vereador.	Familiar, trabalho e moradia.	Mineiros: efetivamente desde 1967	Superior, Direito e mestrado em história	Casa Nova, Coxoréu-MT, Cuiabá-MT, Goiânia.	10 livros	Romance, poesia, conto, ensaio, peça de teatro.	1964

QUADRO
Escritores, obras, gênero e ano de publicação.

Basileu Toledo França	Romance	1951	<i>Romance</i>
	Romance	1954	<i>Pioneiros</i>
	Ensaio	1959	<i>O Sudoeste, tentativa de interpretação</i>
	Ensaio	1960	<i>Estudos de Educação</i>
	Ensaio	1962	<i>Música e Maestros</i>
	Ensaio	1971	<i>Cadeira nº 15 – Contribuição ao estudo da literatura de Goiás</i>
	Ensaio	1973	<i>Edição crítica de “Cancioneiro de trovas do Brasil Central de Antonio Americano do Brasil Central</i>
	Ensaio	1975	<i>Edição crítica de “Contos, Fábulas e folclore” de Crispiniano Tavares</i>
	Ensaio	1979	<i>Cavalo de Rodas</i>
	Contos	1979	<i>Vale do Rio Claro</i>
	Ensaio	1979	<i>Romanceiro e trovas populares</i>
	Entrevista	1979	<i>Depoimento</i>
	Romance	1979	<i>Capangueiros e Jagunços</i>
	Ensaio	1987	<i>O triângulo dos diamantes</i>
	Ensaio	1994	<i>Poetisa Leodegária de Jesus</i>
	Biografia	1996	<i>Velhas Escolas</i>
Ensaio	1998	<i>Jornalista Leonardo Gomes</i>	
Biografia	1998	<i>Monólogos em Surdina. Memórias</i>	
Autobiog.	2000	<i>Algumas histórias – contos</i>	
Contos	2001		
Binômio da Costa Lima	Artigo	1977	<i>Frutos, Mamíferos, Répteis, Peixes, Aves e Abelhas melíferas do centro-sul de Goiás – uma tentativa de sistematização dos recursos de subsistência.</i>
	Artigo	1984	<i>A região de Jataí antes de cristo, Colombo, Cabral, Costa Lima, Vilela, Carvalho, etc.</i>
	Artigo Genealogia	1984 2004	<i>Plantas Melíferas dos cerrados</i> <i>Primeiros fazendeiros do sudoeste goiano e do leste Mato-grossense – genealogia e história</i>
Filadeifo Borges	Crônicas	1982	<i>Os Coronéis da Política</i>
	Crônicas	1989	<i>Folhas Esparsas</i>
	Biografia	1987	<i>César Bastos-Vida e Obra</i>
	Crônicas	1998	<i>Jataí do meu tempo</i>
	Crônicas	2001	<i>Jataí, minha paixão</i>
Cartas	1993	<i>Cartas na mesa</i>	
José Faria	Intertexto	1974	<i>Partículas do Tempo</i>
	Ensaio	1978	<i>Caçu – uma cultura em ascensão</i>
	Poemas	1992	<i>Plantio</i>
	Romance	2003	<i>A Reprise</i>
Maria Eloá de Sousa Lima	Romance	1988	<i>Serra do Cafezal</i>
	Romance	1996	<i>Serra do Cafezal 2</i>
	Ensaio		<i>Mariquinha do sobrado</i>
	Conto	1990	<i>Sebastiana</i>
Romance	2004	<i>Ana Prudenciana</i>	
Martínia J. Silva	Romance	1964	<i>A moça que ria muito</i>
	Ensaio	1974	<i>Sombra de Quilombos</i>
	Ensaio	1980	<i>Mineiros – Memória Cultural</i>
	Ensaio	1981	<i>Conflito de limites Goiás – Mato Grosso</i>
	Ensaio	1984	<i>Traços da história de Mineiros</i>
	Artigo		<i>Academia de letras do sudoeste goiano (impresso).</i>
	Ensaio	1991	<i>Parque das Emas – última parte do cerrado</i>
	Ensaio	1995	<i>Racismo à brasileira</i>
Ensaio	2003	<i>Quilombos do Brasil C. violênc. e resist. escrava – 1719 – 1888.</i>	

QUADRO

Outros livros literários sobre a história local, segundo as localidades do sudoeste

Localidades	Autores	Obras	ano	
Caiapônia	Eurico de Sousa	<i>Por onde os gigantes passaram</i>	1980	
		<i>Torres do Rio bonito</i>	1985	
Rio Verde	Sebastião Arantes	<i>Terra bamba</i>	1972	
		<i>Pranto dos Inhambus</i>	1975	
		<i>Tuna</i>	1984	
	Onaldo Campos Walter Massi	<i>Rio Verde Histórico</i>	1971	
		<i>Rio Verde eu te revejo</i>		
	Zilda Pires	<i>O bóia-fria: reflexão histórica e social do Brasil</i>	<i>Agrário</i>	1998
			<i>Rio Verde, Sesquicentenário</i>	1998
<i>Rio Verde – relato histórico</i>			2004	
<i>Rio Verde – pioneira e progressista</i>				
Jataí	Dorival de C. Mello	Jatahy, páginas esquecidas	2001	
	Dorival de C. Mello	Nos porões do passado	2002	
	Antonio V. Pereira	Memorial de escrevinhações para o outono	1999	
	Antonio Miguel F. Curado	Jataí e sua história	1988	
	Hugo Ayaviri Amurrio	Assim é Jataí	1994	

LUGARES LITERÁRIOS PARA AS HISTÓRIAS DOS LUGARES: o romance e o sudoeste de Goiás.

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Michel de Certeau

As palavras do escritor Basileu Toledo França sobre os fatos que o fizeram ser identificado em Goiás como escritor de Jataí e da região sudoeste do estado expressam a preocupação com o resgate da memória do lugar, em face do possível desaparecimento de pessoas e documentos, como o princípio pelo qual as suas reflexões acerca da realidade sudoestina se edificaram. Surpreende, contudo, o modo como o escritor refere-se ao seu romance, tratando *Pioneiros* mais como um estudo histórico e sociológico do que como uma obra literária. A história do livro e as características assumidas pelo romance em Goiás, na década de 1950, explicam, em parte, tal forma de considerar a obra. Chama a atenção também, no relato de França para este trabalho, a aceitação de *Pioneiros*, em Jataí, o modo como a obra adquiriu credibilidade a ponto de fornecer sustentação documental para decisões judiciais e ser adotada nas escolas públicas do município. Aos olhos de França, o reconhecimento de *Pioneiros* alcançou um patamar que tornou possível o englobamento da cidade pelo livro:

[...] Faz mais de 40 anos que eu estudo o sudoeste. Ficou assim, não uma idéia fixa, mas uma paixão por estudar em todos os anos que me foi possível, para recolher material e não deixar que desaparecesse, como a gente, é normal, a gente desaparece e, lá não tem arquivo, não tem nada.

Então, com aquilo a cidade passou a ser o meu livro. *Pioneiros* veio a ser adotado nas escolas de segundo grau e, ... os juízes deram, durante muito tempo, sentenças baseadas naquele estudo, era tudo firmado em cima de documentos. Então, daí passei para outros aspectos do sudoeste, principalmente da cidade de Jataí.

Em *Pioneiros*, o objetivo do escritor de reconstruir as origens do lugar conjugou-se com o propósito de preservar documentos abandonados pelo poder público em Jataí. O descaso dos governos locais para com os arquivos e documentos é sempre lembrado pelo escritor que reclama dessa conduta em quase todas as suas obras sobre o sudoeste. Ressalta, ainda, as suas intenções de promover, com esse livro, o gosto para com a literatura local e o despertar da consciência do passado pelas pessoas do lugar, como se tais preocupações inexistissem na realidade local.

Pioneiros, ao mesmo tempo em que instaura um “ponto zero” para a história local e institui uma história para a localidade e região, também se coloca como um marco inicial para a constituição de uma consciência coletiva de memória.

As afirmações repetidamente encontradas nas obras de Basileu e nos seus depoimentos sobre o processo da escritura de *Pioneiros*, a respeito da ausência por parte do poder público de uma preocupação com a memória local e o papel que ele atribui a si próprio, de restituir a memória na localidade de Jataí, trazem elementos para se pensar na constituição de uma autoridade assentada em um discurso sobre *ausências*. Esse discurso também traz o sentido do escrever uma “página em branco” e institui o lugar “próprio” para a história da localidade. A auto-designação da responsabilidade pelo resgate da memória acompanha também a instituição de uma consciência para a população local. De início, percebe-se que os propósitos colocados pelo escritor para o livro, inter cruzam-se com as responsabilidades que ele associa ao seu próprio papel de escritor para com a localidade de referência da obra.

Para a construção de *Pioneiros*, França fez pesquisa documental e fundamentou-se na tradição oral, no folclore, nos dados genealógicos, resgatou fotografias antigas, reproduziu assinaturas dos pioneiros, produziu desenhos, recolheu depoimentos de velhos, pesquisou em correspondências de pessoas conhecidas e lançou mão da sua própria vivência no lugar. Trata-se de um romance que tem na descrição – de pessoas, de lugares, de habitações, de gestos, etc - uma das suas características mais fortes. Ele descreve como se estivesse mostrando para os

leitores e para o mundo que não há dúvidas quanto aquilo que está sendo descrito. As datas e os documentos ajudam-no nesse intento.

Os diálogos apresentados em *Pioneiros* mostram o cotidiano das famílias, no século XIX, como se assim realmente fosse. A mistura das datas com a descrição da vida cotidiana das famílias e os diálogos transformam o romance histórico em um material de pesquisa, em um dado históricosociológico. Ao construir o retrato da vida diária das famílias pioneiras, França exercita um retorno ao tempo, e é como um observador das atitudes dos personagens, no cotidiano, que ele torna mais próximo o passado distante em, até familiar. A familiaridade fica evidente nos costumes apresentados e descritos; na forma como que ele transita por esses costumes, narrando-os com desenvoltura; no caráter dos personagens, descritos como se fizessem parte de sua vida e na narração dos acontecimentos – como se os tivesse vivido. É como se o escritor estivesse lá. O trabalho dos homens, das mulheres, as brincadeiras de crianças, as cantigas, as rezas, as comidas, as superstições, tudo é descrito para se guardar, lembrar e não esquecer.

Publicado em 1954, mas produto de uma pesquisa iniciada em 1942, *Pioneiros* narra a trajetória de famílias fazendeiras de Minas Gerais que migraram para a região sudoeste do estado de Goiás e deram início ao processo de ocupação e povoamento. A história construída por Basileu Toledo França é sobre “um mundo em construção”: considera as ações do pioneirismo no processo de desbravamento e descoberta das terras sudoestinas, com ênfase na relação específica de apropriação da natureza pelo homem.

Ao mesmo tempo em que esse aspecto do pioneirismo e da descoberta é destacado, adquire grande importância na trama do romance a trajetória das famílias. Nesse aspecto, a história narrada em *Pioneiros* pode também ser considerada reprodução de um modo de vida, com ênfase na genealogia familiar: trata-se de uma família rural mineira que, por razões internas à sua organização sociocultural - partir em busca de novas terras é apresentado como um momento inevitável e esperado para as famílias fazendeiras - e em circunstâncias históricas específicas da conjuntura nacional, entre 1836 e 1837, migra para outro espaço geográfico para dar continuidade à tradição ligada à criação de gado.

A interpretação do autor constrói uma origem histórica e cultural para o sudoeste de Goiás e para localidade de Jataí. França constrói a sua história, centrada na família do pioneiro desbravador – José Manoel Vilela -, estabelecida noutro espaço geográfico e sociocultural – o

interior de Minas Gerais (Divino Espírito Santo dos Coqueiros) – e cuja genealogia familiar, rememorada pelo personagem central, remete ao século XVIII, em Portugal.

Tal qual um romance histórico do século XIX, no Brasil, *Pioneiros* demarca um ponto zero histórico para o sudoeste. Descreve costumes, apresenta a constituição do herói desbravador-fundador; tece a genealogia das famílias fundadoras e mantém todos esses aspectos envolvidos na trama novelesca – com diálogos entre os familiares e outros personagens que participam da formação do lugar.¹ Por essas características do romance de França, há historiadores da literatura em Goiás que dizem que o escritor repete os caminhos dos primeiros que discorreram sobre as terras goianas, como Saint-Hilaire e Visconde de Taunay.

As vinculações históricas – temporais e espaciais - da ocupação do sudoeste com o processo de povoamento relacionado ao “ciclo do boi”, em Goiás, que o romance de França apresenta, integra essa história – ao mesmo tempo regional e local – aos processos históricos de Goiás e do Centro-Oeste, de uma forma mais ampla. Ao mesmo tempo, assegura um elemento de distinção importante na caracterização da cultura sudoestina, um tipo de particularização que é forjada pelo escritor no curso da narrativa do romance. Nos relatos para este trabalho, França procurou afastar da história narrada, caracteres negativos de outros processos, como o da mineração e o das bandeiras paulistas que caracterizaram a formação de outras povoações em Goiás as quais, para o autor, não fixaram os homens ao solo goiano e sequer fizeram parte da história do sudoeste:

A história de Jataí, como a de todo o sudoeste goiano, constitui a última fase da expansão do gado, que veio da retaguarda dos engenhos de cana do nordeste em caminhada secular, subiu o rio São Francisco, tomou conta de Minas Gerais e de lá entrou por Matogrosso e Goiaz, graças à iniciativa e à coragem fabulosa de homens e mulheres inolvidáveis (FRANÇA, 1995, p.)

Esse trecho de *Pioneiros* ilustra os vínculos históricos integrativos e abrangentes referidos. A construção da região que se esboça em *Pioneiros* traz, ao mesmo tempo, o recorte geográfico e a continuidade histórica. A demarcação regional não elimina, na concepção de França, os processos exteriores mais amplos direcionados para o sudoeste. A interpretação do

¹ Sobre o romance do século XIX ver Sussekind, (1990).

escritor nesse aspecto é bastante inclusiva do regional – sudoeste nas dimensões espaciais e históricas maiores. Nesse aspecto, a construção da particularidade regional e local em *Pioneiros* não se faz desvinculada dos processos que se desdobram nas realidades particulares.

Um movimento crescente de integração de realidades e processos é o que se depreende da análise mais geral de *Pioneiros*. No entanto, é de uma formação sociocultural e histórica mais específica que a obra trata. *Pioneiros* inclui a história do povoamento do sudoeste de Goiás, conquanto trate, mais especificamente, da fundação da cidade de Jataí. Essa situação, também “englobadora” das realidades e do processo histórico, no romance, repercute nas interpretações dos leitores e de outros escritores que, apesar de ressaltarem a importância do livro, se incomodam em ver as suas localidades incorporadas e desaparecidas nessa abordagem mais ampla.²

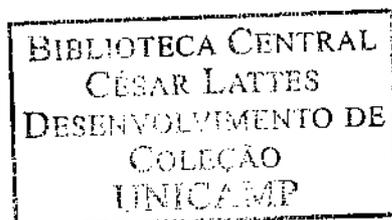
O sentido de abrangência localizado em *Pioneiros* é considerado uma característica do romance da década 1950 em Goiás. Segundo Borges (1986, p. 96), tal característica explica-se pela presença de elementos do procedimento científico na literatura regional:

Focalizando a paisagem geral da região, apesar de isto se fazer através de narrativas singulares, específicas, a descrição dos fatos, nesta década, possui sentido de abrangência, de coletividade, detalhe próprio da conduta científica que, observando reações particulares, conclui seus experimentos com a formulação de leis gerais.

O caráter documental de *Pioneiros* insere esse romance na caracterização de Borges. As notas de rodapé informativas, as datas reais, os nomes reais, o estudo genealógico, a história oral, os documentos e fotografias, mostram uma pesquisa, em que o escritor utilizou observação e análise interpretativa. Para Borges, (1986, p. 102) o discurso desse romance é realista:

[...] se elabora com habilidade, distanciamento, clareza, veracidade, faz com que o leitor veja a realidade de uma certa distância, observando-a, acompanhando-a, conhecendo a história que se entremeia a ficção, analisando o contexto social, às vezes confundindo, esquecido de que o universo romanesco é uma recriação estética.

² Esse assunto é discutido no capítulo IV.



Segundo Borges, uma das conseqüências da descrição mais abrangente da realidade adotada pelo romance goiano dessa época é a de estender as características remarcadas em alguma localidade ou situação similares a outras, fazendo com que as descrições tenham um caráter de representatividade. Essa característica ajuda a compreender o incômodo que a história de *Pioneiros* gera, quando pretende representar a história do sudoeste como uma unidade ou quando destina uma importância maior a uma das localidades no processo de povoamento regional. A história regional de *Pioneiros* acaba por tornar homogêneas as realidades e processos particulares do sudoeste.

O sentido de abrangência e o caráter de representatividade de *Pioneiros* ora discutidos aqui foi objeto das indagações iniciais da pesquisa e puderam ser submetidas a Franca na entrevista de 2003:

Cintya - Falando um pouco sobre *Pioneiros* e sobre como o senhor construiu a história local, tenho a impressão de que a dimensão regional – que abrange o sudoeste – às vezes confunde-se com a dimensão local – a cidade de Jataí. Essas dimensões estão inter-cruzadas numa mesma história de fundação? Foi sua intenção fazer esse entrelaçamento?

Basileu - Não, não, não me ocorreu isso pelo seguinte, quando os fatos históricos ocorreram naquela região, a gente tinha que começar pelo Paranaíba lá em baixo. Santana do Paranaíba. Porque o sertão, aliás, é conhecido como Sertão do Paranaíba, ou Sertão dos Garcia como se costuma chamar, uma região desbravada pelos irmãos Lemos. Que eram fugitivos da polícia, da justiça. Eles fundaram fazendas muito, lá no século dezenove, para fornecer víveres para os animais e para os Bandeirantes que passavam por lá. Então essa região, por ser geograficamente uma continuação, uma ligação com Mato Grosso, tornou-se muito importante. Então quando, no período do Império, resolveram facilitar a entrega de terras devolutas, porque antes ninguém incomodava com isso, terra não tinha valor nenhum, nós ficamos sendo conhecidos como Sertão do Paranaíba, vertente de... hoje eles chamam Aporé. Era um outro nome, ah... Rio Paranaíba, depois vinham as vertentes. Chama vertente, porque eram naquelas águas de afluente. Vertente de, vamos chamar Aporé porque eu não me lembro agora, o nome. Aporé, Caiapó ou Corrente e Rio Claro, então quando a pessoa requeria terra para o governo, requeria localizado lote tal, na vertente do rio, hoje vamos dizer Aporé, não era, era outro nome, não me lembro agora, a tantos graus, a tantas léguas, não sei o quê. Então, era a maneira de os leigos usarem na prática princípios do conhecimento de geografia da região, pelo próprio pessoal da região. Então Jataí, ela nasceu na vertente do Rio Claro. Quer dizer, vertente do Rio Paranaíba né, afluente do Rio Claro. Então tudo aquilo era um Sertão do Paranaíba, ou mais tarde chamado Sertão dos Garcia, né, porque havia muito Garcia lá. Agora porque que se entrou atravessando o Paranaíba lá em cima lá? É porque a ligação ali tinha um varadouro, um lugar mais raso, que o povo podia atravessar fácil. Dava pé, era fácil. Mas muitos vieram por Santana sabe, muitos vieram por Santana. Carvalho de Bastos mesmo entrou pelo Santana do Paranaíba. Era paulista, era de Franca. Já os outros que eram mineiros, o José Manuel Vilela, já tinha estado anos antes com o pai, ele era filho natural, o pai veio por esse caminho natural de comunicação do Triângulo, Minas com Goiás. E o outro veio de São Paulo. Ele veio de Franca, porque tinha comunicação direta com Mato Grosso.

Cintya: Eram dois caminhos então?

Basileu - Eram dois caminhos. Só que para chegar à região de Jataí, era muito melhor pelo Triângulo. Era assim. Um território era a continuação do outro. E o sertão de Paranaíba era muito grande. Ele vinha... olha, de Jataí a Três Lagoas tem 500 quilômetros. De Jataí o Paranaíba deve ter

quantos?! Deve ter uns 300, 350. Agora, aquilo à cavalo heim?! Agora, interessante, muita gente entrou por ali também. Meu trisavô, Toledo, era um professor primário, e meu avô era menino, ele ia dar aulas nas fazendas de Jataí. Naquela distância, passava meses numa fazenda, alfabetizando um, outro, já para outra fazenda, era uma profissão.

Às perguntas da entrevista, França respondeu, “lançando mão” de uma interpretação que traz um outro sentido: o de continuidade geográfica e cultural regional do sudoeste trazida pelo processo de povoamento, que mantém a abordagem generalizante da história de fundação, nos mesmos termos. É como se ele dissesse sobre a impossibilidade de tratar do surgimento de Jataí sem incluir a história do povoamento do sudoeste.

Apesar das considerações de França, a abrangência de *Pioneiros* fica evidenciada desde a estrutura do romance, cujos capítulos expressam o alcance da história: o capítulo terceiro denomina-se *penetração do sudoeste*; o quinto, *civilização do couro*; o nono, *Guerra do Paraguai* e o décimo, *índios*. O subtítulo de *Pioneiros* também antecipa o nível de generalização que o romance pretende alcançar - *Romance histórico da fundação de Jataí e contribuição ao estudo do povoamento de Goiás*.

Em *Pioneiros*, os eventos que compõem a trama romanesca marcam o tempo e são, eles mesmos, significativos da história de fundação. A *viagem* de membros da família vilela para Goiás envolve escolhas e decisões que são tomadas no interior da família pioneira ainda em Minas Gerais. Nesse aspecto, ganha destaque o *acontecimento deflagrador* da partida: o conflito entre famílias originado pela *transgressão* de um de seus membros mais jovens. Essa *transgressão* desencadeia um processo interno de discussão e reflexão e constitui a razão, em longo prazo, da partida em busca de novas terras. O namoro oculto do “moço abastado” (Francisco Vilela) com a “crioula pobre” (Floriana Borges) gerou o filho (José Manoel) em nome do qual, alguns anos depois, Francisco deixa a família, já casado com outra mulher, para partir para o sudoeste goiano. José Manoel, antes bastardo, é reconhecido e segue o destino previsto pelo pai – dar continuidade à família. Após tomar posse das novas terras goianas, retorna para Minas com o pai, casa-se e, posteriormente, volta definitivamente para Goiás como pioneiro do novo lugar.

O início da história de fundação do sudoeste narrada por França flui em meio a elementos dinâmicos e estáticos, a ruptura como fazendo parte da continuidade e o conflito institucionalizado. As relações retratadas nesse momento da trama ocorrem entre os sujeitos

que compõem a estrutura social predominante: o branco – fazendeiro e senhor; o negro – escravo e o mestiço. A história resgata as relações sociais e os costumes locais quanto à forma de resolver os conflitos, evidenciando os “acordos familiares” e a importância da “palavra dada”, ao mesmo tempo em que apresenta as relações entre famílias ricas e pobres e a questão racial no campo naquela época.

É com muita facilidade que Basileu transporta-se para o século XIX e lida com os costumes locais como se estivesse no meio dos conflitos. É como se esses conflitos e os costumes que os entrelaçam lhes fossem familiares. Nos diálogos criados, ele deixa aflorar as suas próprias opiniões sobre as atitudes dos personagens e na posição de juiz ou de crítico, toma partido nos conflitos: o vínculo do povoamento do sudoeste ao ciclo do boi também ajuda a definir elementos culturais particulares para a região.

Os pensamentos dos Vilela davam-lhes a sensação agradável de superioridade. Amesquinavam os vizinhos. Mas além de injustos porque os Borges eram trabalhadores e possuíam unicamente os braços para tocar a gleba, lá estavam no bojo daquele confronto Francisco Joaquim e Floriana. (FRANÇA, 1995, p. 22)

Na decisão da *viagem*, o diálogo entre pai e filho evidencia o caráter de *preparação*, de *aprendizado* para a constituição de uma vida autônoma por meio da transmissão de costumes. A transmissão é oral e faz referência a uma tradição, a uma memória e a uma geração. Sobre tais aspectos, dois trechos do texto são significativos:

Zé Manuel, os nomes dos nossos antigos precisam ser conhecidos e guardados dentro do coração. Na vida de cada um existe lição, exemplo a seguir. A contar das “Três Ilhoas” que em 1715 chegaram da ilha Faial, (*) lugarzinho chamado N. S. da Vila de Horta. Catarina de S. José, a primeira, casou-se com Cactano de Carvalho Duarte. Júlia Maria da Caridade, com o capitão Diogo Garcia. E Maria Tereza de Jesus com o capitão Bento Rebelo de Carvalho. Todos de Portugal. O primeiro casal deixou treze filhos. O segundo, quatorze. O terceiro, nove. E nós viemos do ramo Maria Tereza de Jesus-Bento Rebelo de Carvalho, de quem meu pai José Joaquim Vilela era o terceiro filho, batizado em Serranos no 11 de junho de 1759. Meu pai [...] (FRANÇA, 1995, p. 22).

-Como é que ficou sabendo disso?

-Da boca dos mais velhos. O homem vem “aprendeno assim desde o mundo é mundo.[...]”

[...] Nós, Zé, agimos diferente como bem se vê. Pra começar, temos obrigação de saber da donde viemos e de quem viemos. Guardar a história de nossos pais, desde o comecinho, do princípio do princípio, do tronco da farniagem. Por isso, de maneira alguma podemos ficar satisfeitos na vida, como o gado no curral: à espera de que o fardo, os olhos e os ouvidos nos guiem pela estrada do mundo, mostrem a teta que nos pertence. Desgraçado daquele!.

Vosmecê tem as qualidades dos Vilela. Honesto. De corage. Touro pra trabalhar. Conhece os segredos de raiz. Sabe como se cria gado e como se cultiva terra. Está preparado, pode enfrentar a vida, co a graça e a ajuda de N. Senhor (FRANÇA, 1995, p. 38 – 39).

A viagem de mais de um mês e a transposição do rio Paranaíba é relatada de forma breve, mas a chegada ao entorno dos Rios Claro e Ariranha – local da fazenda fundadora em Goiás – ganham qualidades heróicas no enfrentamento da natureza – virgem, bela e hostil. A natureza é classificada: rios, córregos - lugares ganham nomes. O local da fazenda é escolhido, demarcado e a terra apossada.

O início do povoamento tem “ares” de “começo de vida” e, tal como a viagem, é marcado por um acontecimento significativo: o *encontro* entre dois homens com os mesmos objetivos de enraizamento e trajetórias familiares: *um mineiro e outro paulista*. Os homens logo perdem o destaque individual no texto e, como são ambos jovens, pioneiros e recém-casados, é como um casal, como uma família que passam a ser referidos até o final do romance. Os casais logo estabelecem relações de vizinhança, pela proximidade de suas terras - e idealizam, logo no primeiro encontro, relações de *reciprocidade* que ficarão mais evidentes durante o processo de povoamento, com o casamento dos filhos.

Apesar da ênfase na família, não se pode desconsiderar a centralidade da narrativa em torno do personagem José Manuel Vilela, patriarca e fazendeiro. Não apenas a história de sua família como a sua própria vida adquirem um significado especial no fluxo histórico. Como um personagem histórico mais individualizado, ele é a representação do “homem do sudoeste”, reunindo qualidades individuais e coletivas e até um postulado universal. A sua morte encerra um ciclo geracional familiar e marca o tempo – o tempo dos pioneiros. A morte do fundador interrompe o tempo do dinamismo e marca a entrada numa fase de estagnação na localidade de Jataí. Ele não deixa herdeiros. O filho gerado é “abobalhado” e não seguirá os passos do pai. Poderia afirmar, nesse aspecto, que a temporalidade da vida cruza-se com a temporalidade do lugar.

O que se observa em *Pioneiros* é que o começo histórico que a história de fundação apresenta não se produz com a mera presença do homem naquele espaço geográfico. A figura do desbravador, na sua relação direta com a natureza, estabelece-se pela ação e pensamento desse homem histórico e cultural dotado de certas características individuais. Em vários

momentos do texto, a historicização do espaço ganha uma maior ênfase, sobrepondo-se ao espaço geográfico, que recebe a ação civilizatória dos pioneiros. Não se percebe, porém, uma historicidade anterior a essa ação. O espaço anterior é desistoricizado, representa apenas natureza em vias de domesticação.

É possível, pois, perceber um movimento oriundo de duas forças que se encontram no interior do processo de ocupação: uma que envolve a continuidade dada pela estrutura social das famílias, que representa a diacronia, como um “motor” que tudo move; e outra que se observa uma descontinuidade dada pelo desbravamento, pela possibilidade do “novo”, pelas incertezas que cercam as opções familiares e que insiste em fazer parte dessa “história de continuidade”. O desbravamento é negado como evento, mas, ao mesmo tempo, é elemento dessa estrutura. O que Basileu faz, na verdade, é evidenciar a força dessa estrutura pré-existente, valorizando-a e trazendo-a para construir o mundo novo. O pioneiro que desbrava o sudoeste está presente tanto como indivíduo quanto e, sobretudo, como membro de grupo, suas ações representam ideais e valores familiares. Em suma, o “começo histórico”, tão evidenciado nas histórias de fundações mencionadas no início do texto, foi relativizado pelo autor que, na condição de “narrador de suas próprias origens”, introduziu o elemento da continuidade histórica por meio de elementos socioculturais, quebrando a possibilidade do acaso, de ações individuais e da idéia pura e simples de desbravamento. Dessa forma, poder-se-ia dizer que o sentido cultural da história da fundação é que estabeleceu a dinâmica histórica.³

O êxodo de membros das famílias para Goiás, antes de representar desestruturação do núcleo social, significa a sua reprodução - reprodução de valores e reprodução da estrutura produtiva da fazenda. Não se trata de uma saída induzida pelas iniciativas programadas do estado, como as que ocorreram nos processos de colonização após 1930, na região Centro-Oeste do Brasil, mas, uma saída organizada no interior do grupo social. A idéia de continuidade da forma de vida anterior emerge tanto como “tradição” herdada pela família pioneira, quanto como “força” na construção do novo mundo.

³ É importante assinalar aqui o jogo de sentidos que a história de França apresenta. Ora são, a viagem, o desbravamento e a ocupação que impõem-se como forças indutoras da mudança, como eventos significativos, ora é uma estrutura que se movimenta para reproduzir-se. Os eventos representam, assim, a própria estrutura em movimento (SAHLINS, 1990).

Se, por um lado, a viagem, como parte de um êxodo familiar, é um elemento que permite a continuidade de uma tradição, por outro, ela perde a importância para a fixação, para o enraizamento. A viagem, para a família pioneira, existe mais como um meio do que um fim em si mesmo. Há um movimento entre “criar raízes” e partir para “criar novas raízes”. É um movimento que especifica um modo de vida em um momento histórico-social.

A construção do passado do sudoeste goiano, em *Pioneiros*, também passa por escolhas de origem: A origem mineira é reconhecida como passado – das famílias e do lugar – e termina por merecer um destaque fundamental, maior que a origem paulista (haja vista que o outro pioneiro fundador era um paulista). É possível perceber, no texto de Basileu, alguns aspectos que justificam essa ênfase, tais como as características pessoais dos homens da família Vilela: corajosos, empreendedores e que já carregando uma herança familiar de incessante busca de reprodução, continuidade e melhoria. O diálogo que se segue elucidativo dessas diferenças:

[...] Imediatamente a notícia correu: os escravos tinham sido libertados pela Princesa Isabel. Vilela abriu a correspondência oficial e foi à procura de Carvalho Bastos.

- Compadre, sua majestade a princesa dona Isabel deu carta de alforria pra tudo quanto é escravo.

- Já esperava.

Respondeu-lhe o paulista, tranqüilamente.

- Mode ser franco, ouvi falar mais num acreditava. Achava impossível acontece. Como é que faz quem tem cafezal, gado, engenho e plantação, como nós? Me diz. E a fazenderama de Minas, Rio e São Paulo? Vai ser um pega-prá-capá. Vosmecê sabe? Acho que pode até arrebentar uma revolução.

- Nada, no fim de alguns dias todo mundo acostuma com a idéia e a vida continua como antes. Do mesmo jeitim. Vancê verá.

Vilela não gostou da reação do velho amigo. Disse até logo e foi à casa do genro, cuja afinidade com o seu caráter era notório (FRANÇA, 1995, p. 219).

É importante perceber, na visão do autor, um delineamento da idéia do que seja o tipo fazendeiro, proprietário e patriarca, em comparação com os agregados e outros tipos desse mundo do campo. Há uma construção do que sejam os “tipos humanos regionais” e originais dessa estrutura inicial.

O escritor não se preocupa em mencionar as famílias que já viviam na região antes da chegada dos pioneiros. Os índios – os Bororo – aparecem na trama romanesca como uma ameaça às famílias que iam se apossando das terras. As relações entre índios e brancos aparecem na forma de “casos contados” sobre os conflitos havidos – verdadeiras chacinas –

para os dois lados. No final do romance, com a Vila de Jataí já formada, a descrição de um grupo de índios sentados na praça da igreja, como miseráveis, mostra o resultado do processo civilizador que o narrador ilustra com a sua visão:

Num fazem mal a ninguém, padre. Uns trinta diabos que precisam da nossa ajuda. Chega mais perto e veja que miséria!

O vigário adiantou-se por entre os curiosos. – Que lástima...

Sentados aqui e ali, sobre a madeira e pedra, homens, mulheres, e crianças nuas – que não tomavam conhecimento do povo – depenavam frangos caçados havia pouco, sapecavam-nos em chamas da pequena fogueira de gravetos e rasgavam as suas carnes com a voracidade brutal de simples carnívoros irracionais.

- Hum! Eco. Num tira nem as tripa – comentaram (FRANÇA, 1995, p. 227).

As outras categorias de pessoas que vivem na fazenda ingressam na história de *Pioneiros* após a formação da Vila de Jataí e são citados em apenas um momento do texto (p. 230), como “trabalhadores do campo” e “donos de gleba”. Eles são trabalhadores da roça que vêm, de vez em quando, à vila comprar mantimentos ou participar das festas religiosas promovidas pelos *senhores coronéis*.

É possível perceber na visão de França, como o sudoeste apresentado por ele na década de 1940 e 1950, com os olhos no século XIX, já traz a imagem da região progressista que ele ratificou em obras posteriores, como *Cavalo de rodas*. É possível entrever, em *Pioneiros*, as raízes de idéias que serão desenvolvidas em escritos posteriores. França escreve sobre o passado do sudoeste com os pés fincados no presente, deixando os sinais de uma visão idealizada de progresso para a região.

O desfecho da história dos pioneiros do lugar traz a morte como o sinal do final dos tempos. As mortes dos pioneiros são relatadas como momentos de reflexão sobre os feitos no lugar encaminhando-se para um futuro. Apesar de alguns sinais de decadência e estagnação que as descrições dos costumes e das construções da cidade trazem, o final do livro encontra espaço para o escritor pincelar as melhorias e as indicações de progresso para o local. O diálogo de um dos fundadores do lugar, Carvalho Bastos, com o padre Brom, no enterro de uma das pioneiras, faz uma avaliação dos feitos com perspectivas positivas para o futuro:

- Creio piamente no que ensina a igreja, vigário. – Tomaram a direção da saída. – E sei, como estou agora neste lugar, que um dia encontrarei minha mulher, meus filhos e meus amigos do outro lado da vida...Estava apenas me convencendo de que também virei em breve me entregar os ossos à terra. Do mesmo modo que os outros velhos.

- Um homem como o senhor, justo e caridoso, não deve se preocupar com isso.

- Não, não me preocupa. Obriga a pensar, unicamente. Olho para Jataí, que está crescendo na direção do Olho-d'água e do açude, construções e gente nova, fotógrafo ambulante, juiz de direito na comarca, enfim este progresso constante e revejo os primeiros tempos (FRANÇA, 1995, p. 249).

A consolidação de uma narrativa é, segundo Edward Said, uma das formas de autoridade que o romance apresenta. Para esse autor, o romance, como forma estética, incorpora diferentes formas de autoridade: a do autor, a do narrador, a da comunidade (família, nação, localidade, momento histórico específico) e traz, igualmente, a autoridade da história e da sociedade.

A discussão de Said sobre a consolidação da autoridade pelo romance é particularmente importante nessa discussão sobre *Pioneiros*, no que se refere a sua participação na construção de uma visão sobre o sudoeste de Goiás.

Um dos aspectos a ser ressaltado aqui é o modo como esse romance de França, interpreta a situação do apossamento das terras, realizadas por famílias de fazendeiros mineiros: uma apropriação territorial transfigurada em um processo de *reprodução* social e cultural. A posse das terras ocorre como um processo que antecede a efetivação propriedade. Institui a autoridade sobre o espaço geográfico e o direito à terra, independente de uma realidade e natureza regionais que se interponham sobre essa ação desbravadora.

Todo o processo retratado é como se ocorresse de forma inevitável, como se a vinda das famílias mineiras para Goiás fizesse parte de uma mudança esperada, como parte do caráter “nômade” das famílias da época quando, hipoteticamente, as terras se tornariam escassas em Minas Gerais ou diminuiriam pela crescente subdivisão por herança. O aspecto ausente em *Pioneiros*, mas encontrado nos depoimentos de França e na historiografia regional, é o ímpeto para o domínio de grandes extensões de terras, que movia os desbravadores mineiros que vieram para o Sudoeste. Os fundadores de Jataí apossaram-se

de outras grandes áreas de terras no Mato Grosso e em outras partes do sudoeste de Goiás na mesma época.⁴

Esse aspecto é lembrado por Maria Eloá, em *Serra do Cafezal*, no centro de uma narração sobre os direitos dos agregados, ao falar sobre outro pioneiro da região sudoeste:

Meu tio Ponciano era um homem extraordinário, bondoso como poucos, mas nele, como em todos os donos de terras, a paixão de ser proprietário de grandes extensões, a idéia de possuir a terra, eram concepções muito arraigadas que estavam no próprio sangue, eram o motivo da vida deles. Meu avô Joaquim Luiz Franco foi pioneiro no desenvolvimento dos Sertões que mais tarde ficaram chamando Serra dos Cafezais, Serra do Café, Serra do Cafezal. O nome veio das grandes plantações que foram surgindo naquelas terras-roxas de primeira. A fazenda Canguçu foi plantada dentro do mato como também o foi a Fazenda Buriti de minha avó Maria Floriana. Quando o meu avô Joaquim Luiz fez a casa e fincou os currais bem na beiradinha do aparado da serra, construiu também o paiol de milho perto do despenhadeiro. Os índios bororos subiam pelos brocotós da serra e vinham roubar milho no paiol do meu avô (LIMA, 1988, p. 83).

Em *Pioneiros*, os fundadores definem o território desbravado e se constituem, pela autoridade, donos. Os nomes são primeiramente dados, instituídos. Os rios, as matas e os lugares adquirem a individualidade da posse, da propriedade:

- Que rio claro, Zé Manuel.

- Água limpa que dá pra ver o fundo.

-Taf um nome bom: rio claro, - Concluiu Chico Vilela – Vamos apear naquela parte alta. Debaxo do jatobá (FRANÇA, 1995, P. 47).

As instituições que a história de *Pioneiros* enfatiza – a família patriarcal e a religião católica - também ajudam a consolidar uma ordem moral para um lugar social em construção. Os desbravadores da região são adeptos do Divino Espírito Santo e fundam igrejas nos diferentes lugares do sudoeste onde a família e os parentes escolherem permanecer. França trabalha com valores associados a coisas superiores, a instituições consolidadas, que são para ele necessárias ao mundo em construção. O direito de propriedade, transfigurado inicialmente no direito de posse, e a religião, associam-se no domínio do território.

⁴ Outras histórias de localidades do sudoeste, como a de Caiapônia, atestam a expansão da ação colonizadora do principal fundador de Jataí – José Manoel Vilela - e de sua família, em outros lugares da região e no Mato Grosso. A esse respeito, ver SOUZA, (1995).

É importante observar também é a construção valorizada do homem sudoestino. Nesse aspecto, sobretudo, é possível perceber a atuação do autor na construção do perfil dos homens do sudoeste, mencionados anteriormente: valentes, empreendedores, com grande amor à gleba, independentes, corajosos etc. A diferenciação entre as famílias fundadoras que o romance traz é fundamental para entender o tipo de homem e de liderança regional que a narrativa de França constrói.

O retrato da mulher pioneira compõe o quadro de um processo civilizador que se inicia no sudoeste de Goiás:

[...] Ao lado de sua besta rosilha vermelha, calçada das mãos, marchava o palafrem pombo num movimento de rede, levando ao silhão uma jovem magra, de olhar dócil e tímido. Era Leocádia Perpétua da Silveira, a esposa. Sem ser Bela, elegante e tema, agradava com o rosto magro sob o chapéu de palha, de que saía o tecido vivo de um lenço protegendo-a da soalheira. A suave naturalidade dos olhos castanhos. A pele de morena clara. As orelhas furadas com brincos de ouro. Tudo isto fazia da cabocla, de formação católica, educada no trabalho e nas virtudes do lar, o tipo de mulher ideal para o desbravador mineiro.

Em seguida, coloca o pensamento de José Manoel na narrativa:

Me ajuda em qualquer coisa. Sabe laçar um bezerro e curar sozinha, campeia melhor do que um peão. Deus há de me vale que embarrigue todo ano pra gente ter um mundão de filhos (FRANÇA, 1995, p. 63 – 64)

A história do romance de Maria Eloá de Sousa Lima, *Serra do Cafezal*, já se inicia estabelecendo um contraste considerável em relação a esse aspecto destacado com a história de *Pioneiros*. Na narrativa, a autora trata da história de sua avó paterna, Maria Floriana, e da história do povo da Serra do Cafezal, região do sudoeste de Goiás, conhecida pela formação em torno das plantações de café e das famílias de mineiros que primeiramente ali se estabeleceram. É a região de origem da escritora e onde ela viveu grande parte da sua vida.

O romance de Maria Eloá reconstitui a história de uma região do sudoeste de Goiás, que dá o nome ao livro *Serra do Cafezal*. Introduce uma outra visão da história local, menos abrangente que a narrada por Basileu porém, com um enfoque restrito ao universo da fazenda de gado regional já estabelecida.

No plano das intenções dos dois autores com suas respectivas obras, podem ser identificadas, imediatamente, distinções quanto ao nível de abrangência da realidade pretendido. Igualmente, também traz diferenças na abordagem dos sujeitos das histórias. Os fazendeiros – homens, proprietários e pioneiros – tipos regionais e sujeitos da história de França, recebem uma outra caracterização em *Serra do Cafezal*. No romance de Eloá, esses sujeitos são retratados com menos poderes políticos e econômicos do que os fazendeiros-fundadores de França. No entanto, carregam algumas das características delineadas por esse escritor para a mulher e o homem sudoestinos.

Serra do Cafezal é, acima de tudo, um romance de memória. O livro abraça os objetivos da escritora de escrever a história da avó fazendeira Maria Floriana e, igualmente, a “história do povo da Serra do Cafezal”. Esses dois objetivos – paralelos, mas, em certo sentido, também complementares - de Maria Eloá, constroem a estrutura do romance. A história do livro se molda por um entrelaçamento constante entre a sua biografia, a história de vida da avó, a história do lugar e de grupos: as famílias de fazendeiros da Serra.

Não obstante o recorte geográfico que realiza, o qual delimita a região da Serra do Cafezal como o espaço físico a ser descrito, o romance de Maria Eloá não apresenta as intenções de representatividade e abrangência regional de *Pioneiros*. O livro centra a sua força no vivido, na memória de pessoas e lugares e por esse caminho reproduz uma imagem sensivelmente espacializada, do lugar de nascimento. Sem preocupações maiores em retratar a origem da Serra do Cafezal ou mesmo a história dos primeiros povoadores - embora ela mencione, em poucos parágrafos, o avô pioneiro -, a escritora desenvolve a história tecendo o fio das suas próprias lembranças.

A escritora inicia seu livro se inicia com uma breve autobiografia. O relato biográfico prepara o enredo para a história da personagem principal: a avó paterna, por quem Maria Eloá nutria uma profunda afeição:

Eu nasci na casa velha que, depois que meu pai fez a casa nova passou a ser paiol de milho. Esta casa velha ficou de pé anos e anos. Era coberta de folhas de indaiá muito bem trançadas, que meu pai era perito nessa arte. Alguns metros distante da outra, a casa nova foi construída bem na beirada da serra e das janelas da sala que abrem para o poente se descortina uma das vistas mais belas que eu conheço. Foi minha mãe quem deu nome a nossa fazendinha e chamou-a de Fazenda Santa Clara (LIMA, 1988, p. 28).

No relato de um dos passeios de Eloá, da sua casa para a casa da avó, suas descrições entre lembranças e imaginação, começam a traçar o desenho, o mapa da Serra do Cafezal. A descrição do espaço físico acompanha as recordações dos lugares, e estes, são descritos como espaços de sentido. As descrições de Maria Eloá produzem uma noção de espaço que se aproxima da definição de Halbwachs (1990) sobre os *quadros de memória*:

Com o Aniceto pitando seu segundo cigarro, seguimos viagem e logo chegamos à porteira da divisa da fazenda de minha avó Maria Floriana. Começamos a descer pelo vale e, depois de atravessar um capão seco meio arenoso, já estávamos dentro da invernada da fazenda Buriti. O enorme jatobazeiro da beira da estrada e, logo adiante, o pequeno cemitério, garantiam-me que já estávamos quase chegando. Lá longe, na cabeceirinha, os leques dos buritis me acenavam e eu já podia vislumbrar, bem em frente, a copa do pé de genipapapo que meu avô plantara junto ao moirão da porteira do curral em frente (LIMA, 1988, p. 35).

A fazenda da avó e, sobretudo a casa, comportam significados. A autora trabalha com os diversos sentidos que o lugar desperta. Fica demonstrada uma percepção do espaço e do conteúdo desse espaço:

A velha casa também me atraía. Tinha uma história par contar. Ali tudo tinha um significado, lembrava uma data, marcava um acontecimento alegre ou triste. No quintal as velhas árvores eram fantasmas antigos que possuíam os segredos de três gerações. Foram testemunhas “oculares” de muitos momentos felizes e viram também muito drama e muita comédia (LIMA, 1988, p. 36).

Maria Eloá trabalha a interioridade do lugar que ela se propõe retratar, colocando-se *de dentro* dos espaços descritos. Lida com uma linguagem simbólica, ao eleger os objetos de memória como símbolos tradutores de um mundo e da história narrada pela avó:

No fogão enorme, o caldeirão de ferro, negro de meio século de uso, cumpria a tarefa de todas as noites cozinhando o feijão para as vinte e tantas pessoas que, invariavelmente, almoçavam na fazenda. A chuva recomeçara mansa e a água, caindo dos beirais, produzia uma cantinela que se compunha com a melodia doméstica da goteira que pingoteava numa bacia no meio da cozinha (LIMA, 1988, p. 37).

Os objetos e o espaço constroem o quadro das lembranças e da narrativa de Maria Floriana. À medida que a narradora-autora prepara o cenário para receber a narrativa da avó – a cozinha, o caldeirão, o fogo e a água – o universo feminino de uma época e de um lugar começa também a se delinear. Os objetos criam feições imaginárias, literárias. O fogão é enorme, expressa o trabalho que nele é depositado durante anos. O caldeirão é de ferro, pesado, *negro* e trabalha incessantemente para dar conta da lida da fazenda. A chuva apazigua um pouco a densidade do retrato que os objetos compõem e é sempre bem-vinda quando a *temperatura da cozinha* alcança um limite.

As descrições dos lugares, das pessoas, dos caminhos, traçam um desenho real e imaginário que se vai revelando no fluxo da narrativa. Aos poucos, o “quadro da Serra” vai se revelando ao leitor e permitindo a formação de uma imagem de um espaço coletivo. As fazendas da serra não se apresentam como unidades individuais. Apesar de fisicamente separadas, a autora empenha-se em mostrar as relações simbólicas, históricas e sociológicas que constituem aquele mundo como uma unidade. As relações pessoais (entre parentes e vizinhos), aquelas comerciais (da venda, do mascate) as jurídicas (entre fazendeiros e agregados), as políticas (o governo local) e religiosas (o espiritismo e o catolicismo) unem e separam o “povo da Serra” e formam o espaço descrito:

Naquele tempo, as famílias viajavam léguas a cavalo, durante dias, a fim de visitarem parentes e amigos. Para essas viagens, cada membro adulto da família possuía o seu cavalo arreado (LIMA, 1988, p. 256).

As famílias daquele tempo saíam a passeio de Fazenda em Fazenda. Formando verdadeiras caravanas, iam o pai a mãe e a filharada (LIMA, 1988, p. 357).

Na maior parte do romance, a autora interpõe suas próprias narrações entre as narrações da avó – a segunda narradora da história. As narrações também têm lugares e fazem sentido quando realizadas nesses lugares. O romance se inicia quando Maria Eloá, após uma temporada de estudos numa cidade do sudoeste – Rio Verde – retorna para a fazenda dos pais, em férias, e vai visitar a avó em sua fazenda na mesma região. A autora elege a avó como segunda narradora e constrói o romance considerando uma outra construção interior: o estabelecimento de um diálogo com Maria Floriana sobre a sua história de vida. O processo de

diálogo entre avó e neta se transfigura em um processo mais íntimo entre duas mulheres que se identificam, e os relatos perdem o caráter de *depoimento* e dão lugar a uma relação que, pela distância intergeracional, vai-se construindo e diminuindo à medida que os diálogos vão sendo estabelecidos entre as duas mulheres.

A senhora está certa, vovó. Concordo plenamente com o seu ponto de vista. Para que o nosso livro retrate bem a sua época, ele tem que ser escrito com as cores da verdade, mas para isso é preciso que a senhora fale comigo sem se preocupar se sou moça solteira ou se sou uma velha da idade da senhora. A realidade está aí para qualquer pessoa ver e sentir. Com as mudanças impostas pelos séculos, essa discriminação que até hoje ainda pesa sobre as “moças solteiras” como a senhora diz e que aqui na Serra do Cafezal ainda é muito acentuada, deixará de existir (LIMA, 1988, p. 179).

Ri com gosto e fiz a consideração de que, à medida que vovó ia desenrolando o seu novelo de lembranças, ali no aconchego da velha cozinha um fato novo acontecia: cada vez mais, ela ia inconscientemente vencendo as barreiras de preconceitos criadas pela diferença das nossas idades e agravadas por eu ser a “moça solteira”. Uma aproximação maior ia acontecendo gradualmente e ela, pouco a pouco ia destramelandando a língua esquecida das restrições a que eu me achava sujeita (LIMA, 1988, p. 219).

As falas de Maria Floriana são ouvidas quase sempre na cozinha do casarão da fazenda e em meio à realização dos trabalhos domésticos. As temperaturas – do caldeirão, das panelas, do ambiente interno e externo - os cheiros - das comidas, da natureza e das pessoas; o clima - dos temperamentos e do tempo físico - os gostos - das pessoas e das comidas - tudo, molda as narrações e traduz um sentido para os relatos:

Durante as minhas estadas na fazenda Buriti, eu costumava perambular pelos quatro cantos, dentro e fora da casa. Nas horas em que não sobrava ninguém para me dar atenção, a sombra das laranjeiras e o bananal imenso me acolhiam. O tempo da fazenda de minha avó Maria Floriana passava mais depressa do que em qualquer outro lugar. Ali as horas escorriam rápidas, as tardes fugiam tão rápidas que não davam tempo para nada e a folhinha, inexorável, marcava logo o fim das minhas visitas.

Nas minhas relembrações, como pano de fundo, aparecem sempre as velhas e enfumaçadas cozinhas das fazendas da minha infância. A Fazenda Santa Clara, onde nasci e onde embalei na rede de tabocas as três últimas criancinhas de minha mãe, a Buriti, com o velho cararão construído no século passado por meu avô Joaquim Rio-Grandense e a Canguçu, erguida também no século passado por meu avô Joaquim Luiz bem na beiradinha do aparadão da serra por onde subiam saltando dos galhos dos jatobazeiros os macacos velhacos que vinham roubar milho do paiol, foram o meu mundo. Mas é particularmente das cozinhas que eu me lembro.

Nos casarões das velhas Fazendas, era na cozinha que se batia o papo mais íntimo. Pelas noites quentes, sentadas longe do fogão e com a porta aberta aos perfumes da noite, as pessoas se reuniam para as longas conversas familiares. Quando, nas noites frias de junho, lá fora, zunia um ventinho gelado, as famílias se juntavam ao pé do fogo. (...) Eu adorava essas conversas dos “mais velhos” ali na cozinha, pois naquele ambiente de descontração e intimidade nós, “os meninos”,

chegávamos às vezes a ter certa facilidade de penetrar no assunto. Dependendo do que se tratasse, podíamos fazer alguma pergunta ou até, quem sabe, manifestar uma opinião. O que não ocorreria nunca se a prosa fosse na sala onde só se recebia as visitas do sexo masculino. Havendo pessoas estranhas, nós, as meninas e moças, só comparecíamos à sala para levar a bandeja de café com o grande bule esmaltado rodeado de xícaras também de ferro esmaltado, sem pires e nem sempre aparelhadas na cor e no tamanho (LIMA, 1988, p. 358).

O casarão da fazenda e alguns objetos dentro dele despertam o imaginário e conduzem a escritora ao mundo dos segredos. Maria Eloá confessa, no romance, sentir-se atraída pelos baús, pelos grandes tachos de cobre das cozinhas, pelos caldeirões negros e grandes que fervem as comidas nas fazendas. Esses objetos estão no romance também como “objeto para a ficção”. Eles preparam a temperatura da narrativa e trazem significados profundos da vida das pessoas que viveram naquelas casas de fazenda, onde a memória da narradora está também fixada. A morte do segundo marido da avó – um segredo de família – é revelado em uma das conversas da narradora/autora com Maria Floriana e apresenta-se como um momento de aproximação entre elas:

Vovó voltou a falar e na sua voz havia muita mágoa reprimida, muito sofrimento longamente acumulado. Todos aqueles anos, ela nos escondera o fato e eu nunca poderia imaginar uma coisa daquelas. Nem meu pai, nem minha mãe, nem ninguém, naqueles anos todos, deixara escapar uma única palavra sobre aquilo. O assunto fora enterrado e por fora colocaram uma pedra. Pedra que minha avó por sua livre e espontânea vontade, agora tomara a deliberação de remover para mostrar-me aquela verdade tão terrível. Cônsua da responsabilidade que eu lhe conferia de narrar-me para este livro a saga do meu povo, ela foi heróica e profundamente humana não deixando de lado o episódio deplorável da morte de seu segundo marido (LIMA, 1988, p. 358).

É possível então observar que, para a autora, importa o lugar que está sendo narrado – a Serra do Cafezal – como também os lugares onde transcorre a narrativa. As falas e as pessoas adquirem um sentido especial em certos lugares. Para chegar até os agregados da fazenda da avó, a narradora transpõe os caminhos que separam o casarão da morada do agregado é descrita de forma a dar conhecimento ao leitor das pessoas que habitam aquele espaço e como vivem.

Falar do meu tio Ponciano Alves de Lima é falar da fazenda Canguçu, palco onde vivi, em intervalos regulares, dias movimentados e felizes da minha infância. Aquela velha casa onde minha

mãe nasceu, cresceu e viveu até se casar, assim como o velho casarão da minha avó Maria Floriana, ficou indelevelmente grudada em minha memória (LIMA, 1988, p. 315).

Em seguida ela escreve:

A casa velha da Fazenda Canguçu era um casarão acachapado, coberto de telhas, mas de piso de chão batido. A não ser a sala e a “sala velha” cujo piso era de grandes lajes de pedra. Nunca soube o porque da designação de casa velha para a sala de dentro que servia de dormitório para hóspedes e de lugar para guardar os silhões, os baixeiros e as belas mantas bordadas das arreatas dos “cavalos das mulheres”. Desta sala, descendo um degrau, passava-se para a varanda comprida e estreita onde as mulheres se instalavam para descarçar, cardar e fiar o algodão. Da varanda descia-se por um pequeno terreiro lageado e deste passava-se para a cozinha que era separada do corpo da casa (LIMA, 1998, p. 316).

Maria Eloá descreve a região da Serra do Cafezal obedecendo às fases da própria vida como período da narração. Apesar dos transcurtos que faz ao passado anterior ao seu nascimento, através das narrativas da avó, a escritora vale-se de sua trajetória e de suas reminiscências, para construir a história do romance. A história do romance se passa em espaços vivenciados pela autora: o casarão da fazenda da avó, as fazendas dos parentes e conhecidos, as moradas dos agregados, os ranchos dos baianos, os campos, os caminhos entre moradas e fazendas. Os passeios realizados entre esses espaços motivam a descrição da natureza da Serra. Frutos, plantas, flores, capinzais, tudo é descrito “de dentro para fora”. Suas descrições são as de uma observadora que busca interpor distâncias, diminuindo-as sempre que possível.

A autora não se coloca, portanto, como uma observadora objetiva dos fatos, dos objetos e das pessoas. Ela busca, na intimidade das relações estabelecidas pelo convívio familiar, retratar sentimentos e afetividades. Apenas quando a atenção se volta para a construção do livro é que surge uma preocupação com a verdade. Tal apego à verdade, manifestado por Maria Floriana, não redundava em objetividade. Encaminha-se ao que realmente ocorreu e pede uma correspondência com o real.

- Ói aqui, minha filha, eu hoje vou te contar uma coisa que, se não fosse o livro, eu nunca ia ter coragem de te contar. Quando eu concordei de ajudar você a fazer esse livro, eu logo vi que não ia poder te contar a minha vida pelas metade pois livro é livro e eu acho que eles só tem valor se não esconder nada. Todos os livros que eu já escutei ler é assim. Conta tudo. As coisas boas e as ruim também. Olha aquele livro do Conde de Monte Cristo. É um livro grossão assim e a história ficou

comprida daquele jeito só mode a pessoa que escreveu o livro poder ir descobrindo os podre daquela cambada toda. Eu acho que a história verdadeira, mesmo as dos livros, tem que ser contada sem esconder nada (LIMA, 1988, p. 245).

Não obstante a opção por uma narração feita de *dentro para fora*, a escritora de *Serra do Cafezal* não chega a “engessar” o espaço retratado de forma a não permitir que o leitor tenha uma idéia das relações estabelecidas entre as fazendas da região e a sede do município da época – Jataí. As festas, as compras de certos mantimentos, as diligências policiais, as viagens de estudo são, todas elas, ocasiões em que tanto se procura a *aldeia*, quanto esta vem até a fazenda. As vezes em que o “povo da cidade” ou as “pessoas do governo” se dirigem para a fazenda são avaliadas criticamente pela autora:

Naquele tempo, no Jataí não tinha nem delegacia nem polícia e, de vez em quando, vinha lá da velha capital um delegado com uns cinco soldados pra prender algum criminoso que houvesse. Esses delegados que o governo mandava, costumava pintar e bordar com o pobre do povo. Prendiam a torto e a direito, desrespeitavam as famílias e roubavam cavalos (LIMA, 1988, p. 219).

-Mas nas minhas festas também costumava vir também gente de longe. Da beira da Felicidade, do Córrego da Ponte, da Moranga, da Invernadinha, do Pastinho e até de Jataí que povo de cidade gosta demais de festa da roça.”

Disso eu sabia, pois mesmo nas festas mais modestas, que a vida para ela agora andava dura, havia muita gente de Jataí. Lembro-me bem da discriminação que havia das moças da cidade pelas moças da roça. Podia o baile estar rustindo dos mais animados com as moças da região, dançando felizes que era só chegar um caminhão cheio de gente da cidade para entrar tudo na maior sem-graceza (LIMA, 1988, p. 38).

[...] Por outro lado, as da cidade vinham às vezes espiar na porta. De duas e de três voltavam dando risadinhas, caçoando das legítimas donas do lugar e da festa. Quantas vezes eu ouvi as críticas daquelas moças de Jataí cuja mordacidade chegava aos extremos da maldade! (LIMA, 1988, P. 39).

O mundo da fazenda descrito por Maria Eloá pode ser visto como específico de um tempo e de um lugar, mas a autora não se preocupa em ser cronológica ou em retratar a origem da região. Ela busca retratar os espaços que fazem sentido para as pessoas que viveram o tempo daquelas fazendas retratadas, daquela região. Não obstante algumas caracterizações mais abrangentes, como a que designa a avó como uma “autêntica pioneira” do início do povoamento ou, ainda faz menção aos fazendeiros fundadores da região da Serra (que não são os mesmos retratados por França), ou senão, quando liga a história da avó à história de um povo, a preocupação com a memória das pessoas e do lugar mostra-se

como mais importante do que empreender descrições mais amplas ou revelar o início do povoamento, por exemplo.

Foi naquele mês de janeiro de 1945 que, pela primeira vez, tomei a consciência de que eu devia escrever este livro. Antes, a idéia de ser escritora era apenas um sonho vago, nascido quem sabe do excesso de idealismo romântico, da força dos meus vinte anos ou talvez por influência das leituras absorvidas desde a infância. Era uma idéia inocente. Mas, depois das conversas com a minha avó Maria Floriana naquele ano de 1945, a idéia deste livro foi tomando corpo, foi se estruturando na minha cabeça e começou a se impor, exigente, martelando, martelando sem cessar.

[...] Pungia-me o desejo de contar num livro tudo que eu ouvi, vi e vivi. Já que eu tivera o privilégio de ter nascido entre aquela gente e de participar daquela vida tão rica e tão pobre em que, dentro daquele mundo meio selvagem, mas, por isso mesmo, tão belo, fazendeiros e agregados, vaqueiros e peões de eito se empenhavam numa luta constante, eu sentia que tinha o dever de assumir a responsabilidade de narrar os fatos e de transmitir a minha mensagem de esperança e de fé. Eu desejava contar a história do povo simples esquecido. Queria falar dos seus costumes, suas experiências e suas angústias. Além disso, a minha avó Maria Floriana vivia dizendo: “Minha vida parece um romance, só falta escrever.” O que me levou a assumir com ela o compromisso de fazer este livro (LIMA, 1988, p. 23).

Em seguida ela narra:

A fazendola onde nasci e cresci meu pai montou-a na glebinha que ele herdara de meu avô. As terras no chapadão eram “em comum” com vários outros fazendeiros da beira da Serra do Cafezal. Aquela rica pastagem natural só era aproveitada nas águas.

[..] Na época das chuvas, dava gosto viajar a cavalo atravessando aquela vastidão de campos limpos verdejantes que as manadas de gado pintalgavam. Era gado dos vários donos daquelas terras que, menos gananciosos que os de hoje, mais amigos uns dos outros e mais confiantes, não se preocupavam em dividir com cercas os seus quinhões. Viajando a cavalo da Serra do Cafezal para a cidade de Jataí, uma boa quantidade de léguas era através dessas chapadas e eu gostava de verificar as diversas marcas de gado que íamos encontrando (LIMA, 1988, p. 25)

Serra do Cafezal não se constrói em torno de “fatos e feitos” heróicos. Também não se trata de um romance de fundação de cidades, embora a autora pudesse ter optado por essa temática, já que a história narrada abarca um período anterior à formação do município de Serranópolis, sede do município que abrange a Serra do Cafezal, emancipado de Jataí em 1958. O fragmento, citado anteriormente, refere-se ao processo de ocupação e desbravamento das terras da Serra do Cafezal e destaca as ações do avô pioneiro de Maria Eloá. Nesse trecho do livro, suas descrições aproximam-se das que são encontradas em *Pioneiros*, porém sem o destaque dado por França, e ocupam somente uma pequena parte do enredo do romance:

Meu tio Ponciano era um homem extraordinário, bondoso como poucos, mas nele, como em todos os donos de terras, a paixão de ser proprietário de grandes extensões, a idéia de possuir a terra, eram concepções muito arraigadas que estavam no próprio sangue, eram o motivo da vida deles. Meu avô Joaquim Luiz Franco foi pioneiro no desenvolvimento dos Sertões que mais tarde ficaram chamando Serra dos Cafezais, Serra do Café, Serra do Cafezal. O nome veio das grandes plantações que foram surgindo naquelas terras-roxas de primeira. A fazenda Canguçu foi plantada dentro do mato como também o foi a Fazenda Buriti de minha avó Maria Floriana. Quando o meu avô Joaquim Luiz fez a casa e fincou os currais bem na beiradinha do aparado da serra, construiu também o paiol de milho perto do despenhadeiro. Os índios bororos subiam pelos brocotós da serra e vinham roubar milho no paiol do meu avô (LIMA, 1988, p. 83).

No transcurso, a narração, seja da própria autora, seja quando a avó assume o lugar da narradora, movimentava espaço e tempo e permite ao leitor um tipo de marcação e de localização. As chuvas, as águas representam tanto o fluxo da narrativa quanto um tempo real, remetendo às situações vividas pelas famílias de fazendeiros da época:

Naquela noite, sentadas no banco comprido da cozinha, começamos nossa conversa como sempre acontecia, por fatos corriqueiros, pequenos problemas do dia a dia, acontecimentos recentes e sem importância.

- A chuva este mês já está sobrando – era quase sempre ela que começava. – O feijão das águas que mandei plantar na rocinha da beira da serra já está na hora de colher e se não fizer um veranico é capaz dele perder. O pior é que o feijão velho já está só um restico no fundo da tulha e era com este feijãozinho-das-águas que ia dar pra esperar o feijão do tempo...

[..] – Se amanhã amanhecer chovendo, não vai dar para arrancar a mandioca e a fazeção de farinha da Tamira vai ter de parar. Ela deu o dia de voltar e se ficar esperando o tempo abrir mode torrar o resto da farinha, o marido dela é capaz de ficar incomodado e vir atrás.

Eu nem botava sentido ao que minha avó dizia. Na calidez da cozinha, bastavam-me a sua presença, a presença da casa e da goteira pingando na bacia (LIMA, 1988, p. 37)

As oposições entre o campo e a cidade e das categorias rurais entre si são, igualmente, assuntos que mereceram a atenção da autora em *Serra do Cafezal*. Tais assuntos são apresentados, às vezes, como reflexões da escritora; outras vezes, são parte da narração da avó, no meio de alguma história da família. A oposição fazenda e cidade, quando aparece, aponta para as injustiças cometidas pelas pessoas da cidade e a relação dos fazendeiros com os agregados são de igualdade e inclusão. Um trecho da narração de Maria Floriana elucidava esse ponto:

- Nunca fiz casamento de filha minha sem pagode a noite inteira e sempre fiz questão de chamar toda a vizinhança e sem esquecer nem os agregados. Todas as fazendas daqui de roda, quando era no dia, estavam aí, de mamando a caducando, os donos e os agregados. Acho que a gente neste mundo é uns pelos outros e nunca tive grandoria com ninguém.

Desde o início do romance, Maria Eloá deixa para o leitor a sua visão sobre a situação vivida pelas categorias do campo que, segundo ela, viviam em uma situação de exploração. Uma das marcas desse romance, quando visto no rol das histórias construídas sobre Jataí e o sudoeste de Goiás, é trazer para o centro da história categorias esquecidas pela história local oficial. O modo como empreende a narração da história dessas pessoas é considerado uma tarefa, um desígnio. Não apenas escrever a histórica regional mas, sobretudo, daqueles que foram desconsiderados pela história local oficial.

Este livro é uma homenagem aos pioneiros e descendentes de pioneiros da região da Serra do Cafezal. Aos que lá se instalaram nos fins do século passado e a todos os que por lá vivem até hoje.

Esta homenagem simples não se estende apenas aos proprietários das fazendas. De uma maneira particularmente afetuosa, quero homenagear aqui todos os agregados que passaram pela Fazenda Santa Clara, onde nasci e me criei; aos da Fazenda Buriti de minha avó Floriana; aos da Fazenda Canguçu, do meu tio Ponciano Alves de Lima e aos da Fazenda Campeira, de meu sogro, e onde fui morar depois de casada. Agradeço as esposas e filhas desses agregados, todas minhas amigas, pela pressa com que, logo à minha chegada, elas corriam a me preparar um café ou um chá de alfavaca ou de funcho. Em três tempos, improvisavam para mim uma merenda qualquer e sempre com um sorriso grande a lhes enfeitar a face amiga.

Homenageio a todos aqueles que, sem possuir terras, durante tantas gerações, vêm moureando nas roças alheias na região da Serra do Cafezal. Antigamente, segurando firmes o cabo do guatambu nos eitos dos cafezais ou plantando milho, o arroz e o feijão para encher as tulhas dos patrões. Hoje, manejando máquinas caríssimas, semeando e colhendo para abarrotar de grãos os imensos depósitos [...]

De um modo particularmente carinhoso, quero salientar aqui a homenagem que faço aos baianos que, nos tempos da minha infância, a pé quase todos, batendo o chão duro das estradas com as alpercatas de couro cru, vieram da Bahia para trabalhar nas roças de Goiás [...] (LIMA, 1988, p. 21)

Fora do espaço da cozinha, a história de Maria Eloá desenvolve-se nos caminhos que a autora/narradora percorre entre as fazendas, moradas de agregados e ranchos de baianos. Os passeios a cavalo, em companhia de um trabalhador da fazenda da avó, velho conhecido de Eloá, transpõem lugares e tempo e fomentam as lembranças. O encontro com os agregados ocorre em suas próprias moradas que, ao serem descritas pela autora, fornecem a noção dos lugares habitados por essa categoria rural.

Deixando à esquerda a estradinha velha que ia dar na morada do João Baiano, seguimos em frente até chegar numa varginha já bem perto da tapera do Isidoro. As quaresmeiras da beira do brejo estavam roxinhas de flor e, mais longe, na orla da pindaíba, uma árvore se vestia toda com os cachos de flor cor-de-rosa de uma trepadeira silvestre (LIMA, 1988, p. 46).

A autora continua:

O rancho do Secundino era na beira de um Corguinho já bem perto da primeira descida da Serra. De longe, avistei a fumaça branca do fogo do fogão que se elevava acima do rancho e ia se dissipando no ar ao sopro leve do vento (LIMA, 1988, p. 48).

A morada de Secundino é descrita em seu interior:

A cozinha estava bem arrumada. A velha prateleira coberta com alvos panos de saco de sal bordados com motivos ingênuos em ponto de cadeia e com barrinha de crochê. O fogão de jiral, recentemente barreado de tabatinga branca, tinha um barrado de tabatinga amarela. As panelas alinhadas em cima do fogão com a comida pronta, estavam devidamente embarreladas, a lenha arrumadinha debaixo do fogão, tudo denotava que a mocinha herdara mesmo da mãe o aseado capricho que sempre distinguira a mulher do Secundino da maioria das outras agregadas nem por isso menos cuidadosas com as suas moradas (LIMA, 1988, p. 48).

O passeio da escritora prossegue; e, com ele, a narrativa:

Depois do café, saí pro terreiro da cozinha e fui com a Altina dar uma volta pelo quintal. O mandiocal novo estava uma beleza. Embaixo, já quase na beira do córrego, havia uma moita de cana caiana e algumas touceiras de banana-são-tomé e banana-farta-velhaco. As árvores de fruta, mais perto da casa, formavam um bosque espesso (LIMA, 1988, p. 49)

A visita à casa de Secundino desperta a consciência da narradora para questões relacionadas com os direitos dos agregados, constituindo um dilema, um conflito intergeracional entre avó e neta, que aparece noutros momentos do romance. A reflexão da narradora aflora como um dilema insolúvel. A autora justifica a posição tomada:

Caminhando pelo quintal e pela horta, eu ia filosofando e fazendo os meus cálculos. O Secundino morava ali há mais de trinta anos. Tinha, portanto, direito de requerer ao juiz o título de usucapião daquele quinhãozinho de terra (LIMA, 1988, p. 49).

Este é um dos momentos da narrativa em que Maria Eloá faz reflexões e distancia-se do mundo narrado, colocando-se como observadora e crítica. A consciência dos direitos dos agregados foi possibilitada pela experiência política da autora fora da fazenda. A reflexão relaciona-se com o retorno ao mundo vivido, com o acesso a idéias, a um esclarecimento, que a experiência de estudos fora propiciou. Apesar de não ser tão incisiva quanto França ao mostrar a sua posição como uma observadora externa, que sai da terra natal e retorna em condições de ver melhor o mundo circundante do que aqueles que ficaram, Maria Eloá dá mais ênfase à aquisição de uma consciência política crítica do que de conhecimento.

Mesmo atenuando a posição dos parentes que, segundo a escritora, tratavam bem os agregados, Maria Eloá encara como um dilema o tratamento da situação dos direitos desse grupo. A situação do agregado Secundino, na fazenda da avó, motiva a escritora a ampliar a discussão sobre a situação geral dos agregados nas fazendas da Serra do Cafezal:

Se tudo corria bem, iam vivendo como Deus era servido, mas se acontecia de caírem em desgraça com o fazendeiro e tinham de sair da fazenda às pressas, iam embora com uma mão adiante e outra atrás. Sem terem tempo de colher a rocinha ou desmanchar a mandioca, largavam tudo e iam pedir agregação em outra fazenda. Não tinham, pois, a menor garantia.

Mas se alguém vinha lhes falar em lei de reforma agrária, de usucapião e outras que lhes podiam modificar a maneira de vida, eles ficavam calados ou desconversavam. Não acreditavam em leis nem em notícia de jornal.

Quanto à situação de Secundino, eu vivia um sério dilema. Eu podia insinuar ou aconselhar que ele requeresse o direito de usucapião sobre três ou quatro alqueires de terra que, há mais de trinta anos, vinha cultivando. Ali viera morar logo depois de casado. Ali nasceram e cresceram os seus filhos. Ali se casaram suas filhas mais velhas. Enfim, fora ali que ele e a Jacinta envelheceram (LIMA, 1988, p. 50).

E em seguida a autora pondera:

Mas dizer ao Secundino que requeresse a posse da terra para que ela verdadeiramente lhe pertencesse e pudesse, assim, passar a pertencer aos seus filhos por direito hereditário, eu não tinha coragem porque, embora minha avó fosse muito liberal e muito compreensiva, ela não estava à altura

de entender o meu gesto e iria colocar a minha atitude na conta de uma traição. E eu idolatrava a minha avó. Não queria correr o risco de perder a sua estima e a sua consideração. O que fazer numa situação daquelas? (LIMA, 1988, p. 51)

Ao contrário do que diz Binômimo da Costa Lima sobre os fazendeiros e o contexto da fazenda da época de seu pai, destacando a sabedoria e o interesse pelo conhecimento, Maria Eloá fala dos fazendeiros destacando a ignorância para com as leis, uma ausência de interesse pelos fatos de âmbito nacional e uma certa despreocupação para com a política nacional. Se, para Binômimo, a fazenda era um mundo onde havia preocupação com os assuntos externos e da política, podendo-se, por exemplo, acompanhar as notícias de fatos nacionais marcantes através do rádio, para Maria Eloá, havia pouco interesse pelo que extrapola o universo imediato, o que explicava a ignorância local.

Os fazendeiros daquela época não liam jornais, não conheciam o rádio e não se interessavam por política. Até ficaram satisfeitos quando Getúlio Vargas implantando uma das mais infames ditaduras das Américas, “imporbiu” eleições. Assim eles ficavam livres da obrigação de votar. Se o Estado Novo há quinze anos infelicitava a nação, eles não tomavam conhecimento disto e nem sabiam que os cárceres de Filinto Miller estavam abarrotados de presos políticos que sofriam e morriam de torturas nas garras do ditador de São Borja (LIMA, 1988, p. 145).

O tempo flui, no romance, mediado por acontecimentos significativos para a segunda narradora. Os três casamentos de Maria Floriana marcam o apogeu e a decadência da fazenda Buriti, e o começo e o final das narrações nesse espaço:

- Quando o seu avó morreu – começou vovó – eu fiquei com seis filhos pequenos para criar. A Cota ainda estava mamando e o seu pai tinha só dez anos. Fiquei sozinha com um mundo de coisas para tomar conta. Além desta Fazenda com o Cafezal, as roças e o mundo de gado pra zelar, ainda tinha os retiros lá do outro lado do Rio Verde. Tudo cheio de gado. Uma mulher que fica viúva na idade que eu fiquei, com seis filhos pra criar e que não tem pai nem irmão pra ajudar a tomar conta dos negócios, não tem outro remédio senão casar de novo (LIMA, 1988, p. 231).

O assunto da decadência do mundo da fazenda ingressa na narrativa de Maria Eloá através da situação da fazenda da avó:

Viúva pela terceira vez, já velha, minha avó Maria Floriana viu a Fazenda Buriti entrar em decadência. O gado foi diminuindo, os retiros desativados, sem retireiro, viraram tapera. Os cafezais,

invadidos pelo capim-colchão, cariru e campim-pé-de-galinha, começaram a diminuir a produção e, pouco a pouco, foram virando capoeira. Os filhos foram casando e partindo e ali no velho casarão da sede ela foi ficando cada vez mais sozinha (LIMA, 1988, p. 256).

A decadência da fazenda Buriti representa uma mudança muito maior, que se estende à região da Serra do Cafezal, como um todo. A decadência do café, a morte de grandes fazendeiros, a divisão de terras entre herdeiros, a mudança de fazendeiros para Jataí, as mudanças dos costumes, todos são fatores levantados por Eloá para mostrar as transformações maiores que já estavam em processo na Serra do Cafezal.

Pois como eu ia dizendo, as famílias daquele tempo saíam a passeio de Fazenda em Fazenda. Formando verdadeiras caravanas, iam o pai, a mãe e a filharada. Os pequenos na cabeça do arreio do pai ou no colo da mãe, os maiores “a cavalo sozinho” levando na garupa um dos irmãos menores.[...]

As velhas Fazendas, isoladas umas das outras por léguas de campos abertos, de chapadões e de cerrados, de matas e de vales cortados de ribeirões, naquele tempo abrigavam um povo feliz e despreocupado.

A mudança dos costumes se juntou à mudança na maneira de sentir a vida e de conviver uns com os outros. Parece até que, com as terras cortadas de boas estradas, com cada fazendeiro possuindo um ou dois carros, a distância entre as famílias aumentou em vez de diminuir (LIMA, 1988, p. 357).

Em outro trecho, a autora diz:

Hoje, a maioria das famílias de fazendeiros reside na cidade. Quando muito nas férias escolares dos filhos, as mulheres vão passar um mês na fazenda. A maioria delas já desligou de suas origens e chega a desprezar tudo o que lhe recorda o passado (LIMA, 1988, p. 358)

As mudanças atingiram a paisagem da Serra do Cafezal. A destruição do meio ambiente pela modernização da agricultura também ingressa na narrativa do romance. Nesse momento, a narradora deixa o passado e coloca-se no presente, olhando o tempo anterior, e despertando o leitor para um passado inexistente. Nesse momento, ela aproveita para tecer as suas críticas às mudanças e ao progresso:

Esses campos que descrevo aqui já não existem mais. As máquinas assassinas do progresso passaram sobre eles e, arrastando tudo consigo, deixaram a terra nua de qualquer vegetação. Ao ronco furioso dos tratores, os animais fugiram espavoridos e a terra, limpa, sem uma árvore, ficou para sempre deserta (LIMA, 1988, p. 27).

A narração une as mudanças estruturais refletidas na Serra do Cafezal com o desaparecimento de pessoas queridas, próximas da narradora. A morte dos avós, dos tios e de outras pessoas é importante para a autora e é sentida e percebida no espaço físico, pela descrição das fazendas com ares de abandono, ao mostrar o desuso dos instrumentos de trabalho, a destruição dos casarões e o surgimento de taperas nos caminhos, todos conhecidos e lembrados, por onde a autora transita ao narrar. A mudança nos objetos e no espaço físico é apresentada como sinais incontestes da morte inevitável de um mundo.

A morte das pessoas, dos espaços e dos objetos em que a memória encontra um lugar para se fixar traduz a morte da fazenda tradicional do sudoeste, também localizada na Serra do Cafezal:

Caminhando no quintal, eu ia observando restos de rastros do gaúcho meu avô. E ia pensando como a vida traíra a todos os seus descendentes, carregando para longe as possibilidades que nos haviam surgido com a chegada daquele gaúcho a Serra do Cafezal, homem “diferente” que, se não houvesse morrido tão cedo, haveria de nos ter proporcionado meios de penetrar num mundo mais adiantado, onde, através do estudo, tivéssemos podido ocupar um espaço menos estreito. Morto meu avô, com ele se foi a oportunidade e os seus seis filhos ficaram como os outros filhos dos outros fazendeiros da época: apartados num meio inculto, analfabetos, agarrados aos velhos hábitos, ricos-pobres no meio das terras e do gado (LIMA, 1988, p. 230).

Mal cuidado, com o capim-colchão a tomar conta das “ruas”, pé-de-galinha, caríru, o diabo a quatro, o cafezal já não sugeria nenhuma esperança. Os pés de café, garranchentos e amarelos, socados no meio da praga davam bem uma idéia da decadência em que andava a fazenda de minha avó (LIMA, 1988, p. 84).

[...] Aquela devia ser a baixela que minha avó usava nas grandes ocasiões quando a Fazenda Buriti regurgitava de pessoas importantes, entre elas o bispo Dom Prudêncio e o padre Brom.

Tudo agora estava mudado. Com a fazenda em decadência, os amigos “importantes” escassearam e a “baixela” deixou de ter serventia. Mas estava guardada ali como um troféu que recordava os tempos gloriosos em que o meu avô rio-grandense, hospitaleiro e feliz, atendia amável aos muitos amigos que, atraídos pela sua simpatia e pelo temperamento alegre de minha avó, aportavam com frequência à Fazenda Buriti (LIMA, 1988, p. 121).

A inclusão das histórias dos livros nas histórias dos lugares.

Um dos aspectos comuns aos dois romances aqui examinados relaciona-se à inclusão do processo da escritura do livro no conteúdo dos romances. Seja na forma de relatos sobre a coleta de informações e documentos, ou mesmo, em explicações sobre a origem da idéia da escritura, as histórias das obras ganha espaço e importância. Na forma de comentários em notas de rodapé, como faz França em *Pioneiros*, ou como ocorre em *Serra do Cafezal*, incluído na própria história narrada e na autobiografia de Maria Eloá, a construção do livro adquire um destaque, uma importância, para esses escritores de literatura local:

[...] queria escrever a estória de Maria Floriana. Quando eu estava lá pelo 10º capítulo, eu descobri que a história de Maria Floriana estava entrelaçada, normalmente, com praticamente todos os outros habitantes da região e que tinha muito mais sentido eu escrever a história do povo da Serra do Cafezal. Não pretender escrever a história só da minha avó e nem haveria como escrever. Aí eu mudei e perdi todo aquele trabalho e comecei no princípio outra vez. E com a mesma causa imagine que inocência a minha! Eu imaginei escrever colocando nomes fictícios, para você ver como a Serra do Cafezal nasceu, quase como um milagre, do jeito que ela está. Bom aí eu pensei que o livro só teria valor... Aí foi que eu acordei para a possibilidade que eu estava deixando escoar, fazendo o trabalho errado, que não ia ter valor. Aí tomei a jogar tudo fora e peguei a linha certa. Então, eu não sou uma historiadora, mas se acham que o livro tem certo valor histórico eu comecei inconscientemente, depois conscientemente um trabalho mais sério, já preocupado em formar, perguntar, pesquisar aquilo que eu tinha dúvida. Neste caso o Antônio foi muito útil, porque ele tem uma memória muito boa e ele me ajudou bastante. Aí, é que saiu Serra do Cafezal como está. Mas, houve dois arremessos: o primeiro caso foi escrever a história da minha avó que seria um romance. Depois seria escrever a Serra do Cafezal, mas fazendo ficção em cima (LIMA, 1988, p. 5).

No caso de *Serra do Cafezal*, a inclusão do processo da escritura do livro na história do romance desafia o caráter ficcional da obra e mistura-se a uma discussão sobre a verdade, como se os fatos tratados naquele momento da história necessitassem de uma confirmação enfática para o leitor:

A senhora está certa, vovó. Concordo plenamente com o seu ponto de vista. Para que o nosso livro retrate bem a sua época, ele tem que ser escrito com as cores da verdade, mas para isso é preciso que a senhora fale comigo sem se preocupar se sou moça solteira ou se sou uma velha da idade da senhora. A realidade está aí para qualquer pessoa ver e sentir. Com as mudanças impostas

pelos séculos, essa discriminação que até hoje ainda pesa sobre as “moças solteiras” como a senhora diz e que aqui na Serra do Cafezal ainda é muito acentuada, deixará de existir (LIMA, 1988, p. 179).

Maria Eloá também inclui, na história do livro, pessoas que ela considera “co-autores”: pessoas conhecidas, às vezes parentes, que relatam partes da história em sessões de conversas que são transpostas para a narrativa. Em momentos como esses, percebe-se um descompasso na narrativa do romance, quando a escritora se coloca no passado mais recente e mostra como se realizaram as conversas com as testemunhas. A autora também deixa entrever as fontes que utilizou, como, por exemplo, as cartas:

Para escrever este capítulo, conto também com a colaboração de amigos e parentes contemporâneos dele. Assim é que, de Saquarema no Estado do Rio de Janeiro, chegou-me estes dias uma carta de Sebastião Franco de Souza, primo e amigo de meu saudoso tio e a quem chamam de Sebastião do Lazinho Pintado. Sabendo que eu andava escrevendo este livro, o Sebastião gentilmente me escreveu e a carta veio repleta de causos interessantes e pitorescos que, a seu tempo, incluirei neste capítulo (LIMA, 1988, p. 315).

As conversas com o tio Augusto e com Francisca sobre a passagem da Coluna Prestes na Serra do Cafezal, assunto de que Maria Eloá trata no romance, assumem o caráter de uma investigação para um estudo histórico ou antropológico, assim como carrega uma preocupação com a veracidade das informações recolhidas:

- Eu queria que o senhor me contasse tudo sobre a passagem dos revoltosos por aqui. É para anotar num livro que vou escrever sobre a Serra do Cafezal. A vovó já está me contando a história da vida dela pois nesse livro pretendo traçar o retrato do povo, contar fatos importantes ocorridos nesta região e narrar “causos” acontecidos com gente daqui. Acho que o livro vai sair meio folclórico, meio do tipo colcha-de-retalho, mas é justamente isso que eu estou pretendendo. Um livro que seja o retrato da Serra do Cafezal, onde se movimentarão o povo de hoje e o de ontem. Nele não estarão presentes somente as pessoas vivas, mas também as que já morreram vão aparecer (LIMA, 1988, p. 150 – 151).

A passagem da Coluna Prestes no Sudoeste também envolve a segunda narradora do romance, Maria Floriana, que se mostra, igualmente, envolvida na construção do livro. O interesse da escritora pelo assunto é compartilhado pelos seus personagens, valendo realmente considerar-se aqui a noção de co-autoria que ela quer repassar ao leitor.

A avó orienta Maria Eloá para os seus possíveis informantes:

- Eu estava lembrando que uma pessoa boa pra você perguntar causo de revoltoso e do Barros é a Francisca, filha do Zequinha Eduardo. A Francisca é a mulher mais corajuda que eu já vi! Você não é de ver que ela enfrentou um revoltoso sozinha? Ela não é dessas que dá a farinha por menos. Aquela, se precisa falar, fala. Não arroteia toco. Pode ser até o rei, se estiver fora da razão, ela chega ele no eixo, que medo ela não tem não! Da vez dos Barros, ela foi a única pessoa que teve coragem de abrir a boca pra reclamar contra os absurdos que andavam acontecendo. Ela vai poder te contar muita coisa.

- É uma boa idéia vóvó. Sobre a atuação do Barros, ela deve estar muito bem informada pois o sogro dela, segundo me disseram, foi um dos fortes opositoristas ao regime dos Caiados.

Ai de mim! Dei tanto tempo ao tempo nesses anos todos que só agora, quase quarenta anos passados, é que, remexendo coisas velhas, encontrei os rascunhos que fiz em 1945 e me decidi, enfim, a empreender seriamente a tarefa de escrever este livro. Relendo aquelas anotações, achei a página em que eu registrara ligeiramente o conselho de minha avó de ouvir Francisca Amorim Carvalho tudo o que ela sabe sobre os revoltosos de Luis Carlos Prestes.

Seguindo o conselho, hoje fui procurar Francisca e o que ela me contou complementa a narrativa feita pelo meu tio naquela distante noite de janeiro de 1945 na Fazenda de minha avó Maria Floriana.

[..] A tarde principiava, mornacenta e calma, nesta cidade de Jataí quando cheguei à casa de Francisca com o meu caderno de notas debaixo do braço. Falei-lhe do livro e de como eu pretendia registrar nele os acontecimentos que marcaram época na vida do povo da Serra do Cafezal. Ela se prontificou a passear comigo pelo passado e a contar-me como um dia se vira frente a frente com um dos revoltosos da Coluna Prestes (LIMA, 1988, p. 171).

Logo no início do romance, a narradora lida com o *desalinho* da memória da avó, que provoca dificuldades para encadeamento da história que ela quer narrar. Nesse momento, o caráter ficcional da história apresenta-se mais claramente, como se a escritora anteviesse as confusões posteriores entre o real e o ficcional que a forma do romance acabou revelando:

A conversa ia tomando o rumo que eu queria, mas era difícil dominar as lembranças que, aos borbotões, jorravam da memória de minha avó. Eu não queria que ela fugisse de sua singela maneira de dizer as coisas e que dava tanta autenticidade aos fatos. Não queria que ela desse à narrativa o caráter solene de um depoimento tirando-lhe assim aquela simplicidade deliciosamente ingênua com que ela dava cor aos seus relatos, mesmo aos mais rápidos e sem importância. E eles eram tantos e tão reais que se confundiam com as pessoas agora presentes. Eu queria a história de corpo inteiro e não aos pedaços, arrancados ao sabor de seus devaneios (LIMA, 1988, p. 41).

Como já foi mencionado no início deste tópico, o romance de França traz as fontes nas notas de rodapé. Essas notas, por sua vez, informam a temporalidade da escritura ao propiciar a entrada das lembranças do autor sobre os assuntos e lugares tratados no livro e ajudam a explicar o conteúdo da obra, em forma de complementação ao que está escrito:

A primitiva ponte de aroeira sobre o rio Claro, no mesmo local em que hoje se atravessa o belo rio, foi construída por José Manuel Vilela com os seus próprios recursos. Conta-nos a tradição oral. Depois de muitos anos de inestimável serviço à coletividade, a enchente de 29 levou-a cachoeira abaixo (FRANÇA, 1995, p.242).

Às vezes, França menciona o nome dos informantes:

“Tia Justina” contou-me que certa vez Maria Júlia Vilela sofreu um ataque e foi dada por morta. Lavaram o corpo e puseram-no em cima da mesa para o velório. Às tantas, uma negra da casa achou que ela estava tão viva como os que a choravam. Sem dizer nada, abriu o alfinete de gancho da blusa e espetou-o na sola do pé direito de Maria Júlia. Surpresa e susto para todos: “a morta” levantou-se aterrorizada com o que viu e foi chorar inconsolável na cama, enquanto muitos queriam fugir assombrados com que presenciaram. Tempos depois ela caiu doente e faleceu (FRANÇA, 1995, p. 242).

Ambos os livros têm em comum também o fato de se tratarem de homenagens dos autores a lugares e pessoas retratados em suas obras. Para o escritor Basileu T. França, *Pioneiros* presta uma homenagem à cidade de Jataí e à região sudoeste de Goiás – sua terra natal – e é, entre os livros que publicou, o seu preferido. Além disso, *Pioneiros* destaca-se pelo sentido histórico que carrega, por retratar a história do início do povoamento da região e o surgimento da cidade Jataí.

Considerado o primeiro livro a narrar a história dessa cidade, o romance *Pioneiros* apresenta-se como *texto primeiro*, que inaugura uma forma de retratar os lugares sudoestinos. Segundo os relatos dos outros escritores entrevistados - que não dispensam críticas ao livro - *Pioneiros* tem a sua importância por fundar a possibilidade de se escrever a história do sudoeste e, portanto, por possibilitar a particularização da história e da geografia regional.

Pioneiros adquiriu um lugar de destaque entre as publicações locais como primeiro livro da história da cidade e permanece como texto de referência da história local e regional. O discurso proferido por França, durante o lançamento da quarta edição da obra em Jataí, em 1995, e que recebeu o título: *Somos todos contemporâneos: vivos ou mortos*, mostra a importância que a obra adquiriu localmente, ao longo dos anos, desde a sua primeira edição, em 1954.

O discurso de França, nessa ocasião, tratou, sobretudo, da pesquisa que fundamentou o livro. Relatou as dificuldades enfrentadas por ele para realizar a coleta das informações e lembrou a importância da preservação da memória local. A fase da pesquisa é considerada por ele como um *ato heróico* para a época, revelando as condições de um pesquisador autodidata movido por preocupações com a memória histórica da cidade e da região sudoeste:

Não satisfeito totalmente, andei a cavalo por chácaras e fazendas à procura de poesias folclóricas e do vocabulário pitoresco de nossa gente. Tendo anotado a lápis, penosamente, pois ainda não existiam canetas esferográficas e muito menos gravadores. E quando não havia mais caderno escolar em que anotar – aconteceu algumas vezes – escrevia no punho ou no peito da camisa até chegar a minha casa ou ao pouso mais próximo.⁵

A história da construção dessa obra recebeu uma atenção particular do escritor também em outros relatos encontrados noutras publicações. Na entrevista para este trabalho, França informou que a pesquisa que deu origem a *Pioneiros* ajudou a sustentar também outros estudos posteriores do autor, em que foram utilizados dados da década de 1940. Esse assunto foi tratado pelo escritor em um trecho já mostrado no primeiro capítulo deste trabalho, citado novamente aqui, por sua relevância para esta discussão:

Cintya: Quando surgiu o seu interesse de estudar e escrever sobre o sudoeste de Goiás? É possível fazer essa demarcação?

Basileu: Eu vou só lhe dar algumas pinceladas nesse quadro geral aí. Eu saí de Jataí com 12 anos. Fui estudar em São Paulo, nunca mais voltei, a não ser para férias. Quando eu voltei em 42, para acompanhar minha mãe que estava condenada por uma doença incurável, abandonei o estudo. O estudo e o trabalho, com o qual eu me mantinha, e vim com ela. Mas eu não sabia quanto tempo. O médico previa seis meses. Mas eu acabei ficando o ano de 1942 todo lá. Porque ela faleceu em agosto. Nós fomos para lá em fevereiro, ela faleceu em agosto e eu para não ficar com aquela idéia dolorosa, dia e noite na minha cabeça, porque eu não contei aos outros parentes, nem a minha irmã. Eu comecei a buscar coisas que preenchessem o meu tempo e não me deixassem pensar tanto naquilo, que não ia resolver nada e eu estava sofrendo muito. Então, essa pesquisa está ligada a essa fase dolorosa que eu vivi.

A minha paixão pela história, pelos fatos, pelas pessoas, por documentos, as fotos, todo esse material eu já tinha adquirido antes, porque eu fui revisor da Revista dos Tribunais, durante dois anos. Trabalhei em revisão de livro e revisão de livro se faz de dois. Eu trabalhei com um ex-franciscano, um verdadeiro sábio. Ele, lógico, não me deu aula com sistemática, como um curso, mas eu aprendi demais com ele. Por exemplo, eu ajudei a fazer a revisão de *Viagem Pitoresca através do Brasil*, do Rugendas, que era do alemão, ele grande conhecedor do alemão, quem traduziu

⁵ O discurso de França nesse evento específico foi encontrado entre os textos encadernados pelo autor, com data de 30 de maio de 2005, e que compõem o seu arquivo pessoal da sala especial do Centro Cultural que leva o seu nome, em Jataí.

foi o Sérgio Millet, diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, naquele tempo, importantíssima. Ele tinha então uma coleção de livros, só sobre esse tipo de estudos. Não só de estrangeiros como de brasileiros. E lá também se imprimiam muitos livros da José Olímpio, Coleção Documentos Brasileiros, de que eu tenho quase todos e ajudei a revisar vários deles. Eu tinha, da Coleção Brasileira, vários volumes da Brasileira foram editados. Então, eu, embora tivesse me preparado para fazer outro tipo de curso, fui me apaixonando, porque eu lia das sete horas da manhã às cinco da tarde, só com um intervalo de uma hora para o almoço, e supervisionado por um verdadeiro sábio, que era o meu amigo Jorge de Souza, que teve outro caso, outra história. Então, aquilo realmente me deixou surpreso de ver a riqueza deste material, e outra coisa, era na maioria feito por leigo, autodidata, que um era engenheiro, outro era médico, mas resolveram fazer aquilo, se apaixonaram, e hoje são livros estudados na Universidade.

E eu então não fiz isso conscientemente, mas quando cheguei a Jataí, já cheguei com essa bagagem, e o meu subconsciente estava carregado da importância, do valor e da riqueza desse assunto, para quem quisesse preservar a memória social. Então, quando eu cheguei de São Paulo, eu já cheguei preparado para essa visão diferente. Eu não era um nativo, um filho da terra que estava vendo o assunto dia a dia. Em sociologia se chama “estranho sociológico”. A pessoa que chega, numa sociedade, e tem acuidade e intuição pra entender a importância de certas coisas, que os locais não avaliam e nem apreciam, nem dão o devido valor. Então eu cheguei com essas duas vantagens: Ser filho da terra, ter circulado tranquilamente no meio de todas as famílias, descendente dos Vilelas e Carvalhos, que minha avó era Carvalho e Vilela, e amigo dos velhos que eram amigos dos meus pais, foram amigos dos meus pais e amigos dos meus avós. E eu, então, tive a liberdade de entrevistá-los, numa época em que não havia gravador, era tudo na ponta do lápis, isso é outra curiosidade que eu posso te contar de passagem. Então, essa preparação de leigo, autodidata, mas com embasamento em obras de alto valor, e num trabalho sério como o de revisor de livro, que é uma profissão que realmente me honra ter exercido, quando novinho, um ano, dois anos, aprendi demais. Eu levei na bagagem sem saber, e com isso, eu pude então pensar de uma maneira mais séria, embora não preparado tecnicamente para aquilo, eu pude fazer de maneira séria. E depois o seguinte, mais tarde, eu fiz esse meu estudo em 42, mas só consegui publicar como livro em 54. Por uma das razões que eu vou contar depois para você. E tive a felicidade de conhecer uma moça. Então eu me casei com a professora Ada Gomes de França. Nós éramos conhecidos e namorávamos desde mocinhos, e foi a minha grande paixão.

Cintya: Ela também é jataiese?

Basileu: Não, paulista. É paulista, a mãe era filha de italiano, o pai, de espanhol, de Vigo. Mas ela foi aluna de grande mestres. E depois, quando eu estava organizando esse livro, eu já era casado com ela. Não é que ela me ajudou a fazer o livro, não, mas muitas questões que me pareciam duvidosas, pra mim, como leigo, como autodidata, ela me ajudou dando algum sinal, alguma informação, algum dado, que me fazia não sair da linha certa que eu já tinha iniciado. Então tudo isso faz parte da história do meu preparo para fazer as obras que depois eu viria a fazer mais tarde, não só *Pioneiros*.

Um exemplar da primeira edição de *Pioneiros* encontra-se exposto permanentemente em uma das vitrines dos armários do Museu Histórico de Jataí, ao lado de outras obras esgotadas do escritor. A narrativa de França sobre o processo de realização da obra traz várias questões para se pensar a constituição de *Pioneiros* como um objeto histórico, parte da representação consolidada da história cultural regional, enfim, um *patrimônio textual*. Permite observar, por exemplo, como essa representação pode ter sido formada por duas vias complementares: pela consolidação de uma versão oficial da história

local e por elementos vindos do próprio processo da escritura, no qual o escritor é o principal protagonista e divulgador.

Entre as obras em que França realizou um relato do processo da escritura, *Pioneiros* destaca-se pela conjugação de uma diversidade de condicionantes intelectuais e pessoais. As circunstâncias difíceis da construção do livro tanto abrangem tanto as fases da coleta de dados, da escritura e da publicação, quanto remetem aos aspectos intelectuais e pessoais da vida do escritor. Tais circunstâncias são sempre lembradas e foram expressas desde o prefácio da primeira edição, quando o escritor comenta a despreocupação do governo local com os arquivos públicos e coloca como um desígnio pessoal a reconstrução da história local, antes que desapareçam as fontes para a sua elaboração:

O fato chocou-me profundamente. Perseguiu-me como idéia fixa. Sem parar. E a solução do problema de consciência foi impor-me, desde então, a tarefa que sabia difícil, trabalhosa e – talvez – incompreendida, de reconstruir as origens do lugar. Com o propósito único de preservar documentos, pôr em relevo homens e mulheres admiráveis, contar enfim a luta, as alegrias e as tristezas dos nossos primeiros, sem esquecer a contribuição dos humildes e obscuros negros, a fecundidade das mulheres rudes e a poesia dos brinquedos de criança (FRANÇA, 1954, prefácio).

A escrita da história local como uma missão, um desígnio pessoal, um dever e uma questão de consciência, são razões que aproximam os escritores analisados aqui. Tanto para Maria Eloá quanto para Basileu, escrever a história local significou uma tarefa de realização demorada e difícil, que apareceu em determinado momento de suas vidas como um desafio, acompanhado por uma idéia de compromisso para com o lugar. Se, para Basileu, a preocupação mais imediata é com os documentos e os velhos que podem desaparecer, antes que seja escrita uma história, em Maria Eloá ressalta o compromisso com a avó e, de uma forma muito mais enfática, destaca-se sua convicção de escrever a história de seu povo, da Serra do Cafezal. Se no momento da escritura de *Pioneiros* (1942 – 1954) a situação da história local sentida por Basileu era a de ausência de uma história escrita, é somente em 1988 – ano da publicação de Serra do Cafezal – que Maria Eloá verá realizar-se o compromisso firmado em 1945 de “contar a história do povo simples e esquecido da Serra do Cafezal”.

França construiu a história do livro entrelaçada com a história da região, da cidade, acrescida de uma circunstância pessoal: a doença da mãe, que o obrigou a permanecer durante um ano em Jataí, em 1942. Esse envolvimento com o lugar, que incorpora o livro permite fazer um trocadilho com uma frase do escritor em um trecho da entrevista para este trabalho – “A cidade passou a ser o meu livro” -: o livro tornou-se parte da cidade (ressalvados os diferentes sentidos e fundamentos políticos e ideológicos dessa incorporação). Vale a pena relembrar o trecho do relato de França, já citado no início deste capítulo, que remete à discussão sobre o lugar da obra no contexto local.

Os relatos de França levantam questões que remetem ao lugar do livro, no universo local, ao mesmo tempo em que faz pensar em como uma obra literária acaba por influenciar decisões judiciais, servindo de fonte em causas jurídicas.⁶ Como o próprio autor diz: “era tudo firmado em cima de documentos”. O romance *Pioneiros* carrega as características do romance em Goiás da década de 1950. Como já foi citado, Heloísa Borges afirma que, os romances desse período, receberam uma profunda influência da ótica realista. Ao ficcionar os fatos que foram realmente vividos e, na intenção de comprovar os fatos históricos relatados, o discurso literário documenta-se, “como se desejasse demonstrar a superioridade da realidade sobre a ficção” (BORGES, 1986, P. 103). Ocorre, então, uma inversão decorrente dessa relação com a realidade e o mundo ficcional do romance. A realidade externa, histórica, é que passa a delinear a realidade ficcional. Mesmo apresentando-se como ficção, os romances dessa época acabam se constituindo em importantes fontes documentais.

Ao comentar *Pioneiros*, França manifesta suas inquietações pelo fato de não ser historiador e enveredar-se pelo campo da pesquisa histórica e sociológica. Quanto a esse aspecto, seus relatos sobre a construção do livro são importantes também para entender sua escolha pelo romance como gênero literário para retratar a histórica local. Segundo França, *Pioneiros* foi escrito, inicialmente, na forma de ensaio, como um estudo histórico e sociológico, e acabou por ser publicado na forma de romance histórico. Para ele, escolha estética resultou de uma circunstância inesperada – a incineração acidental dos originais

⁶ Esse aspecto mencionado por França não foi detalhado por ele e nem tampouco por nós averiguado durante a pesquisa. Contudo, ao que parece, o escritor quis destacar a importância das informações contidas no livro, que também inclui um breve estudo genealógico das primeiras famílias jataienses.

pela primeira editora. Por outro lado, França também revela a sua opção pelo romance e pela novela como a forma estética mais apropriada para a população a quem ele destinou o livro: as pessoas da localidade de Jataí.

Segundo informa o escritor no prefácio da segunda edição, o livro foi escrito para o público local a quem ele esperava servir para “despertar o interesse da população pela crônica local”:

Servirá *Pioneiros*, entretanto – como acredito – para despertar nos jataienses o gosto pela crônica local. O prazer de novos estudos e levantamentos genealógicos. O amor aos ensaios agudos da vida romanesca dos boiadeiros. E toda a sorte de monografias, sem as quais no país inteiro não se poderá escrever um dia a história, nem tão pouco a interpretar à luz da sociologia os últimos cem anos da vida brasileira (FRANÇA, 1995, prefácio).

A formação intelectual também inquietou França durante a feitura de *Pioneiros*. Ao relatar o processo da escritura do livro, o autodidatismo aparece como uma questão que merece ser justificada. Como se o livro – um romance – para ser escrito, necessitasse da formação do autor em história ou sociologia a fim de respaldar a história contada. Na tentativa de amenizar a ausência dessas formações, França lança mão da experiência intelectual adquirida em São Paulo, e mostra como o trabalho como revisor de livros, as amizades com pessoas de boa formação intelectual e os estudos, ajudaram-no a vencer as limitações do autodidatismo em história, sociologia e antropologia. Não obstante o fato de *Pioneiros* ser um romance, França preocupa-se em relatar os detalhes das técnicas e fontes de pesquisa utilizadas: os documentos escritos de diferentes origens institucionais públicas e particulares, a história oral, as cartas e o recenseamento domiciliar, demonstra sua preocupação com as fontes e com fidedignidade das informações quiçá repassadas à história oficial pelo romance, como sugerem os depoimentos do autor.

Uma das conseqüências da abrangência e da tendência à representatividade de *Pioneiros* é uma narração exteriorizada, distanciada e objetiva da realidade local. De forma diferente de *Serra do Cafezal*, em que a escritora, inversamente, coloca-se *de dentro* da história, França constitui seu romance como um observador externo ao mundo que está sendo descrito. As notas de rodapé – mais um artifício dos estudos científicos – nas quais

onde o autor reserva espaço para falar das próprias lembranças do que viveu no lugar, não diminuem o teor objetivo da história narrada.

Percorrendo um caminho pouco trilhado pelos livros de história local, *Pioneiros* ultrapassou os limites mais restritos da região sudoeste e alcançou o público da capital. Nesse caminho, a trajetória do escritor, em Goiânia, contribuiu para o maior conhecimento e reconhecimento do livro, no campo literário. Pela feitura de *Pioneiros* e *Músicos e maestros*, França é considerado, por historiadores críticos literários, em Goiás, um regionalista “primitivista”. Na análise de suas obras, um destaque é dado pelas suas pesquisas no campo do folclore regional e da literatura oral (TELES, 1983, p.197). Avaliações mais positivas de sua obra, na literatura em Goiás, enquadram-no entre os principais regionalistas, como Bernardo Elis, José Godoy Garcia e Eli Brasiliense (GOMES, 1968).

Em uma publicação sobre a história literária goiana, França é citado como regionalista pela publicação de *Pioneiros*. No entanto, estranhamente, o historiador lança mão de outro trabalho desse autor para respaldar a sua análise. É assim que Victor de Carvalho Ramos refere-se à França:

Não lemos *Pioneiros* de Basileu Toledo França, nem sabemos de crítico algum que a ele se referisse, de modo que não podemos emitir qualquer opinião sobre sua obra (RAMOS, 1968).

Dois trabalhos acadêmicos incluem com maior destaque *Serra do Cafezal* e *Pioneiros* no rol dos romances goianos, a partir de uma análise mais específica da obra. Darcy França Denófrío, conterrânea da autora, em um ensaio intitulado “Sob o signo da água e do fogo”, faz um resumo do romance de Maria Eloá, no qual destaca os dois elementos antitéticos que governam a narrativa: a água e o fogo. Para a ensaísta e crítica literária, a autora construiu o seu romance de memórias movimentando a simbologia da água e do fogo, no curso da narrativa, como forças antagônicas que dinamizam a história do romance (DENÓFRIO, 1991, p. 13 – 26).

O outro estudo, com um ponto de vista de uma análise mais coletiva da literatura foi realizado por Heloisa Helena C. Borges (1986). Nele, *Pioneiros* inclui-se entre os

romances da década de 1950, e é classificado em razão das características identificadas no romance desse momento histórico-literário. Mais preocupada com o discurso literário, Borges afirma que o romance da década de 1950 em Goiás é, acima de tudo, descritivo e referencial e tende a focalizar a paisagem geral de uma região, mesmo quando constrói narrativas singulares. Para Borges, os romances desse período procuravam retratar a realidade sociocultural de uma região e traziam o determinismo como característica. O determinismo ao qual a pesquisadora se refere é *jornalístico*, transparece nos romances que trazem uma pesquisa, a consulta a documentos, e cujos autores utilizam-se de procedimentos científicos como a observação e a análise na composição do enfoque literário. Segundo Borges, esse determinismo é “denotativo do sentimento estético que, nesta hora, tem por objetivo informar, emocionar, interessar e denunciar” (BORGES, 1986, p. 96).

Ao falar sobre o comentário de um outro escritor a respeito de sua obra, Basileu trata da escritura de *Pioneiros* em São José do Rio Preto. O relato do autor sobre a feitura do livro após a perda do original, releva o caráter espontâneo e a sua memória que moldaram a redação final. Nesse momento, o escritor mostra-se mais próximo de uma concepção de produção literária que se afasta do estudo científico, portanto, distanciada de uma visão que ele mesmo teceu para o seu trabalho, considerado por ele, um ensaio histórico-sociológico:

Cintya - O professor Ático Vilas Boas da Mota, no prefácio da segunda edição de *Pioneiros* diz que o senhor construiu um sudoeste em suas obras. Qual a sua opinião sobre essa afirmação?

Basileu – Oh! professora, isso pra mim é emocionante, é envaidecedor, mas eu acho um exagero. O que eu fiz, foi realmente procurar recriar uma parte do tempo que já tinha passado. Pra não se perder nas horas do tempo, a memória dos velhos, costumes, brinquedos de criança, e a história em si, dos primeiros povoadores. Isso eu fiz consciente mesmo, mas para eles, sem nunca pensar se tivesse uma edição pro Estado, ou fosse obra digna de publicação nacional, nem de longe. Nunca, nunca, eu pensei, engraçado, esses trabalhos meus, eu sempre fiz por prazer pessoal. Primeiro público ou primeira pessoa a se satisfazer, devia ser eu. O que não me agradava eu rasgava e fazia de novo. Agora, eu tinha tanto conhecimento, tanta coisa gravada na cabeça, que esse livro foi feito, você não acredita como. Ele, nos fins de semana, nós tínhamos um colégio muito grande lá em Rio Preto e... que hoje até é uma Universidade. Ele começou a dar problema lá, eu era o diretor e o inspetor de ensino, que era proibido pelo MEC de ser, era sócio, tinha cota lá, era proibido mas ele era sócio. Começou a criar muito problema. Então nós tivemos uma pendenga judicial, eu brigava a semana inteira em juízo, através do advogado, sábado e domingo eu ficava escrevendo em casa *Pioneiros*. O meu editor que ainda é vivo, mora em Ribeirão, ele falava “ô Basileu precisava trazer um capítulo, aquele lá acabou”, que era composto a tipo solto, não existia, era, ele não tinha. Eu sentava na máquina, fazia mais um capítulo, na segunda-feira, levava pra ele. Então foi feito assim.

Não vou dizer que é de improviso, porque a matéria estava amadurecida na minha cabeça. Mas foi feito dessa maneira. Espontânea. Tudo aquilo que eu já tinha guardado na minha memória, e trazia no coração aquele amor. Á minha terra, á minha gente, como era o primeiro nome do livro.

Ao discorrerem acerca do público a que se destina a obra, tanto Maria Eloá quanto Basileu referiram-se à própria realidade que deu origem ao livro e ao interesse em informar e documentar a realidade particularizam-se para os lugares das histórias, misturando sentimento e preocupação com a memória. O pressuposto da ausência de história escrita dos lugares como justificativa para a realização dos livros, defendida por esses autores e também pelos outros escritores que integraram este estudo tanto pode assumir o sentido “fazer falar” os lugares e pessoas, desconsiderados por uma versão de história oficial, quanto a de escrever a história. Mas, ao produzi-la acabam recorrendo à versão *dos que venceram*. Isso mostra que uma mesma prerrogativa pode sustentar diferentes enfoques e que toda a discussão se passa na literatura - o lugar escolhido pelos escritores analisados para construir a sua própria história. Ao discutir acerca das histórias, tanto escritores quanto testemunhas estão discutindo também o próprio estatuto da literatura como o local onde a história de um lugar se edifica.

CAPÍTULO IV

A LITERATURA NAS LOCALIDADES: a dinâmica da leitura e as relações que a recriação literária introduz nos lugares.

Este capítulo trata das relações dos escritores, no universo local e regional, tendo em vista as suas diferentes inserções nos lugares de referência literária. Esse assunto é abordado a partir do pressuposto de que os lugares não apenas moldam as consciências dos escritores para os escritos, mas constituem espaços de atuação política e profissional e de reconhecimento social. Em vista disso, é importante, para os objetivos deste estudo, entender como os livros e as histórias que eles carregam retornam às realidades dos lugares e desencadeiam uma dinâmica discursiva.

A repercussão dos textos nos universos locais e regionais foi avaliada pelos escritores, de diferentes formas. Na maioria das vezes, os livros e suas histórias constituem motivos para eles discutirem acontecimentos da realidade local e geram polêmicas. Estabelecem-se controvérsias entre os escritores e os leitores e estas estão ligadas, principalmente, à participação das testemunhas - parentes nas versões construídas. Sendo assim, as histórias, quando retornam aos lugares descritos, tornam-se objeto de disputas e de críticas, incluindo-se numa luta pelo poder de narrar e consolidar narrativas.

As histórias conduzem, assim, a uma discussão sobre autoridades – do autor, das narrativas e, por que não dos próprios lugares, quando são assumidos pelos escritores como locais de vida e de literatura. O viés espacial, inerente às histórias sobre os lugares, adquire força política e constitui o campo da construção de superioridade entre espaços, tomando parte das ações e discurso dos escritores.

O modo como as histórias são construídas e o enfoque escolhido, excluem grupos e valorizam outros; hierarquizam tipos humanos históricos; estabelecem a prevalência de determinados espaços em detrimento a outros; enfim, constroem versões desejáveis de história. Essa dupla ênfase baseia-se no entendimento de que, o lugar do “lugar” para o

escritor no lugar de produção literária ajuda a compreender a consolidação de visões e autoridades nas quais acham-se envolvidos todos escritores, os textos e os lugares.

O enfoque de Edward Said (1995) sobre a consolidação da autoridade pelo romance é particularmente importante para o assunto tratado aqui. Segundo Said, o romance, como forma estética, incorpora diferentes modos de autoridade: a do autor, a da narrativa, a da comunidade (família, nação, localidade e momento histórico específico) e traz, igualmente, a autoridade da história e da sociedade. Para Said (1995, p. 118), “A apropriação da história, a historicização do passado, a narrativização da sociedade, que dão força ao romance, incluem a acumulação e diferenciação do espaço social, espaço a ser usado para finalidades sociais”.

Na perspectiva da afirmação de Said e tomando por base tudo que se discutiu até agora, pode-se dizer que as relações dos escritores com os lugares onde as obras encontram um vínculo com a realidade também são *espaços* em que uma autoridade se constrói. As homenagens são comemorações da fidelidade dos escritores aos lugares e destes a eles. Por isso, são vistas aqui não apenas na sua dinâmica ritual, mas como iniciativas que entrelaçam autores, obras e lugares e utilizam elementos simbólicos para se efetivarem.

A ênfase na relação dos autores, em seus textos e nos lugares, permitiu ver, ainda, que o reconhecimento social – uma expectativa dos escritores para com os lugares – realiza-se de forma diferenciada e resulta do modo como os autores inserem-se no contexto local e são assumidos pelos poderes locais – sendo eles mesmos co-participes dessa estrutura de poder. Essas relações podem se constituir em homenagens, podendo ser observada em momentos especiais para os escritores: as cerimônias de lançamentos de livros e as homenagens formais.

A atuação dos escritores em suas realidades redonda em ações como a formação das academias de letras locais e regionais e na idealização dos movimentos culturais. A participação dos escritores na criação das academias, discutida no final deste capítulo, mostra as suas atuações individuais na constituição de espaços para as letras nos municípios. No entendimento dos escritores, suas ações objetivam trazer para o espaço local e regional o ambiente cultural para a produção das artes e da literatura. Vê-se inserida nesses objetivos, a prerrogativa de mudança cultural, fundamentada em idéias que falam do despreparo das populações no trato com as artes e a cultura. Eles partem, portanto, do

pressuposto de que as populações precisam se conscientizar das práticas culturais e instruí-las para elas. Na construção de seus argumentos da necessidade de instituições e movimentos culturais locais, os escritores falam da ausência de motivações e da prevalência de um contexto agropecuário freqüentemente referido como um entrave ao desenvolvimento de uma cultura literária e artística.

A criação das academias locais e regionais também traz as razões políticas do combate às formas de dominação cultural. Os escritores constroem os seus argumentos mostrando a dependência, a hierarquia e as desigualdades entre os espaços geográficos e sociais do sudoeste. Mencionam, ainda, a relação entre a capital e o interior, lançando mão desses mesmos pressupostos.

Ao se mostrarem contrários às determinações impostas pelas situações de dominação cultural, os escritores também constroem as suas propostas intervencionistas, consubstanciadas nos movimentos culturais e academias de letras. Utilizam, assim, as mesmas construções geográficas, de modo a criar espaços delimitados para a identificação e a promoção das produções literárias e artísticas.

Assim sendo, atuam, nessas realizações e idealizações dos escritores, as idéias discutidas no primeiro capítulo deste trabalho. De modo que certas idéias repassadas por uma interpretação da história literária de Goiás acabam tendo lugar entre os escritores do sudoeste goiano.

Os lançamentos de livros e as homenagens: a construção do reconhecimento social.

As cerimônias de lançamento dos livros, das histórias sobre as localidades do sudoeste constituem acontecimentos singulares, dos quais participam, além do autor, os seus parentes e conhecidos (testemunhos ou não das histórias narradas), outros escritores (locais, de outros municípios da região e, muitas vezes da capital), representantes do governo municipal e de instituições ligadas à cultura (Academia de Letras, Universidade, etc).

A presença desses representantes da sociedade é variável e depende das relações estabelecidas pelo autor e do lugar que as suas histórias e ele próprio ocupam no contexto local. Os lançamentos podem se tornar parte de uma comemoração oficial do município, como os aniversários da cidade – sede, ou incluírem uma homenagem ao escritor e ao livro, ou mesmo, envolver os dois aspectos juntos. Nesse caso, a cerimônia adquire um caráter oficial.

Os locais dos lançamentos são também significativos. Os livros são geralmente lançados em locais públicos como: centros culturais, casas de cultura e museus históricos. As cerimônias nesses locais contribuem, tanto para formar a idéia desses lugares como espaços de promoção da cultura, da história e da memória dos municípios, quanto, para revestir os livros de importância histórica e memorialística. Outros locais, como as câmaras municipais também são utilizados para esses eventos.

Apesar de identificar uma aproximação entre o local de lançamento e o livro e o significado desse encontro, atualmente, essa identificação não tem se apresentado como necessária ou tem sido explorada localmente apenas no sentido exposto no parágrafo anterior. O Centro Cultural de Jataí, que abriga o acervo do escritor Basileu Toledo França, e que é utilizado para lançamento de livros, por exemplo, é um prédio moderno, recentemente construído. O lançamento de um livro sobre a história de Mineiros, de Martiniano, foi realizado em uma feira agropecuária, debaixo de uma grande tenda.

Os lançamentos de livros são aqui vistos como momentos de reconhecimento recíproco entre os escritores e a sociedade. Eles tomam parte da construção do lugar do escritor no lugar da escritura e ajudam a afirmar uma relação, ao mesmo tempo, individual e coletiva.

Um dos momentos em que podemos observar, de uma forma mais específica, essa característica, é quando os escritores afirmam a necessidade do primeiro lançamento se realizar na *terra do livro*. Mesmo quando não é possível que seja o *primeiro*, como ocorreu com os lançamentos realizados primeiramente na capital, o segundo, é realizado imediatamente nas localidades de referência do livro.

Em 1995, o romance *Pioneiros* de Basileu Toledo França, foi lançado em sua 4ª edição (fac-similar da primeira edição, de 1954), durante as comemorações do centenário de aniversário de Jataí. O lançamento de *Pioneiros* nessa data fez parte das comemorações

oficiais do aniversário da cidade e constituiu um evento à parte, realizado nas dependências do Museu Histórico. A cerimônia de lançamento teve o caráter de um acontecimento oficial, com a leitura de discursos, sessão de autógrafos e a participação de representantes do governo do município (prefeito, secretária da cultura, diretoras dos museus, políticos, etc) juntamente com outros escritores e diferentes pessoas da sociedade local.¹

A cerimônia de lançamento também integrou uma homenagem ao escritor e ao livro. A descrição do evento feita por um dos jornais da cidade mostra o conjunto de fatos que compuseram a homenagem:

Após o pronunciamento, a diretora do Museu Histórico, Mariléia Carneiro de Assis Franco, anunciou um pequeno recital de piano executado por Wellington Borges.

Foram tocadas as músicas “Boas Vindas”, de Jorge de Magalhães; “Alice das Flores” de Francisco Cabral; “Amar e Depois...Morrer”, de Plínio de Camargo; e “Saudade de Jataí”, de Araújo. Vale lembrar que todos esses compositores são jataienses. Terminando a apresentação Wellington reverenciou o grande maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, com uma composição “Bachianas Brasileiras nº 4”.

Representando a Universidade Federal de Goiás, Lisa França, Assessora da Editora da UFG, falou da importância desse lançamento em parceria com a Prefeitura de Jataí. “o livro estava esgotado e tem um enorme referencial histórico, além de seu grande valor literário. Resgata o vocabulário e é bonito esteticamente. Foi um privilégio participarmos desse trabalho”, comenta.

Dando seguimento, todos os presentes saíram do porão do museu em direção ao andar superior, onde Basileu França passou a autografar seus livros. Na mesma sala um armário emoldurava todos os livros da carreira do escritor. E ainda, a exposição “Pioneiros”, com telas pintadas pela artista plástica Maria Elena Melo Ignácio, retratando fotografias que ilustram o livro (FOLHA DO SUDOESTE, 1995).

Uma atenção ao discurso do escritor nesse lançamento se reveste de importância para a nossa análise. São também nessas ocasiões que os escritores encontram lugar para apresentarem as construções das obras. Tanto na forma de discurso, quanto na forma de uma exposição dos objetos da pesquisa, encontramos sempre a preocupação com a apresentação de um *cenário*, que conta a história do livro e desperta as pessoas presentes ao lançamento, para o campo real e imaginário da experiência do escritor com a escritura. É um dos momentos em que a experiência do escritor ingressa, transformando-se também em história. A experiência da escritura torna-se assim um elemento importante não apenas por

¹ A quarta edição de Pioneiros resultou de uma parceria entre a editora da UFG e a prefeitura de Jataí, com uma tiragem de 800 exemplares. Da parcela dos exemplares destinada à Prefeitura, foram feitas doações às bibliotecas, museus e escolas locais.

trazer respaldos quanto à fidedignidade das fontes que compõem a obra mas, por aproximar o escritor a um público, trazendo este último para compartilhar de uma experiência que, muitas vezes, este mesmo público, como testemunho, tomou parte.

O discurso de França nessa ocasião tratou, sobretudo, da escritura de pioneiros, mostrando os fatos que resultaram na sua elaboração – a doença da mãe, as condições da pesquisa, as fontes que recorreu e os problemas com a primeira editora que retardou a publicação. Destaca também as suas preocupações de estudioso autodidata com a fidedignidade das informações coletadas, apresentando os locais das fontes – cartórios, arquivos e pessoas. Pelo que podemos extrair da sua fala, a história oral e a história escrita se combinaram no trabalho da pesquisa no mesmo patamar de valor científico. Todo o processo da construção do livro, como já mencionado em capítulo anterior é descrito como um “ato heróico”:

Ao nos reunirmos aqui, como fazemos agora, em noite de gala no casarão Francisco Honório de Campos, para lançar mais uma tiragem do romance Pioneiros - um dos eventos culturais do centenário – meu coração se volta emocionado para os idos de 1942. Há 53 anos, portanto, uma vida. Levantei os documentos da crônica local, dados pessoais e de família, testemunhos de época, fotos raras, e papéis sobre os nossos desbravadores, que vieram de Minas Gerais e do Estado de São Paulo. Desde o mais importantes proprietário de terras a mais humilde ex-escrava, ao dado de modestos vaqueiros por profissão. Tudo eu quis registrar, inclusive o folclore e a linguagem dialetal da região.

Foi uma experiência rica e um desafio enorme, que só a idade e o afeto para com a terra podem justificar aos meus olhos tanta ousadia de autodidata intuitivo. É que, como todo jovem na quadra dos vinte anos, eu me acreditava capaz de qualquer façanha, mesmo sem o compromisso com aspectos sérios da aventura intelectual – por exemplo, o estudo sistemático da História – por isso reuni vasto material para ordená-lo, interpreta-lo e, após recriar o passado, mostrar a saga dos vaqueiros admiráveis a todos os conterrâneos.

Hoje, ao me recordar desses fatos, vejo que minha concepção de presente e passado continua a mesma: é um tempo só – o fluxo do tempo como um grande rio – que separamos para facilidade de estudo. Nós somos muito pequenos a fim de abarcá-lo de uma só vez. Com simples olhar de perscrutação.

Quando eu tomava, e volto muitas vezes a fazê-lo, papéis ou relatos de vida com algum interesse para a coletividade, sinto realmente que lido com matéria-prima da vida. Ali está alguém nos documentos ou informações fidedignas, alguém que viveu, sofreu e produziu algo de bom, um bem material ou espiritual que beneficiou a nossa gente. Portanto, deixou a sua contribuição para edificar a sociedade Não me move, e creio que a nenhum estudioso, de repetir o que já passou, mas conservá-lo na memória do povo e tirar dele as lições que nos oferece. De amor ao lugar. De fé nos destinos dessa população. De desprendimento no trato com a coisa pública. Tudo enfim que possa servir de exemplo construtivo, principalmente para as novas gerações.

Foi com esse espírito que fiz o meu trabalho.

Em primeiro lugar, busquei e tive a sorte de encontrar o documento particular de doação do patrimônio, registrado em cartório de Rio Verde e mantido através de cópia fiel pela família Melo França, próximo à ex-chácara de Olavo Sérvulo de Lima de nossos dias.

O testemunho de velhos, como e de minha avó paterna Malvina Carvalho Vilela, neta de José Manoel Vilela e de José Carvalho Bastos, animou-me bastante, sugerindo nomes fatos e os caminhos mais seguros para reviver o pretérito.

A história de Pioneiros apresentada no discurso de França traz também justificativas pelas ausências de informações e pelos acidentes de percurso. França justifica publicamente a ausência de muitos dados em virtude da incineração de papéis, desenhos e fotografias raras, que faziam parte dos originais enviados para a Editora em 1943, em São Paulo.

O acidente editorial também ajuda a justificar a publicação de Pioneiros na forma romance:

Deste modo, perdi todo o trabalho de dez meses consecutivos. Não podia acreditar naquela notícia. Os olhos encheram-se de lágrimas, lágrimas doloridas de tristeza e decepção. Fiquei desolado.

Mas a vida continuou e eu segui em frente. Não havia outra coisa a fazer. Em 1945, quando voltei a residir em São José do Rio Preto, lembrei-me de umas notas e vários rascunhos que havia deixado aqui na casa da minha irmã Maria José. Imediatamente criei alma nova, porque vislumbrei a possibilidade de refazer a história de nossa cidade, pelo menos a história, já que o vocabulário e as poesias estavam de fato irremediavelmente perdidos.

Com base naqueles registros e mais algumas pesquisas em Minas Gerais, reescrevi o meu livro tão sonhado, agora como romance para alcançar melhor o povo e divulgar dessa maneira a movimentada crônica local, que teve início no século 19, em 1836/1838, e continua ainda hoje encantando todos nós estudiosos do passado.

É notória a preocupação do escritor com o autodidatismo em História, e como ele diz ter superado essa limitação, munindo-se de procedimentos de pesquisa ligados ao trato com o material coletado: a ordenação e a interpretação. A recriação – fase final da construção de *Pioneiros* - não é discutida no texto do discurso, a não ser para justificar a escolha pelo romance como a forma literária que melhor alcança “o povo da cidade”.

Em novembro de 1998, França voltou a Jataí para o lançamento de outro livro, desta vez um ensaio históricossociológico, de 406 páginas, que recebeu o título de *Velhas escolas*. O livro foi primeiramente apresentado em Goiânia, em um lançamento coletivo promovido pela Editora da UFG, em 14 de outubro desse mesmo ano (O POPULAR, 1998).

O lançamento também se realizou no Museu Histórico da cidade, com a presença de representantes de entidades oficiais da cultura local de municípios vizinhos e de escritores. Os discursos dos diferentes participantes proferidos durante o evento e publicados no jornal

local versaram sobre as contribuições de França para a história local. No entanto, de forma diferente do lançamento de 1995, já se podem notar, através de uma das falas pronunciadas, os sinais do ingresso, na dimensão pública, de uma forma de ver as contribuições do escritor não mais como as únicas interpretações da história e cultura locais. Igualmente, a presença de dois dos escritores que fazem parte de nossa análise, Maria Eloá e Filadelfo, na tribuna de honra, são indicadores da formação de um novo cenário das letras no município:

A solenidade de lançamento, que começou às 20:00, contou com as presenças do vereador Leandro Vilela, representando o prefeito Humberto Machado; da Secretária Municipal da Cultura e Turismo Mariza Magalhães; do professor Rui Chaves Bozza Júnior representando o Conselho dos Amigos do Museu e da diretora do Museu Histórico, Suely Lima de Assis Pires, na mesa de autoridades. A Tribuna de Honra foi composta pelo escritor e presidente da Academia Rio-verdense de Letras, Artes e Ofícios, Filadelfo Borges; pelo presidente da OAB de Jataí, advogado Francisco Barbosa Garcia; pelo tenente Furtado, representando o comandante do 41ºBIMz; a professora Elita Maria de Carvalho Lima, representando o Secretário Municipal de Educação e a escritora jataiense, Maria Eloá de Sousa Lima.

A diretora do Museu, Suely Lima, ressaltou a importância da obra do escritor Basileu França, lembrando que os escritores Filadelfo Borges e Maria Eloá também têm se preocupado em resgatar a história de Jataí, através de suas obras. Mariza Magalhães disse, que “Basileu foi ao passado e trouxe retalhos da nossa história para nos mostrar”. O vereador Leandro Vilela e o professor Rui Borzza, cumprimentaram o escritor pela obra e por se dedicar aos resgates da história do município, através de seus livros.²

As trocas de homenagens fizeram parte do relacionamento de França com as cidades sobre as quais ele escreveu histórias, seja na forma de ensaio ou de romance histórico. Nos diferentes momentos em que é chamado para comentar suas obras e as pesquisas que realizou, o escritor é provocado a falar sobre as suas relações com as realidades retratadas. Por outro lado, ao discorrer sobre as histórias das obras, França destaca essas mesmas relações como fundamentais para a feitura dos livros. *Pioneiros*, para o escritor, é um livro que presta uma homenagem a sua região e à sua terra natal.

As homenagens recíprocas entre os lugares e o escritor se estendem para o outro local onde França viveu pouco mais de vinte anos (1944 a 1960 e alguns anos antes de ir para São Paulo e Rio de Janeiro) antes de se estabelecer definitivamente em Goiânia. Em São José do Rio Preto, local de inspiração do primeiro e único livro de poemas – *Romance* – e da escritura e publicação da primeira edição de *Pioneiros*, França também realizou pesquisa semelhante à desenvolvida em Jataí, sobre a história da cidade. O produto desse

² Jataí: jornal *Folha do Sudoeste* 15.12.1998.

trabalho está contido em um livro – não publicado - de três volumes, intitulado *Um município no tempo*, doado pelo escritor à biblioteca municipal por ocasião das comemorações do centenário. A história de Rio Preto escrita por França também foi publicada em partes em um dos jornais da cidade, quando o escritor ainda vivia nesse local. Conforme consta em jornais, a sua versão da história local é considerada uma contribuição fundamental à história escrita oficial da cidade e da região.

Reportando à sua biografia, em São José do Rio Preto, as relações de França com o lugar se estreitaram também pelo casamento. Apesar de ter vivido com dois tios na cidade logo após a saída de Jataí, com 12 anos de idade, França se ausentou para estudos e retornou em 1944. O escritor casou-se com uma historiadora e pedagoga, filha do jornalista Leonardo Gomes, e trabalhou no jornal do sogro em várias funções no jornal. Através do trabalho desenvolvido nesse jornal, França obteve experiência com a atividade jornalística e teve acesso às fontes históricas que lhes permitiram a escritura da história de Rio Preto.

A atuação de França na área da cultura e da política em Rio Preto, como escritor, jornalista e administrador de escola também lhe renderam homenagens.³ No período em que se comemorou o centenário de emancipação política da cidade, em 1994, França foi homenageado e participou das comemorações oficiais do aniversário da cidade com uma palestra promovida pelos órgãos oficiais de cultura do município. Nessa ocasião não houve lançamento de livros do escritor, apenas a exposição dos já publicados. Um jornal de Goiânia assim noticiou o evento:

Talvez no dia sete próximo, em São José do Rio Preto, ele poderá calcular o quanto as letras lhe renderam mais. Pelos salões do Centro Cultural da cidade estarão expostas as suas obras e, em destaque no auditório, estará ele falando de sua vida. Ou seja, falando de ser escritor (O POPULAR, 1994).

A palestra de França, nessa ocasião, diferentemente da proferida no centenário de Jataí, teve um caráter biográfico (França a intitulou *Relembraças*) ao abordar a história de vida do escritor no momento em que a cidade de Rio Preto passara a fazer parte da sua trajetória. O discurso também falou dos trabalhos desenvolvidos pelo escritor para cidade e

dos problemas que o levou a se mudar de lá para Goiânia em 1955, juntamente com sua família.⁴

Uma primeira observação do discurso de França, nessa ocasião, volta-se para o modo como o autor estabelece uma ligação entre os dois lugares na sua biografia e para a forma da narrativa adotada em parte do texto. A ida para Rio Preto se prende às circunstâncias da vida em Jataí, à separação da mãe e à saída da cidade natal. A partida e a viagem são narradas na forma literária, com diálogos entre as pessoas que participaram daquele momento. A experiência da viagem transforma-se no elemento importante de uma história de mudança, ao mesmo tempo espacial e pessoal:

Deixei minha mãe chorando, sacrificando-se em silêncio sem que percebesse o quanto, e fui com a família amiga pela estrada de poeira, no valente fordeco cor-de-vinho, em busca do desconhecido. Para a grande aventura de minha vida: mudar de destino em terra estranha e longínqua.

A novidade da viagem excitava-me. Queria ver o que estava além dos horizontes.

Nossa primeira pousada foi a algumas léguas de distância apenas na margem do rio Doce, lugar conhecido por vau do Urubu, de triste e dolorosa história da crônica regional, devido ao massacre de uma família branca por índios bororos décadas atrás. Ao amanhecer do dia seguinte, saímos com destino ao Prata, no Triângulo Mineiro, onde chegamos pelo final da tarde e fomos nos alojar em um pequeno hotel do lugar. Inteiramente esfalfados e cobertos de poeira.

Tive aí a primeira experiência fora de casa – estranha experiência – quando adormeci em um quarto e acordei de manhã em outro completamente diferente. Como não entendesse o que acontecera e reclamasse do fato, o hoteleiro sorriu com ar de mistério e me levou até um ponto do casarão a fim de me mostrar os vestígios do que tinha acontecido de madrugada. Houve pequeno incêndio e eu fora levado em sono profundo para outro local. As vigas de arceira lá estavam enegrecidas e chamuscadas pelo fogo e pela fumaça da noite anterior. E eu nada tinha percebido. Dormi como uma pedra.⁵

Na narração da chegada a Barretos, França encontra espaço para inserir a sua experiência na história regional, mostrando como o percurso que ele estava seguindo era adotado também pela parcela abastada da população sudoestina, deixando subtendido o seu privilégio em estar seguindo a mesma rota, mesmo sendo ele de família pobre.

³ Em São José do Rio Preto França foi candidato a vereador nas eleições de 1947 pela UDN e exerceu o primeiro mandato como primeiro suplente.

⁴ Esse discurso de França foi proferido em 7/7/1994 e recebeu o título de *Relembrações*. A versão consultada consta do volume *São José de Rio Preto* de seu arquivo particular do Centro Cultural de Jataí.

⁵ França proferiu esse discurso em 7 de julho de 1994. A versão consultada – que recebeu o título de *Relembrações* – consta do volume *São José do Rio Preto* de seu arquivo particular do Centro Cultural de Jataí.

No mesmo dia alcançamos a cidade de Barretos, em que os goianos ricos mantinham casas também a fim de facilitar a venda direta de seus bois ao Frigorífico Anglo, fazer as compras de tudo que precisavam, e educar os filhos em boas escolas paulistas. De modo geral no famoso “Colégio São Luís”, de Jaboticabal, dirigido pelo helenista Arroubas Martins. Ou ainda em casas de ensino de Cravinhos, Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo.

Após, nove dias de permanência em Barretos, o escritor seguiu viagem para Rio Preto. As suas primeiras impressões da cidade são descritas trazendo a realidade anterior vivida: *Rio Preto era pequena para os nossos padrões de hoje, entretanto, bem maior que a minha minúscula cidade do sertão de Goiás.*

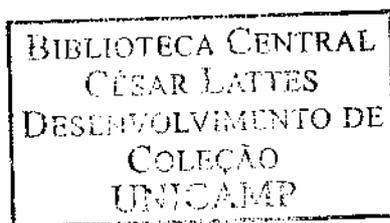
França fala ainda sobre a sua vida em Rio Preto, dividida em dois períodos: da chegada até 1937, quando se ausentou - de 1938 a 1944 – para uma temporada de estudos e trabalho no Rio de Janeiro e São Paulo. O retorno e a permanência na cidade até 1955 é marcado pelos acontecimentos pessoais – o casamento com a filha de Eduardo Gomes – e profissionais: o trabalho nas escolas e no jornal. Também ganham destaque, em sua narração, as suas atuações na cidade, no campo da cultura e da pesquisa histórica.

França conclui o texto da apresentação com a saída dele e de sua família de Rio Preto, justificada rapidamente pelo convite recebido por amigos de Goiás e por uma decepção com uma ação judicial.

Conforme mencionamos, os lançamentos de livros e as homenagens aos escritores, nos locais de referência das escrituras, constituem espaços e situações em que relações de reciprocidade são observadas. Esses momentos são vistos pelos escritores como de reconhecimento recíproco entre eles e os lugares. São, portanto, importantes espaços de afirmação de um vínculo, na maioria das vezes estabelecido pelo nascimento, mas que depende de uma continuidade que a própria escritura se encarrega de ordenar.

Por ocasião de uma homenagem recebida em São José do Rio Preto, em 1994, França falou sobre a sua relação com a cidade e a respeito dos motivos que o levaram a escrever a história local:

O trabalho de registrar a história não se faz por dinheiro. É por afetividade, amor à cidade. É fruto de amizade e carinho pela cidade que se quer bem, por isso não é possível, no meu caso, escrever sobre as cidades que não conheço ou que não têm nada a ver comigo (DIÁRIO DA REGIÃO, 1994).



Com o título de “o erudito da província”, uma revista de Jataí publicou uma entrevista com França no momento em que comemoravam-se os 93 anos da cidade. A revista, apesar de questioná-lo sobre as poucas visitas que fez a Jataí, publicou um poema oferecido por ele especialmente para a data comemorativa. O trecho da entrevista fala sobre a fidelidade do escritor à cidade não obstante a sua ausência física:

Revista – que ligações o senhor tem com a cidade de Jataí, hoje? Existe algum relacionamento mais estreito com sua cidade natal?

Basileu – Estou sempre em contato com pessoas da minha cidade. A maior parte dos meus familiares ainda reside em Jataí, portanto os laços estão mais estreitos do que nunca. Tenho saudade das épocas passadas em minha terra por ter vivido bons momentos do passado. Hoje mesmo não residindo lá eu ainda continuo tendo o maior amor possível de um filho pela sua terra. Tenho inclusive um poema inédito, ainda da minha adolescência que demonstra o quanto adoro Jataí. Chama-se “Sonetinho para Jataí”. Se houver oportunidade peço a vocês da revista Metas que o publiquem.

Revista – Jataí está completando 93 anos de idade, o que o senhor teria a dizer à população daquela que o viu nascer?

Basileu – Gostaria sinceramente de falar muitas coisas, por enquanto se você publicasse o poema ele diria tudo (METAS, 1988).

Em datas comemorativas de Jataí, a fidelidade do escritor ao sudoeste é lembrada e renovada, de forma que, é sempre possível encontrar em jornais e revistas locais, entrevistas e comentários de França sobre a história regional.

O questionamento da revista sobre a ausência do escritor em Jataí reaparece noutras publicações jornalísticas locais. Em 1995, mais uma vez, ao comparecer à posse dos membros da academia jataiense de letras, a reportagem de jornal também mencionou as suas raras visitas à cidade:

Não se pode falar de literatura e em história da região sem antes evocar o seu nome. As pessoas mais velhas e com razoável formação escolar o conhecem e têm por ele verdadeira admiração. Aliás, por sua obra, já que raramente o escritor Basileu Toledo França visita Jataí, sua terra natal (TERRA, 1995).

Em Rio Preto, fora das ocasiões comemorativas da cidade, as notícias de jornal lembram do escritor em datas como o *Dia do Livro*. Em 1997, a fotografia de França ao lado de Leonardo Arroio trouxe a manchete: “Basileu, o criador do jornalismo histórico.” Tanto França quanto Arroio são lembrados como escritores de destaque para a cidade. A

reportagem do jornal, traz ainda o rol das contribuições de França para Rio Preto, lembrando as suas atuações na área jornalística:

Rio Preto muito deve a Basileu Toledo França, hoje com 78 anos e figura de proa da cultura goiana. É só lembrar de sua devoção às causas culturais na Rio Preto de 1940 a 1960. Vinte anos de incansável pesquisa histórica. Publicou livros, dedicou-se ao ensino e à primeira Casa de Cultura, fundação que ajudou a criar. Jornalista de tempo integral, publicava diariamente um rodapé histórico cronológico (muito lido) no jornal "A Notícia" e depois no "Diário" (DIÁRIO DA REGIÃO, 1998).

Em 1998, França visitou Rio Preto para participar das comemorações dos cem anos de nascimento do jornalista Leonardo Gomes. Nessa ocasião, o escritor fez o lançamento do seu livro *Jornalista Leonardo Gomes*, uma biografia. A obra foi lançada em cerimônia oficial, como parte das homenagens da cidade ao jornalista, promovida pela secretaria de cultura municipal (DIÁRIO DA REGIÃO, 1998).

Nos dois lugares onde França se dedicou a escrever a história local, o escritor demonstra uma preocupação com a distribuição dos textos das histórias produzidas. Mais do que uma dedicação ao resgate da história, há um interesse de que os seus textos cheguem a uma maior parcela da sociedade. As notícias de jornal, em Jataí e Rio Preto, por ocasião dos lançamentos de suas obras, sempre falam das parcelas das edições que são doadas pelo autor para distribuição em escolas, bibliotecas e museus.

Em seus relatos orais, além das intenções de reciprocidade para com a cidade, nas ocasiões das homenagens, também estão expressas idéias de democratização da cultura e da história, consubstanciadas em iniciativas de criação de instituições específicas (casas de cultura). É defendendo o acesso aos textos histórico-culturais, pela população mais alijada desses espaços, e promovendo os mecanismos promotores de cultura e de memória nas localidades, que observamos essas intenções democráticas de França.

França viveu, portanto, o momento da institucionalização e descentralização dos espaços promotores da cultura no país. Integrou-se nas discussões sobre a profissionalização do escritor no Brasil, fez parte do grupo de escritores locais que participaram tanto da criação da seção local da Associação Brasileira de Escritores quanto da criação da Casa de Cultura de Rio Preto.

Na palestra proferida durante as comemorações do centenário de São José do Rio Preto, França mencionam a sua participação no *I Congresso Paulista de Escritores* realizado em Limeira, em 1946, como um dos momentos importantes para o seu conhecimento, das idéias democráticas. Ele também considera o evento como um *movimento expressivo contra a elitização do saber e dos bens artísticos*. França diz ter sido influenciado pelas idéias, de incentivo a criação de casas de cultura nos municípios.

Em Jataí, a criação do Centro Cultural em 2002, cuja inauguração também se constituiu um evento oficial especial, também faz parte de outra homenagem à França. Na ocasião, o escritor foi representado pelo filho, que carrega o nome do fundador da cidade – José Manoel. O Centro recebeu o seu nome e reservou uma sala especial para o arquivo pessoal do escritor. Os documentos de arquivo incluem tanto as fontes para as suas obras (recortes de jornais, cartas, documentos de cartório) quanto notícias sobre as publicações e homenagens recebidas do autor. Entre as fontes para a pesquisa dos livros estão ausentes as fotografias, e os documentos em fontes cartoriais são poucos. As correspondências arquivadas mostram um tipo de pesquisa muito utilizado por França para obter informações fora do universo local, em instituições e arquivos pessoais.⁶

Jataí, Sudoeste, Rio Preto são, para o escritor Basileu T. França, lugares de vida e referência para a escritura. Ao mesmo tempo em que fornecem inspiração para a construção de histórias, são realidades concretas onde uma experiência intelectual e de vida encontrou lugar para atuar e onde o exercício de atividades na área da cultura oficial se instituiu. As homenagens recíprocas entre escritor e lugar são plenas de sentidos.

De maneira diferente dos lançamentos de França em Jataí que retratamos, os de Maria Eloá não receberam o mesmo tratamento descritivo, nem o mesmo destaque, da imprensa local. Os lançamentos de seus principais livros foram organizados pela própria autora e não alcançaram o caráter *oficial* daqueles de França que apresentamos.

Em Serranópolis – a terra dos livros *Serra do Cafezal* e *Serra do Cafezal II* – a autora se deparou, nos lançamentos, com os obstáculos colocados pelo governo municipal e com o modo da população do município considerarem esse evento literário, desconhecendo

⁶ A situação do arquivo aqui retratada é a do momento de nossa pesquisa, em 2003 e 2004. Após a morte do escritor em novembro de 2003, é possível que novas doações da família do escritor tenham sido incorporadas ao acervo existente, depois de 2004.

o seu significado. Quando lançou o primeiro livro, *Serra do Cafezal*, em 1988, a autora se decidiu pelo primeiro lançamento na *terra do livro*, mesmo quando já morava efetivamente em Jataí. Em seus relatos, a escritora narra as difíceis situações que enfrentou para realizar o lançamento:

Cintya: Como foi a receptividade das pessoas em Jataí e Serranópolis com “Serra do Cafezal”?

Maria Eloá: Primeiro, eu já te falei que eu sou teimosa e quando eu pego alguma coisa para fazer eu vou até o fim. Quando eu pensei que o livro saía mesmo - foi editado pela gráfica da Editora da Universidade Católica - eu logo planejei o lançamento. Deveria ser em Serranópolis, que é a terra do livro. Eu tomei as providências, fui lá, vi o local e comecei a distribuir os convites. Eu fui duas vezes. Primeiro fui, achei o local, mandei fazer os convites. Os convites eram até bem chamativos. Quando eu estava lá pela segunda vez, encontrei um habitante do lugar nascido e criado na Serra do Cafezal, mais do que eu, que me abordou e disse: “Eu soube que você está fazendo convite para um negócio de um livro. E você não pode fazer esta festa neste dia, porque eu estou convidando o povo para uma reunião no Sindicato Rural dos Fazendeiros. Você não pode fazer aí neste mesmo dia”. Porque estava marcado para as 14 horas da tarde. Eu disse: - “Eu também não posso recuar. Já despachei os convites e vem gente de longe e não há como, mas fique tranquilo, aqui já dá para duas festas. Faz o seguinte: a festa que terminar primeiro vai para a outra festa. Se eu terminar primeiro levo meu povo para lá, se você terminar traz o seu povo para cá”. Eu falei assim, brincando. Foi sério. E nós nos reunimos umas 500 pessoas, muita gente de fora, inclusive de outros Estados veio. Mas gente da cidade de Serranópolis, foram umas quatro ou cinco pessoas. O prefeito se encarregou de dizer que não fossem.

Cintya: Então, os problemas ocorreram por divergências políticas?

Maria Eloá: Não sei. Um pouco era questão política. Acho que a ignorância falou muito. Esse prefeito falou para uma senhora, que de vez em quando vende livros por lá: “Olha, Edith, eu dou muito mais valor em um pneu do que em uma montanha de livros.” Então, aquilo foi duro.

E quando foi o segundo volume, o primeiro lançamento foi em Serranópolis. Era a terra do livro, tem que ser. Foi a mesma festança. E algumas pessoas de Serranópolis que foram à reunião, não compraram o livro. Mas foi novamente muito concorrido pelas pessoas de fora, inclusive de outros estados também. Eu comecei a ficar feliz com as pessoas que entravam com o livro debaixo do braço[...] ou, às vezes sem o livro e vinham dizer que gostaram. Outros vinham cobrar, outros vinham dizer que eu tinha que escrever mais, pois havia ficado muita coisa, isto também é bom. E tudo isto me gratificou muito.

O segundo lançamento de *Serra do Cafezal*, em Jataí, é narrado pela escritora em meio ao relato sobre os personagens do livro e para responder sobre a sua predileção por personagens femininos. A autora deixa revelar, ao apresentar as instituições envolvidas nesse lançamento e nas atividades organizadas para a sua homenagem naquele momento, diferenciações significativas com os eventos de França. Podemos observar no relato, com a idéia de reconhecimento integral a de homenagem:

Doutor Rubens é um excelente advogado e era professor também, de história. Um homem que lia, um homem que era devorador de livros. Tinha uma estante de livros, a estante da sala de

estudos dele. Até hoje a viúva conserva aqueles livros com o maior carinho do mundo. O pessoal foi muito generoso, já tinha sido feito o lançamento em Serranópolis que é a terra do livro, não é? Eu fiz a proposta de lançamento lá naquela terra, que é a terra do livro. Quando o livro estava sendo preparado para o lançamento aqui em Jataí pelos Clubes de Serviços, todos os Clubes de Serviços, Associação Cultural, uniram-se todos. Antes, a Loise de Lima, que é muito dinâmica, é uma das meninas que botou frente nessa homenagem, foi muito gratificante. Então, proporcionaram na Rádio Difusora de Jataí, um espaço grande. Havia um programa de mesa redonda, então, me puseram sentada e eu pude ocupar um espaço grande nessa mesa redonda por uma tarde toda e éramos eu, o doutor Rubens, Loide e mais outras pessoas, Marisa Magalhães que é hoje Secretária da Cultura. O programa girou assim, o programa funcionava assim: as pessoas podiam pegar o telefone, telefonar, fazer as perguntas. Primeiro, colocaram o assunto, fizeram o convite para o lançamento. Depois, começaram as perguntas. E o doutor Rubens manifestou a sua opinião. Ele achou Serra do Cafezal dum importância muito grande no sentido de que eu falei das mulheres pioneiras. O livro já tinha circulado e as próprias pessoas que já haviam lido o livro fizeram este lançamento aqui. Então aqui, eu tive uma boa acolhida.

Cintya: A Senhora direcionou o seu livro para um público em particular?

Maria Eloá: Não. Eu tinha muita dúvida. Mais para o fim, quando eu vi o livro pronto, até eu me surpreendi: “Aqui está o livro!” Aí, eu comecei a ficar mais animada. Eu pensei que poderia ter os leitores. Mas eu pensava mais era nos de lá de Serranópolis. Eu tinha mais esperança neles, embora aqui tinha muita gente de Serranópolis, uma população de Serranópolis, tem muita gente que veio para cá.

À época de seu lançamento, segundo os relatos da autora, *Serra do Cafezal* não recebeu “uma boa acolhida” em sua terra natal. Maria Eloá fala da presença de muitas pessoas de fora, nos lançamentos que ocorreram em Serranópolis e reclama do pouco envolvimento dos conterrâneos. Como iremos ver no último tópico desse capítulo, o livro gerou polêmicas familiares antes mesmo do lançamento e enfrentou a incompreensão do governo municipal. Inversamente do que observou em Serranópolis, a autora diz sentir-se satisfeita com a receptividade do livro em Jataí.⁷

O escritor Martiniano lançou primeiramente em Goiânia, onde residia e estudava, o seu primeiro livro, o romance *A moça que ria muito*, em 1964. É um livro que fala dos seus sentimentos com a namorada, não se tratando, portanto, de assuntos relacionados à história de Mineiros. No mesmo ano, o autor também o apresentou em Mineiros – a terra da namorada. Para Martiniano, esses lançamentos marcaram a sua carreira de escritor e pesquisador por vários motivos. Em termos mais amplos, esses eventos fizeram-no refletir sobre a necessidade de um aprimoramento intelectual – porque o livro o colocava frente à possibilidade de desenvolvimento da carreira de escritor na capital e, ao mesmo tempo, o fazia ver as deficiências da própria formação cultural – literária. O lançamento em Mineiros

⁷ Ver também o relato da autora sobre esse assunto no terceiro capítulo.

permitiu-lhe perceber a cidade como um espaço futuro para as suas realizações profissionais e para viver com a família.

Na capital onde ele morou e fez o terceiro ano de Direito na UCG, o escritor fala de um contexto de efervescência política próprio dos anos 60. Destaca a sua atuação na militância estudantil e apresenta o que vira do círculo literário goiano da época, com a predominância da poesia concretista ou poesia *práxis*. O acontecimento do lançamento em Goiânia representa, para o escritor, “um momento auspicioso na minha vida como estímulo”. Martiniano destaca ainda sua posição de iniciante no mundo literário da capital e contrapõe as suas condições intelectuais restritas frente à erudição dos intelectuais de Goiânia. O escritor relata como um iniciante audacioso que desafiou as suas condições de origem – negro, sertanejo, pobre, migrante e nordestino –, se arriscou a ingressar no mundo literário dos escritores da capital. Tais condições são sempre mencionadas como limitadoras de suas pretensões de ser escritor e intelectual. Reportemos, novamente, ao seu relato citado em páginas anteriores,

Do primeiro livro, “A moça que ria muito”, foi em 1964, eu estava no segundo ou terceiro ano da Faculdade de Direito. Foi uma coisa assim, muito bonita. Eu, no maior entusiasmo do mundo. Não tinha me casado ainda, a noiva foi, a minha namorada foi lá para assistir. Eu, daqui, me arrumei muito lá, me preocupei em me arrumar lá, arrumei um terninho comprado a prestação, para festa de lançamento desse livro. Eu me lembro que, tinha uma jornalista do Rio de Janeiro, que viu na imprensa a notícia e apareceu lá. Esqueci-me o nome dela, é famosa, escreveu revista, algumas revistas. Eu me lembro que o Bernardo Elis - não tinha amizade com ele - e, ele pareceu lá com aquele pezão dele, com aquele bigodão dele, com aquela altura lá, compridão que ele era, inclusive na sua literatura. Ele me apareceu lá, foi me abraçar, adquiriu meu livro e falou: “Você é mais um romancista, Martiniano, que coisa boa”. Eu nunca me esqueço disso, mexeu comigo. Então, aí, o que foi que aconteceu? Tanta gente apareceu ali, meus colegas de Faculdade e tal. Mas foi uma noite com notícia no jornal e tal. Eu ali, metido a besta lá, como, pessoa que é chamada de escritor, chamada de romancista. Imagine ser chamado de romancista, naquele momento ali. E, eu, ficou interessante, é, aquele fato. Quando eu passo em Goiânia ali hoje, eu vou ali para a livraria, acho que quebrou, desapareceu de lá, era um pessoal que veio, não me lembro mais, não sei se do Pará e fiquei amigo desse povo também e acabou essa livraria. Mas, o que está dentro de mim nunca vai acabar. A livraria onde eu fiquei era pequena, o espaço ficou assim. Bom demais por ser pequena, porque encheu de gente. e ficou a impressão que foi gente demais. Na verdade, era o espaço que era muito pequeno, não é?

Em Mineiros, o lançamento de *A moça que ria muito* revela uma sociedade local não inteirada dos procedimentos das cerimônias literárias. As descrições de Martiniano sobre o comportamento das pessoas no evento fundamentam a sua avaliação sobre os

avanços que o envolvimento na área da cultura provocou no universo local. Para o escritor, esse evento serviu de base para a melhoria cultural da sociedade local.

Vale a pena *correr os olhos* sobre a longa descrição de Martiniano sobre o lançamento de *A moça que ria muito*, em mineiros:⁸

Em 1964, eu lancei o livro, “A moça que ria muito”, aqui. Num baile do clube mais importante da cidade, no dia das mães, é, no mês de maio. E eu estava lá, com a namorada e tal, ofinado José de Assis, que é o político mais importante daqui, inclusive, um dos mais importantes do estado, chegou a deputado federal, chegou a governo, a candidato a governo e tal. E pela primeira vez, o povo da cidade, recebeu alguém autor de livro. E eu lancei o livro, lá naquela, noite muito bonita. Eu, todo entusiasmado, tinha feito o lançamento em Goiânia. E foi muito interessante. O pessoal, a mocidade, a sociedade local, estava lá muito bem alinhada naquela festa bonita, baile, festa em que o povo, os homens iam todos vestidos a caráter, todo mundo de gravata, as mulheres bem vestidas. Havia um estilo de roupas, uma cintura que ficava muito fina, das mulheres. Recordo bem disso. Eu estava lá com meu terninho cor escura. Bem entusiasmado para lançar o meu livro, pela primeira vez na cidade de Mineiros. Eu, que já começava a vê-la como um local onde eu iria, simplesmente morar. Ser um, ser um objeto, no melhor sentido da palavra, das minhas preocupações intelectuais, das minhas pesquisas, dos meus livros - me preocupava com aquilo naquele tempo.

Bom, o que aconteceu no lançamento? Aí, houve um momento em que o deputado José de Assis, uma das amizades que eu tinha feito das primeiras daqui, ele fez uma espécie de apresentação do trabalho. Disse do lançamento do livro, que eu estava lá pra isso, para lançar o livro e tal. Chegou a falar com relação à aquisição do livro. Mas, depois dele falar, eu andei falando também, evidentemente com os meus entusiasmos ali, com as minhas emoções, e... depois, me sentei à mesa, a namorada ali pertinho, a Chica, umas amigas dela, os amigos que estavam junto à nossa mesa, e confesso que fiquei parado sentado, não apareceu nenhum cristão para comprar o livro! E eu fiquei com a cara de não sei quê. Meio sem-graça, esperando alguém aparecer para autografar. Então, o José de Assis percebeu, voltou lá e, em um microfone improvisado, e falou: Ele está esperando lá, quem quiser adquirir o livro, ele vai autografar.” E fez uma explicação mais ou menos, sobre o que era autógrafa. Aí, apareceu uma fila, formaram uma fila pequena e tal, indiana. Um atrás do outro, alguém fotografando aquilo ali e tal, e aí eu autografei, não lembro mais quantos livros. A moeda da época era um cruzeiro, parece. Eu sei que foi muito interessante, porque eu estava precisando de arrumar dinheiro, inclusive para pagar as despesas lá da festa, que eu estava acompanhado de uma turma. Naquele tempo, a gente para sair com a namorada, não podia sair sem alguém, que fosse acompanhando a moça, não, a gente tinha que ficar acompanhado, e aí, a única forma que eu encontrei para carregar a namorada, era tolerando essas pessoas. Velas, não é? Essas velas.

Foi nesse fato, com relação a este livro. É, mas, eu posso dizer, que, com relação, ao reconhecimento, a minha vida em Mineiros, desde que eu cheguei aqui, eu lutei muito, para merecer respeito das pessoas e, realmente, não foi fácil, não. Porque a discriminação, ela existe em todo canto, contra nós, os baianos, pelo fato de ser baiano. Essa história eu vou contar num livro, possivelmente aquele que será “Mineiros terra e fogo”.

O lançamento do segundo livro – *Sombra de Quilombos* – em Mineiros, dez anos após *A moça que ria muito*, é relatado também como um marco na biografia do escritor. É

⁸ A prolixidade nas respostas é uma característica geral dos escritores que entrevistamos. Para falar sobre determinado assunto indagado, alguns relatos ocuparam mais de uma página escrita. Aproveitamos para justificar que, as extensas transcrições citadas no trabalho procuraram acompanhar essa forma de resposta,

um período em que ele se dedicou ao seu aprimoramento intelectual. Segundo Martiniano, o período de dez anos entre o primeiro lançamento e o segundo correspondeu a uma fase de sua vida em que ele se dedicou ao trabalho como advogado, à família e à pesquisa. Nesse período buscou também aprimorar a sua linguagem literária, incluindo as preocupações científicas, na realização dos trabalhos. Os procedimentos e preocupações do campo científico preencheram as lacunas literárias e a ausência de uma formação acadêmica específica para a realização de pesquisa sociocultural. Como um autodidata respaldado por leituras sociológicas, históricas e antropológicas, Martiniano realizou pesquisa junto à comunidade negra de CEDRO. A sociedade que o autor apresenta em seu relato está mais preocupada e envolvida com questões culturais, de modo que, esse segundo livro pode ser considerado o resultado da inserção do escritor na realidade local após ter assumido esse lugar para viver.

A sua atuação como advogado durante dez anos lhe permitiu estabelecer amizades importantes na cidade, inclusive com pessoas da elite local o que resultou em uma maior proximidade com a sociedade.

Cintya – Quanto ao lançamento de “Sombra de quilombos”, que o senhor mencionou, como foram as repercussões em Mineiros?

Martiniano – Aqui em Mineiros foi a melhor possível, localizada, todavia, com aquelas restrições normais no próprio ambiente social aqui do local. Porque eu lancei o livro aqui e foram noites, você imagina, foi em 1974. Eu lancei o livro aqui trazendo Anatole Ramos um escritor bem famoso em Goiânia, e trazendo Paulo Araújo, dono da livraria Cultura Goiana, que é meu amigo e ele lançou o livro, a editora, comigo em Sombras dos quilombos. Veja bem, trazendo escritores para este lançamento aqui em 1974. Então, a chamada elite local - porque todo lugar tem esse detalhe chamado elite - ela estava, ela me prestigiou no meu lançamento e respeita a minha pessoa, apesar de todas as restrições que são comuns, na nossa região. A discriminação pelo fato de ser cabeludo, a discriminação pelo fato de ser baiano, a discriminação pelo fato de ser descendente de negro, de índio, a parte de índio, os meus queridos Pataxós. Tudo isso Martiniano nunca deixou de sentir, mas isso veio melhorando cada vez mais, e a gente tem de dizer o que é verdade, não é?

O que é mais verdade, todavia, é que esse reconhecimento, vem-se acentuando e com esse lançamento foi interessante, foi muito, acho que foi um passo, eu cheguei a lembrar assim: será que santo? Mas, aí eu percebi que o milagre ainda estava muito longe, desde aquele momento, mas já teve uma coisa muito boa. Isso foi muito nesse âmbito, por exemplo, de pesquisador, de escritor. Foi muito importante, muita gente comprou o livro, os professores compraram o livro, outras pessoas, muitas pessoas, médicos, advogados.

Cintya – Houve alguma repercussão quanto ao fato do senhor retratar em seu livro a comunidade negra de CEDRO? Qual foi o retorno dado pela população quanto a esse fato?

mesmo porque, o corte resultaria em perdas no entendimento das narrativas, fundamentais para uma melhor inserção do leitor na compreensão das questões deste trabalho e dos sujeitos envolvidos.

Martiniano – Nesse particular foi interessante porque, as pessoas da região, os professores, muita gente, começou a usar o meu livro e passou a usar meu livro aqui pra dar aulas. E virou referência, virou ponto de informação, no local da informação.

Cintya – O livro chegou a ser incluído em programas de ensino?

Martiniano – Não, ele não chegou. Oficialmente não chegou a ter isso não. Mas espontaneamente, eu sei que muita gente usou. Até hoje, mesmo esse aqui, já está em tudo que é biblioteca. Mas, do ponto de vista oficial, há muita falta de coisa. Nem sei o porquê, o pessoal ainda não compreendeu certas coisas. Por exemplo, na minha opinião, não é porque é meu livro não, mas feito com oito anos, com muita garra, esse último, por exemplo, eu tive de ir, na biblioteca, de cada grupo escolar, por exemplo, na minha opinião. Uma coisa que eu fiz com muita garra, justamente para ajudar os professores, os alunos, nas informações, é para eles lá. Lamentavelmente, ele ainda não está, mas está em muitos. Melhorou, está melhorando de uma forma bastante visível esse aspecto.

O lançamento mais recente do autor, produto de sua dissertação de mestrado em História, na Universidade Federal de Goiás, recebeu o título de *Quilombos do Brasil Central*, é considerado pelo escritor como “o mais bonito que fez”.

Então, eu posso dizer que esse aspecto do reconhecimento do meu trabalho, do meu nome, como advogado, como pessoa, como pai, como avô, como escritor, como pesquisador, uma coisa assim muito bonita. Chegou ao ponto de o último lançamento deste livro - *Quilombos do Brasil Central* - violência e resistência escrava - que é a minha tese de mestrado, transformada em livro, é, eu acredito ter sido o lançamento entre todos que eu já lancei, porque eu já lancei esses meus livros pelo Brasil afora, de Porto Alegre a Salvador, em Cuiabá. Já lancei meus livros por aí. Eu tenho, eu sou uma pessoa que tem conseguido advogar, e conciliar, não sei como, a minha vida de intelectual. Aliás, eu estou aqui fazendo isso. Com prazer, não é? Eu parei a minha vida de advogado ali, para vir para, não preocupado com dinheiro, não estou nem aí para essa coisa de dinheiro. A melhor coisa do mundo é me preocupar com a vida intelectual, porque hoje eu não sou uma pessoa embrutecida com questões econômicas, essa coisa de somar riqueza. Eu vi todos esses chapadões passarem aqui, o pessoal comprando e vendendo e eu nunca me preocupei em comprar um metro dessas terras. Comprei algumas coisas em Goiânia e, em Mineiros mesmo, fiz com minha advocacia, feita com muita luta, devagar, com quase 40 anos. Devagarzinho, para puder chegar onde eu estou, mas em ter tranquilidade, dormir bem com meu travesseiro, não é? Conversar bem com ele para não ter certas preocupações, e até aproveitando aqui uma brincadeira, tudo isso eu estou me esforçando para ver se eu consigo, chegar no céu, não é? Porque andam falando por aí que advogado chegar no céu, depois que eu li a “Divina Comédia” parece que não é fácil mesmo não.

É muito complicado. Mas, então, eu diria que estou muito bem em Mineiros, em todos os sentidos. O meu livro, esse a que eu me referi a pouco, o lançamento dele foi o mais bonito que eu já fiz, ao longo da história intelectual que eu tive, lançando aí pelo Brasil afora. Então, foi uma noite fantástica. Lá na FMS, a Faculdade, a FMS se encarregou, a instituição, lá. Ela fez, montou uma tenda, eu pensava que tenda seria só para outras coisas, não é?

Fui ler a “história da tenda”, por causa deste livro, “A origem da tenda” o porquê disto.

E foi uma coisa linda. Que instalaram uma tenda no meio da rua, lá na frente da Faculdade da Fundação, lá, e encheu de gente, tinha tanta gente lá, foi vendido mais de 100 volumes naquele momento. O pessoal da música foi para lá para cantar também, o pessoal do teatro foi lá para fazer uma encenação muito bonita a respeito de um texto de teatro que eu escrevi, chamado “Auto de Zumbi”. Fizeram uma coisa linda lá, criança foi declamar para mim, criança foi cantar para mim. Nossa! Mas teve as homenagens que eu recebi naquele momento da comunidade. Recebi título de cidadão mineirense aqui. Quantas homenagens eu recebi aqui em Mineiros, quando entrei na Academia Goiana de Letras, mas como o povo me recebeu aqui.

Quando obtive nota 10 lá na minha defesa na Universidade dessa tese, como é que o povo passou a me tratar cada vez, então,, o reconhecimento, é uma coisa muito bonita nesta cidade de Mineiros.

Não posso sair na rua o povo: “ li seu artigo”, “estou lendo seu livro”, “estou fazendo pesquisa”. Telefonam semanalmente aqui, pai, criança, mãe, todo mundo querendo informações da história da região, das coisas, de maneira que há uma...é, eu posso dizer mesmo que há o reconhecimento muito firme aqui, e fora de Mineiros.

E, aliás , até há pouco, aconteceu uns fatos interessantes, é que jovens que estudam fora, de Mineiros, moravam aqui, eu não tinha uma amizade com eles. Eles foram estudar em Goiânia, foram estudar em Uberlândia, em várias outras capitais, especialmente em Goiânia. Chegaram lá, quando os professores começaram passar trabalhos dos meus livros – “Parque das emas”, por exemplo, “Racismo à brasileira”, e outros - a respeito de trabalhos assim lá nas Faculdades, nos cursos de Geografia, no cursos de Direito, esse último lá, por exemplo, “Advocacia engenharte” e já aconteceu várias vezes de pessoas.. teve até um caso que eu achei muito interessante de um jovem que formou agora advogado há pouco tempo, ele veio aqui no meu escritório me pediu desculpa, porque ele morava em Mineiros e não conhecia o Martiniano, como disseram a respeito do meu trabalho e ele morava perto de mim e não tinha vindo conversar comigo.

Quer dizer, houve um processo de conscientização dele, do ponto de vista de valorização de um fenômeno fantástico, que é a questão da cultura, o respeito que a gente precisa ter com aqueles que ainda param para pesquisar, para fazer reflexões sobre a arte, sobre a cultura, sobre a história, sobre tantas áreas do conhecimento que nós precisamos.

Realizado embaixo de uma tenda, na área da faculdade local, e promovido por essa mesma instituição, o evento teve características que o diferenciam de um acontecimento oficial municipal. Por outro lado, ter recebido o título de cidadania no lançamento indica a um reconhecimento público com a anuência dos poderes municipais.

O direcionamento intelectual de Martiniano para a questão étnica e o seu envolvimento com o movimento negro propiciaram os lançamentos fora da realidade do livro fazendo com que os espaços de reconhecimento se mostrassem ampliados, mais de uma vez, em sua trajetória.

Eu tive uma outra satisfação, em Goiás, ex-capital, onde fui lançar este livro também. Uma semana, reunião do povo negro de Goiás, um participação de pessoal de vários estados. Foi uma noite muito bonita, lá naquele palácio da antiga capital, o Conde dos Arcos, velha capital. Foi assim, uma coisa muito bonita. Eu saí de Mineiros, e o Gomes que é diretor de teatro daqui, foi comigo. Fomos no nosso carro, foi uma viagem muito interessante, a gente fazendo, falando de cultura, falando de teatro, falando de história, falando de arte. E isso foi muito bom, foi uma coisa assim, que eu acho que não tem nada melhor do que isso na minha vida.

Falar, poder arrumar esses momentos, que a gente poder fazer isso, e lá, foi uma noite interessante, reunir lá naquela igreja. E o pessoal foi para lá, porque havia uma chuva naquele momento, e me deram a palavra lá para falar, assim, eu não me lembro, não sei se eu já tinha falado dentro da igreja, mas eu sei que aquela igreja é muito bonita, muito grande, numa altura enorme, muito alta, e eu dizendo lá, já da minha maneira, de como é que eu entendia isso, como é que deveria ser, e tal, e depois eu participei de uma mesa-redonda lá, muito interessante também, ao lado de

várias personalidades, que vieram de Brasília, que vieram da Bahia, vieram do Rio Grande do Sul, de Goiânia. Nós ficamos dois dias lá. Foi muito bonito, muito importante.

Depois, também em Goiânia, no primeiro encontro de estudantes negros. fui escolhido. Foram estudantes negros lá de duas universidades em Goiânia, mais dentro do ritual do movimento negro, uma coisa assim muito bonita, lá no DCE da Católica, na praça Universitária. E estavam lá muitos negros, muitos estudantes, o professor Alex, e vários outros professores estavam lá, fazendo uso do meu trabalho, do meu livro, eu sei que foi uma noite, foi uma noite e um outro dia à tarde, que eu considero das mais interessantes, eles consideraram meu trabalho, meu livro, me arrumaram uma mesa redonda lá, toda com uns panos brancos, com uma vela e, uma cor marrom, uma vela bem pequenininha, bem curtinha, ali colocada ali, e, arrumaram um banco diferente para mim, para sentar lá.

E o lançamento do livro ali sem aqueles rituais formais, do que é comum, tal, sem frescura, aquela coisa muito simples e nossa, do sertanejo, povo do mato, do negro. E foi feito dessa maneira. Daí a pouco teve todo ritual lá do pessoal, também os iniciados na arte deles lá, uma coisa muito bonita, com a comida inclusive bem original jogada ao sol. Aquelas coisas assim, causando muito respeito, uma cerimônia muito simples, muito bonita, como deve ser, como as coisas deveriam ser.

E eu sei que foi uma coisa assim bonita, fizeram uma oficina também lá, com meus livros, cantos negros, meus, leram vários textos, um pessoal de Mineiros foi para me ajudar fazer essa oficina, a professora, historiadora, Duiene foi, veio aqui na minha casa antes para conversar, para discutir sobre lá. Eu sei que essa oficina foi muito bonita, porque o pessoal leu cada texto, cada um pegou um texto. Pegou sobre os Calungas, o outro pegou a questão da violência, na questão do escravo reprodutor, por exemplo. O outro pegou a violência mais praticada às mulheres pelos senhores de escravos. Eu sei que foi um momento muito bom, muito bonito, o pessoal assim guardou isso e foi um dos momentos mais interessantes também, resultado desse livro que está aqui e onde ele já foi vendido mais ou menos cento e cinquenta volumes só aqui em Mineiros.

Mesmo quando moravam fora das localidades de referência das obras, os escritores acharam importante o lançamento na “terra do livro. Também este é o caso do escritor José Faria quando lançou *Caçu – uma cultura em ascensão*. Esse lançamento do escritor, apesar de não descrito em pormenores, é lembrado por uma tragédia pessoal: a morte da mãe por atropelamento, exatamente no dia da cerimônia. Nessa época, Faria residia em Goiânia mas achou necessário fazer o lançamento em Caçu.

Diferentemente dos outros escritores entrevistados, o assunto dos lançamentos não foi abordado por esse escritor nem mesmo como parte de situações de reconhecimento social. Talvez pela tendência dos relatos de Faria para abordarem as situações de dominação cultural inter-municipais, o escritor não se deteve em descrições sobre possíveis reciprocidades locais em ocasiões especiais. No entanto o relato do escritor ao abordar outros assuntos, falam do quanto é reconhecido em Caçu como uma pessoa que detém as informações sobre a história da cidade

O escritor Filadelfo Borges também não trata sobre os detalhes de seus lançamentos, mas fala sobre as suas participações em datas especiais da cidade de Jataí como ocasiões

em que é lembrado como uma pessoa que conhece a história do município. Os tipos de assuntos sobre os quais é solicitado para falar, diz respeito ao passado mas, sobretudo, sobre pequenas histórias, tipos de rua, nomes de pessoas e de políticos conhecidos da cidade, enfim, sobre os assuntos a respeito dos quais ele escreve nas crônicas sobre a cidade.

Voltemos novamente ao seu relato, citado anteriormente, para agora destacar o modo de sua inserção nos assuntos locais, como uma pessoa reconhecida pelo conhecimento que tem sobre o lugar:

Eu estou sempre colaborando, sou chamado para entrevista em rádio, sou chamado pra toda, chega aqui em Rio Verde, para escrever artigos sobre isso. Às vezes gasto horas nisso, vem alunos na minha casa, pedir informações e quando foi ano passado, não, no ano atrasado, não, acho que foi ano atrasado, o prefeito de Jataí pediu que eu fosse falar com ele. Ele pediu o seguinte: "É que nesse ano, no aniversário da cidade, não vai haver desfiles. Quero fazer uma programação diferente, eu quero me reunir com sociedades, em vários eventos, em vários movimentos. Então, quero que vá lá alguém como você e fale de memória, fatos sobre a cidade, sobre qualquer tema, sobre o que você quiser, esportes, política, tipos da cidade". Então, eu contava, eu fui lá e falei, falei e focalizei alguns fatos pitorescos da política. Na época, seriam trágicos, e não seriam pitorescos.

Os fatos pitorescos da política que eu vi, presenciei comigo, que eu recebi como informações, e o vereador Adilson Moraes me telefonou para eu fazer entrevista na rádio Difusora, meio de improviso, sem papel. Eles me chamavam de "memória ambulante", por causa desse fato. Então, até dei entrevista sobre história da cidade, principalmente focalizando as ligações do Juscelino com a cidade. Eu fui tão feliz na entrevista, na exposição, que ele pediu para continuar no dia seguinte. No dia seguinte, foi e chamaram mais duas pessoas.

O escritor discorre sobre a sua participação em outros eventos municipais de grande importância para Jataí:

A prefeitura me convocou para fazer um depoimento, gravado em "rádio eterno", para constar no Museu JK, lá no Memorial JK. E lá eles gravaram comigo. O projeto é para ficar na eternidade. Foi o que eu falei sobre os vínculos dos senadores de Juscelino com Jataí, a política, as disputas do PSD com UDN, quem era quem, e principalmente sobre Juscelino e Jataí.

Eles falavam, eu ouvi, eles gravaram com José de Carvalho, que foi prefeito, foi três vezes deputado estadual. Eles consideravam o melhor. Eles falavam que em Jataí, ele era o melhor da década de 60. Eu considero o Luciano o melhor orador de Jataí, não sei se surgiu outro depois dele, eles falaram que era ele. Depois, gravaram com o prefeito sucessor do Luciano e que foi presidente da Câmara ou do PSD quando Juscelino prometeu Brasília aqui. Gravaram com José dos Santos Ferreira, que era Deputado na época, dessa promessa em Brasília, que era suplente de senador de Juscelino. Gravaram com a dona Sílvia e com o doutor Serafim, um amigo que conhece a história de Serafim. Essas figuras foram gravadas, primeiro foram mais demorados, inclusive eu discordei da Cláudia minha sobrinha, coordenadora. Ela me disse, "O Luciano disse que o Sena, o Juscelino teve em Jataí três vezes, na briga da campanha, candidato a Presidente, veio como Presidente e veio para encerrar a campanha de senadores". Não, o Luciano disse que nessa segunda vez, ele apenas

recebeu o voto, eu discordo dele, eu vi, eu estava lá, eu era aluno da escola dos padres, desmaiei, o sol muito forte, desmaiei, lembro, lá do hotel.

Aí, vem ela, Luciano lembrou. Então, quando foi a inauguração do Memorial JK, eles me chamaram para um lugar de destaque. Aí, estavam quatro senadores da República, o Maguito Vilela e mais três, aí estava o Prefeito de Jataí, estava o Pedro Wilson, o prefeito de Goiânia, estava o José dos Santos Ferreira, e tava a neta do Juscelino. De forma que, quando ligaram esse vídeo, o mais demorado foi o meu.

Aí, o Pedro Wilson falou que me conhecia. Eu fiz amizade com o Pedro Wilson em razão disso. Depois veio a militância política, então, estou gravado na história. E aqui em Rio Verde, eu fundei a Academia Rioverdense de Letras, e existe o Memorial da cidade, lá consta o meu nome.

Então, eu posso dizer com satisfação que, nessa gravação em Jataí, estou presente, se não for deteriorado, estarei lá eternamente, e na história da academia eu sou fundador.

Os cenários são um outro modo pelo qual *o escrever* é incluído nos lançamentos de livros. Em relação a eles, são observadas as mesmas preocupações com a origem das fontes utilizadas na redação dos livros. O lançamento do livro *Rio Verde: pioneira e progressista*, de Zilda Pires, presenciado em Rio Verde, em agosto de 2004, durante a pesquisa, apresentou uma exposição das fontes utilizadas de uma forma bastante inusitada.⁹

O lançamento ocorreu no “Museu da Intendência”, um casarão histórico onde funcionou a cadeia pública da cidade e que hoje funciona como Centro Cultural. O espaço do lançamento abarcou a sala térrea central e o pátio interno descoberto. Na sala central a escritora expôs em painéis, fotografias com legendas, mostrando os momentos da coleta das informações diretas. Zilda Pires aparece nas fotografias com o gravador na mão e vestida com uniforme igual ao dos empregados das indústrias que ela pesquisou (o livro é sobre a história recente de Rio Verde). A impressão que temos quando olhamos a exposição é de que a pesquisadora está sempre acompanhada de uma outra pessoa que fotografa as cenas.

Além dos painéis, uma mesa comprida expunha todo o material da pesquisa: as fontes bibliográficas, as fitas gravadas, os rascunhos do texto, os esboços da capa, as cópias de documentos, as entrevistas transcritas. Da escritora, havia uma cópia do currículo e os livros já publicados.

O livro objeto do lançamento foi patrocinado pela prefeitura de Rio Verde, pela universidade local e por empresas. Havia grandes cartazes da prefeitura e da empresa

⁹ Apesar dessa autora não ter sido inserida nas análises biográficas, o lançamento do seu livro em Rio Verde, foi aproveitado nas observações, já que não foi possível assistir a eventos dessa natureza, com os escritores biografados. Zilda Pires é presidente da academia Rioverdense de Letras, instituição fundada por Filadelfo Borges, acadêmico que esteve presente nesse lançamento.

Perdigão no interior do casarão. As primeiras fileiras de cadeiras do auditório improvisado no pátio interno, coberto por uma tenda branca – foram ocupadas pelos membros da Academia Rio-verdense de Letras. Os escritores entraram no recinto de forma solene, vestidos com suas togas pretas. A família da escritora também entrou em separado dos demais presentes.

A composição da mesa central, das autoridades, imprimiu um teor de oficialidade à cerimônia. Participaram desse lugar de destaque, o reitor da universidade local, o secretário de Educação e Cultura, a secretária de promoção social, representantes de políticos e de outras instituições.

Outra peculiaridade da cerimônia ocorreu em virtude de a escritora não ter autografado os livros, que também não foram vendidos ali.

No dia seguinte à cerimônia, quando entrevistamos a autora e indagamos a respeito da apresentação das fontes da pesquisa no lançamento, ela nos respondeu com uma preocupação com as cobranças futuras de fidedignidade das informações que normalmente surgem quando se trata de assuntos relacionados à história escrita da cidade. Zilda Pires, que naquele ano respondia pela presidência da Academia Rioverdense de Letras é Pedagoga e Historiadora e ensina na Universidade local. Uma das especificidades das suas obras é a de se fundamentarem em pesquisas diretas com a vivência do cotidiano de seus informantes. A escritora costuma realizar entrevistas com os informantes em seus locais de moradia e trabalho.

No lançamento de outra obra, Zilda Pires também expôs painéis com fotografias do trabalho de campo. Como se tratava de um estudo sobre os bóias frias, a autora aparece nas fotografias vestida como os trabalhadores, no canavial, em cima do caminhão ou comendo em marmitas.

As histórias ingressam no campo das *controvérsias*: a comunicação e as polêmicas literárias

O relato dos escritores a respeito da história da construção de seus livros reportam às controvérsias que surgiram com alguns leitores e testemunhos, quando alguns de seus livros de história local foram lançados. Os parentes, conhecidos, outros escritores, testemunhos,

os interpelaram diretamente sobre a história narrada. Questionaram os nomes citados e concordaram ou discordaram dos acontecimentos. As divergências, quando ocorrem, são feitos na rua, na casa do escritor, em cerimônias públicas e em outros locais. Outras vezes, o comentário ganha as páginas de jornal e podem se transformar em polêmicas mais acirradas.

Em 2004, quando foi realizado a entrevista com a escritora Maria Eloá, em Jataí, ela aguardava o lançamento do seu livro *Ana Prudenciana*, recém-publicado. Foi possível então, acompanhar uma polêmica em andamento. Segundo a escritora, mesmo não tendo sido lançado, o livro já havia provocado “comentários”. Para a escritora, a experiência com as polêmicas geradas por *Serra do Cafezal* levou-a inscrever, em uma das primeiras páginas de *Ana Prudenciana*, a seguinte advertência:

Será mera coincidência qualquer semelhança dos personagens, enredo principal e histórias paralelas de ANA PRUDENCIANA, com pessoas conhecidas, vivas ou mortas, e seus dramas particulares.

As polêmicas geradas em torno de *Serra do Cafezal* foram de cunho familiar e extrapolaram os comentários diretos e indiretos, alcançando os jornais locais:

Quando surgiu o primeiro volume do “Serra do Cafezal”, eu havia saído e,, quando cheguei em casa, o Antônio e Célia estavam morrendo de raiva e brandiam no ar o jornal o “Correio Sudoeste”. E meu marido estava tão nervoso e dizia: “Agora, nem que seja para gastar dinheiro, tirar documentos nos fóruns e nos cartórios, nem que seja para gastar dinheiro, você tem que dar resposta ao que está neste jornal”. E a Célia muito nervosa. Aí, eu peguei o jornal e estava escrito assim em letras garrafais: “A família Franco desmente a escritora”. Mas não eram os filhos da minha tia Elcira. Um deles era o tal que escreveu agora. Mas não é um livro, são só umas folhas arrumadas, umas páginas. Então, toda polêmica girando em torno de um tio generosíssimo, que eu adotei, que meus primos eram privilegiados. Tinham dois pai e duas mães, que a Dorce tinha sido mais dele também. E eu escrevi isto de maneira correta, filha, porque na verdade já era assim. Não foi preferir ninguém, mas eles se sentiram diminuídos. E que aquela fazenda foi o pai deles que construiu. Aí eu disse para o meu marido e a minha filha: “Mas o que é isto? Não vou não. Além do mais, a família Franco está espalhada pelo Brasil todo”. E tem mesmo. É muito grande. Tem Franco por todos os lados. E alguns Francos por aí disseram: - “Eu não autorizei.” Mas eu olhei aquele jornal e não respondi.

Cintya - A senhora chegou a guardar esse jornal?

Maria Eloá - Não guardei. Aí, meu marido e a Célia concordaram comigo. Eu disse: - “O livro está agradando os leitores, estão gostando de ler. Deixa o livro correr, ora se eu vou tocar nisto.” Além disso, na Serra do Cafezal todos sabem quem foi Ponciano Alves de Lima. Eles tomaram uma aversão pelos tios, parece que eles se sentem diminuídos por terem sido criados por ele. Tudo eles devem a ele. Então, saem cobrindo o sol com a peneira, esta bobagem.

A autora continua o assunto em outro momento da entrevista:

O confronto que eles criaram de maneira injusta, orgulhosa, o orgulho desmesurado. Até vou te dizer do que se trata. Quando eu falo de Ponciano Alves de Lima, o Sanim, você se lembra dessa história ainda?

Cintya – Sim.

Maria Eloá - Eu falo do Sanim e faço dele o retrato de um homem generoso, extremamente generoso, extraordinariamente severo, um homem, podemos dizer, uma pessoa excêntrica, que era rude e generoso ao mesmo tempo. Af eu falo de uns primos, de uns primos que tinham sido - eu coloquei bem claro, eles foram privilegiados, tiveram duas mães e dois pais. Duas mães amantíssimas, extremosas e dois pais e coloco a figura de Sanim realmente como eu a vejo hoje de olhos fechados e o povo da Serra do Cafezal todo sabe. E quando eu parti para escrever o segundo volume, de “Serra do Cafezal”, “Serra do Cafezal II”, quando comecei as pesquisas, as entrevistas com pessoas, a história do Sanim voltava sempre, ele era conhecido, por todas estas qualidades que eu contei. Mas os primos não gostaram. Inclusive o casarão que ele construiu, eu vi com meus olhos aquele casarão sendo levantado na casa nova. Eles afirmam que foi o pai deles que fez, mas como? a Serra do Cafezal inteira, a população toda daquele região sabe que foi Ponciano Alves de Lima que construiu. E quando Ponciano construiu a casa, ele se preocupou -lá está no livro - com um quarto espaçoso para a sobrinha viúva e a irmã solteirona. Um quarto só para elas dormirem juntas num mesmo quarto, um quarto espaçoso. Um quarto menor para a filha mocinha, da sobrinha viúva. Um quarto espaçoso para a irmã casada, que é a mãe dos filhos que eu digo, privilegiados. Um quarto, aliás, dois quartos para hóspedes. Uma saleta espaçosa para o tear da irmã solteirona, e para ele próprio, Ponciano Alves de Lima, ele reservou no porão da casa, ao lado da sala, ele reservou um. No porão foram feitos dois cômodos, dois aposentos. Um, ele reservou para a colocação de arreio, essas coisas e o outro, para o seu quarto. Ele dormia no porão, não por que ele quisesse, assim, fazer mostrar a sua simplicidade, a sua humildade. Ele não era humilde. Mas porque ali era mais conveniente. Ele não tinha hora para dormir nem para comer. Ele nos visitava pelas madrugadas. Vê lá na “Serra do Cafezal” que eu menciono as visitas. Então, era para não incomodar e também para o seu próprio bem. Ele chegava e dormia ali no porão, no quarto ali, à vontade. Então, dizem que é mentira, que ele não dormia no porão, então tá. Vamos mudar de assunto Cintya? Vamos passar para falar do novo livro de Ana Prudenciana? Que mais? Onde eu parei?

Outro tipo de polêmica que o livro pode gerar com as suas histórias, no contexto local, envolve os leitores - testemunhas, quando acusam o escritor de não ter citado nomes de pessoas – sobretudo parentes - que deveriam tomar parte das histórias e de não ter sido muito fiel aos fatos.

As discordâncias em relação à versão das histórias contidas nos livros instauraram uma dinâmica de comentários sobre essas histórias:

Cintya - Havia, então, pessoas que reclamavam por não estarem no livro?

Maria Eloá – Justamente! A cobrança nesse sentido foi muita séria. Eles chegavam e diziam: “Eu achei que meu pai e minha mãe deveriam ter sido mencionados, nem o nome você

colocou!" E havia também aquelas que vianham também armados. "Aquela história não era bem assim, minha mãe contava não era daquele jeito." Uma parente minha, parente um pouco afastada, chegou e falou: "Aquela história que você contou do homem que matou 49, que furou um buraco na parede para matar o genro. Você está lembrada? Sim. "Aquela história não foi bem daquele jeito". "A mãe dela é irmã da minha avó Maria Floriana. Aí eu disse: "Sua mãe contava diferente, mas veja você. Sua mãe era mais nova que minha avó, Maria Floriana. E minha avó Maria Floriana acabou de criar sua mãe, ela era bem mais nova. Então, a versão mais antiga, Esmeralda, está mais próxima do fato." Eu expliquei para ela da minha avó que viveu o drama. Eu acho que o relato que minha avó fez está muito mais próximo da verdade, tem muito mais fundamento. "Agora me diz uma coisa Esmeralda: Ele morreu lá? Morreu".

"O sogro deu o tiro pelo buraco da parede? Deu". "Então, foi assim, jogaram lá no barranco". "Jogou". "Então, o que você quer, Esmeralda? Foi acontecido".

Teve uma outra que quando eu encontrei com ela na rua, e ela disse: "Aquela história da Joana do Otávio, eu gostei, você narrou direitinho o fato como aconteceu." Joana do Otávio é aquela que matou o homem que queria agredi-la. Ele arrombou a porta do quarto. "A história da Joana do Otávio, Dona Eloá você narrou direitinho, eu gostei, mas não foi lá na cachoeira que aconteceu, não". "Ah, não foi na cachoeira, não?E onde foi?" "Foi lá no fura olho". "Mas o fura olho não é lá na cachoeira?" "Não é meia légua adiante."

"Na próxima edição eu vou corrigir este erro."

Um tio meu me mandou um recado pelo meu marido: "Eu gostei do livro da Eloá. Mas você fala para ela que eu observei que cada vez que ela fala na cabeceira do senhor Simão ela coloca a cabeceira do senhor Simão mais para cima, tem hora que ela coloca mais para baixo." De forma que é muito gratificante escrever tendo em volta os leitores. Eu me considero uma escritora privilegiada, porque eu falo com os meus leitores de igual para igual. E isto é muito bom.

Cintya - A Senhora destinou as suas obras, mais particularmente Serra do Cafezal, para um público específico?

Maria Eloá: Não. Eu tinha muita dúvida. Mais para o fim quando eu vi livro pronto e até eu me surpreendi. "Aqui está o livro." Aí eu comecei a ficar mais animada. Eu pensei que eu poderia ter os leitores. Mas eu pensava mais era naqueles de lá de Serranópolis. Eu tinha mais esperança neles, embora aqui tenha muita gente de Serranópolis, uma população de Serranópolis, tem muita gente que veio para cá.

Cintya - As críticas que a senhora se refere vieram apenas dos parentes e testemunhos?

Maria Eloá: Eu encontrei com um leitor, o Dr. Márcio Vilela, parece-me que ele era engenheiro, mas é fazendeiro só que não exerce a profissão, e ele já tinha encontrado o Antonio e disse: "Eu li e reli o livro de Dona Eloá, eu gosto muito do livro de Dona Eloá." Depois eu encontrei com ele por acaso e paramos para conversar: "Eu gosto muito do seu livro. Mas na verdade, Dona Eloá existem invejosos." Eu gostaria de saber porque essas pessoas que ele chama de invejosos, talvez não fossem invejosos e tivessem criticados algum ponto. Mas ele não se abriu e ficou assim. Mas é claro que um livro tem que ter crítica negativa também. Não é só elogios, porque senão dá para desconfiar.

Cintya - "Serra do Cafezal" foi também adotado nas escolas do município?

Maria Eloá - Foram. Os volumes I e II. A Academia Jatafense de Letras fez uma parceria com a Secretaria do Estado e os professores se prontificaram a ler o meu livro, o livro do Elenir que se chama "Romance", outro sobre a reforma agrária que eu não me lembro bem, mas parece que é "Terra", "Angustia", não sei direito. E o outro livro "Presidente caboclo" de José Erculano. Os três são locais. Parece que nesta época, o José Erculano era presidente da academia Jatafense de Letras. E eles fizeram uma parceria com a Secretaria e eu emprestei dez exemplares do livro para os professores lerem. Eles leram e escolheram o "Serra do Cafezal I". Eu falei: "Eu não posso absolutamente fazer nova edição. Os livros não vão dar para este colégio que vocês estão dizendo". Nove municípios da região sudoeste adotaram. Aí, entraram com o número II, que tinha mais exemplares. Foi aprovado o meu para o 3º ano Colegial, Ensino Médio. O do José Erculano para o 2º ano e do Elenir para o 1º ano.

Cintya - Em qual disciplina os livros foram incluídos?

Maria Eloá - Português.

Cintya - A senhora já teve algum retorno da leitura de algum aluno?

Maria Eloá - Tive alguns poucos, porque, infelizmente, nós estamos vivendo uma época em que os jovens não tem o hábito da leitura. Só quando os professores se esforçam, exigem que leiam o livro para nota, vai cair na prova, infelizmente é isso. Então, corre e lê o que precisa, mas depois lê um pouquinho. Não houve retorno.

A escritora fala com cautela sobre como o seu livro, mesmo apresentando o aspecto positivo de gerar novos escritos, fez surgir polêmicas familiares. Algumas divergências, são tratadas por Maria Eloá, com reservas, por implicarem o envolvimento de pessoas próximas da sua família. Nesse aspecto, a publicação de *Serra do Cafezal* ao mesmo tempo em que incentivou outros escritores de Jataí a publicarem os seus escritos, gerou críticas negativas na família da escritora.

Cintya - A senhora acha que, com este livro, influenciou, outras pessoas que estavam com vontade de escrever mas não tiveram iniciativa?

Maria Eloá - Filha, eu posso te dizer o seguinte: vamos com cautela nesse terreno. Na verdade, quando eu escrevi esse primeiro volume, surgiu foi uma avalanche de pessoas. Foram muitas pessoas que disseram que iam escrever um livro, iam escrever um livro. Minha irmã mais velha disse que ia escrever um livro, nunca escreveu. Os parentes, um primo disse que ia escreveu um livro, nunca escreveu. Uma prima minha que tem todo tempo, tem toda a competência, ela é professora. Fez uma pós-graduação na Inglaterra. Ela tem toda a competência. Ela foi a Portugal pesquisar coisas, mas não sei, pelo que ela disse não era genealogia. Ela ficou três meses em Portugal pesquisando coisa que era para esse livro, mas o livro não saiu. A outra prima, que mora em Brasília, disse que escreveria um livro, o livro não saiu. Esta prima foi à fazenda Cambuçu, ela foi criada lá, para verificar, parece que queria tomar as medidas certinhas, colocar a cabeceira do Senhor Simão no lugar certo. Mas esse livro não saiu. O primo, dizem que entregou para alguns amigos o livro dele. Ele é advogado, mora em Brasília há muitos anos. Horácio Vilaverde de Carvalho. Ele é filho da minha tia, irmã da minha mãe. Meu irmão, que mora em Serranópolis, ligou dizendo: "Você precisa ler o livro que ele escreveu." Não estou criticando porque não li. Então, houve, mas no sentido negativo, primeiro. Parece que era um desafio. "Está pensando que é apenas você que escreve, pois eu também vou escrever." Mas também surgiram idéias boas para escrever.

O meu livro serviu de incentivo bom também. E depois, posteriormente, surgiram outros. Antônio Vilela escreveu um livro de memórias. Nós temos Dourival, ele pesquisa muito. Eu acho que, de algum modo, pode ser que, pode ser que ele tivesse escrito o livro sem que o meu tivesse existido, não é? Mas pode ser porque a gente começou. Uma prima lá de Goiânia, ela fala pelos cotovelos e fala tudo o que vem na mente disse: "Veja você, só porque você escreveu o, livro, todo mundo disparou a escrever livros agora." Me prestigiando. Eu falei: "Raquel, eu apenas dei um impulso. Tem que ter dom".

Da mesma forma que Martiniano e Filadelfo, Maria Eloá reconhece a importância da obra de Basileu T. França como o primeiro escrito da história local e não tece críticas substanciais a esse escritor.

Cintya - Na opinião da senhora, sobre o que já se escreveu sobre a história local, qual a sua opinião a respeito desses escritos?

Maria Eloá - O primeiro sempre é o mais importante, porque quando alguém começa não é fácil, porque é como se a pessoa dissesse: "É possível fazer isso" ou "Isso deve ser feito." Aí, então, vão surgindo os outros. Uma prima me disse o seguinte, estava até bem nervosa: - "você viu, Eloá, foi só você escrever o livro, tem tanta gente querendo escrever um livro sobre a Serra do Cafezal" Eu disse: "É muito bom isso, maravilhoso". Ela falou: "mas e você?" Eu disse: "eu apenas dei o primeiro impulso". Então, pensando assim, Cintya, eu considero "Pioneiros" de Basileu de Toledo França muito importante, porque ele foi o primeiro, o primeiro a registrar a genealogia, a história. Mas literatura, quem começou aqui não foi o Basileu, foi Crispiniano Tavares, um baiano que escreveu sobre Jataí contos, "Contos inéditos". Eu me alfabetizei, assim minha mãe burilou a minha alfabetização no livro dele, de contos.

Cintya - Então, o livro de Crispiniano era lido nessa época?

Maria Eloá - Era muito lido. Inclusive, se você pegar de Basileu de Toledo França, ele escreveu sobre esse livro posteriormente a "Pioneiros". Você pode ver como ele próprio, o Basileu, fez uma pesquisa e acha, quase afirma, que Hugo de Carvalho Ramos teria esse livro, ele afirma, que o livro era muito lido em Goiás, em Goiás velho, Antiga capital, lá, a Vila Boa, e que, muito provavelmente, Hugo de Carvalho Ramos tivesse lido e que tivesse sido influenciado para escrever os contos que ele escreveu, tão lindos, tão belos, "Tropas e Boiadas". Eu acho que o trabalho do Basileu foi importante e depois vieram outros. Nós temos vários e acho muito importante o trabalho de Dorival Carvalho de Melo, que escreveu a preocupação dele com a história, com a história que não foi escrita. O primeiro livro de Dorival é Páginas Esquecidas, o segundo é Nos "Porões da história". Até os títulos são sugestivos. Eu acho o trabalho dele muito bom, muito importante, como historiador. Agora, na literatura tem, temos também muitos escritores.

Cintya - A senhora é membro da Academia Jataiense de Letras?

Maria Eloá - Dizem que sou. Eu fui relutante, quando decidiram fundar aqui em Jataí a Academia de Letras. Achei que não era hora ainda, que nós devíamos nos organizar, nos reunir, criar, assim, por exemplo, uma espécie de clube de leitura, reunião de escritores, troca de impressões, mostrando trabalhos uns para os outros, formar uma roda literária, assim, mais informal, lutei feio, lutei firme nessa, nesse ponto aí, mas a maioria quis fundar a academia. E eu quis tirar o corpo fora, como se diz, mas meu marido e minha filha me disseram: "Você deve participar, sim, porque não?" Mas eu não frequento, me falta tempo. O tempo de ler é cada vez mais curto. Eu leio duas vezes por dia, pouco, e aí vou perder tempo numa conversa fiada às vezes, Cintya? Sem querer estender mais.

Maria Eloá declara não participar da academia jataiense de letras, apesar de filiada. A escritora discorda da criação da academia em Jataí, por achar que outras formas de aproximação entre os escritores locais seriam mais apropriadas.

Para além de testemunhas: o acirramento das polêmicas entre os escritores

As polêmicas entre os escritores tornaram-se evidentes, desde o início, nas entrevistas. Conforme já foi mencionado na introdução, um dos primeiros pontos observados foi a forma como os escritores manifestavam suas críticas às histórias

construídas pelos outros escritores, sobretudo aos autores dos primeiros escritos. Tratava-se de discordâncias assentadas em fundamentos de várias ordens, constituindo-se em verdadeiras polêmicas entre autores e textos. Essas discordâncias polarizavam alguns escritores, sendo que Basileu Toledo França e Maria Eloá foram os que receberam as críticas mais incisivas.

Focalizar as polêmicas evidenciou polarizações também entre escritores não envolvidos diretamente na pesquisa. Porém, se diziam respeito à literatura e à história locais. O debate entre José Godoy Garcia e Basileu Toledo França, por exemplo, foi aproveitado na análise, por permitir observar que os seus fundamentos articulavam elementos semelhantes aos notados entre os outros escritores, mas no nível do campo literário da capital. Abordadas como parte da inserção dos escritores no contexto local, as polêmicas são vistas neste estudo como formas dialogais, que expressam a interação do oral e do escrito e articulam concepções sobre literatura, história, lugares e papel do escritor local.¹⁰

Binômio da Costa Lima manifestou as suas críticas sobre a história escrita local e, ao mesmo tempo, apresentou a sua posição quanto ao modo da escritura da história construída pelos escritores conterrâneos. As questões que fundamentam a sua crítica dizem respeito à valorização de alguns sujeitos das histórias – os parentes dos autores – e ao modo como as histórias são construídas no espaço da literatura:

Cintya - Como o senhor vê a participação de sua família na história escrita local?

Binômio: Eu acho que o autor de "Pioneiros" não aceita meu trisavô. No livro dele ele só fala mal dele. Porque que ele falou mal dele? Ele não sabe nada da vida dele.

Cintya - O senhor chegou a conversar com o Basileu sobre esse assunto?

Binômio: A brigar até. Ele escreveu o livro para provar que ele não era. Depois vem a Eloá e falando mal do meu trisavô de lá, que ele tapeou o irmão dele e isso não é verdade. O Basileu chega a ... eu até sei, o meu trisavô emprestava dinheiro a juro, porque não tinha outro comércio e, na cabeça dele, ele era comerciante. E o Basileu nem sabe disso, eu nunca falei nada com ele. E aí, quando você pede emprestado do banco e um dia você fica com uma raiva danada daquele banco, desgraçado, porque ele podia dar mais uma mãozinha, esperar mais uns dias e não espera, aí você não xinga o banco de desgraçado, que não presta etc. Mas quando é um sujeito que empresta, aí o credor, o pedidor de empréstimo, então ele tem um sujeito, aquele banco não tem. E quando o sujeito não andava direito, e o velho não podia mais emprestar ou mandava um "caboclo" ir cobrar dele, ele ficava "botina de raiva".

E o Basileu escreveu aquele livro dele com a transmissão oral de um homem que morava nesse casarão aqui da esquina. Chamava Flávio Francisco Vilela, era amigo meu, gostava de ouvir as histórias que eu contava. Ele era Vilela, mas a mãe dele era Carvalho. Mas o Flávio Vilela era

¹⁰ O sentido das polêmicas aqui é o mesmo definido por Roberto Ventura (1991) para as polêmicas literárias.

devedor do meu trisavô. Meu trisavô morreu com noventa e quatro anos de idade e morreu porque teve um surto de varíola e ele pegou. Mas ele era muito forte. Então, esse meu trisavô, o Flávio não gostava dele porque, eu fui ver os documentos e vi lá que o Flávio não pagava na época, pagava atrasado, então o velho devia mesmo, de vez em quando, dizer que ia tomar os trem dele para pagar a dívida.

O Basileu dizia que ele era tão sovina, esse velho. Depois do livro do Basileu, passou todo mundo a achar que ele era sovina. Mas quando ele morreu que fizeram o inventário, e ninguém pôe dinheiro em inventário, mas o juiz sabia que muita gente devia para ele, então ele exigiu que aparecessem e apresentaram-se um pouco, mas não apresentaram nem um décimo do que ele tinha. Mas, só o que apareceu no inventário dele dava para ele comprar dez mil vacas. E apareceu foram os fundadores de Jataí, de Mineiros, de Alto Araguaia, dessas cidades. Os maiores devedores eram os Garcia de Santana do Paranaíba. Tinha até padre que devia para ele, muito dinheiro. A minha bisavó que era filha desse trisavô meu, era escritã dele e eu consegui aquele livro que ela anotava. Ela tinha uma loja na fazenda. E o Basileu arruma um rolo com esse velho. Fala que ele apareceu aqui e foi morar com um sujeito mas que esse sujeito, um dia o escravo dele fugiu e ele morreu. O sujeito que ele dá o nome é casado com a neta do José Antonio. Que disparate dele achar que ele chegou aqui e foi morar com um sujeito. A neta dele nasceu aqui. Então esse velho foi um homem importante que tinha dinheiro para funcionar, para emprestar, para gerar. Depois foi um filho dele é que emprestou dinheiro para pôr luz elétrica aqui em Jataí, para pôr água na cidade. Então teve uma ignorância, mais por ignorância, por informações mal-arrumadas. Eu vou, eu não quero saber de informações de ninguém, eu vou no cartório. Então, é por isso que é difícil trabalhar em cima de pesquisa em Jataí, porque você só trabalha em cima do povo rico e o povo pobre fica para fora. Porque como é que eu vou pesquisar, é porque foi preso, é porque roubou.

Cintya - Então, o senhor acha que essa forma de pesquisa que o senhor critica, tem conseqüências na história local escrita?

Binômimo - Muito. Quando eu vou estudar eu vou é atrás dos inventários. Por exemplo, aqui tinha até corretores de escravos em Jataí, dois irmãos, e sabe porque que eu achei os corretores? Porque todas as vezes que eles requeriam encomenda de escravos, então, o José Manoel Vilela, por exemplo, ia lá e encomendava: "Dois reprodutores negros". Você sabia que o nome era "reprodutor"? Era comum isso. Inclusive, tem um livro do Martiniano, é muito melhor, e fala dos reprodutores. Ele descreve o jeito que ele queria o sujeito: perna fina, bunda arrebizada, nariz levantado, porque o nariz muito baixo negro cansa e atola, fica respirando com a boca, tem menos resistência. Ele deu três contos de reis para os corretores trazerem dois negros para ele. E vai no cartório e assina o documento e dá o dinheiro para eles irem buscar. E esse caboclo foi lá no Rio de Janeiro comprar. Chegando lá, comprou os escravos e vem vindo. Quando chegou perto de Araxá, era onde tinha o maior quilombo do Brasil e nós perdemos aquela região por causa daquele quilombo. Goiás perdeu. Aquilo lá era Goiás, Araxá, em cima da serra. O quilombo era até na barra da serra. Eu já fui lá nesse lugar, e lá tem mirante feito de pedra que os escravos fizeram. Fizeram muitos. Mais de mil metros de altura de mirante! Eles dominavam aquele mundo todo. Que sensação que dá quando você está num lugar daquele imaginando os negros ali esperando. E vem vindo os dois sujeitos e eles decerto já sabiam daquilo, chamava quilombo do Ambrósio. Quando eles estavam passando perto desse lugar, os negros fugiram e aí está lá o documento, o homem devolvendo o dinheiro para o Manoel Vilela e fazendo um documento mandando para os delegados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, que se encontrassem dois negros, com a marca tal etc.

Cintya - Qual é a situação dos arquivos locais, em que o senhor pesquisa?

Binômimo: Nunca foi levado muito em conta mas, o Basileu, a vontade dele era de que pudessem posto fogo no resto e ficasse só o livro dele contando a história de Jataí. Então, mas nunca houve esse negócio que pusessem fogo, jogar no lixo. De vez em quando eu vou ver o que eles estão jogando no lixo, são aqueles diários de prefeitura, que é interessante guarda, mas, não tem lugar para guardar, também guardando um pouco daquilo só já está bom.

Cintya: O senhor me falou que tem os seus próprios arquivos. Em que arquivos locais o senhor pesquisou para formá-los?

Binômimo: As coisas daqui sempre vão para o cartório. O da prefeitura quase que é formado somente por recibos de pagamentos e recebimentos, o que é interessante. Mas os que contam a história são os cartórios. Agora, os cartórios, eu já pejejei para criar uma casa onde guardasse, todo

documento que inteirou cem anos ia para lá. Mato Grosso do Sul tem isso. Eu levei doze anos procurando o pai da mulher do José Carvalho Bastos e não achava. Eu cheguei a saber da vida dele quase tudo sem achar nada dele. Eu sabia, eu pensei que ele tinha sete filhos, mas aí descobri que um era neto dele, que um filho dele que teve esse menino morreu e ele criou. E eu pensei que esse menino também fosse filho, mas não era, era neto. O resto tudo eu já sabia. Mas quando eu consegui achar eu fui em cinco cidades de Minas Gerais procurando esse trem, até que um dia eu soube que ele morreu numa cidade, eu fui lá e lá já foi recolhido o documento, porque tem mais de cem anos, mas eu consegui o telefone e telefonei e aí o homem atendeu e eu disse: eu queria saber se o Miguel da Costa Lima morreu no Mato Grosso e José Joaquim de Moraes. E aí ele ficou conversando comigo e já falou. O Miguel da Costa Lima não morreu aqui no Mato Grosso, mas o José Joaquim de Moraes morreu. Ele morreu em 1862. Filho do José Carvalho Bastos. O Basileu nem sabe que eu consegui isso. Esse homem está aqui. Daí eu falei: "Pronto"! Ele é pai e fundador de Jataí. Eu queria saber mais da vida dele. Eu estou fazendo a genealogia desse povo tudo. Ele disse: eu vou ver o que eu tenho aqui. Tinha três livros encadernados, bem arrumado, trezentas páginas. É o inventário dele.

Em sua biografia escrita, Binômio afirma que as suas insatisfações com a história de Jataí direcionaram seu interesse para os estudos de genealogia. O autor publicou um único livro, em 2004, no qual procedeu a um estudo genealógico de várias famílias sudoestinas, inclusive a sua. Binômio teceu críticas severas à história escrita de Jataí. Estas quais foram dirigidas, mais especificamente, ao conteúdo das histórias e se estenderam para a forma da escritura utilizada por Maria Eloá e Basileu T. França: o romance. O escritor põe em cheque as metodologias e fontes utilizadas por esses autores, desqualificando o uso do testemunho oral como uma fonte plausível para a história.¹¹

Meu interesse por essa área de genealogia surgiu por essas coisas, que eu sabia que estavam falando uma mentira de um parente meu. Aí, comecei para ver se aquilo era realmente. Eu não ia fazer a família Franco, porque tinha um Franco que era o Daniel Franco, que era amigo meu, falou: "Não os Franco você pode deixar que eu faço." Aí, eu já tinha feito do Zé Antonio, falei: "Vamos fazer do resto desse povo do Jataí tudo?" Ele falou: "Os Franco pode deixar que eu faço." Aí começou, com pouco o Daniel morre. E tinha um outro Daniel, parente também: "Não, eu topo também". Aí tinha o Luis Brás que era irmão do Daniel, falou: "Não, eu peguei os trem do Daniel e vou acabar de fazer, pode deixar." Quando foi na hora de montar o trem, vem ele só com a história da avó, da bisavó dele. Falei: "Moço! Que é isso!"

Aí tive que recomeçar e isso já foi numa época em que eu estava perdendo o interesse. Então, a família Franco é que está pior e é a que é mais badalada. Porque vem esse sujeito de Inhumas, que é da família Franco... como é que essas coisas acontecem? Se ninguém tivesse interferido na minha vida naquele tempo, eu tinha feito. O do Zé Antonio é um ótimo trabalho, sabe? Primeiro porque são dezesseis filhos, cada filho... teve filho que teve dezesseis filhos, aí o pau quebrou, é gente para dar com pau!

Mas, então, aí a Eloá vem e fala mal do Zé Primo. Depois fala que esse povo é doido, um povo que descende do gaúcho. Aí, foi preciso provar. Mas o mal meu é que eu quero fazer as coisas e faço. Se eu conseguir provar para mim que está certo, eu já estou satisfeito. E não pode ser assim, tinha que mostrar para os outros também, tinha que socializar.

¹¹ Sobre a biografia de Binômio, ver PINTO(2003).

Depois, veio o outro sujeito, copia lá da Eloá, errado! Falei: “Isso está errado. Não é desse jeito assim.” Ele publicou daquele jeito que a Eloá fez. Como o dela está publicado, vai seguindo. Seguindo, mas está errado, e ele sabe disso. Agora eu vou pôr ele também no meio. Não é capaz de raciocinar as coisas. Da primeira, vem um Zé Loló, fala umas besteiras lá e a Eloá escreve. Aí, vem um que não tem condição de raciocínio – ele está sabendo, que tem aquele documento que prova que ele está errado. No entanto, ele escreve, quer dizer, isso é distorcer a história. E no Basileu... eu tenho pena do Basileu. Primeiro, porque ele realmente tem um grande mérito, de ter escrito a primeira coisa, embora com muitas distorções. Mas ele já me confessou que escreveu aquele livro imaginando que ia vendê-lo para Hollywood fazer um filme. Então, ele fez uma fantasia lá, um romanceado... História tem que ter mais um pouco de veracidade, não pode ficar pulando nos galhos de pau não.

O dia que ele foi reeditar o livro dele, na entrada do museu, não sei por que cargas d’água, mandaram eu ir receber ele lá. E lá venho eu e ele entrando. E ele: “Como é que está?” Falei: “Então vai relançar a reedição do livro? Que bom! Fez umas arrumadinhas nele aí?” E ele: “O quê, por exemplo?” “Você pôs que o Vilela subiu num frondoso jaracutiá, e jaracutiá não é frondoso, é um pau de espinho. Não tem nem condição...” “Mas porque que você não me falou uma desgraça dessa?” “Eu vou falar, você quer brigar.” Aí ele ficou butina de raiva.

E você quer ver bravo, foi um genealogista mineiro e que defende a mãe do Zé Manoel Vilela. Ele mete o pau nela e erroneamente. Outro genealogista famoso um padre, chamava Moseour Lefford, eu corripondi com ele muitos anos. Mas era muito velho, meio caduco já. Foi até que pirou de vez. De vez em quando, eu queria saber de um negócio, mandava perguntar para ele. Passava um ano... lá um dia recebi uma carta dele: “Você de vez em quando me pergunta sobre isso, eu tenho. Fulano é filho do fulano...” Ele começou lá longe. Quando foi chegando onde eu queria, ele escreveu a mão: “A máquina zangou, tchau.” “Desgraçado!” O que eu queria saber sobre isso? E nunca mais mandou.

E o pior foi um outro genealogista que é daqui, mas ele mora em Bauru. Outro dia, ele veio me perguntar... falei: “Mas moço, você mora na cidade do homem que mais entende desse trem e você vem perguntar para mim?” “E quem é?” “O Zé Guimarães.” “Um velhinho?” Falei: “É.” “Não me fala um trem desse! Esse velho já teve lá em casa umas dez vezes querendo entrar nesse assunto e eu não dei bola para ele.” “Ele é o melhor genealogista do Brasil.” Aí ele saiu doido, chegou lá o velho tinha morrido naquela noite: “Não é possível um trem desse! Isso foi para me matar de raiva.” Ficou bravo demais da conta. E um dia ele me mandou um trabalho para eu dar uma olhada: “Se tiver algum errinho você dá uma corrigida”. Aí eu respondi para ele: “Eu cacei uma coisa certa não achei. Estou te devolvendo seus erros.” “Moço do céu, que é isso?” “Não tem nada certo aqui! Você estava dormindo quando escreveu?” Aí ele veio para cá, ficou dois dias aqui pegando meus trem aqui para escrever o livro dele, que aquele estava desgraçado demais. Aí chegava ali, falei: “Uai, rapaz, aquele sujeito é irmão daquele outro?” “É.” E eu falei que esses homens não eram conhecidos. “Mas não é possível!” “Aquele sujeito era irmão do meu avô?” “Mas que coisa! Mas do jeito que eu sou fã daquele homem é tem que começar tudo de novo mesmo”.

Sujeito começa a escrever e não pesquisa, vai inventando e reproduzindo o diz-que-diz. O sujeito tem que ser pesquisador, não é? E não acreditar em nada que eles te falam. Se você acreditar, você já está entrando na encruzilhada errada. Você tem que ver prova documental de tudo, se você for mexer com história. Se não você não faz história, vai chutando. É, eu li no livro do fulano, aquilo estava errado. Do jeito do Dr. Hugo, falei: “Dr. Hugo, você publicou um livro só em cima dos erros do Basileu.” “É, eu copiei mesmo.” Falei: “Se copiasse alguma coisa que estava certa... Não, vai copiar exatamente o que está errado. A história de Jataí tem que ser refeita, sabe? Tudo que já foi escrito é besteira, invenção. Esse menino que está aí, esse Melo, ele só vai no que está escrito. Mas, se estiver escrito errado, vai também. Tem que ver se está certo ou errado. Se ele achar um papel velho aí, tem mais coisas. Esses tempos, ele veio aqui com um pedido. O José Manoel Vilela fez um pedido na justiça, ele já pôs que aquele sujeito já era... ele não aceitou o pedido dele. E outro dia ele chegou bravo aqui e falou: “Eu achei aqui que fulano de tal nasceu no dia tal, morreu no dia tal; fulano de tal nasceu no dia tal, morreu no dia tal... por que isso está errado?” “Como por que está errado? Esse aqui chama João Divino e esse chama Zé Teodoro, o que tem a ver uma coisa com a outra?” “Estou ficando doido. Será que estou ficando doido mesmo?” Cismou que aquele era esse. Não tinha nenhuma letra igual.

A minha história de Jataí eu construí lendo. Fui para o cartório e li tudo que tinha lá nos livros, até me dar uma alergia desgraçada, daquela trenheira velha! Passa uns tempos, vou para outro cartório, vou para Rio Verde. Depois de você ler, vai anotando o que pode ser interessante. Tem muito, rasgaram muitos livros. O Basileu inventou, para valorizar o livro dele, que estavam varrendo tudo. O que jogam fora são recibos da prefeitura que vai ficando velho, que não deviam jogar, mas isso jogam, porque não tem lugar de pôr. Eu já fiz um levantamento do que eles tinham jogado fora na prefeitura. Só talões de luz. Pagou talão ano não sei do quê. Isso joga fora.

Eu lembro que uma vez eu dei uma selecionada com um professor de história, um carioca que veio lecionar na universidade, não sei se você lembra dele. Foi quando eu tive a alergia. É um trem, cada vez ela ataca mais... você leva um mês lendo lá para ela te atacar a primeira vez, da outra vez com quinze dias ela já te ataca, depois vai para seis, depois só de entrar lá. Então, eu ia lá, falava para ele: “Vamos apanhar aqui uma porção de coisas!” Aí pegava aquela coisera, arrastava lá para fora, úmido, dentro de um porão na prefeitura velha. Mas dei uma selecionada assim mais ou menos daquilo que podia servir para alguma coisa e que não estava muito estragado. “E o que vamos fazer com isso agora?” Ele falou: “Eu levo lá para a universidade.” E lá tinha um comodozinho. Ele pôs aquele trem lá. Eu também nunca mais entrei naquele trem lá, não sei o que fizeram, se jogaram fora.

Ah! E aí o Nelson... Bom, uma vez eu fui lá e dei uma briga com o Nelson prefeito¹² feia e não era ele. E ele diz que eu cheguei tão... como é que ele falou? Tão... impetuoso, que ele não sabia o que falava, que ele não estava sabendo o que era e acabou que tinha uma reunião e ele toda hora me olhava de lado. Depois eu fui descobrir que era aquele Nelson lá da biblioteca que tinha jogado documentos fora. Depois foi preciso ir lá pedir desculpas. Ele falou: “Até hoje eu não sei o que é aquilo.” E na reunião que se seguiu aquele trem lá, tinha um mundo de gente lá, e não sei o quê e uma hora combinaram de pôr uma estátua, não sei se é de Jesus Cristo, ali no trevo, “_O que você acha?” Eu falei: “Não, eu sou contra. O que Jesus Cristo já fez por aqui? Antes pôr São Benedito, que ele já fez alguma coisa.” “É, eu sou a favor de pôr São Benedito.”

Então, nessa busca eu fui para o cartório. Os cartórios, de primeiro, tudo que você fazia, o documento que você conseguia, era fazer uma declaração em cartório. Por exemplo, agora eu vou comprar dois escravos. Em Jataí existia dois corretores de escravos – descobri isso. Tinha dois corretores de escravos, que iam até o Rio de Janeiro, Minas Gerais, comprar escravo e trazer para Jataí. E eles eram irmãos. Então, se você queria comprar dois escravos, eu ia lá com esse homem fazer uma declaração. Estou entregando para o fulano de tal dois contos e seiscentos mil réis para ele adquirir dois escravos aonde ele encontrar, desse tipo. E descrevia o escravo: a bunda, a canela, tudo sabe? E ficava com aquele documento lá no cartório. Então eu vou lá, acho aquilo. Daqui uns dias, torno a achar outro. Então, começa a ver que tinha sujeito que é mais exigente com o escravo. O Zé Manoel Vilela é um desses” (PINTO, 2003).

Segundo Binômimo, os seus estudos genealógicos fundamentaram-se, sobretudo, em documentos cartoriais e outras fontes escritas. O escritor diz tê-las utilizado para construir os quadros genealógicos familiares. Aqui também o seu interesse pela pesquisa associa-se ao interesse pessoal, uma vez que as famílias objeto de sua pesquisa têm vínculos de parentesco com a sua própria. Binômimo da Costa Lima considera a genealogia uma fonte histórica, um “mapa” de como as gerações das famílias ordenaram-se e sucederam-se, e pelo qual se pode acompanhar uma “tradição”. Outras fontes, como a história oral e o romance histórico, utilizadas pelos outros escritores nas suas versões, ao contrário, não são considerados “fontes verdadeiras”, isto é, fontes em que o pesquisador pode “beber” a

verdadeira história. Os romances também não são vistos como fontes a que o pesquisador possa recorrer para dar continuidade a seus estudos ou empreender novos. Assim, evidencia-se, em sua interpretação, a oposição entre literatura/ficção: mentira e fonte escrita/documento: verdade, como fundamentação da sua visão de escrita da história.

Dessa forma, a transmissão oral, tão valorizada por Binômio como mecanismo de continuidade e tradição do mundo da fazenda por ele vivido, fica circunscrita à realidade vivida. Para a pesquisa, essa fonte é desconsiderada. Portanto, há uma valorização da oralidade no processo interno do grupo, de transmissão cultural e de construção de memória e há a negação dessa mesma oralidade como fonte verdadeira para o conhecimento histórico.

A crítica à história escrita realizada por Binômio, se, por um lado, é carregada de interesses pessoais explícitos ou identificáveis, interpretada na perspectiva mais ampla das disputas por versões locais, tem a consequência positiva de pôr em dúvida – em diversas direções, tanto autores quanto gêneros - versão dominante e estabelecida de história. É importante assinalar que tais críticas de Binômio não geraram réplicas dos autores implicados no debate, a não ser aquelas manifestas em comentários durante as entrevistas.

Tanto as histórias quanto as críticas que lhes são dirigidas são partilhadas por escritores e pessoas da sociedade local. O escritor Filadelfo Borges, assim como Binômio, manifesta-se a favor de uma história escrita fundamentada em documentos, em fontes não orais, que são consideradas por ele, mais confiáveis, e confessa já ter cometido deslizes. Apesar de não tecer críticas do porte das de Binômio e de valorizar o texto de Basileu como “obra primeira”, o escritor prefere tratar as dúvidas da história como “equivocos” a que todo autor está sujeito. Ele prefere o caminho mais “diplomático” das críticas, ao dizer que Basileu “não conhece o sertão”:

A obra do Basileu, bem, eu acho que todos nós... quando eu escrevia um livro sobre a loja maçônica de Rio Verde, eu vi que cometi alguns erros, eu não sei onde eu estava com a cabeça. Tinha um personagem lá que eu errei. Eu acho que o grande risco que a gente corre é de cometer o erro e, às vezes, grave. O Basileu, o Binômio escreveu, Binômio critica o Basileu. Quando ele, em “Pioneiros” fala daquela fuga do Manoel Vilela, fugindo dos irmãos da Florianá, com quem teve um filho. Aquela história, que ele subiu numa árvore, esqueci o nome árvore, você não sabe daquela árvore, se era muita grossa, cheia de espinho, não dá para subir nela. Eu pensei: é que o Basileu não conhece o sertão, não conhece a natureza rural que as pessoas conhecem. Esses são os riscos que a

¹² Prefeito de Jataí, na época.

gente corre. Eu acho que todos nós cometemos isso, às vezes, cheios de boas intenções. O Basileu deve ter cometido algum erro, acho que cometeu. Mas isso não tira o colorido, não tira a beleza, a importância da obra dele.

O escritor José Faria fala do relacionamento entre os escritores como marcado por “ciúmes” profissionais. Ele comenta a relação dos autores entre si dentro da discussão sobre as academias locais e regionais e trata da necessidade da integração, a fim de aglutinar forças políticas para fazer face às imposições do campo literário externo às localidades, sobretudo, das capitais. No entanto, em outro momento de seu relato, Faria também expressa a sua oposição quanto às formas de dominação cultural do município de Jataí, no caso específico da adoção de livros de histórias dessa localidade nas escolas de Caçu. Por causa da centralidade regional de Jataí, que concentra a unidade da Secretaria da Educação do Estado no município, essas ocorrências são comuns.

Cintya – Como é a relação entre vocês, escritores, geograficamente mais próximos, diante dessas iniciativas mais integradoras entre municípios?

José Faria - Eu sinto que existe um pouco de dor-de-cotovelo, um pouco de ciúme, com alguns deles. Eu, particularmente, defendo a integração, eu acho que as academias de etras, eu já não vou nem dizer do sudoeste... Eu defendi isto lá no Encontro de Escritores em Goiânia, eu defendi que nós criássemos a federação das academias de letras de Goiás, liderada pela academia goiana de letras que é a entidade de maior conceito. Eu diria de conceito nacional, inclusive. Que criássemos aí uma Federação das Academias de Letras. E que as Academias de Letras fossem ponto não de trocas de elogios, mas que fossem pontos de estudos, de crescimento. E que nós tivéssemos uma integração, que não existe, ainda. Para essa falta de integração, se há ciúme por parte de alguns, mas eu acho que o geral são os acúmulos profissionais, os compromissos profissionais é que dificultam mais essa integração. Que, às vezes, aqui mesmo, entre Caçu e Quirinópolis, nós temos reuniões um mês em Caçu, outro mês em Quirinópolis. Nós fazemos esse rodízio aqui das reuniões. Que às vezes não participam todos os membros, por questões de compromissos, eu acho que os compromissos pessoais e profissionais dificultam a integração, eu acho.

Eu defendo que devemos ter um grande corpo cultural, porque, aqui, quem manda ainda é a soja e o boi, não é o intelecto ainda não. E a política entra nesse meio aí e com muita cumplicidade. Eu acho que as nossas lideranças políticas, elas estão com uma cumplicidade muito grande com as lideranças econômicas e não com as lideranças intelectuais, o nosso intelectual, ele não tem ainda o respeito que deveria ter.

Muitos de nós ainda somos considerados desocupados, somos é... sonhadores - como se sonhar fosse um mal. E tanto que, quando vai falar de um candidato, aí para prefeito, na referência que ele foi bem-sucedido economicamente nos seus negócios. Aqui em Caçu mesmo, os quatro candidatos, nós só temos os exemplos empresariais, que são os que falam mais alto, em termos de conceitos. Eu fui candidato uma vez a deputado estadual, o partido quis que eu fosse. Mas eu tive resistência aqui dentro. É, dentro do meu partido, que preferiu apoiar um candidato de Jataí. E aquilo ali, contribui para eu me desencantar com a coisa, porque eu estava na hora de ser deputado, tinha chance, eu estava muito bem em Goiânia, tinha uma boa liderança em Goiânia, e na região, que eu tinha sido Secretário de Educação aqui.

As polêmicas entre os escritores podem extrapolar o espaço das letras nas localidades e ganhar os universos não locais, como as academias da capital. Uma outra divergência acerca de fatos tratados em livros, sobre personagens regionais do sudoeste, foi travada no âmbito da Academia Goiana de Letras e envolveu dois escritores nascidos em Jataí, conhecidos entre si desde a infância, mas com trajetórias diferenciadas. Um deles era o escritor José Godoy Garcia, conhecido no meio literário como o principal poeta do modernismo em Goiás, sobretudo pela publicação de *Rio do sono*, residente em Brasília, desde a década de 1960, escreveu uma carta, em 1986, ao outro, Mário Ribeiro Martins, escritor vinculado à academia goiana de letras, cujo patrono é Crispiniano Tavares, um contista visto como o “iniciador do conto literário em Goiás”. Garcia questiona Martins a propósito de uma citação sobre as circunstâncias da morte de seu patrono, feita no discurso de posse da cadeira 37, que fora publicado na *Revista da Academia*, de 1986. No discurso, Martins havia citado um trecho da edição crítica do livro “Contos, Fábulas e Folclore” de Crispiniano, que fora produzida por Basileu Toledo França. Garcia aproveita a citação de Martins para tecer críticas ácidas à versão do responsável pela edição.

O motivo da divergência de Garcia decorre de que a versão da morte de Crispiniano dada por França, envolve pessoas de sua família em Jataí. De acordo com ela, o contista tivera como amante a avó de Garcia e fora morto pelo marido dela, a tiros e em plena rua, em Rio Verde. Segundo Garcia, essa versão da morte de Crispiniano narrada por Basileu denigre a imagem dos envolvidos no triângulo amoroso, sobretudo de sua avó. O argumento de Garcia é que França teria sido envolvido por intrigas forjadas em Jataí e reforçado o crime passional como razão da morte do contista. O poeta ainda acusa França de uma falsa interpretação, ao ter considerado a *tocaia* como motivo da morte. Apesar de ser esse o ponto principal da crítica, ela se estende pelas catorze páginas da carta (a réplica de França foi feita em vinte páginas). Nelas, Garcia usa diversos argumentos para questionar esse trabalho específico de França, bem como, aproveita para questionar, de uma forma geral, as idéias sobre as quais a sua obra se sustenta, tais como a idéia de *aldeia*, a concepção de um autor de uma região, as dimensões da pesquisa e da escrita literária numa obra etc.

A polêmica desencadeada pela crítica de Garcia traz as relações pessoais do passado da cidade e da região de nascimento dos dois escritores, e estas se misturam a uma discussão sobre a verdade no trato com as informações históricas, bem como, em seu uso pelo autor. Abaixo, excertos da carta de Garcia mostram que, mesmo criticando o conterrâneo pelas vinculações aos “vícios” do contexto local, ao fazer a crítica apoiado nos mesmos pressupostos, ele se coloca como parte dos mesmos contextos (Significativamente, seu oponente irá repetir os argumentos pessoais do adversário):

Se Basileu não fosse de Jataí, sua pesquisa teria tido outro cunho. Em verdade, o livro de Basileu Toledo França, sobre Crispiniano Tavares, sem Jataí e sua velha sociedade e velha política, é um livro mutilado. Vale muito pouco discuti-lo. É mesmo uma ajudinha, no fogo apagado qualquer fala que se venha dar sobre o mesmo. É reavivar uma alma morta, lembrando assombrados, ditos, dejetos de uma tolice de quinta categoria. Sei disto, mas estou aqui, como se parte também destes dejetos (GARCIA, 1986, p. 7).

Em outro momento da carta, Garcia expõe, de forma evidente, as questões familiares envolvidas:

Acho a história de minha avó mais bonita. Pelo menos mais à moderna, que minha querida avó, já naqueles idos, foi pioneira em “romam-noveau”, sacrificando-se abertamente por seu amor. A história de Basileu tem ranço romântico, não propriamente romântico, que o romantismo, em essência, não passava do passional, e a novela moderna pegava o racional. Se bem que de maneira – como toda voga – superficial.

O velho Olímpio, avô do Basileu, era um velho boêmio, tocador de clarineta, serenatista. Um personagem maltratado pelo meio, pela triste cidade maledicente. Considero esta história da família do Basileu (que é um rebento saído do encontro do boêmio com a Gata Borracheira) em relação à história da família do meu avô, Zé Bento – Maria Rita, uma história amarga, se levarmos em conta que são inimigos os infelizes (GARCIA, 1986, p.).

O escritor José Godoy Garcia mune-se de argumentos jurídicos - ele exerceu efetivamente a profissão de advogado em Brasília - para contrapor a sua versão a versão de França:

Eu tenho certeza que o Sr. Basileu teve informantes, em Rio Verde, cujas informações não interessaram à sua pesquisa. Basileu poderia ter ouvido as suas testemunhas, velhos do lugar, judicialmente; estas testemunhas teriam todas as condições de, perante a autoridade judicial, responder indagações de advogados, do Juiz, do Promotor, caso estivesse presente, etc. Ele, Basileu, só ficou nas suas duas testemunhas apresentadas, só ficou nas suas precárias pesquisas pessoais.

A pesquisa pessoal, além da obrigatoriedade de haver um cunho científico por parte do pesquisador – não se pode ser um charlatão qualquer – ela tem que basear-se em documentos redigidos de maneira técnica, honesta e clara (GARCIA, 1986, p. 9).

A pesquisa de Basileu teria uma grossa repercussão lá pelos idos das décadas de 30 e 40, na cidade de Jataí. É certo que o livro perdeu toda sua eficácia. Resta o fôlego do historiador em colocar Crispiniano como o primeiro contista em Goiás. A pesquisa, neste ponto, não tem nenhuma veracidade, nenhum sentido de verdade. Se o autor só se limitasse a discutir e analisar uma obra de valor, plasmada naqueles tempos por um cidadão aberto à defesa de nosso patrimônio cultural popular, como pode ser a obra de Crispiniano, seria astuto sério. Mas ele sujou a obra com o seu espírito de aldeia. Tem sido um vezo deste historiador; parece que ele só escreve para a sua aldeia, seguindo os ensinamentos de Tolstói. Mas Tolstói não disse para se escrever com o espírito de aldeia, mas sobre a nossa aldeia com o espírito da humanidade, e como ensina Jorg Lukács, como “auto consciência da humanidade, dever mais sério do homem de letras (GARCIA, 1986, p. 11).

Para finalizar o seu protesto, José Godoi Garcia solicita a retirada da tocaia como ao causa da morte de Crispiniano Tavares do livro de França e informa que casos como esses podem ser tratados em tribunais.

A resposta de Basileu à academia goiana de letras e a Mário Ribeiro Martins é de 17 de março de 1987 e recebeu o título de “Réplica a um difamador”. França enviou um ofício com a sua resposta à academia, que o ingressou na pauta da reunião em 28 de abril do mesmo ano. No entanto, a ata da reunião apenas cita o recebimento do ofício, não constando o relato das discussões. O assunto também não consta nas atas posteriores (anexos A).

O escritor Basileu Toledo França atém-se a pontos específicos da crítica de Garcia e elabora uma réplica na forma de um trabalho acadêmico: com títulos, subtítulos e introdução, mostrando-se mais objetivo que o acusador.

Com o subtítulo: “Um fato histórico não pode se tornar problema de semântica”, França inicia a sua resposta:

Isto é acaciano, mas alguém precisa criar, urgentemente, um eufemismo qualquer com o objetivo de atender a rabulice do advogado de porta de xadrez, que deseja de todos os modos transformar uma questão de fato, registrada pela tradição oral e pela imprensa da época (Crispiniano Tavares andava a caminho do trabalho, quando foi espingardeado à traição), em um problema de semântica. “Não, não se trata de tocaia!” – afirma o escriba furibundo, mais de 80 anos depois da ocorrência (FRANÇA, 1987).

Segundo França, Garcia foi por ele procurado em 1974, um pouco antes da publicação do livro, para cientificar-se do conteúdo, já que os relatos envolviam sua família. Na ocasião, diz França, Garcia não se opôs à publicação, dizendo não haver nada que desabonasse a obra, nesse aspecto familiar. Quando da publicação do livro, França diz ter recebido apenas uma crítica mais significativa relacionada com sua afirmação de que Crispiniano teria influenciado os escritos de Hugo de Carvalho Ramos, feita por um dos escritores ligados à Academia.

França acusa Garcia de ser uma pessoa com “dupla personalidade”:

De duas, uma: ou José G. Garcia tem dupla personalidade – o que a psicologia já estudou exaustivamente – uma para escrever, de uso exteno, e outra para conviver, ou em seu peito habita ainda um violento trabaqueiro adormecido, que vem do antigo “Sertão dos Garcias” (hoje Santana do Paranaíba), onde pontificava como astro de primeira grandeza o famoso “Sete Orelhas”, seu parente de triste e pavorosa memória. Em Mato Grosso, São Paulo, Minas e Goiás. Não há outra explicação (FRANÇA, 1987).

Quanto às críticas de Garcia sobre a noção de aldeia em França e ao seu empenho em concentrar-se no estudo do sudoeste de Goiás o escritor contesta, levando para a dimensão das relações de Garcia com a terra natal e acusando-o de despreparo para os estudos mais sistemáticos:

Contudo, esse fato não me impede de vir construindo ao longo dos anos um grande painel do Sudoeste, que admiro e retrato em meus trabalhos sem pieguice e sem distorções, apesar da acusação indigna do Sr. J. G. G., o qual não realiza obra parecida ou igual por duas razões principais. Não consegue esconder o seu desamor pela sociedade em que foi criado (está sempre a caricaturá-la e a deformá-la com blagues e espezinhamentos provocadores) e onde sempre se viu, ao que parece, como um estranho aos troncos mais representativos da terra, simultaneamente com o fato indiscutível – este, o mais importante – de que não tem as mínimas qualidades inatas e a necessária competência para tal empresa. É um intuitivo, sem leitura sistemática de coisa alguma, a não ser no terreno da rabulice, que se esmera em parecer lambão e desligado do mundo como pseudogênio (ou genioso?), mantendo a caricata aparência de um Lênim tupiniquim. A sua cabeça é ridícula por fora e por dentro. Simplesmente ridícula (FRANÇA, 1987).

As controvérsias entre França e Garcia se tornaram conhecidas dos escritores da academia goiana de letras, em Goiânia, mas não dos escritores que entrevistamos, que disseram desconhecer o episódio.

Tanto França quanto Garcia são patronos de cadeiras da academia jataiense de letras. Na cerimônia de aniversário dessa instituição que presenciamos em 2004, o presidente da casa mencionou os livros de Garcia, dando destaque a *Araguaia Mansidão*, ressaltando trechos que falam de personagens e de fatos de Jataí.

Merece destaque o fato de essa polêmica envolver também concepções sobre literatura e sobre o realismo na literatura, discutidos no terceiro capítulo. A esse respeito, reportamo-nos novamente à crítica de Garcia onde esse assunto está mais explícito:

Mas, ainda que a conclusão do Sr. Basileu, de que Zé Bento atirou da janela, tenha sentido, não se pode dizer que um tiro de uma janela tenha sido um tiro de traição. A suspeitosa conclusão do Sr. Basileu é uma conclusão literária (GARCIA, 1986, p.).

Os escritores e a constituição do espaço institucional das letras: as academias de letras locais e regionais.

A atuação dos escritores nas localidades do sudoeste de Goiás define uma forma específica das suas relações com o campo institucional das letras e da cultura em geral. Também nesse aspecto, a trajetória marcada pela participação desses escritores nos diferentes espaços contribui para avaliar o tipo de envolvimento que cada um acabou estabelecendo no campo literário institucionalizado. Entre as biografias acompanhadas, encontram-se três experiências singulares que destacam esse aspecto: a de Filadelfo, Martiniano e também José Faria. Esses três autores adquiriram notoriedade nas localidades e na região sudoeste por enfrentarem a criação das academias de letras das respectivas localidades, sendo que Martiniano e José Faria ampliaram suas idealizações para a formação das academias regionais do sudoeste e do extremo sudoeste de Goiás.

Os três autores que destacamos têm em comum uma atuação freqüente nos meios de comunicação e em instituições da capital. São membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, participam de Associações ligada às letras (União Brasileira de Escritores de

Goiás e/ou Academia Goiana de Letras) e escrevem frequentemente nos jornais de Goiânia. Apenas Martiniano, dentre os três, é membro da Academia Goiana de Letras, porém, tanto José Faria quanto Filadelfo são conhecidos, o primeiro, pelas atuações na UBE-GO e o segundo pelos mandatos à frente do Sindicato dos Fiscais do Estado. José Faria e Martiniano também tiveram uma temporada efetiva na capital, quando residiram e fizeram seus cursos universitários.

Os demais escritores aqui discutidos, Maria Eloá, Basileu T. França e Binômio da C. Lima são membros das instituições literárias e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás de forma diferenciada. França é membro da AGL e do IHG de Goiás, Binômio é vinculado à esta última instituição e à Academia Jataiense de Letras e Maria Eloá é membro da Academia local mas, não participa com assiduidade. O nome de Basileu encontra-se ligado às Academias locais de Jataí e Mineiros e, apesar da sua ausência, compareceu à fundação da agremiação de Jataí.

O propósito desse último tópico é compreender, a partir da atuação dos três escritores destacados, a formação das academias locais e regionais, inserindo-a também no processo de descentralização, particularização e regionalização institucional das letras, bem como, nos enfrentamentos de situações de dominação cultural com os quais os escritores se deparam quando estabelecidos nos lugares onde atuam.

Segundo o escritor Martiniano J. Silva, a idéia de criar uma Academia de Letras em Mineiros pretendeu constituir um veículo de promoção de incentivos artístico-culturais que levasse à população acostumar-se com as artes em geral. Visava, ainda, promover a “consciência artística inclinada à formação de uma tradição cultural” (SILVA, 1980, p. 38).

Mas eu haveria de ver o lado positivo das academias. Imaginei que academia de letras é como qualquer faculdade: depende muito do valor dos alunos. Então, precisaria de estudar, sob vários aspectos, a psicologia mineirense. As suas tendências. Os seus costumes. O seu estágio sociocultural. Existiriam elementos preparados, dispostos às idéias intelectuais? Enfim, necessitava conhecer o seu modo de ser-agir-reagir perante a religião, a política, a economia, as questões culturais e tal (SILVA, 1980, p. 38).

Crítico quanto às formalidades de uma Academia tradicional, o modelo de instituição idealizado por Martiniano não buscou seguir certas práticas formais e ritualísticas que se tornaram tradição da Academia Brasileira de Letras – *sem fardões nem*

chás das cinco. Os seus objetivos se direcionaram para a realidade local e regional, para o trato de questões culturais que os escritores lidavam nos contextos do interior de Goiás, no sudoeste. Uma das questões que identificamos de uma forma geral entre os que se dedicaram na criação das academias diz respeito a como sobreviver das letras no espaço onde *o boi é o artista principal*. O contexto agropecuário apresenta-se como um entrave para o desenvolvimento de uma consciência voltada para as letras e as artes em geral e uma realidade dentro da qual os escritores atuam. A criação de uma academia de letras viria, portanto, constituir uma força institucional frente às determinações sociais que impediam a formação de um padrão de sociabilidade para as artes.

Em mais de um momento de seu relato oral para a pesquisa, Martiniano ocupa-se em mostrar as atitudes das pessoas do lugar, nos eventos culturais:

Ele, então, meu amigo, foi meu professor, em 1974, junto com o Domiciano de Faria, que era um grande amigo dele. Ele tinha um fusca, parece que amarelo, imagina. Ele veio de lá, trazendo a mulher dele, o Domiciano com a mulher dele também e vieram aqui para me atender, a mim e aos estudantes de Mineiros, que eles eram amigos meus. Foi interessantíssimo, porque era um lugar sem nenhuma forma de apresentação, era terra mesmo, era no barro, era um lugar enorme, terra, a cidade de Mineiros era mais aqui pra baixo, a Praça Coronel Carrijo, na Primeira Avenida, hoje virou Rua Minas Gerais.

Só tinha um lugar para a gente se reunir aqui em Mineiros. Então, eles chegaram aqui e o objetivo era fazer uma palestra com os estudantes de Mineiros, principalmente os universitários. Aí, veio, não tinha... a hora de arrumar o local, eu consegui lá no cinema, pertinho da igreja, da Matriz do Divino Espírito Santo. Eu sei que esse tempo foi muito interessante porque havia uma ânsia nossa, uma preocupação com o número de pessoas, estudantes, e esses mesmos estudantes, era difícil reunir ali um grupinho de uns cinco ou seis mais ou menos. Aí, tinha uma missa, era um domingo e eu sei que tinha missa e a igreja era bem encostadinha, bem na rua do cinema, no local. E eu sei que nós decidimos pedindo as pessoas. De pé, o jornalista Domiciano, pedimos para aguardar um pouco ali, ficamos de pé inclusive ali, e vai terminar a missa agora e, arrumamos um carro pra sair na rua avisando que tinha um poeta, um jornalista da cidade. Que saísse, fizesse barulho, anunciando, convidando para essa coisa, aquela preocupação característica da província, no lugar, chamando os pequenos para agradar os chamados graúdos, as pessoas importantes que chegam. Tratar da melhor maneira possível, para não desagradá-las e tal.

Eu sei que ficamos esperando e a missa terminou, cheia de gente, as pessoas, fazendeiros, aqueles católicos, aqueles meus conhecidos. Naquele tempo, eu não tinha amizade com eles mas, eu já tinha alguma amizade ali, e me lembro bem, eles passando assim, foi todo mundo embora, nenhum entrou, para assistir a nossa palestra com o professor Gilberto. Aí, como não tinha mais jeito, vamos fazer assim mesmo, com o que tiver. Ele falou: "Não, não tem nada não, vamos embora". E aí ele fez a palestra dele, declamou uma poesia muito bonita e ele trouxe um livro pra me dar de presente, que é a "Poesia em Goiás".

A criação das academias locais recebeu o incentivo de escritores e da academia da capital. Os membros da agremiação da capital estão sempre presentes nas fundações e

eventos culturais promovidos localmente. Nesse aspecto, as relações dos idealizadores das academias em Goiânia ajudam no estabelecimento de um canal de comunicação e apoio às instituições interioranas.

O pioneirismo de Mineiros por sua academia é destacado por Martiniano e por escritores da capital em artigos de jornais e em livros. O autor mostra, em relato pessoal, como a criação da Academia Mineirense despertou o interesse dos municípios do sudoeste para essa mesma realização e enumera as agremiações que surgiram após a de Mineiros. Diz ele, em 1980:

Outras cidades passaram a pedir os estatutos, estimuladas a fundar, em suas comunidades, academias como a daqui.

O curioso é que nunca param de chegar solicitações à Academia Mineirense de Letras, dos mais variados lugares, pedindo estatutos para fundar também lá entidades assim. Da cidade de Conceição do Araguaia, no Pará do advogado Sérgio Dias Guimarães... (SILVA, 1980, p. 47).

A criação da academia em Mineiros repercutiu positivamente em Goiânia e é citada por Martiniano como exemplo de como a idéia da instituição trouxe mais visibilidade para Mineiros, fazendo com que, por um tempo, as atenções externas se voltassem para o município. Já se pode perceber nos escritos de Martiniano sobre a criação da academia mineirense, uma certa “mudança de rumo” em direção a uma instituição que catalisaria o universo mais amplo do sudoeste. Tal reorientação, esboçada no artigo do escritor Ney Teles de Paula, mereceu um outro artigo de Martiniano, que sentiu a necessidade de esclarecer os seus propósitos com a academia regional.

No artigo de jornal, intitulado: “Academia de Letras do Sudoeste Goiano”, o escritor Ney Teles de Paula faz elogios às iniciativas do escritor de Mineiros e deixa entrever propósitos mais regionais para a academia. O artigo é publicado exatamente no ano em que a Academia de Mineiros comemora dez anos de existência:

Já tive oportunidade de escrever que a Academia Mineirense de Letras tem sido um notável pólo de irradiação cultural do Sudoeste, servindo de exemplo para todo o Estado[...]

Fui a Mineiros, e, naquela noite de apoteose para sua gente festiva, redescobri a convicção que a cultura não se localiza unicamente na riqueza de opções apresentada por Goiânia, capital efetiva de todas as manifestações culturais de nosso Estado. Cidades existem nesse imenso Goiás, que, assim como Mineiros, fervilham de interesse pela cultura.

A Academia Mineirense de Letras, sem sombra de dúvida, tem sido um vigoroso estímulo a que outras comunidades sudoestinas se voltem para o cultivo da literatura e das artes. Se vários

movimentos artísticos nasceram ou então se esboçando na amplidão geográfica do Sudoeste, isto se deve, inquestionavelmente, ao exemplo, incentivo e prestimosa colaboração que o escritor de Mineiros vem proporcionando [...]

É de esperar-se que o movimento cultural por ele entabulado em Mineiros se amplie o suficiente para que a sua Academia se transforme na Academia de Letras do Sudoeste Goiano. Mineiros deve a Martiniano José da Silva o renome hoje desfrutado entre as demais cidades do interior goiano que palmilham os caminhos da cultura (PAULA, 1979).

O decênio da academia foi também o motivo para a publicação do livro de Martiniano, *Mineiros: memória cultural*, em que o autor reuniu vários artigos relacionados à entidade desde a sua fundação. O autor relembra, em seus relatos orais, o nascimento e o percurso da academia e, mais uma vez, afirma a sua participação pioneira no campo da cultura regional:

Aí, quando completou dez anos, eu publiquei um livro chamado “Mineiros, memória cultural”, que é a síntese, é a história dessa academia aqui. Ela não deixa de ser também um pouco da história local e, mais especificamente, da questão cultural, porque eu fui contar como e quem fundou a academia, eu fui contar, por exemplo, a presença dos escritores que vieram aqui. Eu fui, estou lembrando lá do teatro que a gente fez. Eu estou lembrando, por exemplo, da vinda de Bernardo Elis a Mineiros. Da vinda de todos escritores que trouxemos aqui, do José Mendonça Teles, por exemplo. Imagine, naquele tempo, não tinha estrada, era o maior problema, o Ursulino Leão, por exemplo, ele era o presidente da academia goiana de letras, veio aqui para nos prestigiar, uma academia nascendo em pleno cerrado naquele tempo, começando a década de 70, quando o pessoal do Sul estava começando chegar aqui, estava todo um visual, completamente diferente, de todas as tradições, da forma de ocupar o solo, de plantar, na forma de colher, na forma de vender. Eu arrumei, aí, uns professores, Dr. José Antonio de Carvalho Neto, inclusive, com, ainda, a mulher porque a academia nunca podia nascer sem a presença da mulher, o seu marido Luciano, o meu colega Dr. Nivaldo Luciano, foi meu colega de turma, lá no curso de Direito, e ambos lá foram nos ajudar a fundar a academia. E eu só tinha um livrinho ainda, um livrinho chamado “A Moça que ria muito”. “O Sombras de quilombos” só saiu três anos depois, quatro anos depois.

A idéia da criação de uma academia regional nasce da experiência em Mineiros. Segundo Martiniano, seu principal idealizador, a região sudoeste reúne elementos para se pensar numa academia que abrigue objetivos mais amplos de desenvolvimento de uma consciência para as artes e letras. A sua iniciativa é vista por ele mesmo como quixotesca, dadas as condições em que se encontravam o interesse pelas letras na região. Na idealização da Academia do sudoeste Goiano, os mesmos pressupostos da fundação da academia de Mineiros são levantados pelo escritor, para justificar a existência da academia regional:

Parte daí a necessidade maior em fundar imediatamente no sudoeste de Goiás, uma corporação cultural. É de se crer que a iniciativa é válida, indispensável, com maior realce num estado como o de Goiás, no particular o sudoeste, onde o fenômeno cultura PRECISA SER ACORDADO, ESTIMULADO, CONSCIENTIZADO E DINAMIZADO. Eis porque de se transformar a Academia Mineirense de Letras, de fecunda existência há mais de seis anos na cidade de Mineiros em Academia de Letras do Sudoeste Goiano. Quer dizer, uma instituição que seja capaz de abrigar a toda uma enorme região, por sinal bastante carente até hoje do estímulo a atividades tais (SILVA, 1966).

Mais à frente, no mesmo texto, Martiniano retoma a idéia de como tal empreitada se converte numa difícil tarefa em face das influências do contexto agropastoril. Esse é o ponto comum, firmado também pelos demais escritores, que sustenta, ao mesmo tempo, a necessidade de ações de promoção da cultura e o entrave dessas realizações nas localidades sudoestinas. A idéia do sudoeste como um deserto cultural, também manifestada pelo escritor José Faria em um artigo para jornal *Folha do Sudoeste*, em Jataí, é retomada por Martiniano para manifestar a sua visão do campo regional da cultura literária:

Mas que difícil postular essas defesas nesse tempo de tanta imbecilidade, reversão de valores, máxime num estado novo em quase tudo é essencialmente agropastoril, onde a TV, não raro, as suas benesses, mas de tão evidentes os seus vícios, vai pouco a pouco alienando os seus habitantes e marginalizando o penoso ofício de escrever.

Assim, somos forçados a dizer que o sudoeste de Goiás foi sempre um grande deserto cultural, um reticente vazio artístico, não por carência de sensibilidade e operários das boas letras, mas por falta de incentivo e oportunidade própria para o cultivo das artes. E é de se concluir que aqui o que se precisa fazer é estudar tudo; desvendar a história do estado e conhecer a da própria região; ler Bernardo Elis, único goiano a pertencer à Academia Brasileira de Letras, com justa razão, merecedor do título de embaixador de nossa cultura (SILVA, 1986).

Em 1980, Martiniano retoma, em seu livro *Memória cultural*, a discussão iniciada em 1966, rediscutindo alguns aspectos de sua idéia inicial sobre a formação da academia regional, ainda não efetivada. Nesse artigo, o escritor pondera a idéia de transformação da academia local em regional, e defende a criação da academia do sudoeste no modelo de as academias regionais já existentes, como a do Triângulo Mineiro, que é independente de as instituições literárias locais.

Menos pessimista com relação ao contexto regional, no que se refere à ausência de uma preocupação com a cultura literária e artística, mas ainda firme no propósito de fundar a academia regional, Martiniano diz ter levantado um “mapa cultural do sudoeste” no qual

constatou a existência de vários movimentos culturais nas cidades da região. O escritor fala de uma “inquietação artística” e uma “agitação do espírito” que mostram uma “vontade de ser” nas localidades que mapeou, que justificam o nascimento de uma entidade regional catalizadora dos movimentos locais (SILVA, 1980, p. 63-68).

É importante perceber, acerca de tudo o que foi dito até o momento, como a criação das academias locais no sudoeste traz a idéia de formação de uma consciência cultural e visa modelar comportamentos, voltando-os para o trato adequado aos padrões literários, instaurando uma *civilidade para as letras*. Nessa perspectiva, o que se discute não são os potenciais culturais regionais, mas a formação de padrões de sociabilidade para as artes e a literatura. As academias carregam o papel de provocar discussões e promover movimentos culturais, mas, sobretudo, tratam da instrução para as artes em geral. Esse papel civilizador das academias locais é destacado pelos escritores, quando assumem a tarefa de fundar tais instituições. São agremiações que postulam uma autoridade para realizar certos feitos no campo literário junto às populações.

Na constituição da idéia de academia regional, aparecerem, de uma forma mais evidente, as relações do campo literário com a geografia, delineadas pela história literária goiana. O papel do escritor local como um *mapeador* das produções de uma região e, ao mesmo tempo, a idéia de uma região como ponto de partida para a identificação das produções culturais foram pressupostos abraçados pelos escritores que participaram da construção das academias regionais no sudoeste de Goiás.

O relato de Martiniano para este trabalho retoma as idéias que ele apresentou em seus artigos e mostra que, apesar de não estar funcionando plenamente, a idéia da academia regional continua como um objetivo a se realizar:

Cintya – A criação da academia aqui em Mineiros já incluía a Academia regional?

Martiniano – É, foi. Depois que eu já tinha criado mesmo, isso aqui, aflorou de uma maneira forte, porque nos tivemos reuniões em 1966, quando a Academia Mineirense já estava... foi de uma forma muito forte. Porque a Academia Goiana de Letras, ela teve um movimento aqui, nós tivemos um movimento aqui tão forte, que veio a imprensa direto de Goiânia, por exemplo. Que chegou ao ponto de, Mineiros, ganhar prêmio União Brasileira de Escritores de Goiás, como a cidade que mais promoveu cultura.

Nós, temos isso aí guardado. O troféu, que é uma boneca da língua Karajá, que é, uma escultora fez. E eu tenho isso aí, tenho outro prêmio também, mas isso foi depois, um pouco depois, já em 1985, também da UBE, em razão de todo esse movimento, e tal, porque Mineiros promovia a questão cultural e a Academia é que sustentava isso.

Ela é o veículo de sustentação disso. Que poderia agora, até falei esses tempos, um amigo meu, vamos fazer, só que eu não vou, arrumar presidente para ela, tal. Aí, era para ela vir para Mineiros, para ela arrumar outro presidente aqui também, e eu não faço nenhuma questão, mas só é para ser um meio de sustentação, como tem a Academia do Triângulo Mineiro lá, em Uberaba.

E lá é lugar que tem isso, é comum, e é uma maneira que as pessoas se reúnem, as experiências são traçadas, são discutidas. É uma forma de conhecimento, de avanço e assim, se cultuam, as coisas bonitas da arte, da cultura é através disso. Eu acho que a idéia foi muito interessante, está escrito aqui e tem cada coisa aqui que eu não sei como, sua única riqueza, olha aqui o final, se eu posso ler pra você. É, só uma palavrinha [o autor lê parte de seu livro]: “Sua única riqueza é pensar em nascer, saber que não vai poder tomar chá, nas quintas-feiras, sem fazer uso do fardão, mas não importa, resta que se diga que nascer não é difícil, o mais difícil é viver, é a sobrevivência, produzir. Retorna-se instituto digno e respeitado, haverá um meio de pensar, de que ia viver, poder-se-ia responder, de princípio à essas indagações que jamais faltarão moradas para abrigar as idéias, e que também nenhuma corporação cultural deste país, daquelas de que falava Lima Barreto, nasceu sem o ônus da pobreza material, as oferendas vem depois, lentas, calmas, esta daqui tem como lema a esperança e o ideal, o exemplo maior que carrega da própria academia brasileira de letras. Passou, às vezes, um ano sem reuniões dos seus membros por falta de um abrigo. No escritório do acadêmico Rodrigo serviu-lhe de espaço em várias oportunidades. Em palavras textuais de Joaquim Nabuco, conta que, sem a atuação do Machado de Assis, a Academia teria morrido do mal dos 7 dias, acrescentando aqui o ilustre escritor que, certa época, quando a academia não dispunha de pouso certo, perguntou alguém a Olavo Bilac, “por que os sócios da Academia eram chamados de imortais”?, ao que respondeu o poeta: “é porque não temos onde cair mortos”. É, esta daqui, neste sentido, é parecidíssimo, “pobre como Jô”.

Cintya – Apesar da criação, a Academia do Sudoeste não foi para frente?

Martiniano – É, quer dizer, está criada, foi criada, faltou funcionar. E, é só colocar em funcionamento agora, criar a diretoria. Reunir Mineiros, reunir Jataí, reunir Rio Verde, reunir Santa Helena e Caçu e outros locais aí, e de noite a gente chega lá, cada um com sua experiência, vai falar sobre ela mesma. E lançar livro E vai, sei lá, fazer discussões, declamar poesia. Olha que coisa mais fantástica.

O escritor Filadelfo Borges participou da criação das academias Jataiense e Rioverdense de Letras, já na década de 1990. Conforme os seus relatos, a criação da Academia Rioverdense resultou de seu empenho individual e da colaboração de pessoas da cidade que residiam em Goiânia. Diferentemente de Martiniano, que discorre mais a respeito das idéias que fundamentaram a instituição mineirense e a sudoestina, Filadelfo mostra o seu esforço com as exigências burocráticas para a formação da entidade. É importante notar como o surgimento das academias parte de ações individuais dos escritores das localidades. Os idealizadores são os *fundadores* da instituição. Da mesma forma que nas outras academias do sudoeste, a presença de determinados escritores da capital é citada como importante no processo de criação.

A criação da Academia Rioverdense teve como particularidade a participação da maçonaria de Rio Verde, congregação da qual o escritor também é membro.

A academia nasceu do seguinte. De vez em quando, eu pensava. 'Preciso fazer uma academia de letras em Rio Verde. Trazer o Mendonça Teles aqui, porque o fato de eu escrever, acaba por fazer ligações com autores e pessoas'. Fiz o contato com o Mendonça: - "José Mendonça Teles, eu tenho vontade de fundar uma Academia em Rio Verde, de letras, como fazer? Qual o primeiro passo?". Ele disse: "Você vai lá em Goiânia e eu lhe dou o estatuto da academia goiana de letras, tem que fazer as adaptações. Reúna um grupo de amigos da área de estudo acadêmico, e está fundada a academia. Me chama para instalar, eu quero ter esse prazer, eu já tenho visitado outras academias nesse sentido". Eu falei: - "Eu vou fazer isso, da máquina que o César Bastos me deu".

Copiei todo aquele estatuto, não tinha computador. Fiz adaptação, inventava uma coisa, tirava outra, feito isso, eu levei para o doutor Gonzaga Jaime, o doutor Gonzaga Jaime, é amigo meu. Então, eu fui noutro advogado da maçonaria, doutor Afonso, mostrei para ele, eu queria que ele me instruisse: "Como é, agora que o Estatuto está pronto, o que eu faço?" Aí, ele olhou o estatuto: "Não, o estatuto está uma beleza". Eu disse: "Não foi para isso que eu vim, isso o doutor Gonzaga já falou, eu quero é que o senhor me explique o que eu faço a partir de agora". Ele militou na política, foi preso em 1964, a partir daí ele se afastou da militância.

Escritores, ir atrás desses artistas todos? Ela envolve artistas plásticos, ela envolve escritores, ela envolve poetas, ela envolve jornalista, daí ele falou: "Não, faz o seguinte: (ele era membro da minha loja, tinha que ir para outra loja) você reúne os maçons da sua loja, no salão da loja sua e funda a academia. Como eles não são credenciados a serem maçons, nasce a instituição. Aí, você traz. Aí, dá tempo de você chegar ao número. As pessoas que realmente devem ser acadêmicos, daí saem, eles entram, só para criar um corpo." Assim eu fiz, fui ainda na loja maçônica e falei, contei a história para a loja: - Eu preciso desses, eu preciso que os irmãos se reúnam comigo, assinem a ata de fundação, lá no salão da loja, quero que a loja me empreste o salão de festas. Aí vou arrumar um advogado, que ele tem que me orientar. E foi na hora. E assim foi feito. Nós reunimos, a loja fez sua ata, o corpo de intelectuais que eram mais próximos, assinaram a ata, e nasceu a academia. Então, aqueles maçons que estavam lá disseram: - "Bom, eu não tenho cadeira nenhuma, eu não sou poeta, eu não sou escritor, não sou, não tem nada que me prenda aqui, eu estou aqui, eu estou aqui para fundar".

Dar números, não é? Saíram, entraram, apareceu candidato e preencheram a cadeiras. Aí, a imprensa tomou conhecimento e me chamou para uma entrevista em Goiânia. Eu fui, dei a entrevista no Bom Dia Brasil e a cidade se animou.

Quanto à Academia de Letras, quando eu retornei, o doutor Walter Massi, que é um escritor de Rio Verde que mora em Goiânia, ele é psiquiatra. Eu queria ajudar, é por isso que escrevi uma carta pro jornal, contando o fato e dizer que estava tendo uma dificuldade e precisava registrar o estatuto. Eu tinha que publicar, eu tinha que fazer uma publicação desse estatuto na imprensa oficial e eu não tinha dinheiro pra isso. O jornal publicou. O doutor Walter - eu fiz essa carta na esperança de alguém me dar apoio, eu não tinha dinheiro, eu tinha que recorrer para imprensa oficial, eu tinha que fazer uma síntese e a página de jornal vai ficar caríssimo.

Então, ele me telefonou dizendo: "Essa publicação é por minha conta, pode mandar publicar, falar quanto ficou que eu vou pagar". Quanto ao assunto do advogado, eu vou ajudar você a fazer essa síntese aí, por alguém do Direito, que às vezes a gente omite coisa, que fica difícil e ele trabalha, ele é um advogado muito ocupado, ele é tributarista". A academia deve isso para ele. "Isso aqui não pode, isso aqui não precisa ser publicado, isso aqui precisa, mas pode abreviar." E assim, fui fazendo a síntese. Ele disse: "Agora pode levar pra publicar". Levei: "Fica em tantos reais, tantos cruzeiros". Autorizei, chamei o doutor Walter: "Fica em tanto", ele pagou no outro dia e eu fui lá e paguei, ele me deu o cheque, aí publicou, aí ela nasceu realmente, juridicamente.

Aí, veio o problema aqui sobre instalá-la, porque instalar a academia é preciso um local, é preciso uma festa, um espaço, e eu que não tenho dinheiro. Daí, pedi à Câmara, ao presidente da Câmara que cedesse o espaço para fazer a cerimônia. Nesse ponto, Denílson Lima, presidente da Câmara, na hora, e disse: "Eu pensei que tinha um coquetel, eu vou, pode oferecer um coquetel na Câmara. é por conta da Câmara". A Câmara vai dar também o coquetel e nós vamos dar a instalação, não se preocupe com isso". E assim fizemos uma bonita festa em 1994. 13 de dezembro de 1994 ela foi criada. Nós sabíamos quais seriam os patronos, quais seriam os membros, quais as cadeiras. Eles me elegeram como, a cadeira de César da Cunha Bastos, por causa da participação dele que eu já falei. Parece-me que foi o doutor Gonzaga Jaime que falou que a cadeira um tinha

que ser minha, eu falei: “Não, primeiro que a cadeira é do César Bastos, o patrono, depois você escreveu sobre ele, então, você que tem que ser o número um, você é o fundador dessa academia, tem que ter”. “Cadeira um” e fizemos. Aí veio aquela preocupação: Agora, não temos que deixar essa Academia morrer”. Então, foi vencendo. Agora nós temos a frustração da sede. Nós não temos sede ainda, Jataí já tem, eu sempre falo de Jataí.

O encontro de José Faria com Martiniano, na biblioteca, em Jataí, marcou, para o primeiro, o início de uma atuação no campo literário regional, externa às localidades de origem e de estudo do escritor. José Faria ocupou uma das cadeiras da Academia de Mineiros e fez parte do grupo de membros fundadores dessa instituição; organizou eventos culturais com Martiniano em Jataí e Caçu, antes de se mudar para Goiânia, para cursar jornalismo.

Eu fazia a 1ª série ginasial e passei no concurso (para a Biblioteca Pública de Jataí), e, um dia, mexendo nos documentos, descobri que os meus concorrentes, todos tinham já o 2º grau, que naquela época é, Técnico em comércio ou curso normal, ou então, eles estavam cursando ou já tinham o 2º grau. Eu era o único de ginásio lá. Bom, aí depois, eu ali tive o contato mais íntimo com os livros.

Nessa biblioteca, um dia, recebo lá a visita do Martiniano, não sabia quem era o Martiniano, aquele baiano esquisito. E ele entra lá todo irreverente com o livrinho na mão, “A Moça que ria muito”. E, conversando, contei para ele que gostava de escrever também e ele se identificou como escritor de Mineiros e me convidou para participar de uma festa deles e começamos aquele namoro cultural. Ele me convidou para academia, eu escrevendo. Fizemos em Jataí o primeiro Encontro e Concurso Sudoestino de Literatura e, inclusive, até escrevi uma carta aberta ao jornal de lá reclamando, porque os escritores de Jataí colocaram como referência regional algo bem depois, esqueceram daquele evento que foi muito importante para Jataí.

Até alguém fez uma brincadeira quando eu, quando criamos a academia, alguém até brincou comigo, que eu estou procurando o palco e aplausos aqui, eu falei: “Não, eu já passei esta fase”. Quando eu queria, eu não consegui, agora eu não estou buscando de Caçu. Porque eu já passei dos aplausos de Caçu, eu já fui aplaudido em São Paulo. Então, eu estou querendo é compartilhar porque eu não quero ser filho único, eu quero uma irmandade, eu quero uma geração de escritores, porque do jeito que Goiânia briga, para ser reconhecida no cenário nacional...”

Não sei se você acompanhou de perto essa briga lá dos escritores que vieram do Rio, São Paulo, do Sul, que vieram do sudeste e receberam lá cachê de até 10 mil reais pra participar do Encontro de Escritores. Os goianos não receberam mil reais, parece que um recebeu R\$ 600,00, alguma coisa, por aí assim. Então, houve uma disparidade, houve grito em cima disso. Porque a própria terra não valoriza o escritor da terra. Só porque o outro é de fora não é? Eu não vou entrar no mérito disso, porque a nossa cultura ainda é, o que é de fora tem nome já é estrela global, não é? Então, chama mais público e o que eles quiseram é levar público para o evento, eu não vou entrar no mérito. Agora, nós, do interior ressentimos também, esse ressentimento que Goiânia tem com relação ao eixo Rio-São Paulo, nós temos no interior com relação a Goiânia. Morei lá, eu conheço. Eu tenho um certo bom entrosamento com Goiânia, mas porque eu morei lá. Eu entrei no meio do grupo, é. Eu sou membro do Instituto Histórico Geográfico de Goiás e tenho atuado na imprensa da capital. Isso me dá até autoridade para poder brigar em favor do interior, porque aqui é esquecido. Criamos esse movimento aqui, tem a academia em Mineiros, tem a academia em Jataí, tem a

academia em Rio Verde, criamos essa nossa aqui do extremo sudoeste, que ela está baseada praticamente em Caçu e Quirinópolis.

Uma questão que emerge nos textos e nos relatos desses escritores diz respeito a uma situação de dominação cultural entre os municípios. Nesse sentido, tanto Martiniano quanto José Faria manifestam o incômodo de ver o próprio município submetido à imposição de uma história regional, bem como de uma burocracia oficial que coloca alguns municípios em situação de dependência perante outros. No artigo intitulado “Jataí não dá Alforria e Mineiros nem desconfia”, Martiniano fala dessa dependência hierárquica, centrada na própria geografia regional, em que alguns municípios encontram-se confinados.¹³

Acontece o seguinte: é que na história da, eu até lhe falei no início do texto, é muito comum nos países vítimas da escravidão, vítimas do colonialismo, e todo esse processo não é? de ocupação do espaço brasileiro, essa idéia da metrópole mandar, ser superior a região brasileira. Por exemplo, estava no litoral ainda, Portugal ser superior à gente aqui. E essa mesma idéia de superioridade que havia em Portugal, ela foi passada para o litoral brasileiro e ficou essa idéia de superioridade de lá, que acompanhou a expansão toda do Brasil, para o Brasil inteiro. E nós, aqui, não somos nenhuma exceção. E, a cidade de Mineiros é também uma vítima dessa expansão, no sentido de alguém querer mandar nela, ser superior a ela e dirigi-la em vários sentidos, especialmente no sentido político. Então, o sudoeste goiano, que é do século XIX, a bem dizer, aqui, nessa expansão toda, já preocupado com a questão da pecuária, surge com Rio Verde, por exemplo, com Quirinópolis, mas, aí vem Rio Verde, Quirinópolis, Jataí, Caiapônia, Mineiros um pouco depois. Mas, todos nascem e crescem e não conseguem se desvencilhar dessa idéia de que alguém ainda manda na gente, manda nessa região. E daí, é dessa maneira e por razões históricas mesmo e geográficas. Mineiros sempre dependeu muito das outras cidades que surgiram primeiro do que ela aqui na região.

Primeiro, foi de Goiás antiga, aquela capital, enquanto era capital. Com o nascimento especialmente de Rio Verde, Mineiros passou a se subornar a Rio Verde, em vários sentidos, jurídico, por exemplo. O registro das terras. E no sentido político, religioso, e por aí afora. Bom, aí da mesma forma, Jataí. Então, essas influências ainda foram maiores, porque à medida que Jataí também foi se libertando de Rio Verde cada vez mais. Aí, Jataí veio, Mineiros depois, e nós passamos a nos subordinar a Jataí. Tudo quanto era coisa, a questão religiosa, católica, a questão política, a questão jurídica, e muita coisa fica subordinado a Jataí. E então, mesmo quando eu escrevi isso aqui, que foi em 80 e, em torno de 1980, veio a década de 1960, que eu, 1970, por exemplo, a essa coisa de subordinação era incrível. Porque o local, Mineiros sofria muito e continua sofrendo muito, muitas coisas que não estão aqui e ainda está lá, entendeu? Tem coisa que só está em Brasília ainda, até hoje, tem coisa que só está em Goiânia, até hoje, e tem muita coisa que ainda está somente em Jataí, e que nós dependemos. Foi melhorando, foi melhorando, mas assim mesmo, ainda continua. E a época em que eu escrevi isso aqui, não sei se você já leu este texto, mas eu fiz uma pesquisa das coisas que nós tínhamos que, sair daqui para ir até Jataí, dependia de Jataí, tudo dependia de Jataí. E por isso o título do artigo: “Jataí não dá e Mineiros nem desconfia”. E que nosso

¹³ O artigo de Martiniano consta em seu livro *Mineiros: memória cultural* (1980).

peçoal acha que tinha que haver uma ousadia maior, nossa, localizada em Mineiros, nosso povo, para ser contra isso, não contra o povo de Jataí, nada disso.

Mas ser contra essa coisa que atrapalha a vida do município, dificulta tudo, você imagina que, até hoje, eu, como advogado, por exemplo, para requerer um inventário, pra terminar um inventário, na hora de pegar as quitações, nós temos vários tipos de quitação, um é do município, outro é do Estado, o outro é federal, na Receita Federal. Eu tenho que ir até Jataí. Então, eu tenho que mandar um ofício do juiz daqui para lá, para a Receita Federal lá mandar uma quitação, se por acaso a pessoa não está devendo, o espólio. Aí fui escrevendo, curiosamente, até hoje, tem uma coisa que eu brinco que é que até para beijar o anel do Bispo tinha que ir lá. E até hoje continua, quer dizer, nós temos a sede dessa coisa da igreja que é superior na região, é lá, não é aqui, não em Mineiros. A igreja aqui, ela tem essa hierarquia, que é normal, e ainda continua dessa forma. Então, não depende das pessoas que fizeram toda essa tradição, tem que se deslocar daqui para fazer isso.

A criação das academias foi tratada por José Faria no bojo de uma discussão sobre as relações políticas desiguais entre o interior e a capital, no campo da cultura. Tanto Martiniano quando José Faria abordam a formação das agremiações locais e regionais de modo a também retrataram a situação de dominação cultural entre os municípios, bem como a que se manifesta na relação com a capital. Para Faria, as academias locais e regionais são importantes para a criação de um circuito próprio das letras que valorize as produções dos municípios e da região, independentemente da capital. Faria assume um posicionamento político claro contra o que ele considera uma situação de dominação cultural, marcada pela desconsideração das produções do interior, sobretudo pela imprensa de Goiânia.

Mas houve aqui, uns dois anos atrás, em que a Subsecretaria de Educação de Jataí, baixou uma norma, exigindo que as escolas na região dela, adotassem três livros de escritores de Jataí. E aqui, houve reação, naturalmente, porque nós já tínhamos escritores daqui com livros publicados, e então, acho que se deveria fazer uma política de integração e não de dominação. Então nós reagimos contra. “Jataí não dá alforria, e Caçu nem desconfia”, parafraseando o Martiniano.

Então, que eu achei um erro, uma infelicidade muito grande. Jataí, às vezes, fica chateado quando a gente passa de avião por lá e vai pra Goiânia, porque às vezes a gente sente obstáculo em resolver alguma coisa na Subsecretaria de Educação de Jataí e muita facilidade pra resolver a mesma questão em Goiânia. Por que? Por falta dessa integração, se essas Subsecretarias se unissem com as universidades e fizessem disso um grande movimento, eu acho que a universidade está perdendo a oportunidade de influenciar mais, porque ela está influenciando o aluno na sala de aula, só. Na verdade, ela deveria ter um movimento ostensivo na região, mostrar “olha, nós existimos, nós estamos aqui, nós é que formamos o futuro dessa região, então, preste atenção, vamos fazer alguma coisa unido”. Porque, a própria universidade, um deputado qualquer ainda que analfabeto, tem muito mais poder que um reitor de universidade aqui na nossa região.

E vamos pra frente, vamos unir esse grupo aqui, queremos no próximo ano fazer uma delegação grande para Bienal Internacional do Rio de Janeiro, onde a gente freta um ônibus aqui, este ano eu fui sozinho pra São Paulo, não concorrente de Goiânia. A capital teve uma caravana patrocinada pelo dinheiro público pra ir pra ir pra Bienal do Rio, para a Bienal do Livro de São Paulo, eu fui com recursos próprios, Goiânia nem me contou que ia, haver aquele evento, fiquei sabendo disso no Rio de Janeiro, minha editora que me lembrou disso, me convidou. Participei da

programação nacional mas através do Rio de Janeiro, não foi através de Goiás, então, eu reclamei isso lá.

A imprensa goiana, a imprensa goianiense, não abre espaço pra nós do interior, a não ser que tenha outras é, motivações, políticas, principalmente, porque através da motivação política entra dinheiro no caixa da empresa e ela faz alguns favores, não é não? Eu recebi a medalha do mérito cultural Jaime Câmara e o jornal não deu uma linha daquilo. Recebi lá o diploma, a medalha do mérito cultural foi conferido pelo Conselho Estadual de Cultura e, ainda que fosse medalha do mérito cultural Jaime Câmara, a organização Jaime Câmara não deu uma linha de disso. Esse livro (A reprise) está indo para a Alemanha e eu não tenho uma linha no O Popular sobre isso. O Concurso de Contos, que eu fui o primeiro de contos no Rio de Janeiro, teve um colega nosso, acho que é Leonardo, ele ganhou uma página porque ele participou, ele foi contemplado entre os 100 do livro. Mas eu nem sabia a classificação dele, ganhou uma página no O Popular, eu falei isso lá no Encontro de Escritores. Eu fui o primeiro e por ser do interior, não ganhei uma linha nesse jornal. Então, essa discriminação, eu me sinto discriminado pela imprensa. Levei, não é porque não tiveram conhecimento, levei, o livro, aquele livro que foi editado pela Organização Jaime Câmara, esse Retrato de Uma Cidade, a gráfica da Organização Jaime Câmara que publicou. Levei o livro e ainda assim não saiu absolutamente nada dele no O Popular.

Então, nós sentimos, eu reclamei isso lá e, eu vou continuar brigando, eu acho que nós temos que nos unir, no interior, Jataí, Rio Verde, Caçu, Quirinópolis, Mineiros, pra mudar essa realidade, eu acho muito boa essa atitude sua, essa realidade sua de lembrar do nosso Sudoeste, isso vai nos ajudar, que, quando uma Universidade lembra que nós existimos, a coisa, pode mudar. Bom, Silveira Barros, aqui de Caçu, teve o livro dela adotado no vestibular do ano passado, aliás, deste ano. Então, veja, o interior também tem gente produzindo. Então, acho que nasci em boa hora, eu acho.

José Faria também trata da relação entre os municípios do sudoeste e da situação desigual entre eles, mostrando o desdobramento da relação de dominação em nível regional. Em sua avaliação crítica, o escritor assume a posição de *autor do lugar*, na briga por uma melhor posição do município no campo da cultura e da educação. As desigualdades destacadas põem em relação Caçu com Rio Verde ou Caçu com Jataí, mostrando um tipo de dominação intermunicipal e a dinâmica das políticas culturais locais.

Quando foi em janeiro de 1984, o prefeito daqui me chamou para vir ser secretário de Educação. Eu fiquei dois anos aqui, fizemos uma revolução aqui. Essa revolução foi tanta que nós criamos um curso, conseguimos um curso do Instituto Nacional do Livro. O curso de bibliotecário, que não saía para o interior do estado. E nós conseguimos, Rio Verde até quis tomar, a dona Selma, secretária da Educação, disse: “Traz o curso para cá, a prefeitura de Rio Verde paga todas as despesas de todos os caçenses que quiserem participar do curso. Tudo de graça, ninguém paga nada, mas vamos fazer o curso aqui.” – eu falei: “Não, conversei com o meu prefeito aqui e nós fazemos a mesma proposta: - “traga os rio-verdenses para fazer o curso aqui em Caçu que a prefeitura de Caçu paga também para aqueles que quiserem fazer o curso aqui.”

Poxa! Caçu, a oportunidade dele ser centro vai perder a chance? Não, de jeito nenhum. Essa foi uma das voltas.

A criação da Academia do Extremo Sudoeste de Goiás pautou-se em fundamentos geográficos mais definidos que aqueles explorados por Martiniano, quando da idealização

da Academia do Sudoeste Goiano. José Faria parte de uma discussão sobre a incorporação ou não de Caçu e outros municípios na região sudoeste de Goiás, considerando as delimitações fisiográficas do IBGE. O escritor elabora as justificativas que delineiam o Extremo Sudoeste como região, diferenciando-a da anterior vinculação sudoestina. Ele constrói sua argumentação também centrado na idéia de identidade, que se pauta nos fluxos espaciais normalmente seguidos pelas pessoas dos municípios. Segundo o escritor, a situação geográfica do Extremo Sudoeste favoreceu o estabelecimento de certos vínculos com regiões brasileiras – São Paulo, por exemplo – que foram facilitadas pelas rodovias e meios de transporte. A construção da justificativa de Faria é política e postula uma relação de desigualdade entre municípios grandes e pequenos; entre os que dominam e os que são dominados e dependentes.

A idéia de integração intermunicipal também faz parte da formulação de Faria. É uma integração política que visa unir pequenas forças e transformar num bloco mais representativo regionalmente.

Cintya – Me fala um pouco sobre essa idéia de considerar a região do Extremo Sudoeste, que eu estou conhecendo agora, e que redundou na criação da Academia Regional. Como é que essa idéia começou?

José Faria - Bom, a idéia começou quando eu fui candidato a vereador e que eu fui eleito, que por sinal eu tive a felicidade de ser o mais votado em Caçu. Naquela época, surgiu um grupo de lideranças, que, sentindo necessidade de marcar presença, porque as cidades pequenas eram engolidas pelas cidades grandes, elas nunca se falavam. Em Caçu, em Goiânia, a não ser através de um amigo que vivesse em Jataí ou vivesse em Rio Verde. Então, Rio Verde e Jataí por si só, tinham o seu respeito, e as cidadezinhas, como Caçu, Itarumã, Itajá, nós não existíamos.

Então, surgiu a idéia de unirmos essas cidades pequenas. Porque, se uma população de oito mil habitantes cinco mil, Rio Doce tem o que? Não tem três mil habitantes. Se uma cidade dessa isoladamente não tem espaço, a não ser dos favores, de amizades, no grupo aqui, na união aqui, nós unidos, ficou, vamos supor o que? Pra 30 mil, 40 mil habitantes, essas cidadezinhas daqui. Somando Quirinópolis que tem uma certa identidade, já vamos aí pra perto de 100 mil habitantes. Ai já dá peso, não é? Aí já muda o quadro. Quando Goiás, quando os governantes vão lá, já tem 100 mil pessoas. Isso tem dinheiro, tem produção, tem soja, tem voto. Então pesa. Então a idéia veio de unir o pequeno, para poder marcar presença no universo, político-administrativo.

No primeiro momento, não fomos infelizes na escolha, porque começaram a buscar: “Ah, tem um prefeito de apoio que é amigo nosso, vamos fazer, que ele vai dar força”, e, de repente, começou a descaracterizar a idéia de extremo sudoeste, porque o que les queriam não era a identidade da região, mas unir um grupo pequeno pra fazer face a um grupo maior.

Rio Verde e Jataí, para mim, não são Extremo Sudoeste Goiano. Olhando no mapa, você vai perceber que não são. Estão ligados, mas numa outra direção. E aí, ao criar, não antes de criar nossa Academia, eu estive na delegacia do IBGE em Goiânia, falando para eles disso, inclusive contestando a idéia de colocar nome de cidade como micro-região, que a cidade não é a região, ela pode ser pólo na região, mas ela por si só não deve ser a característica, é, personificar a região, então, eu sou contra a idéia de que micro-região de Quirinópolis, por exemplo. Daí nós falamos micro-região do extremo sudoeste de Goiás, e, para a Academia, nós tomamos a liberdade de

escolher quais são as cidades, olhamos no mapa, nós nos identificamos aqui com esse meio aqui em torno da GO – 206 que vem de Itumbiara, passa em Quirinópolis e vai, até o Aporé. Pegamos essa região, de influência da GO – 206. E com esse pedacinho da BR também aqui, que faz o elo aqui até o rio Paranaíba. Houve uma época que eu fiz o Encontro Regional de Educadores e dei o nome de Encontro de Educadores do Baixo Paranaíba Goiano. Mas aquela história de Baixo Paranaíba Goiano, eu, muitos achavam aquilo pejorativo, baixo, por que baixo? Acharam como pequeno, ruim, isso é baixo. Então, não gostaram da idéia de Baixo Paranaíba Goiano, que pra mim era isso, porque a região não veio do Paranaíba aqui de São Simão pra baixo. Surgiu a idéia do extremo sudoeste, identífico, Baixo Paranaíba Goiano pra mim, é o Extremo Sudoeste.

E firmamos aí. Dentro da Academia são essas cidades. Vou repetir os nomes das cidades pra nós, do Extremo Sudoeste de Goiás. Não coincide com o extremo sudoeste político. Para caracterizar melhor. Quirinópolis, que é a cidade maior do extremo, Gouvelândia, Inaciolândia, São Simão, Paranaiguara, Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Itajá, Iporá e Lagoa Santa. Essas são as nossas cidades que compõe o extremo sudoeste, que é extremo mesmo.

Mineiros está lá na vertente do Araguaia. É outra água, tanto que o Araguaia, dizem os mineiros, que o Araguaia nasce no município de Mineiros. Caiapônia está lá naquele, encostado lá, tem mais ligação com a região de Iporá, agora não, ligaram asfalto de Jataí a Caiapônia, melhorou a situação. Mas, antes, de Caiapônia a Goiânia não passava nem em Jataí.

Identidade geográfica, considerando a hidrografia, considerando a economia, considerando as vias de transporte comunicação, considerando ligações políticas. Existe um elo político aqui dessas lideranças aqui maior. Apesar de Jataí entrar aqui.

Agora, com essa Academia, pode ter certeza, escreva isso. Você está vendo o início, vai chegar o dia em que os pesquisadores vão ver a Academia de Letras do Extremo Sudoeste de Goiás, como fator preponderante de ligação, e de união dessa região. Eu vou te mostrar depois o projeto nosso aqui, nós criamos um concurso chamado Pegadas, Concurso Pegadas de Arte e Literatura, esse concurso, está todas as escolas da região, ele está implantado. Está previsto para ser implantado. Então, em cada escola, em dez áreas, específicas da cultura e das artes, são dez áreas. Então, se a escola tiver quem goste daquilo vai fazer, e cada escola vai apresentar dez, até no máximo dez. Essas dez de cada escola vão competir entre si e vamos daí selecionar os dez da cidade. E depois, é competindo os dez de cada cidade, em cada área, vamos tirar os dez do Extremo Sudoeste.

Por que isso? Então, quando a escolinha lá da fazenda, lá da ponta da rua, ela está fazendo o seu trabalho, ela está fazendo o trabalho pensando no Extremo Sudoeste, porque a entidade promotora é o Extremo Sudoeste em parceria com as cidades, em parceria com as escolas. É uma maneira que nós queremos de buscar a escola, formar leitor dentro da escola, que um problema da literatura é que não tem leitores, a nossa escola não promove o ato de ler como deveria. E quando ela impõe um livro pra ler, é mais castigo, do que atrativo. Isso tem acabar. O livro não pode ser motivo de tortura dentro da escola, tem que ser motivo de prazer dentro da escola. E esse trabalho nosso, nós temos que promover oficinas, em todos os lugares onde fomos bem recebidos. E onde não fomos bem recebidos, mas tem alguém que tem interesse, ele teria o direito de participar na cidade vizinha. Então, ainda que na cidade ninguém queira participar formalmente, ele, o interessado lá, a ovelha desgarrada da cidade pode participar da cidade vizinha. Se ela não tiver incentivo lá, é outra coisa. Então, essa é a idéia.

Cintya – Existe algum interesse, com a Academia, de identificar novos escritores? Como os escritores pouco conhecidos se inserem nessa proposta?

José Faria – Por exemplo, em Paranaiguara, nós temos lá um escritor, chamado José Carvalho, que é autor do romance Dias Amargos. Ele fez o livro dele, publicou lá à sua maneira e ficou anônimo. Em São Simão, nós temos, o João Alberto Soares Floriano, que publicou aqui Cessou o Canto das Águas e tem mais alguma coisa, esse aqui é o que se destacou mais. Esse aqui é um ensaio falando de São Simão, do antigo canal. De Quirinópolis, nós temos o Eusilaguardia que era um radialista, autodidada, que publicou, Pelas Estradas do Coração. Em Quirinópolis também, nós temos aqui, Jacinto Euzébio Ferreira, que publicou aqui Esplendor, Mensagem. E temos a Janete que é professora da Universidade Estadual de Goiás, com os livros O Infinito, O Clamufado.

Então, isso, e tem aqui ainda em Quirinópolis, Sueli Bertolotti Tostes, que ela tem livro e ela o gravou na forma de CD. São poemas. Esse é o grupo de Quirinópolis. Mas nós temos outras

peças que já escreviam, na sua casa, lá, sem divulgação. Bom, eu descobri primeiro em Quirinópolis, o Euzi, que eu já sabia da existência dele, primeiro. José Carvalho em Paranaiguara, e mais tarde descobri João Alberto em São Simão, tá, pra lá. Agora aqui em Caçu, aqui em Caçu, nós tinha, tínhamos, falecido hoje, O José Pinto Sobrinho. O Zé Patrício, que escreveu esse livro, temos a Adelize já com quatro livros publicados Eu tenho três dela aqui, um deles, é o que foi aprovado no vestibular. A Adelize hoje mora em Goiânia.

O Professor Mariano, aqui é de Caçu também, ele fazia um trabalho mais simples. As perguntas e respostas, mas subsidiava. A Sheila Barbosa de Oliveira, é espírita, e ela fez esse aqui, na linguagem deles é, um trabalho dos espíritos e ela foi apenas a psicografa. Como eu não sou espírita, eu considero o livro dela, eu não vou entrar no mérito religioso. Geraldina, Celestina Guimarães aqui de Caçu, também, que escreveu as suas memórias. Aqui, a Ana Luiza de Lima que hoje mora em Rio Verde, é cria nossa aqui, foi uma das pessoas com a influência do meu trabalho, pegou gosto pela Literatura. Escritora premiada diversas vezes, hoje pertence a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

Então, é conhecendo o trabalho isolado de um e de outro, me deu vontade de unir esse pessoal, que nós estamos na mesma região, fazendo a mesma coisa, por que não nos unirmos? Para divulgar. Eu, com a minha dificuldade para divulgar o meu trabalho, eu senti que se nós nos uníssemos poderíamos crescer mais, unidos do que isolados. Então, conversei primeiro com alguns amigos daqui, de Caçu, professor Valter Gonçalves, por exemplo, o dele não está aqui, ah! tá aqui, Valter Gonçalves de Caçu? E nessa união, surgiu a idéia, fiz o desafio. Primeiro, conversei com alguns, com alguns membros coordenadores do curso de Letras da UEG em Quirinópolis, ele achou que, não estaria na hora da gente mexer com a Academia não, porque é muito difícil, mas eu pensei diferente, é difícil mas não é impossível, então eu convidei o pessoal e eles toparam a idéia e criamos, estamos ainda na fase de consolidação, mas já temos, você vê, alguns livros já publicados, algumas antologias. E já faz meio ano que estamos nos reunindo. Já temos um trabalho que já pode ser mostrado, esse concurso, esse grande Festival de Cultura.

Um grande Festival de Cultura, só pra você ter uma idéia, nós estamos lançando aqui, naquela idéia que eu te falei, de começar na escola, passar pra cidade, Então, vê, só para você ver, é "Prêmio Pegadas de Literatura e Prosa", "Contos e Crônicas", "Prêmio Pegadas de Literatura e Verso", "Prêmio Pegadas de Música para Compositores", "Prêmio Pegadas de Música para Intérpretes", "de Artes Plásticas Óleo Sobre Tela", "de Artes Plásticas Escultura", é... "Poesia Falada e Texto", "Poesia Falada Interpretação", "Poema Cartaz - o Poema em Si e Poema Cartaz" e "a Ilustração do Poema".

Então, isso aqui, ou seja, nós estamos contemplando as artes de uma maneira bem abrangente. É, não de forma estanque, e aqui você está vendo aqui, nós vamos publicar, uma Antologia, está prevista lá para o mês de Outubro, estamos cotizando a publicação dessa Antologia, com textos de membros da Academia, essa Antologia é só para membros da Academia, esse concurso é pra comunidade em geral. Temos algumas pessoas que tem só a vontade de escrever, escreve alguma coisa que nós não podemos ainda dizer que é um trabalho que possa ser colocado numa, exposição nacional ainda, não tem a linguagem literária de hoje. Tem gente ainda que está fazendo aquele verso, tipo literatura de cordel. Não conhece nada de teoria de literatura, nada de crítica literária, mas tem a vontade. Então, que eu quero com esse pessoal?

A idéia da Academia é pegar essas pessoas que tem a vontade, que já começaram, então, essas pessoas é, unidas com aquelas que já tem conhecimento, por exemplo, Janete, aqui Janete é professora de Literatura, dá palestras, foi e participou de um Congresso lá em São Paulo, deu palestras lá. Eu, a minha editora já me avisou que ela quer que eu dê, participe lá do Café Literário na Bial do Rio, falando sobre a nossa literatura aqui da nossa região.

Cintya – Como são as relações entre vocês, escritores, no que se refere á essas iniciativas mais integradoras entre os municípios?

Eu sinto que existe um pouco de dor de cotovelo, um pouco de ciúme, com alguns deles. Eu, particularmente, defendo a integração, eu acho que as Academias de Letras, eu já não vou nem dizer do Sudoeste. Eu defendi isto lá no Encontro de Escritores em Goiânia, eu defendi que nós criássemos a Federação das Academias de Letras de Goiás liderado pela Academia Goiana de Letras que é a entidade de maior conceito. Eu diria de conceito nacional, inclusive. Que criássemos aí uma

Federação das Academias de Letras. E que as Academias de Letras fossem ponto não de trocas de elogios, mas que fossem pontos de estudos, de crescimento. E que nós tivéssemos uma integração, que não existe, ainda. Para essa falta de integração, se há ciúme por parte de alguns, mas eu acho que o geral são os acúmulos profissionais, os compromissos profissionais é que dificultam mais essa integração. Que, às vezes, aqui mesmo, entre Caçu e Quirinópolis, nós temos reuniões um mês em Caçu outro mês em Quirinópolis. Nós fazemos esse rodízio aqui das reuniões. Que às vezes não participam todos os membros, por questões de compromissos, eu acho que os compromissos pessoais e profissionais dificultam a integração, eu acho.

Eu defendo que devemos ter um grande corpo cultural, porque, aqui, quem manda ainda é a Soja e o Boi, não é o intelecto ainda não. E a política entra nesse meio aí e com muita cumplicidade. Eu acho que as nossas lideranças políticas, elas estão com uma cumplicidade muito grande com as lideranças econômicas e não com as lideranças intelectuais, o nosso intelectual, ele não tem ainda o respeito que deveria ter.

Muitos de nós ainda somos considerados desocupados, somos é, sonhadores, como se sonhar fosse um mal. E tanto que, quando vai falar de um candidato, aí para prefeito, na referência que ele foi bem sucedido economicamente nos seus negócios. Aqui em Caçu mesmo, os quatro candidatos, nós só temos os exemplos empresariais, que são os que falam mais alto, em termos de conceitos. Eu fui candidato uma vez a deputado estadual, o partido quis que eu fosse. Mas eu tive resistência aqui dentro. É, dentro do meu partido, que preferiu apoiar um candidato de Jataí. E aquilo ali, contribui pra eu me desencantar com a coisa, porque eu estava na hora de ser deputado, tinha chance, eu estava muito bem em Goiânia, tinha uma boa liderança em Goiânia, e na região, que eu tinha sido Secretário de Educação aqui.

O escritor José Faria relata a criação da Academia do Extremo Sudoeste como parte da sua atuação político-partidária e da sua luta contra as situações de dominação cultural. Retrata a situação do intelectual quando envolvido na política local, tecendo as dificuldades face a visão consolidada localmente, do escritor. Nesse assunto tratado por Faria, percebemos novamente o embate do escritor frente à atmosfera ideológica predominante, que valoriza o econômico e uma atividade em particular, a agropecuária, em detrimento das atividades culturais – literárias. A criação das academias regionais, segundo Faria, coloca o escritor envolvido mais diretamente com o corpo de idéias e práticas que afastam as pessoas do pensamento voltado para a valorização da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De quantos lugares trata este trabalho? Lugares descritos, inscritos, representados. Lugares de memória. Tantos lugares retratados em um só lugar: na literatura. Por que o interesse em trazer para a discussão essa ordem do lugar formada por relações de coexistência, em que impera a “lei do próprio” e é indicadora de estabilidade e, igualmente, considerar as relações que opõem e sobrepõem os espaços entre si?

A atenção ao que dizem as palavras de Certau (1994), na epígrafe do terceiro capítulo, talvez resgate o sentido dessa realização:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (Certau, 1994, p. 189).

As histórias dos lugares sudoestinos oferecem uma oportunidade para a análise de como se processa a construção dos lugares, a construção do sentido do “próprio”, a construção de uma inscrição de lugar através dos textos e de um conjunto de práticas dos sujeitos envolvidos nessa construção: os escritores locais.

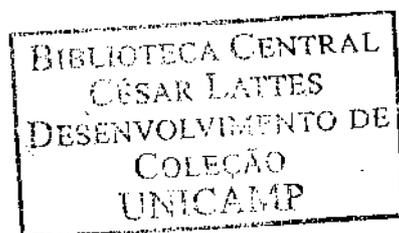
Conforme foi mencionado em vários momentos, o sudoeste de Goiás é um lugar sobre o qual se escreve, a partir de diferentes perspectivas e visões que tem em comum a marca desse lugar. O escrever literário aqui destacado, traz o sentido de “uma página em branco” na qual a história encontra lugar para se fazer. Segundo Certau (1994), ao discorrer sobre esse sentido, a prática da escritura, ao mesmo tempo em que cria um lugar próprio, circunscreve um lugar de produção para um sujeito e estabelece o afastamento e a distância do sujeito com o mundo e com uma área de atividades. Na concepção de Certau (1994), a idéia de lugar inclui a relação de domínio de um sujeito sobre um objeto – um espaço demarcado.

Seguindo esses pressupostos e a qualidade de pluralidade que lhe é intrínseca, a literatura local foi incluída neste trabalho, considerando-se os diferentes sentidos que ela interpõe e faz circular. Nessa perspectiva, atentar para essa circulação é também concebe-la

como o lugar onde transitam os saberes, onde outros lugares são criados e recriados e, através da qual uma história não apenas é contada, mas recontada. Dessa forma, o lugar ocupado pela literatura em relação aos saberes produzidos é, como afirma Barthes (2004), indireto. Ela não se ocupa em fixar esses saberes – um objetivo mais específico da ciência – mas em “faze-los girar”, estando aí evidenciada nos locais intersticiais da própria ciência.

A construção do sudoeste de Goiás – objeto que se firmou para este trabalho – dimensionou, desde o princípio, um entrelaçamento entre os sujeitos, os seus textos e os lugares, e jogou com a possibilidade de um caminho de investigação definido pelas relações entre essas três dimensões como o mais apropriado para o entendimento dessa construção. Os capítulos definidos são fragmentos, unidos pela idéia de um constante entrelaçamento, cujo palco principal é um lugar histórico e social.

Um aspecto destacado inicialmente desse processo de construção foi, a forma como a literatura local absorveu as influências de uma demarcação geográfica em sentido literal, isto é, como esse espaço-lugar foi ordenado por uma historiografia, carregando esse sentido literal. Destacam-se as influências de certas concepções geográficas na literatura de Goiás e, ao mesmo tempo, na literatura sobre o sudoeste de Goiás. Vislumbra-se assim, o modo de apropriação de certos conceitos, que contribuíram para moldar, em relação ao sudoeste, uma visão de espaço. Nessa análise, o objetivo é mostrar também como essa apropriação desdobrou-se na literatura sobre o sudoeste. Sobressai-se nesse aspecto, a interpretação sobre a região do escritor Basileu Toledo França, considerado seu principal idealizador. O sentido de domínio de um sujeito sobre um lugar – literário e social – emerge da construção desse escritor e pode ser observado pelo leitor. É possível, ainda observar como essa construção de Basileu se fez com base em certas idéias que circularam no campo literário da época, principalmente relacionadas à noção de aldeia, mostrando que esse conceito ingressa na literatura goiana como a representação do sentido de “escrever o próprio”. Nessa discussão, já se pode ver o intercruzamento, cujo “pano de fundo” é o contexto de produção de uma história literária para Goiás. A particularização do regional efetuada por França em seus textos ocorre em um momento em que a intelectualidade empenha-se em construir uma história literária fundada numa interpretação cultural que se prende na identificação de diferentes nichos culturais em Goiás. É extremamente interessante perceber, pelas ponderações contidas nos escritos de França, como as categorias “região” e



“área”, de cunho abrangente e englobador, desdobram-se na idéia de “aldeia” – uma noção identificada em muitos escritos de autores goianos –, que incorpora sentimentos, afetividades, biografia, poder e relação com o lugar, além de ser o principal fundamento da construção da referência literária.

O segundo capítulo foi construído com base nos relatos biográficos de seis escritores que enfocam em sua literatura os lugares do sudoeste. A análise das biografias dos escritores pressupõe a relação entre a experiência e a existência concebidas elas mesmas como relações que também ocorrem de forma espacializada. Essa idéia está presente no pensamento de Merleau Ponty e foi aproveitada neste estudo dentro da perspectiva adotada de entrelaçamento entre as dimensões da vida, a produção textual e a construção de referências (lugares). Os deslocamentos sociais e espaciais vivenciados pelos escritores revelam um movimento entre o vivido nos lugares e o transcurso entre os lugares como significativos para o entendimento da vida de cada um dos entrevistados e dos seus textos. A vida dos escritores é parte da construção dos lugares, está inscrita nos lugares construídos e é, ao mesmo tempo, resultado de uma trajetória entre lugares vividos. Essa construção “compartilhada” entre lugares e autores tem nos relatos biográficos o seu *locus* de enunciação (e manifestação). Os lugares fornecem sentido às biografias e estas são moldadas pelos percursos dos escritores nos diferentes espaços de produção dos textos (MANDELBAUM, 1973).

A definição pela análise do transcurso dos escritores entre os lugares permitiu observar o movimento que transforma os lugares em espaços e os espaços em lugares, afastando-se de uma abordagem que fixa a relação do autor com a obra e produz uma interpretação deslocada da relação com a espacialidade. A construção dos lugares se faz vinculada à produção de uma espacialidade, que pressupõe a inter-relação do escritor com os lugares vividos. Os relatos dos escritores também foram considerados “relatos de espaço” (CERTAU, 1994). Os relatos descrevem e criam, fundam espaços e percursos e expressam movimentos. Assim, ao ingressar nos caminhos da produção da literatura através das biografias, foi a dimensão coletiva – cultural – da memória que foi alcançada.

Da mesma forma que os percursos dos escritores, certas obras são emblemáticas, quando pensamos a construção do sudoeste de Goiás. O terceiro capítulo não se fundamentou no exame de todas as obras dos escritores biografados no segundo capítulo. A

partir da definição do romance histórico como a forma literária a ser destacada, foram eleitos os romances *Pioneiros*, de Basileu Toledo França e *Serra do Cafezal*, de Maria Eloá como textos significativos para a discussão central da tese. No primeiro romance, tem-se a fundação de um lugar – o sudoeste e a cidade de Jataí – e a articulação de diversos elementos culturais e históricos consubstanciados pela noção de *fundação*, que é parte da inscrição do sentido de “lugar próprio”.

O romance de Maria Eloá de Sousa Lima traz a memória como característica principal. A partir da perspectiva memorialística adotada, a autora articula os fragmentos próprios dessa dimensão, apresentando uma narrativa menos generalizante e englobadora do que a identificada no romance de França. Em seu livro, tem-se a incorporação, nos relatos, dos lugares vividos pela autora e a construção de uma espacialidade tecida pela memória. O romance de Maria Eloá fala de um *lugar obrigatório*, que é construído ao longo da narrativa. Trata da *presença de ausências*, articula-se sobre a ausência como a estrutura da existência. Ao mesmo tempo, inter-relaciona espaço e lugar: a localização dos espaços no romance se faz sobre o reflexo das ausências. O romance nutre-se das lembranças que resgatam um mundo que não existe mais, ao mesmo tempo em que rerepresenta esse mundo para os que lá viveram ou não.

Os dois textos escolhidos foram interpretados de forma *contrapontual*, isto é, dentro de uma perspectiva comparativa que considera os elementos estéticos e de conteúdo que surgem como diferenças significativas, com conseqüências para a visão dos lugares que cada texto constrói. A leitura em contraponto aqui realizada abarca a sugestão de Said (1995) de uma abordagem interpretativa que as analisa em conjunto, tratando-as de forma a não polarizá-las mas a entrelaçá-las por meio da tentativa de construção de visões, de imagens de cultura, de história e de sociedade.

O interesse por essas duas obras e por esse tipo de leitura também possibilitou considerar, na interpretação, as relações da prática da escrita com a cultura. A propósito desse aspecto, é possível dizer que a produção textual incorporada à análise traz a marca do lugar e expressa uma época, isto é, o tempo da fazenda tradicional do sudoeste de Goiás. A literatura local, ao mesmo tempo em que faz circular essa marca cultural, que também está inscrita na trajetória dos escritores, veicula a sua continuidade.

A análise comparativa definida permitiu o acesso a modos de ver o mesmo mundo com enfoques diferentes, mas que acabam reproduzindo a marca cultural do sudoeste. Tais diferenças evidenciam os posicionamentos políticos diferentes dos autores e refletem as diferenças da forma literária, com conseqüências para os lugares construídos. Enquanto *Pioneiros* institui o lugar próprio por meio de uma narrativa fundadora, *Serra do Cafezal* trabalha com elementos não localizáveis, intersticiais, fragmentados e plenos de sentidos. O primeiro romance apresenta a autoridade historiográfica nos textos locais, narra uma história de domínio, valoriza determinadas categorias históricas e constrói uma versão fundadora para a região. O segundo narra uma história mediatizada pelo vivido e apresenta outros lugares de fala na dimensão local, por intermédio dos personagens eleitos e representados no romance. Ambos os romances trazem em comum uma história do próprio livro – que intercala uma dimensão biográfica e de inter-relação com a sociedade – e com ela a questão da materialidade do livro, que também emerge de um processo coletivo local. Nesse sentido, esses romances são uma oportunidade para se pensar na idéia do *texto como patrimônio*, que traz o princípio do reconhecimento e de uma legitimidade da sociedade local.

Esse assunto, que foi explorado no terceiro capítulo, possibilitou também a reflexão sobre como e porque a literatura torna-se o lugar para as histórias locais e as implicações que esse lugar (e, também quanto à forma) traz para as histórias. Permitiu, ainda, discutir não apenas como as histórias são feitas e se apresentam, mas a própria forma escolhida pelos escritores para repassar as histórias aos seus leitores. Vê-se, então, que o lugar onde uma história se coloca é conscientemente assumida pelos escritores como mais adequado para o repasse, a transmissão, para um público local. Ingressam nesse assunto as implicações da forma romance e o processo de consolidação de narrativas. Nesse aspecto, foi adequado trazer novamente a análise de Said (1995) sobre o romance por levantar a discussão sobre a consolidação de autoridade (do autor, da história e da sociedade) através das narrativas. Os romances sobre os lugares sudoestinos demarcam diferenciações, recriam o passado, mas se mantêm atrelados a uma marca.

Qual é a recepção das pessoas implicadas nas histórias construídas? Como se manifesta o interesse das pessoas dos lugares pelas histórias? Como os textos repercutem

nos espaços das localidades? Como uma relação mais direta entre o escritor e o seu espaço de referência literária se estabelece e se manifesta de uma forma mais efetiva?

O último momento da tese ateu-se às manifestações locais sobre as histórias construídas. Partiu-se do pressuposto de que as histórias dos livros repercutem no universo local, exercem um interesse e geram uma dinâmica discursiva entre os autores e o público. Discutem-se autoridades, poderes, lugares. Discute-se o lugar da história dos lugares. As histórias geram polêmicas e são tratadas de diferentes formas por um público que faz críticas, lançando mão dos mesmos elementos que estruturam as narrativas dos autores: o vínculo familiar, o parentesco. Assiste-se novamente, no momento da leitura, à articulação dos mesmos elementos que estruturam os romances. A leitura e o texto desencadeiam interações e fazem as histórias circularem localmente, gerando controvérsias.

A dimensão prática da leitura, sobre a qual fala Roger Chartier (1998), instaura nos espaços locais uma dinâmica discursiva. Aqui a leitura foi vista como uma prática encarnada em gestos, palavras, oralidade, espaços e em hábitos. Ela é uma inscrição num espaço e envolve a relação com os outros e os autores. As histórias adquirem um sentido especial quando lidas, interpretadas por um público especial.

Do mesmo modo que se pode falar que a experiência do autor com a obra é fundamental – daí os autores do sudoeste conceberam-na – como parte da construção do reconhecimento social – a leitura constitui também uma experiência, na medida em que absorve as intenções dos autores e da sociedade.

Os lançamentos de livros, a criação das academias locais e as polêmicas entre escritores que foram discutidas no capítulo final, representam as manifestações da presença dos escritores nos espaços locais. Suas interações constroem uma concepção de escritor comprometido politicamente com um lugar e balizam o reconhecimento social. Através de seus escritos e trabalho nos lugares, os escritores conseguiram uma memória anterior à modernidade que se interpôs na região. Eles acionaram uma base antiga, que é resgatada na literatura, no entanto, mostram-se sintonizados com o futuro. Resta refletir sobre o alcance e a persistência dessa marca do sudoeste nas histórias mais recentes.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER**, Aziz Nacib e **COSTA JÚNIOR**, Miguel. *Contribuição ao estudo do sudoeste goiano*. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, nº 4, 3-26, 1950.
- _____. *Paisagens rurais do sudoeste goiano, entre Itumbiara e Jataí*. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, nº 7, 38-63, 1951.
- AB'SÁBER**, Aziz Nacib. Fundamentos geográficos da história brasileira. In: **HOLANDA**, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, tomo I, vol. 1 p. 55 –71, 1963.
- ALBUQUERQUE JR.** Durval Muniz. *A invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ARAÚJO**, José Cruciano de e **ARAÚJO**, Pedro Nolasco de. (Orgs.). *Prosa quase completa/Léo Lince*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.
- ARTIAGA**, Zoroastro. *Síntese da História e Geografia de Goiás*. Goiânia, 1958.
- BRASIL**. Americano do. *Súmula da História de Goiás*. Goiânia: Secretaria da Cultura e Desporto, s. d., p. 93 – 101, 3ª edição.
- _____. *Décima do boi Espásio*. s. l., 1929. In: **FRANÇA**, Basileu T. de. *Cavalo de Rodas*. Goiânia: Oriente, 1979, p. 59.
- AZEVEDO**, Francisco Ferreira dos Santos. *Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, 1910.
- BARBOSA**, Alaor. *Confissões de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1967.
- BARTHES**, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- _____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BOIXADÓS**, Roxana. Fundaciones de ciudades como rituales. Análisis de tres casos en el contexto de la conquista del Tucumán colonial. In: *Anuário Antropológico/92*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- BORGES**, Filadelfo. *Jataí do meu tempo*. Goiânia: Gráfica e Editora *O popular*, 1998.
- BORGES**, Heloísa Helena de Campos. *O romance em Goiás: Construção e singularidade de seu processo narrativo*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG/ICHL/PPGLL/DL, 1986.
- BERTAUX**, Daniel. *L'approche biographique: as valité méthodologique, ses potentialités*. Cahiers Internationaux de Sociologie. V. LXIX, 1980.
- BORGES**, Heloisa Helena de Campos. *O romance em Goiás: construção e singularidade do seu processo narrativo*. Dissertação de Mestrado, PPGLL – Faculdade de Letras, UFG, 1986.
- BOSI**, Ecléa. *Memória de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz: Edusp, 1987.
- BOURDIEU**, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder Simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1989.
- _____. *L'illusion biographique. Actes de la recherche em sciences sociales*, nº 62/63 – juin 1986.
- _____. *Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia Cabila*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2002.
- CANDIDO**, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 2000.

- CARRAZZONE, Nivaldo. Afinidade espiritual. *A notícia*. São José do Rio Preto, 28 de agosto de 1980.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. I: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB, 1998.
- CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás - da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 1997.
- _____. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Editora UFG, 1999.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização**. 30/04 a 7/05 – 1949. Goiânia.
- Conselho de Imigração e Colonização: Goiás uma nova fronteira humana**. Rio de Janeiro, 1949.
- DAMATTA, Roberto. A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia. In: *Conta de Mentiroso: sete ensaios de Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DARNTON, Robert. Os leitores respondem a Rousseau: A fabricação da sensibilidade romântica. In: *O grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAYRELL, Eliane. O PCB-GO: 1936-1948. São Paulo: PPGH/FFLCH/ USP, Tese de doutorado.
- DENÓFRIO, Darcy França. *Sob o signo da água e do fogo*. SIGNÓTICA – Revista do Mestrado em Letras e Lingüística – UFG. Goiânia, 3:13-26, jan./dez. 1991.
- DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: *História e Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.
- EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da academia brasileira de letras nos primeiros anos da República (1897 – 1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- FABIANI, Jean-Louis. O que resta do agente social? A análise sociológica frente à exemplaridade biográfica e à diminuição de si. São Paulo: *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, v.14, nº 1, maio, 2002. p. 33 – 65.
- FELÍCIO, Brasigóis. Sebastião Arantes: um ficcionista que não foge à denúncia. In: ARANTES, Sebastião. *Tuna*. Goiânia: Editora Cultura Goiana, 1984, p. 18.
- FOUCAUT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FARIA, José. *Partículas do tempo*. Goiânia: Oriente, 1975.
- _____. *Caçu – uma cultura em ascensão*. Goiânia: Oriente, 1978.
- FRANÇA, Maria de Sousa. *Povoamento do Sul de Goiás: 1872 - 1900. Estudo da Dinâmica da ocupação espacial*. Dissertação de Mestrado.PPGHSA/UFG/USP, 1975.
- FRANÇA, Basileu Toledo de. *Pioneiros*. Goiânia: Editora UFG - 4ª Reimpressão fac-similar da 1ª edição (1954), 1995.
- _____. Povoamento do sudoeste goiano. *O popular – suplemento literário*, 1965.
- _____. *Romance*. São José do Rio Preto: Edição do autor, 1951.
- _____. *O sudoeste – tentativa de interpretação* (1959). Goiânia: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ano VI, nº 7, jun. 1978.
- _____. *Estudos de educação*. Goiânia: Gráfica “O popular” Secretaria do Interior e Justiça de Goiás, 1960.
- _____. *Música e maestros*. Goiânia: Oriente, 1962.

- _____. *Cadeira n° 15 – Contribuição ao estudo da literatura de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1971.
- _____. *Cancioneiro de trovas do Brasil central*. Goiânia: Oriente, 1973.
- _____. *Contos, fábulas e folclore*. 2ª ed. Goiânia: Oriente, 1975.
- _____. *Cavalo de rodas*. Goiânia: Oriente, 1979.
- _____. *Vale do rio claro*. Goiânia: Oriente, 1979.
- _____. *Romanceiro e trovas populares*. Goiânia: Editora UFG, 1979.
- _____. *Depoimento*. Goiânia: Oriente, 1979.
- _____. *Capangueiros e jagunços*. Goiânia: CERNE, 1987.
- _____. *Réplica a um difamador*. (Mimeo.). Goiânia, 1987.
- _____. *O triângulo dos diamantes*. Goiânia: Editora UFG, 1994.
- _____. *Homenagem a Basileu Toledo França*. (Mimeo.) São José do Rio Preto, 1994.
- _____. *Poetisa Leodegária de Jesus*. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 1996.
- _____. *Velhas escolas*. Goiânia: Editora UFG, 1998.
- _____. *Arquivo – Recortes de jornal, dados e informações – pasta A - (Mimeo.)*. Org. pelo autor. Goiânia, 2000.
- _____. *Monólogos em surdina*. Goiânia: edição do autor, 2000.
- _____. *Algumas histórias*. Goiânia: AGEPEL, 2001.
- GAGNON, Nicole**. *Données Autobiographiques et praxis culturelle*. Cahiers Internationaux de Sociologie. V. LXIX, 1980.
- GEERTZ, Clifford**. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- _____. *Local Knowledge: further essays in interpretive anthropology*. New York: Basic Books, Inc., 1983.
- _____. *Works and Lives: The anthropologist as Author*. Stanford California: Stanford University Press, 1988.
- _____. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GIANNOTTI, Carlos Hugo**. *Chapadão do Céu: modernização da agricultura no Sudoeste Goiano*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Departamento de História, FCHF, UFG, 1999.
- GOMIDES, Barsanulfo Borges**. *Goiás nos quadros da Economia Nacional - 1930 - 1960*. Goiânia: Editora UFG, 2000.
- GOMES, Modesto**. *A independência do Brasil: seus reflexos na literatura em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1972.
- _____. *Estudos de Literatura Goiana*. Goiânia: SEC/UBE, 1979.
- _____. *História e Literatura*. Goiânia: CERNE/DEC, 1968.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado**. “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n°1, pp. 5-27.
- HALBWACCS, Maurice**. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HARRIS, Marvin**. *El desarrollo de la teoría antropológica. Historia de las teorías de la cultura*. Espanha: siglo Veintiuno Editores, 1978.
- JACINTO, Andréa B.M. J.** *Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília*. Tese de doutorado. PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003.
- JUBÊ, Alcides Celso Ramos**. *Ensaio de Geografia de Goiás*, 1919.

- JUBÈ**, Antônio Geraldo Ramos. *Síntese de História Literária de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.
- KOFES**, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- LABAIG**, Carlos Henrique. *O cooperativismo agrícola e sua participação no desenvolvimento capitalista no Sudoeste Goiano 1960 – 1990*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Departamento de História, FCHF, UFG, 1995.
- LEAL**, Oscar. *Viagem às Terras Goyanas (Brasil Central)*. Goiânia: Editora da UFG, 1980, 255p.
- LACERDA**, Regina. *A independência em Goiás*. Goiânia: Ed. Sesquicentenário, Editora Oriente, 1973.
- LE GOFF**, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: Unicamp, 1994.
- LEPENIES**, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- LÉVI-STRAUSS**, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LIMA**, Maria Eloá de Sousa. *Serra do Cafezal – Retratos e Lembranças*. Jataí: Edição da autora, 1988.
- MACHADO**, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico: Um tempo, um carisma, uma história*. Goiânia: Editora UFG, 1990.
- MACHADO**, Vilma de Fátima. *Sudoeste de Goiás: desenvolvimento desigual*. Dissertação de Mestrado, PPGHSA/UFG, 1996.
- MALLARD**, Leticia e outros. *História da Literatura: ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- MANDELBAUM**, David G. The study of life history: Gandhi. *Current Anthropology*, vol. 14, June, 1973.
- MAUSS**, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- MERCIER**, Paul. *História da antropologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- MICELI**, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOOG**, Vianna. Interpretação da Literatura Brasileira. In: *Interpretação da Literatura Brasileira e outros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Delta, col. Obras de Vianna Moog, v. X, 1966.
- MORDENTI**, Raul. Lês livres de famille em Italie. In: *Annales – Histoire, Sciences sociales*. 59 e année, n° 4 juillet – août 2004. p. 785 – 804.
- MOTTA**, Marisa Veloso. *O tempo da transformação: a fazenda tradicional do Centro-Oeste*. Dissertação de Mestrado, Brasília, PPGAS/DCS/ICH/UNB, 1981.
- _____. *Conhecimento camponês e forças produtivas: a fazenda goiana*. Anuário Antropológico 81, 1980.
- MOTA**, Atico Vilas Boas da e GOMES, Modesto. (org.). *Aspectos da Cultura Goiana – Antologia de Artigos*. Goiânia: DEC – Oriente, 1971.
- MORDENTI**, RAUL. Les livres de famille em Italie. *Annales – Histoire, Sciences sociales*, juillet-août 2004, n° 4. p. 785 – 804.
- NASCENTE**, Gabriel. *A nova poesia de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978
- OLIVEIRA**, Manoel Napoleão A. *Bobos e tipos de rua: tempo e memória de cidades*. Dissertação de Mestrado. PPGS/FCHF/ Departamento de Ciências Sociais/UFG, 2003.

- PIÑA**, Carlos. *Sobre la natureza del Discurso Autobiográfico*. Brasília: Editora da UNB, Anuário Antropológico/88, 1991.
- PINTO**, Suely Lima de Assis. *Mediações no processo de conhecimento: o caso de seu Meco*. Dissertação de Mestrado em Educação, PPGE/FE/UFG, Goiânia: 2003.
- PIRES**, Luciene Lima de Assis. *O ensino secundário em Jataí nas décadas de 40 e 50*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Faculdade de Educação, UFG, 1997.
- POLLAK**, M. “Memória e identificação social” in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n° 10, 1992, pg. 200 – 212.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. “O sitiante tradicional e a percepção do espaço”. In: *O campesinato brasileiro – ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes. pp. 48-71.
- _____. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.
- RAMOS**, Hugo de Carvalho. *Tropas e Boiadas*. Goiânia: Editora UFG, 1998.
- _____. Interior goiano. In: *Plangências*. V. II, 1950.
- RAMOS**, Vítor de Carvalho. *Letras Goianas – Esboço Histórico*. Goiânia: DEC, 1968.
- _____. Plangências In: *Obras Completas de H.C.R.* São Paulo: Panorama.
- SAID**, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- _____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- _____. O papel público de escritores e intelectuais. In: *Cultura e Política*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.
- SENNA**, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.
- SILVA**, Nilza Diniz. *Hinos e Bandeiras do Telurismo*. Dissertação de Mestrado. PPGLL – Faculdade de Letras – UFG, 1992.
- SILVA**, Martiniano José. *Mineiros memória cultural*. Goiânia: Ed. do autor, 1980.
- _____. *Academia de letras do sudoeste goiano*. Goiânia: Oriente, 1966.
- SELIGMANN-SILVA**, Márcio (org.) *História, Memória, Literatura*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SILVEIRA**, Rosa Maira G. Região e História: questão de método. In: *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero/MCT/CNPQ, 1990.
- SILVEIRA PEIXOTO**, José Benedito. *Falam os escritores*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, coleção textos e documentos 16, V. 1-3, 1971 – 1976.
- SOUSA**, Eurico de. *Torres do rio Bonito*. Goiânia: Ed. do autor, 1995.
- SUÁREZ**, Mireya et alii. *A dinâmica regional do Centro-Oeste*. Anuário Antropológico 76.
- _____. *Agregados, parceiros e posseiros: a transformação do campesinato no Centro-Oeste*. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/Tempo Brasileiro, Anuário Antropológico 80, 1982.
- _____. *Antropologia e História*. Mimeo.(Palestra).Goiânia: UFG, 1992.
- _____. *Everlasting golden sertões: the study of a productive process in the brasilian central plateau*. Cornell, 1979. Tese (Doutoramento em Antropologia) - Universidade de Cornell.
- SÜSSEKIND**, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TELES**, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1965.
- _____. *Goiás e Literatura*. Goiânia: ETG, 1964.

_____. *O conto brasileiro em Goiás*. Goiânia: DEC, 1969.

_____. *A crítica e o princípio do prazer*. Goiânia, Editora UFG, 1995.

TERRAY, M. – L. Le discours du “vécu”. *Revue des sciences humaines* – tome LXIII, n° 192, octobre-décembre, 1983.

TIBALLI, Elianda F. Arantes. *A expansão do povoamento em Goiás, século XIX*. . Dissertação de Mestrado, PPGHSA/UFG, 1991.

_____. A revolução de 1930 e a cultura in: *A educação pela noite, série temas*, v.1, 1987.

VAZ, Eber. *A modernização da agricultura e as relações de trabalho no Sudoeste Goiano: A situação do trabalhador volante no corte de cana (1964-1989)*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Departamento de História, FCHF, UFG, 1992.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VICENTINI, Albertina. *O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

VIDAL E SOUZA, Candice. *A pátria geográfica – sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXO A

LISTAS: DE ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS, CORRESPONDÊNCIAS, DISCURSOS, CONVITES, ATA E FOLDER

Balanco literário de Goiás – Revista Oásis - 01, 1964.

Livro “Música e Maestros” abre Quinzena Brasileira da E.L.L. O Popular. Goiânia, 15 de novembro de 1962.

Viagem ao passado goiano. Suplemento Literário. *O Popular.* Goiânia, 22 de fevereiro de 1970.

COSTA, Waldir Luiz. Contos, fábulas e folclore. *Folha de Goiás.* Goiânia, 13 de dezembro de 1975.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. O sudoeste: uma região singular do estado de Goiás. *Revista Brasil Oeste ano I n° 6.* Goiânia, maio de 1986.

O erudito da província. *Revista Metas.* Jataí, 31 de maio de 1988.

O povo sabe o que é bom. *Revista Terra.* Jataí, abril de 1995.

Museu Histórico de Jataí homenageia Basileu. *Folha do Sudoeste – Caderno B.* Jataí, 29 de maio a 4 de junho de 1995.

MENDES, Geraldo. População comemora centenário de Jataí. *Folha do Sudoeste.* Jataí 6 de junho de 1995.

“Pioneiros” é lançado em edição Fac-Similar. *Folha do Sudoeste.* Jataí 15 de junho de 1995.

SILVA, Martiniano J. Advogado do Interior. *O Popular.* Goiânia, 11 de novembro de 2000.

_____. Injustiças contra Mineiros. *O Popular.* Goiânia, 30 de junho de 2002.

BORGES, Filadelfo. A integração do sudoeste. *Opção Cultural.* Goiânia, de 11 a 17 de março de 2001.

_____. O Iluminista que desafiou o obscurantismo. *Opção Cultural.* Goiânia, de 28 de dezembro de 2003 a 03 de janeiro de 2004.

BORGES, Rogério. O mestre se despede. *O Popular*. Goiânia, 22 de novembro de 2003.

OLIVEIRA, Carla de. Basileu volta à infância em “Monólogos da Surdina”. *O Popular*. Goiânia, 8 de janeiro de 2000.

CORRESPONDÊNCIAS

Câmara Municipal de São José do Rio Preto- SP à Basileu T. França – 30 de junho de 1999.

Prefeitura Municipal de Jataí à Basileu T. França – GO – 03 de junho de 2002.

Prefeitura Municipal de Jataí à Basileu T. França – GO – 23 de maio de 2002.

Basileu T. França à Academia Goiana de Letras – 17 de março de 1987

José Godoy Garcia à Mário Ribeiro Martins – 18 de dezembro de 1986

DISCURSOS

FRANÇA. Basileu T. *Somos todos contemporâneos: vivos e mortos*. Jataí (GO) – 30 de maio de 1999

FRANÇA. Basileu T. *Relembrações*. São José do Rio Preto- SP 7 de julho de 1994.

CONVITES

“Sessão Magna da Saudade” do escritor Basileu T. França – Academia Goiana de Letras – 04 de março de 2004.

Lançamento do livro: *Rio Verde: Pioneira e progressista*, de Zilda Pires.

Lançamento do livro: *Ana Prudenciana*, de Maria Eloá.

ATA

Da Sessão Ordinária da Academia Goiana de Letras – 23 de abril de 1987.

FOLDER

Centro Cultural Basileu Toledo França.

NOTÍCIAS DE JORNAIS

O POPULAR. Goiânia (GO)

22 de abril de 2002.

23 de novembro de 2003.

27 de novembro de 2003.

04 de março de 2004.

22 de agosto de 2005.

11 de agosto de 2000.

JORNAL OPÇÃO. Goiânia (GO)
10 a 16 de fevereiro de 2002.

DIÁRIO DA MANHÃ. Goiânia (GO)
24 de novembro de 2003.
23 de março de 2005.
19 de setembro de 2003.

REVISTA BRASIL OESTE. Goiânia (GO)
setembro a outubro de 2000.

O SUCESSO. Goiânia (GO)
19 a 25 de outubro de 2003.

FLASH – JORNAL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Goiânia (GO)
15 a 21 de setembro de 2004.

ANEXO B

RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS. BIBLIOTECAS, MUSEUS, ACERVOS PESSOAIS, ACADEMIAS DE LETRAS.

BIBLIOTECAS

Biblioteca do Centro Cultural Basileu Toledo França – Jataí
Biblioteca do Museu Histórico de Jataí – Jataí
Biblioteca Municipal de Mineiros – Mineiros
Biblioteca Municipal de Rio Verde – Rio Verde
Biblioteca da Universidade de Rio Verde – Rio Verde
Biblioteca do SESC – Estante do escritor goiano – Goiânia.
Biblioteca Estadual Cora Coralina – Goiânia
Biblioteca do Campus Avançado da UFG – Jataí
Biblioteca da UFG – Goiânia

ACERVOS

Acervos particulares dos escritores nas diferentes localidades
Acervo do escritor Basileu Toledo França da Academia Goiana de Letras - Goiânia
Acervo do escritor Martiniano da Academia Goiana de Letras - Goiânia
Acervo do escritor Basileu T. França do Centro Cultural B.T.F – Jataí.

ESTANTES ESPECIAIS EM LIVRARIAS

Livraria e Editora Cultura Goiana – Estante do escritor goiano - Goiânia

MUSEUS

Museu Histórico de Jataí – Francisco Honório de Campos
Museu da Intendência - Rio Verde
Museu do Som – Secretaria da Cultura de Goiás

ACADEMIAS DE LETRAS

Academia Goiana de Letras
Academia Jataiense de Letras
Academia Rioverdense de Letras
Academia Mineirense de Letras
Academia de Letras do Extremo Sudoeste Goiano

RELAÇÃO DOS ESCRITORES ENTREVISTADOS E OS LOCAIS DE REFERÊNCIA

Basileu Toledo França – Goiânia/Jataí

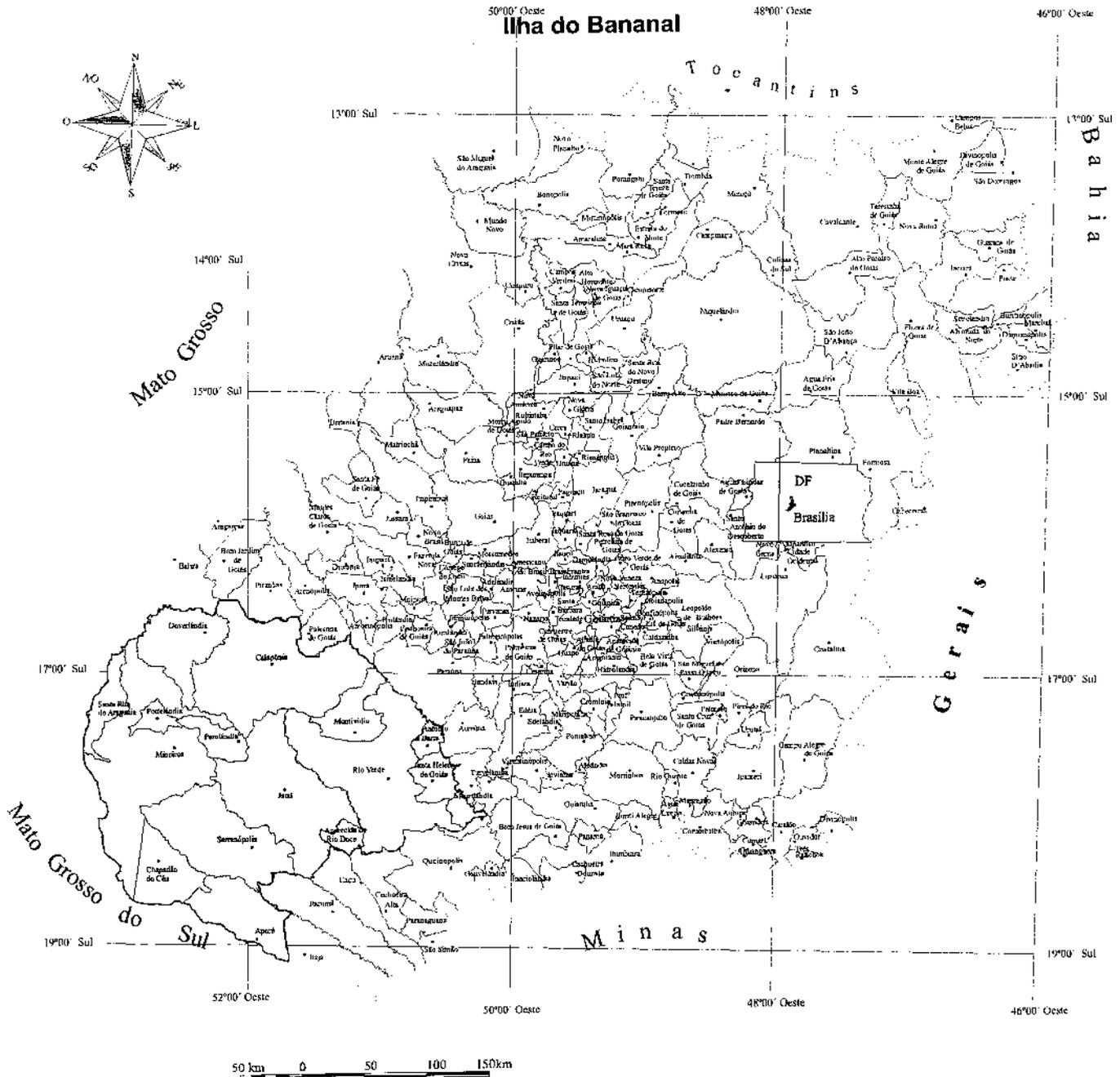
Martiniano J. Silva – Mineiros
José Faria Nunes – Caçu
Maria Eloá de Souza Lima – Serranópolis/Jataí
Binômio da Costa Lima – Jataí
Zilda Pires – Rio Verde
Filadelfo Borges – Jataí/Rio Verde

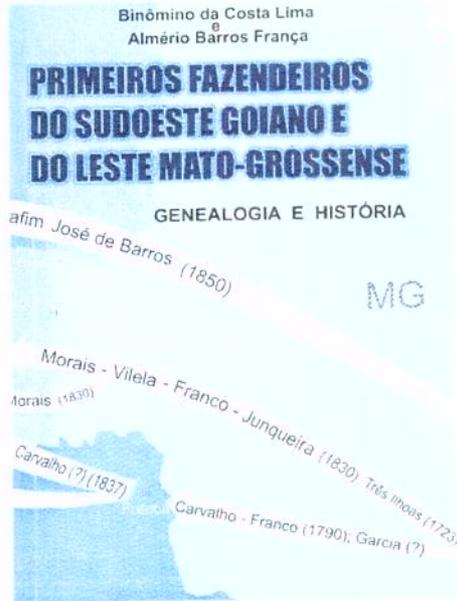
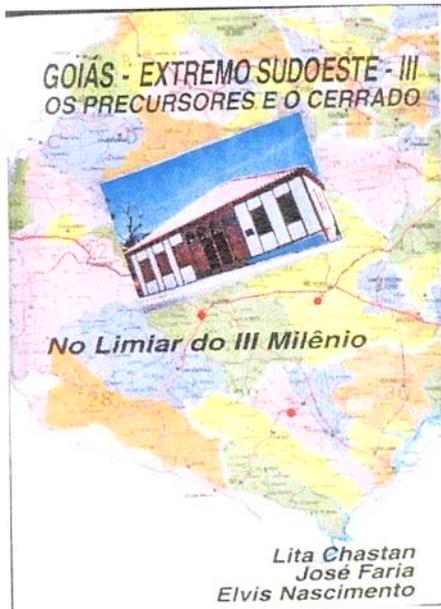
ARQUIVOS DE JORNAIS E REVISTAS

Jornal *O popular* , CEDOC – Goiânia
Jornal *Folha do Sudoeste* – Jataí
Jornal *Da Terra* - Caçu

ESTADO DE GOIÁS

MICRORREGIÃO SUDOESTE DE GOIÁS





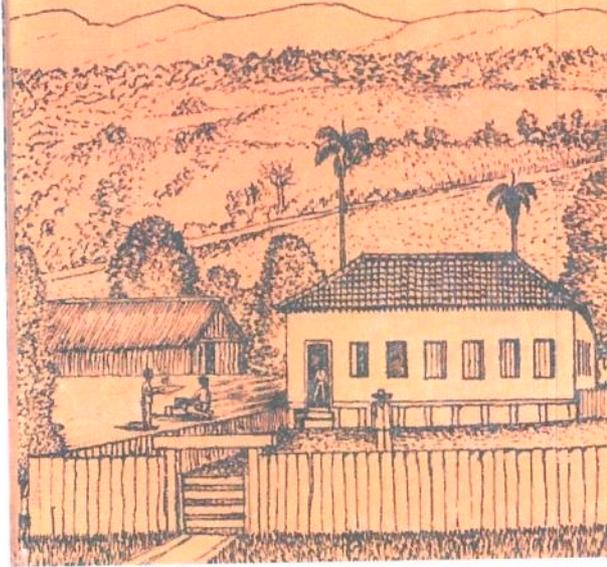
BASILEU TOLEDO FRANÇA

Romance

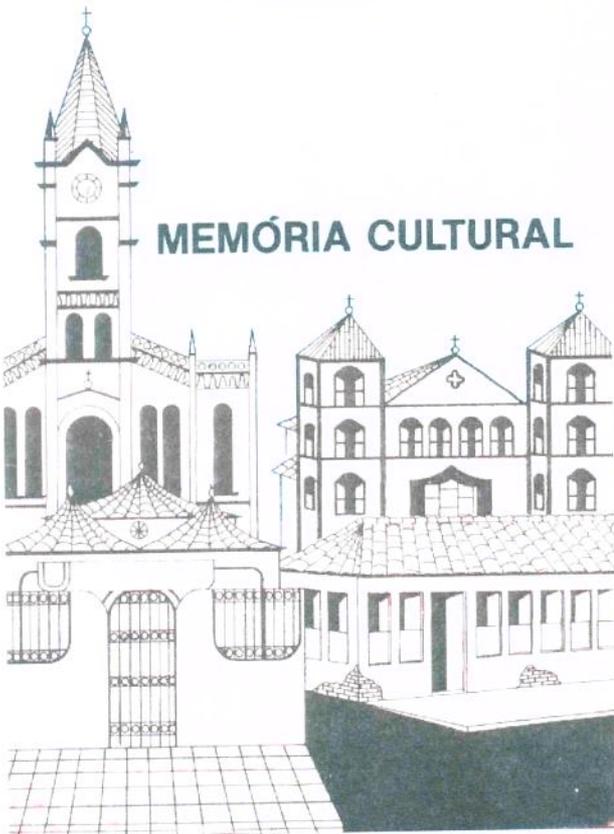
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
1951

ONALDO CAMPOS

RIO VERDE HISTÓRICO



MARTINIANO J. SILVA



MEMÓRIA CULTURAL

Gabriel Junqueira Franco
Luiz Alberto Franco Junqueira

Família Franco

Genealogia e História



Fazenda Caputary

Minas Gerais

BASILEU TOLEDO FRANÇA

MONÓLOGOS
EM SURDINA

academia
de letras do
sudoeste
goiano

Martiniano J. Silva

partículas
do
tempo

partículas
do
tempo

J. Garcia

basifeu toledo frança

Música e Maestros



BASILEU TOLEDO FRANÇA

Poetisa

LEODEGÁRIA DE JESUS



1996

ASSIM É JATAÍ



DR. HUGO AYAVIRI AMURRIO

WALTER MASSI

ALBUM POEMA

RIO VERDE EU TE REVEJO



Desenhos: D.J. Oliveira/L. Massi

Goiânia,
3/junho/2002

Exmo. Sr.
Presidente da Câmara Municipal
Jataí

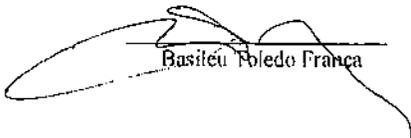
Respeitosos cumprimentos.

Apresento por seu intermédio aos ilustres vereadores de todos os partidos políticos aí representados agradecimentos pela aprovação unânime do projeto do Executivo que se transformou na Lei nº 2.331, de 13 de maio último, dando meu nome ao importante Centro Cultural a ser inaugurado no próximo dia 8 do corrente mês, durante a semana festiva dos 107 anos de nossa querida terra.

Esse honroso aval do Legislativo me transmite a certeza de que os nobres representantes da nossa gente interpretam a vontade geral do povo de Jataí, o que me enche de profundo orgulho, como é natural.

Obrigado a todos.

Saudações cordiais.


Basileu Toledo França

Goiânia,
3/junho/2002

Exmo. Sr.
Humberto de Freitas Machado
Digníssimo Prefeito Municipal
Jataí

Saudações cordiais.

Acabo de receber com satisfação intraduzível o ofício de V. Excelência, datado de 23 de maio p. passado, subscrito também pela ilustre e dinâmica Superintendente Municipal de Cultura e Turismo, profª. Mariza Magalhães Almeida e Costa Lima, pelo qual fui comunicado que a Câmara de vereadores aprovou por unanimidade a Lei nº 2.331, de 13 de maio último, de autoria do Poder Executivo, que dá meu nome ao Centro Cultural de nossa querida cidade.

As palavras nem sempre conseguem expressar com exatidão nossos mais delicados e profundos sentimentos, sr. Prefeito Municipal, entretanto gostaria de expressar-lhe aqui por este meio que jamais poderia sonhar com prêmio tão elevado e significativo para mim, embora não tenha feito outra coisa de especial na vida de homem de letras senão pesquisar, estudar e difundir os valores verdadeiros do povo, da terra e da cultura brasileira, de modo muito particular de Jataí e sua região Dez livros ao todo.

Por tudo isto, a honra que me foi conferida de ser o patrono do Centro Cultural de Jataí representa na verdade o maior galardão de minha vida intelectual. Uma consagração em minha própria cidade, que tanto amo e procuro dignificar.

Agradeço-lhe a iniciativa da lei, bem como a todos que participaram da concretização desta idéia, e na impossibilidade de estar presente à solenidade inaugural do Centro Cultural "Basileu Toledo França", no próximo dia 8, às 20 horas, comunico-lhe que irão me representar na festiva semana de aniversário do município dois filhos com seus cônjuges:

- Engenheiro José Manuel Toledo França e senhora;
- Psico-pedagoga Olga Luzia Toledo França Almeida e esposo.

Aproveito a oportunidade a fim de reiterar-lhe meus agradecimentos, subscrevendo-me com elevado apreço e distinta consideração.

Respeitosamente.


Basileu Toledo França



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

RUA SILVA JARDIM, 3367 - FONE: (017) 232-3777 / FAX: (017) 232-3616

São José do Rio Preto, 30 de junho de 1999.

Ilma. Senhor
BASILEU TOLEDO FRANÇA
Nesta

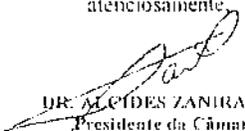
Prezado Senhor:

A Câmara Municipal realizará no dia 19 de julho próximo, segunda-feira, 20 horas, **Sessão Solene** para homenagear várias personalidades políticas de nossa terra, durante o evento "**Resgate da História Política de São José do Rio Preto**", iniciativa do **Vereador Alcides Zanirato**, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados em favor do crescimento do Município.

Tendo sido o seu nome relacionado para fazer parte do rol dos homenageados, tenho a honra de convidar V. Sa. a comparecer a esta Casa, no dia e horário acima mencionados para receber as homenagens do Legislativo rio-pretense.

Agradecendo o comparecimento, apresento os protestos de consideração e apreço, subscrevendo-me,

atenciosamente,


DR. ALCIDES ZANIRATO
Presidente da Câmara



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

RUA SILVA JARDIM, 3367 - FONE: (017) 232-3777 / FAX: (017) 232-3616

São José do Rio Preto, 30 de junho de 1999.

CONVITE

O Município de São José do Rio Preto estará comemorando 105 anos de emancipação político-administrativa em 19 de Julho de 1999.

Foi uma conquista proveniente dos ideais de muitos cidadãos da nossa terra que, a partir desse ano, será comemorada com a realização de Sessão Solene "**Resgate da História Política de São José do Rio Preto**". Vamos contar um pouco da história política da cidade homenageando nomes que ocuparam os cargos de Prefeito Municipal, de Presidente da Câmara e de Vereador.

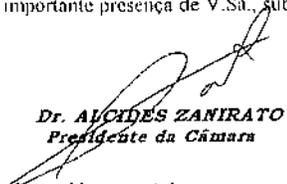
Assim, para cumprir os dispositivos do Decreto Legislativo nº 686/99, de iniciativa do **Vereador Alcides Zanirato**, tenho a honra de convidar V.Sa. e família para prestigiar o Ato no dia **19 de julho de 1999, segunda-feira, às 20 horas, na Câmara Municipal**, e aplaudir conosco os homenageados do ano.

Homenageados:

01. Ex-Prefeito Municipal
João Mangini - (20/09 a 27/09/66)
02. Ex-Presidente da Câmara
Fábio Marcondes Homem de Melo - (1952/55 e 1956/59)
03. Ex-Vereadores
Aloysio Nunes Ferreira - (1952/55)
Basileu Toledo França - (1948/51)
José Arroyo Martins - (1948/51)
Rubens Cintra Damião - (1948/51)
Tufil José da Costa - (1948/51)

Contando com a importante presença de V.Sa., subscrevo-me.

Atenciosamente,


DR. ALCIDES ZANIRATO
Presidente da Câmara

OBS: Após a Sessão será servido coquetel aos Vereadores, Ex-Prefeitos e Ex-Vereadores.

Goiânia,
17 de março de 1987.

À
Academia Goiana de Letras.
Edifício Vila Boa
Goiânia - Goiás

Prezados confrades.

Durante a minha ausência de Goiânia, nos meses de setembro a dezembro do ano próximo passado, fui violentamente agredido com palavras injuriosas pelo sr. José Godoy Garcia, em carta dirigida ao confrade Mário Ribeiro Martins, cuja cópia foi ^{meu} endereçada e lida por todos aqui.

Há poucos dias o famoso caluniador, que reside em Brasília, remeteu-me também uma xerocópia de sua virulenta catilinária, reforçando assim a provocação descabida e inqualificável.

Em razão disso, agora tenho a oportunidade de conhecer o texto difamatório, para refutá-lo ponto por ponto, o que faço serenamente, enviando cópia ao ilustre ocupante da Cadeira n. 37, em Anápolis, e dando ao mesmo tempo ciência de tudo aos companheiros da academia.

Espero que minha réplica mereça da casa o mesmo destaque por ventura dado à verrina daquele raivoso censor das letras de Goiás.

Com sinceros agradecimentos antecipados, subscrevo-me atenciosa e

CORDIALMENTE

Rosilene Toledo Franco

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
RECIBO DE POSTAGEM

TOTAL PAGO
c + *9,00*

Nº DO REGISTRO
659850

AGÊNCIA CENTRAL
GOIÂNIA
17 03 87

NATUREZA	VALOR DECLARADO	PESQ.
<i>180</i>		

A SER PREENCHIDO PELO REMETENTE SEM ASSINATURA

NOME DO DESTINATÁRIO: *Academia Goiana de Letras*



PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ



Ofício nº 035/2002 - GP

Jataí, 23 de maio de 2002.

Ilustre Escritor e Contrerrâneo,

Pelo presente, temos a grande honra e satisfação de informar que o nome do ilustre escritor e pesquisador foi escolhido para o Centro Cultural de Jataí, através da Lei nº 2.331, de 13 de maio de 2002, de autoria do Executivo e aprovada por unanimidade pela Câmara de Vereadores.

A inauguração do Centro Cultural "Basileu Toledo França" fará parte das comemorações festivas do 107º aniversário de Jataí e será realizada no dia 08 de junho, às 20:00 horas.

O Centro Cultural "Basileu Toledo França" é a realização de um antigo sonho da sociedade jataiense, que se soma ao desejo desta administração de se prestar uma justa homenagem ao ilustre escritor e pesquisador jataiense, cuja obra literária tanto nos orgulha e engrandece a literatura goiana.

Para este importante evento, gostaríamos de contar com a honrosa presença do ilustre homenageado.

Com nossos protestos de admiração e respeito, despedimo-nos.

Atenciosamente,

Humberto de Freitas Machado
HUMBERTO DE FREITAS MACHADO
Prefeito Municipal

Mariza Magalhães Almeida e Costa Lima
MARIZA MAGALHÃES ALMEIDA E COSTA LIMA
Superintendente Municipal de Cultura e Turismo

Ilustríssimo Senhor
BASILEU TOLEDO FRANÇA
Goiania - GO

COISAS NOSSAS

Obras de Goiás o

(Para a formação de

Assunto de profundo interesse: os livros em si, e não as sugestões, necessitando, cada qual, a relação dos livros que constituiriam uma importante para a formação de uma excelente biblioteca de Goiás e sobre Goiás. Hoje, publico na de ANATOLE RAMOS, BASTILIU TOLEDO FRANÇA

ANATOLE RAMOS

(Jornalista, escritor, premiado várias vezes)

Minimel, aqui vai um resumo do que penso sobre a sua grande ideia de se fazer uma pesquisa e respeito às obras mais representativas da literatura goiana, mas uma lista dos 10 livros que reputo importantes para o estudo crítico do que se fez até hoje nas letras em nossa terra. Já em tempo de se começar um trabalho desse tipo, eu já vou dar o pontapé inicial. Vamos esperar que todos, superando eventuais hesitações, dissidências, ciúmas, marcações pessoais, panelinhas, omissões voluntárias, etc., etc., deem a sua contribuição à pesquisa. Mas que se lembrem de que só devem interessar obras sobre Goiás e não livros de escritores desconhecidos ou passados ou aquiescentes. Outra coisa: não que cada opinante que teria de ser necessariamente um intelectual conhecido e não o leitor comum e anônimo - deveria citar apenas 10 livros. Isso, para facilitar, ao final, que se tira a média dos 10 livros, mais importantes da literatura goiana. Quem sabe o Estado não se animaria, ainda, a promover a edição dessas obras, para uma divulgação cultural de Goiás. Já fora? É quando bons frutos para todos não se poderiam obter de um levantamento dessa ordem, que poderia servir de ponto de partida para outras belas idéias que, ao final, redundariam em inteligente promoção publicitária do autor? Que cada um pense no que puder e quiser de bom para a cultura em Goiás de suas ideias, sugestões sob todos os sentidos, porque inteligente e polêmica. Por exemplo: nos colégios e faculdades, os professores de literatura poderiam propor aos seus alunos que fizessem listas dos 10 melhores livros goianos e justificar a escolha de cada um. Etc.

O "meus" 10 livros são:
1. O Tranco, de Bernardo Ellis - retrata uma época da história goiana com força, realismo, honestidade. E

VALDIVINO BRAZ. O espaço não permite que publique os outros, entre os quais se encontra o de ATÍCIO VILAS BOAS DA MOTA, o que será feito na próxima semana. Espero que os escritores e homens de cultura do Estado participem, colaborarem. Tendo começado este

3. Uma sombra no fundo do rio, de Eli Brasilense - a mesma época da história goiana de O Tranco pelo visão e força ficcionista de outro grande escritor goiano.
4. Molésas Santana, de Humberto Crispim Borges - um gigante da imprensa de Goiás (até hoje), cuja vida val para passar com a História de Goiás. Além, os livros de Humberto Crispim mereciam figurar, todos, numa lista dos melhores.
5. Memórias I e II, de Corina Bernardino - outra fase da história goiana que não deverá ser esquecida, não poderá ser esquecida graças à pena bem humorada e contundente de Carmo Bernardino.
6. Birmacelero goiano, de Jesus Barros Hoquinh - uma obra-prima de literatura, um livro de amor e

7. Picumã, de Alair Barbosa - com os olhos de Goiás espica e cru, sem lantejoulas, num retrato (porém pelo lugar-comum) sem retoque.
8. Por esse Goiás afóra, de Joaquim Rosa - o saudoso cronista conta a História de Goiás a seu modo, com sua linguagem franca, honesta e corajosa.
9. Estudos de Quatro Regionalistas de Nelly Alves de Almeida - todos são goianos e um, mineiro, já é, quase goiano. Em seu estudo de obras desses escritores, Nelly Alves de Almeida nos faz compreendê-lo melhor, como, também, nos um pouco mais acerca de Goiás.
10. Poemas em Goiás, de Gliberto Mundaçara Teles - mesmo não estando atualizada, essa obra de Gliberto é o levantamento mais completo e cuidadoso que se fez não só poesia, mas de toda a literatura goiana.

Há, provavelmente, dezenas de outras grandes obras, mas com muita gente, ainda, opinará a respeito, tenho certeza de que elas serão devidamente lembradas, com justiça.

do. Inter-Brme nu- no vai- tentação- Goiás em- itérios, -otecu-

o (as)

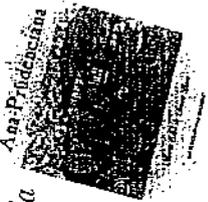
OS DA- A. do Atício- Modesto- Ovida, a ve- possui es- tórios, do- poesia e da-

Para citar- sem compor- os outros- de outros- BROIARA-

SANGUE- Le- Pereira- Poumas -- PEIXES, -- VUIR - LUNDO DO- BRESILIENSE- CULTURA- LITERÁRIOS -- ta Modesto- Romance -

IANA -- Judonça Teles- OVO - Es- muita gente, ainda, opinará a- que elas se- S - Poemas- devidamente lembradas, com nu- JUSTIÇA. -TORIA LI- AR - A C-

Ana Prudenciana



A Prefeitura Municipal de Jataí, através da Superintendência de Cultura, convida V. Sa. e Exma. família para o lançamento do livro "Ana Prudenciana", da escritora Maria Elói de Souza Lima.

Data: 17 de agosto de 2004

Horário: 20:00 horas

Local: Centro Cultural Basileu de Toledo Franca

Avenida Goiás, s/n . Centro . Jataí . Goiás

professora, pesquisadora e escritora, Ana Prudenciana convida a família para a solenidade do lançamento de seu livro *Rede Verde: Política e Progressista - Decolagem para o Desenvolvimento*.

Dia: 11 de agosto de 2004

Horário: 19:30h

Local: Palácio da Intendência

"As pessoas mais belas, não são as fisicamente esculpidas, são as que carregam a alma sem inveja e rancor"

Com carinho sua amiga

Convide

Ata da sessão ordinária da
Academia Goiana de Letras reali-
zada no dia 23 de abril de 1987

Das vinte e três dias do mês de abril de mil novecentos e oitenta e sete, às 17 horas, em sua sede, reuniu-se a Academia Goiana de Letras presidida pelo acadêmico Humberto Diles, conatado com a presença dos confrades Cleitônio Filho, A. Q. Ramos Fúlb, Bernardo Ellis, Nely Alves de Almeida e. Declarando aberta a sessão, o Sr. Presidente deu início ao acadêmico Cleitônio Filho que fez uma leitura da ata da sessão anterior. Colocando em discussão e depois em votação, foi a mesma aprovada. Passou-se em seguida a leitura do expediente que consistiu de: 1º. Partes de agradecimen- tos ao comitê para a sessão de homenagem à memória de J. Paizete de Libera e viradas por Mécias de Souza Costa, José Alcino Ribeiro e Daniel Antônio de Oliveira; 2º. Comitê do Nêctar Aléxico Caruso e Instituto de Língua para a noite de autógrafos do Dicionário da Literatura Carusense - 3º. Ofício do Deputado Pedro Camêdo comunicando as sugestões que encaminhou à Sub-Comissão de Educação, Cultura e Esporte, com vistas à futura Constituição; 4º. Ofício da Imobiliária Garças solicitando sugestões para a nomeação das duas avenidas e transferências do letor "Corá Coralina"; 5º. Carta do Sr. Max Teixeira, de Barra Mansa, solicitando remissão do Revista de Academia; 6º. Artigo enviado pelo Acadêmico Brasil Voldo pedindo em resposta ao poeta José Godoy Garcia; 7º. Jornal "Notícias Acadêmicas" - Informatório da Academia Piauiense de Letras - Ano II - Dezembro de 1987, n.º 14 - 8º. Revista "Azeitona" - órgão de

divulgação do Instituto Cultural Brasil-URSS - Goiás. - Ano 1.º 2; jornal "Elo" da Vilgoiás, janeiro de 1987 fevereiro a março de 87; - 9º. Livro "Cantares de Saudades" - evocações e memórias de Eduardo Henriques de Souza Filho. - Revista do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Amazonas - Manaus, 1987, p. A seguir o Sr. Presidente deu conhecimento do julgamento do processo de Prestação de Contas baseado pelo Diário de Contas considerando as "boas, legais e regulares" e Comunicou ainda ter encaminhado ao secretário de Cultura Kleber Adams ofício solicitando auxílio financeiro de R\$ 25.000,00 para a confecção de dois livros "Corá Coralina". A seguir o acadêmico A. Q. Ramos Fúlb leu o parecer que deu ao requerimento do candidato Bráulio Felício, a vaga deixada pelo acadêmico Carlos de Godoy. - O Sr. Presidente registrou a presença, na sala, do poeta Celso Vaz, recém eleito para esta Academia, que veio convidar os confrades para o lançamento de seu livro "Águas do passado" a acontecer no dia 29 próximo no Centro de Tradições Goianas sob os auspícios da Secretaria de Cultura do Estado. - Por último, o Sr. Presidente declarou que a eleição do candidato à cadeira 25 negociada para esta sessão, não podendo ser realizada por falta número legal, ficará suspensa para o dia 7 de maio próximo conforme edital que fará publicar na imprensa desta Capital. - A seguir foram lidas as atas datadas representativas para este caso na 2ª quinzena do mês, ou seja, dia 15 anteriores de Cesar Baizchi ocupante da cadeira que tem como patrono Domíngos Cristiano cujo falecimento ocorreu há 5 anos no dia 13 de abril de 1982. - Para 28 finalmente, é a data matelício do autor de "Puro" da Brat Linc.

Nada mais havendo a ser tratado, o Sr. Pres-
dente encerrou a sessão secretariada pelo
dileto P. Celutano, de qual, para que virto
depois, passou a presença, que, depois de list
aprovada, vem assinada por todos presentes
sua leitura.

[Handwritten signatures and names]
J. Lopes Rodrigues
Rosângela Fleury
The Skeward
Gimmo Amador
Cesar Baizchi
De P. Ramos Fúlb
Weld
Gimmo Amador
Caiado
Resumo Fúlb

Ata da sessão ordinária
Academia Goiana de Letras rea-
da no dia 7 de maio de 1987
Das sete dias do mês de maio de mil e

CENTRO CULTURAL BASILEU TOLEDO FRANÇA

O Centro Cultural Basileu Toledo França, órgão de regime especial criado pela Lei nº 2.331 de 13/05/2002, subordinado à Superintendência de Cultura e Turismo - SCT, é uma instituição educativo - cultural, sem fins lucrativos e com objetivo principal promover e incrementar o envolvimento cultural no município.

Obra do Governo Humberto de Freitas Machado - parceria com o Ministério da Cultura - inaugurada como parte das comemorações do 107º aniversário de Jataí.

Lei de Denominação
2.331 de 13/05/2002

Área Construída
912,74 m²

Inauguração
08 de junho de 2002

Endereço
Av. Goiás, s/nº - Centro

- Centro Cultural
- Biblioteca
- Diretoria
- Secretaria Administrativa
- Divisão de Serviços Gerais
 - Seção de Referência
 - Seção de Empréstimo
 - Seção Jataiense
- Gibiteca / Brinquedoteca
- Seção de Ação Cultural
- Seção de Áudio - Visual
- Seção Infante - Juvenil
- Auditório



Basileu França era um dos nomes de destaque na Educação

Educador e escritor Basileu Toledo França morre aos 84 anos

Morreu ontem, aos 84 anos, de insuficiência respiratória, o educador e escritor Basileu Toledo França. Há três semanas, ele estava internado no Hospital Neurológico, em Goiânia. Velado no Cemitério Jardim das Palmeiras, o corpo foi sepultado ontem à noite, na presença de um grande número de parentes, amigos, autoridades e ex-alunos. Basileu deixa três filhos, sete netos e um bisneto.

Considerado um dos nomes de maior destaque da educação em Goiás, ele ocupava a cadeira nº 15 da Academia Goiana de Letras, onde ingressou em 1965. Integrou os quadros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e do Instituto de Cultura Americana. Basileu França foi o

reuniu histórias fictícias de amizades de longa data cultivadas quando estudou no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em entrevista ao POPULAR na véspera do lançamento, o professor afirmou que se sentia em débito com as duas cidades, muito importantes em sua vida.

Basileu deixa uma vasta obra literária. Foram 24 livros publicados, entre romances, coletâneas de contos e ensaios críticos a respeito de literatura, história e economia. Um dos volumes de *Músicas e Maestros*, de 1962, escrito com a colaboração do maestro Jean François Douliz, fundador do Conservatório de Música da Universidade Federal de Goiás (UFG); encontra-se na prateleira de obras

Basileu França morre aos 84 anos

Morreu no último sábado, aos 84 anos, o escritor goiano Basileu Toledo França. Há três semanas internado no Hospital Neurológico, o também educador faleceu por insuficiência respiratória e foi velado e sepultado no Jardim das Palmeiras na noite de sábado. Ele deixou três filhos,

netos e bisnetos. Desde 1965, ocupava a 15ª cadeira da Academia Goiana de Letras. Basileu publicou 24 livros, desde romances a ensaios de economia. Sua última publicação foi em 2002 - *Algumas histórias* - sobre amizades que o autor cultivou no Rio de Janeiro e em São Paulo.

NOTA DE AGRADECIMENTO

A Família de **BASILEU TOLEDO FRANÇA** gostaria de agradecer a equipe médica do Instituto de Neurologia de Goiânia, especialmente ao Dr. Sebastião Eurico, Dr. Alberto Las Casas, Dr. Luiz Zanini, Dra. Edna Rocha, Dra. Alessandra Dorça, Dr. Sérgio Unes e todo o corpo de enfermagem, pelo carinho e dedicação com que ele foi atendido.

Convite Para Missa de 7º Dia

BASILEU TOLEDO FRANÇA

JOULE ENGENHARIA comunica o falecimento do pai de seu Diretor, José Manuel Toledo França, e convida funcionários, clientes e fornecedores para a Missa de 7º dia a ser celebrada nesta 6ª feira, 28/11/03, às 18:00, na Paróquia São João Bosco à Alameda dos Buritis, 485 Setor Oeste.



Por mais este ato de fé e amizade a empresa agradece.

O Popular

GOIÂNIA, quinta-feira, 4 de março de 2004

HOMENAGEM

O professor e escritor Basileu Toledo França, que morreu em novembro do ano passado, será homenageado pela Academia Goiana de Letras durante sessão magna em sua memória, hoje, às 17 horas, no auditório da AGL (Rua 20, nº 175, Centro). Ele era membro da academia, onde ocupava a cadeira nº 15. O pronunciamento será feito pelo acadêmico Martiniano José da Silva. Basileu escreveu 24 livros, entre romances, contos, ensaios, obras memorialísticas e biografias. Exerceu o ofício de professor por 50 anos, passando por instituições como IEG e UFG. Foi ainda colaborador de veículos de comunicação de São Paulo e Goiás, entre eles o jornal O POPULAR.

4 - O - Martiniano José da Silva autografa hoje livro em que mostra a opressão contra os escravos negros

Resistência nos quilombos

Uma

na do OMR/Revista

O historiador Martiniano José da Silva autografa hoje, às 20 horas, no Memorial do Cerrado, o livro *Quilombos do Brasil: Violência e Resistência*. Na oportunidade, o au-

tor, junto com outras pessoas, será homenageado pelo trabalho em prol da dignidade humana.

- Martiniano Silva é um profundo estudioso do racismo e da escravidão no Brasil e especialmente da região Centro-Oeste. Neste livro, o terceiro sobre o tema, Martiniano faz um estudo criterioso sobre a saga e a resistência dos negros. "Meu livro é uma abertura, um começo, diz o

autor, que pesquisou durante oito anos e visitou várias comunidades negras remanescentes de quilombos para escrever os mais de 300 páginas da obra.

Segundo Martiniano Silva, *Quilombos do Brasil Central* "procura encaixar, contextualizar e narrar a chegada do escravismo colonial e seu longo processo de colonização, violência e dominação de Mato Grosso e Goiás, tendo como contraponto a resistência dos escravos de origem africana". O livro cobre o período de 1739 a 1799.

A "unidade básica" da rebelião dos escravos foi o quilombo. O autor aponta as regiões de Mato Grosso, Goiás, Minas, Triângulo Mineiro e Tocantins onde os negros criaram comunidades e até ameaçaram a dominação portuguesa. No Vale do Paraná, região norte de Goiás e sul e sudeste do Tocantins os negros conseguiram se organizar em comunidades e produziram

Martiniano Silva descobriu que negros começaram a se unir aos índios e isso provocou um grande medo que eles tentassem



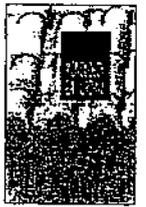
Historiador mostra a capa do livro *Quilombos do Brasil Central* em uma sessão de autógrafos.

aqueles terras dos portugueses. João Manoel de Melo, que governou Goiás de 1760 a 1770, precisou mobilizar grande número de homens para sufocar os quilombos."

A resistência escrava no Brasil Central foi negligenciada, na análise de Martiniano Silva, pela semelhança do cerrado com a savana africana. "O cerrado era rico em frutos, caça e pesca. Num primeiro momento, os escravos rebeldes tiraram a subsistência da natureza, depois passaram a produzir milho, mandioca e uma infinidade de produtos. Na região do Paraná, tinham cultura penene de banana."

Martiniano Silva resalta a forte presença negra em todos os aspectos da sociedade goiana. "Em cidades como Goiás, Pirenópolis e Santa Luzia, os brancos precisaram da contribuição do negro para fazer tudo que fizeram na área da música." O livro *Quilombos do Brasil Central* é uma obra indispensável para quem quer entender a história de Goiás e da região Centro-Oeste em suas vertentes.

Basileu volta à infância em 'Monólogos da Surdina'



Vigésimo terceiro livro do autor é o primeiro de uma série que pretende contar toda a história do escritor e de sua família

CARLA DE OLIVEIRA

O escritor goiano Basileu Toledo França relembra a sua infância em *Monólogos em Surdina*, livro que acaba de lançar. A obra se detém nos 12 primeiros anos da vida do autor, com memórias e confissões. Basileu volta às origens de sua família e mostra o caminho que trouxe a Goiás seus antepassados, que formariam a família Toledo França.

Esse é o 23º livro do escritor, que utiliza de monólogos para relatar partes de sua vida. A obra, segundo Basileu, é oferecida aos três filhos e sete netos, que sempre tiveram interesse em conhecer a história de seus antepassados. *Monólogos em Surdina* é o primeiro livro de uma série, que deverá contar toda a vida do escritor, desde as peripécias da infância, passando pelo amadurecimento e pelo casamento em São Paulo, até a mudança para Goiânia.

O livro também relata o romance dos pais de Basileu, a morte precoce do pai, aos 28 anos, e a vida difícil no interior de Goiás. "Eu sofri muito para fazer esse livro, porque tive de reviver tudo. Uma história de pobreza e dificuldades, que fez com que minha mãe e meu avô me mandas-



Basileu Toledo França reconta, na forma de monólogos, os primeiros 12 anos de sua infância no livro *Memórias da Surdina*, lançado no final de dezembro

sem morar com tios no interior paulista", afirma. Basileu nasceu em Jataí, em 18 de setembro de 1919, e mudou-se para Rio Preto, São Paulo. Foi lá, que 13 anos depois, casou-se com Ada Gomes França, seu único amor.

O autor conta 12 anos de vida em 85 monólogos. "A

história é um relato da minha vida e da vida de famílias do interior de Goiás na década de 20", diz. Basileu, que vive em Goiânia desde 1955, já está preparando a segunda parte de sua autobiografia.

Mundo Recriado contará sua história e de sua família de 1931 a 1945. A obra já foi

iniciada. O projeto prevê ainda a confecção de mais dois volumes, *Profêrio Quase Perfêto* (1945-1955) e *Cinzas do Tempo* (1955-). "Apesar de ter me mudado cedo de Goiás, nunca esqueci minhas origens e tenho um profundo amor pela minha cidade", afirma.

Monólogos em Surdina, pu-

blicado no final de 2000, foi lançado na véspera de Natal, durante uma ceia na casa de Olga França de Almeida, filha mais velha do autor. O lançamento reuniu toda a família, inclusive netos nascidos na Suíça, que vieram ao Brasil com o intuito maior de receber das mãos do avô suas me-

mórias e de sua família, apresentada em 336 páginas, foram editados apenas exemplares, que estão sendo distribuídos para familiar e amigos pelo próprio escritor

Thiago: *Monólogos em Surdina*
Atrás: Basileu Toledo França
Folha 2/16
Exemplares distribuídos pelo autor

Mestre polivalente

Basileu Toledo França não é apenas um romancista e ficcionista. É um pensador, teórico da comunicação, ensaísta, jornalista, crítico literário, tradutor e professor universitário. Seu livro *Algumas Histórias*



de poemas e contos, *Não Gostaria de Ser Gôndola*, narra o cotidiano e a história pessoal a interseção do Brasil. *Quarta* de terminações a literatura desse conto sobre a loucura, ou melhor, sobre o que a realidade faz com as pessoas, que somos mais. É um conto que contém a história de um namorado. Qual o segredo de Basileu? Não escrever de forma



pomposa, para compreender a prosa moderna dos autores de James Joyce.

O livro vem com introdução na coleção José J. Veiga, pela

Agência Goiana de Cultura. Mas não trabalhe com o conto de Negrão.

O Popular GOIÂNIA, segunda-feira, 22 de abril de 2002



Basileu lança 'Algumas Histórias'

O escritor Basileu Toledo França lança às 16 horas, na Academia Goiana de Letras, na qual é o titular da cadeira nº 15, o livro *Algumas Histórias*, que integra a Coleção José J. Veiga, da Agência Goiana de Cultura.

"O Triângulo Mineiro foi território goiano até 17 de maio de 1816, quando passou para Minas Gerais a pedido dos habitantes de Araxá e Desemboque"

BASILEU TOLEDO FRANÇA

A integração do Sudoeste

O escritor e historiador Basileu Toledo França registra a entrada do automóvel no Sudoeste e resgata a história da região

FILADELFO BORGES
Especial para o Jornal Opção

Intingu-me a indiferença do povo do Sudoeste goiano diante de um fato revolucionário na região, que foi a chegada do automóvel, em agosto de 1916. Fico a imaginar as duas mais populosas — já o eram naquela época — cidades sudoestinas, Rio Verde e Jataí, quando ele se deu.

O jataiense Basileu Toledo França descreve, no capítulo 4 dessa sua valiosa obra, como eram essas paragens antes do automóvel. Diz ele que, em 1918, terminada a Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola penetrou no Sudoeste ceifando muitas vidas, e as cidades — mantiveram em permanente sobresalto pelas consequências das epidemias de gripes e sanitários, os contatos das populações entre si e com o Triângulo Mineiro eram precários, difíceis e morosos, pois só conheciam o carro de bois e a tropa para cargas e o cavalo ou mular para os viajantes... Era um mundo tranquilo e lento, onde, embora feliz com a prole crescendo e o gado aumentando, o sudoestino de certo modo vegetava, enquanto o tempo escorria pavorosamente, no ciclo diário do sol e nos bojudos relagos de parede, que vinham da Europa e Estados Unidos, via São Paulo

"As famílias pioneiras, que desbravaram e começaram a encher os vazios daquele território por volta de 1820, esmeravam-se na construção de casas sólidas nas povoações, onde nem sempre residiam todos, mas ali se reuniam com certeza em datas de casamento, enterros e batizados. Muito especialmente nas dias festivos dos santos de devoção geral: Divino, São Sebastião, N. S. do Rosário e outros, aos quais já tinham erguido igrejas e vinham pedir todo ano a proteção para a família e os rebanhos, em movimentadas novenas com telão e bandinhas de música" (página 79).

O Sudoeste de Goiás esperava, naquele tempo, lembra o autor, a estrada de ferro que o tirasse "do marasmo e do desalento, apesar das imensas riquezas em potencial" (pág. 80).

Essas riquezas em potencial de que fala Basileu me conduziu às páginas do meu modesto trabalho — a que chamamos de livro — intitulado *Jataí do Meu Tempo* (publicação particular, lançado em maio de 1998) — porque ali escrevi que o italiano Antônio Gedda, residente em Torino, veio ao Brasil, lá pelo fim do século 19 e início do século 20, a fim de visitar um seu irmão morador no interior de São Paulo. Concretizada esse propósito, aventurou-se pelos sertões até chegar a Jataí, e ao fazê-lo percebeu que havia muita riqueza e muito futuro nessa terra. Então à Itália regressou para trazer a família composta pela esposa Celeste, pela filha Catarina e pelo filho José. Celeste ao Brasil não se adaptou, retornando à pátria. Ao port. Antônio a acompanhou, depois de demorados dias de cansativa viagem a cavalo. No Brasil, Catarina deixou o marido e o filho José. Nunca mais se viram, nunca mais se encontraram. José se casou em Jataí com Ana Soares e aí faleceu no ano de 1953 (seu pai o fizera em 1922). Desse



Basileu Toledo França resgata história

casamento nasceu Antônio Soares Gedda, sete vezes vereador em Jataí e prefeito de 31 de janeiro de 1959 a 31 de janeiro de 1961.

Não foram somente a esposa e o casal de filhos que vieram da Itália com Antônio, nessa oportunidade. Trouxe o padeiro Vítorio, o oleiro Albino Coltro, o também fazedor de tijolos conhecido por Martins, o horticultor Serafim Bernasini, além de Manganelo e Antônio Conti, e o de maior presença entre eles, o construtor Felix Toffani, que construiu o Cemitério São Miguel, de Jataí, e o do mesmo nome em Rio Verde. Tratava-se de um homem de muita participação na vida social sudoestina.

O jornal *O Jataí*, no seu número 78, de 1º de outubro de 1912 (página 80 da obra em evidência), publicou: "Em 91 (1991) por aqui passou a comissão de engenheiros, encarregada, pelo governo federal, para proceder a estudos preliminares de uma linha de ferro estratégica que deveria ser construída pelo mesmo governo, partindo de Uberaba e Coxim, no Estado de Mato Grosso. Foi chefe dessa comissão o ilustre engenheiro Paulo Souza, apresentando um relatório das explorações que fizera, o qual muito honrou ao seu autor.

Estando o país no início do regime republicano, lutando o governo com sérias dificuldades para consolidar as novas instituições, deixou de levar avante esse empreendimento que, de modo notável, viria desenvolver o Brasil Central.

Eleito Rodrigues Alves presidente da República em 1902, foi um dos seus primeiros cuidados tratar desse magno problema. O traçado, porém, de Uberaba a Coxim, não traria vantagem alguma para o Estado de São Paulo, e Lauro Müller, então ministro da Viação, de comum acordo com o presidente da República, não trepidou em dar outra direção à importante linha

estratégica. Estava em ordem do dia a célebre estrada de ferro Sorocabana, que foi encampada pelo governo federal, fazendo partir este, das seus trilhos, a hoje importante estrada de ferro Noroeste do Brasil, com enorme prejuízo para Minas e Goiás e inculcáveis vantagens para S. Paulo, que vai chamar para si todo o comércio do sul de Mato Grosso, até águas do Paraguai e parte da Bolívia. Foi muito comentado o descaldo de Minas, que tendo na Câmara Federal trinta e sete representantes, deixasse outro Estado tirar-lhe esse traçado com sérios prejuízos para o seu desenvolvimento econômico" (páginas 80 e 81).

O autor de *Cavalos de Rodas e Trilhos* — sem ser prolixo. Tivesse ele se preocupado em contar, com beleza literária, como o fez, somente a primeira viagem de automóvel ao Sudoeste de Goiás, já se faria credor da gratidão de todos os goianos preocupados com suas raízes. Seu livro informa por meio de uma linguagem simples e agradável. A pena de Basileu vai a tempos mais recuados, como o diz o próprio título do primeiro capítulo: *A História do Homem: Um Mundo Só*. O capítulo seguinte se concentra nas origens do automóvel!

VIAGEM PIONEIRA — Retornando ao ponto principal do livro, escreve:

"Tudo que se esperava desde 1891, correndo em cima de trilhos de ferro, chegaria sobre pneus e rodas de pau, criando novas esperanças para a gente operosa da região, que a construção de Brasília no Plano Central viria consolidar em definitivo na década de 80" (página 84).

Basileu, na página 84, diz que o feito — digo que foi epopéia — dessa viagem pioneira deve-se a Ronan Rodrigues Borges e Sidney Pereira de Almeida, e que se constituiu em absoluto sucesso, "apesar da descrença de algumas cassandras, e a primeira viagem nós vamos conhecer daqui a pouco em minúcia, para avaliarmos na justa medida a fé, a coragem e o descontento das que não sabiam compreender o importante papel do veículo motorizado na vida do nosso povo, com inúmeras consequências imediatas e remotas. Na economia, nos usos e costumes. Na psicologia coletiva. Na vida diária de toda a gente. No aumento da riqueza. Nos contatos com áreas mais desenvolvidas do país. Na maior agressividade do setor comercial. No melhor senso de conforto e nível de vida. Na criação de uma mentalidade aberta ao progresso material e às técnicas. Enfim, no progresso cultural" (página 84).

O espaço que vai da página 85 a 110 é dedicado à influência do Triângulo Mineiro na economia goiana e nos grandes ideais de Ronan Rodrigues Borges. Assim escreve Basileu:

"O Triângulo Mineiro, assim denominado em 1875 pelo ilustre médico, professor, jornalista, e padre francês Henrique Raimundo Des Genettes, antes se chamou Sertão de Fariinha Podre e foi território goiano até 17 de maio de 1816, quando passou para Minas Gerais a pedido dos habitantes de Araxá e Desemboque, grandes criadores de gado, que não se conformavam em pagar 500 réis de imposto sobre cada cabeça exportada para outras províncias".

O intercâmbio acentuado e "a corrente migratória de lá para cá" não impediram, lembra o historiador, a troca de produtos entre as duas regiões, "fazendo de Uberaba e de São Pedro de Uberabinha, bem mais tarde, os entrepostos comerciais para onde fluíam nas 8

ISTO É GENTE
A REVISTA DE QUEM FAZ E ACONTECE

Natureza
Pisos no jardim

Auto esporte
MONDA CIVIC

REVISTA QUE ENSINA A GANHAR DINHEIRO COM ALIMENTAÇÃO
FOOD
JÁ NAS BANCAS

Martiniano na Academia Goiana de Letras

Em solenidade no último dia 10 de agosto, presidida pelo prof. José Fernandes e prestigiada por expressivas figuras do mundo cultural de Goiás, o escritor Martiniano José da Silva foi empossado na cadeira nº 12 da Academia Goiana de Letras, na vaga deixada por José Dilemmando Meirelles.

Saudado pelo acadêmico Aldenor Aires, Martiniano é enfatizado como aquele que, inobstante à sua tarefa de advogado, quis e está querendo inserir os segmentos marginalizados - particularmente o negro - no processo político-cultural do Brasil.

"De fato, (...) tem-se desdobrado em anima-

do cultural, provocando discussões históricas dos quilombos, além da polêmica geográfica sobre limites à atualização do

para ida a movimento de unificação da raça noutros estados. DISCURSO Martiniano, autor

nal, em Mineiros, a demnia pertence.

Seu pousou muito na li de suas origens e res por onde passavam as anotações e o preito de mento que a oca ce, lhe impunha preocupação que fez arte da palavra; desse chão de co (...) desse cenário bucólica e romã verdadeira, venho de sertaneja, das hist entas que minha av lava... venho das estreitas, do me jurema, da minha v brava, em que am jumento mansoso levava para as pri tras". O belo disc surge da supressã de detalhes circunstar o empossado, ach às pessoas e aos pi los. A AGL e oute des culturais prest acontecimento.

Goianidade Caeté

José Luiz Bittencourt

Alagoinha de Matriz do Caramuru, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito - nossa tradicional escola de ensino superior - e homem de imprensa, Francisco Braga Sobrinho vivenciou em Goiânia alguns dos mais felizes momentos de sua existência. Vem para Goiás em servir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, abençoado por Teixeira de Freitas e muito bem preparado para dirigir o importante órgão, que é um núcleo de civismo, de trabalho e de amor ao País. Esteve no Acre, em Serjipe e no Paraíba, vindo depois unir-se, pelos laços do matrimônio, à Maria Georgina Mascarenhas, havendo o casal quatro filhos.

Em Maceió, foi repórter do Jornal de Alagoas, mas em Goiás se tornou superintendente dos Diários Associados, portador da confiança do embaixador Assis Chateaubriand, capitão de uma cadeia de veículos de comunicação que também militou na política e na diplomacia. Coube-lhe, em Goiânia, dirigir a folha de Goiás, um de nossos mais importantes jornais, fundado sob a inspiração do idealismo de jovens como Castro Costa, Waldemar Gomes de Melo e Edson Hermano. Daí por diante, com muita prudência, lucidez e estilo empresarial, atuou em diferentes setores de nossa sociedade e prestou bons e relevantes serviços ao nosso Estado.

Hoje, desfrutando de sua aposentadoria pelo Condomínio dos Diários Associados, Francisco Braga Sobrinho reside em Brasília e lá, na tranquilidade do Lago Sul, escreve suas memórias, que já reuniu em três livros: *Minha Terra, Minha Gente, Na Terra do Ipê Amarelo e Goianidade Caeté*. Este último acaba de sair a lume, editado pela Verano e Comunicação, contendo reminiscências pessoais que dividiu em sete capítulos, o primeiro dos quais conta suas lembranças da terra dos marechais que proclamaram a República e governaram por algum tempo.

Em *Goianidade Caeté* está nitidamente retratada a profunda amor que o velho jornalista devota a Goiás, à Vila Boa, à gente generosa e hospitaleira do Estado que o acolheu na década de 40. Por Goiânia, ele declara uma paixão

disquietante e recorda os alegres dias aqui vividos, especialmente os amigos Francisco Baldurino Souza Cruz, Jaime Câmara, Joaquim Faria, Afídio Teixeira, Segismundo Melo, Lucas Arantes, Lisboa Machado e tantos outros de alicia participação em nosso mundo social e político. Fala do batismo cultural da cidade, do 8º Congresso Brasileiro de Educação, das Assembleias Gerais dos Conselhos de Geografia e Estatística, da primeira exposição de produtos agropecuários, da figura de Teixeira de Freitas, secretário geral do IBGE, que foi o grande artífice do importante evento cultural e conhecido como o servidor público número um do Brasil.

O livro é, por sem dúvida, uma viagem sentimental de Francisco Braga Sobrinho pelo Goiás do passado e por Goiânia de cinco décadas já vencidas. Uma viagem que tem como companheiro o dominicano frei Síndio, de quem era hóspede quando visitava a cidade de Vila Boa. É um relato também sobre a família Barros Pimentel, de João Popinha Mascarenhas e Alice, pais de Georgina, cujos avoços dominaram as margens do Rio São Francisco entre Própria e Néopolis, no Estado de Sergipe. No Dicionário Bibliográfico Sergipano, de autoria do meu tio materno Armino Cordeiro Guarand, notabilíssimo e feroz juiz de alta cultura cultural clássica, há registro de personalidades ligadas ao pai de José de Barros Pimentel, nascido em Martinim e um combativo jornalista nordestino.

São do novo livro de memória do meu prezado amigo que, com destemido, bastante carinho e pulso firme, dirige a Folha de Goiás e aqui foi personagem de páginas memoráveis de sua história existencial. Oxalá, a geração de hoje saiba compreender o que foi a luta do passado para que nosso Estado ocupasse, com brevidade, o espaço que estava reservado na comunidade brasileira. Sou testemunha dessa luta de heroísmo e de sacrifício, sou pioneiro de Goiânia e, com muito orgulho, pai de numerosa família de Goias.

José Luiz Bittencourt é membro da Associação Goiana de Imprensa, Academia Goiana de Letras e ex-vice-Governador de Goiás.



Martiniano, observado pelo presidente José Fernandes, toma posse na AGL.

debate ambiental". Nessa tarefa, acolhendo a bandeira do negro, ora empossado da AGL, promove uma via-sacra por Goiás, no que territorialmente extrapola

de diversos livros - dentre eles, "Sombra de Quilombos" (74) - é baiano de origem humilde, com passagem por Mato Grosso para sua sediação, cultural e profissio-

O Popular

GOIÂNIA, domingo, 30 de junho de 2002

Injustiças contra Mineiros

MARCELO DE SILVA

Em sua longa e fértil vida pública, o jornalista e escritor de Minas, José de Barros Pimentel, sempre se preocupou com a melhoria da vida dos mineiros. Foi um dos principais articuladores da luta por uma educação pública de qualidade em Minas Gerais, atuando em diversas instâncias, desde o Conselho Estadual de Educação até o Conselho Nacional de Educação. Sua obra é marcada por uma profunda preocupação com a realidade social e cultural dos mineiros, especialmente em relação à educação e à cultura popular.

Em sua obra, ele aborda a importância da educação para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ele defende a necessidade de uma educação pública de qualidade, que seja capaz de proporcionar aos mineiros as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios da vida e da cidadania.

Seu trabalho também se refletiu na criação de instituições e projetos que visavam à melhoria da vida dos mineiros. Ele foi um dos principais responsáveis pela criação do Conselho Estadual de Educação e do Conselho Nacional de Educação, órgãos que desempenham um papel fundamental na regulação e no desenvolvimento da educação pública em Minas Gerais e no Brasil.

Além disso, ele também se dedicou à produção de obras literárias e jornalísticas que abordavam questões relacionadas à educação e à cultura popular. Sua obra é uma rica fonte de informações e reflexões sobre a realidade dos mineiros e sobre a importância da educação para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Em sua obra, ele também aborda a importância da cultura popular para a construção de uma identidade e de uma consciência coletiva. Ele defende a necessidade de valorizar e promover a cultura popular dos mineiros, que é uma expressão importante de sua história e de sua identidade.

Seu trabalho também se refletiu na criação de instituições e projetos que visavam à melhoria da vida dos mineiros. Ele foi um dos principais responsáveis pela criação do Conselho Estadual de Educação e do Conselho Nacional de Educação, órgãos que desempenham um papel fundamental na regulação e no desenvolvimento da educação pública em Minas Gerais e no Brasil.

Além disso, ele também se dedicou à produção de obras literárias e jornalísticas que abordavam questões relacionadas à educação e à cultura popular. Sua obra é uma rica fonte de informações e reflexões sobre a realidade dos mineiros e sobre a importância da educação para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

PE REGISTRO CULTURAL
Alesg
GA
DAS
 ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DO EXTREMO SUDOESTE DE GOIÁS

Departamentalização da Alesg foi aprovada em Quirinópolis

A Academia de Letras e Artes do Extremo Sudoeste de Goiás em reunião realizada em Quirinópolis dia 19 de maio, aprovou a reestruturação da entidade em departamentos e demais alterações.

A departamentalização prevê uma reestruturação organizacional, possibilitando

uma diretoria de embudo em cada cidade em que haja acadêmicos e também uma diretoria por distritos locais, por fim no campo setorial haverá o setor de apoio de embaixador e a coordenação de outros programas e projetos específicos de projetos

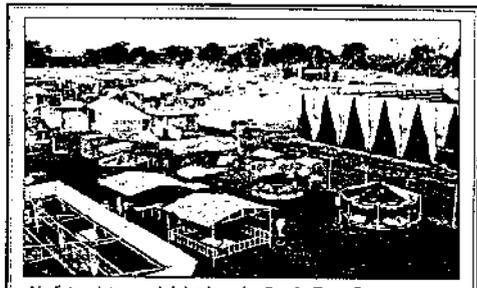
Alesg antecipou posse da diretoria e aprovou ato público para outubro

Antecipando um ato público de posse da diretoria em 17 de maio, a entidade foi aprovada no município de Quirinópolis, de acordo com o parecer da comissão de assessoria da entidade na cidade. A data foi escolhida para oportunizar a presença de representantes de todas as cidades do Estado de Goiás que vão participar do evento do Conselho Nacional de Letras e Artes em novembro de 2004 em Goiânia.



Livro de capa da obra Pegadas, iniciativa da Academia de Letras e Artes do Extremo Sudoeste de Goiás.

CACU-GO, 15 DE JULHO DE 2004



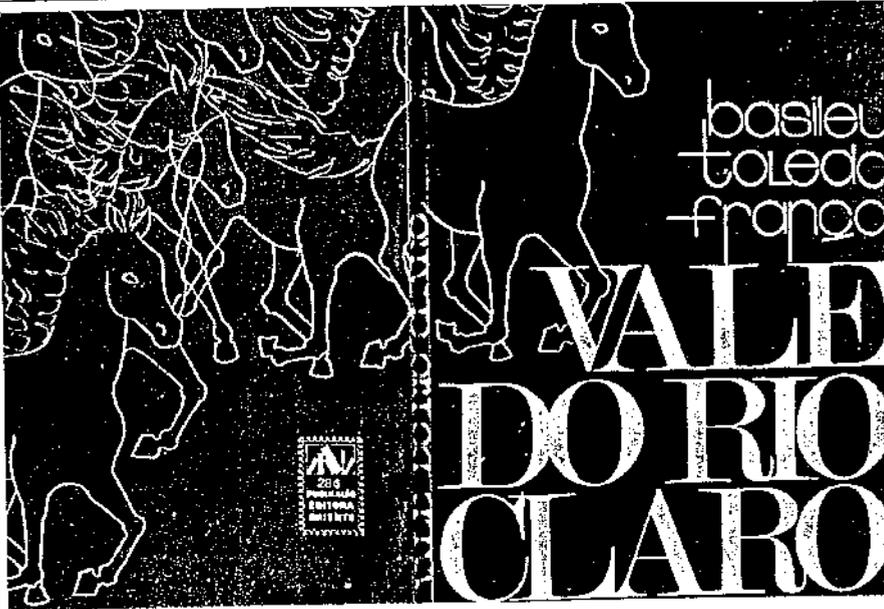
Na foto, vista parcial das instalações da ExpoCaçu em 2003.

Vem aí mais uma ExpoCaçu

Academia de Letras e Artes do Extremo Sudoeste de Goiás Editora Regional de Cultura e Comunicação
 Resolução Normativa nº 01/04, de 13 de junho de 2004
 Dispõe sobre a instituição do Concurso Pegadas de Arte e Literatura 2004/2005.

Art. 1º - A Academia de Letras e Artes do Extremo Sudoeste de Goiás-Alesg e a Editora Regional de Cultura e Comunicação Edirecom, com sede na cidade de Caçu, Estado de Goiás, instituem conjuntamente o Concurso Pegadas de Arte e Literatura, subdividido em dez categorias, envolvendo participantes nascidos ou residentes no região que compreende a base territorial da Alesg, compreendendo as cidades de Aparecida do Rio Doce, Aporeó, Cachoeira Alta, Caçu, Governador Valadares, Itaculândia, Itajá, Itarumã, Itapuaçu, Paranaçu, Quirinópolis e São Simão.

- § 1º - O Concurso Pegadas de Arte e Literatura compreenderá dez categorias:
- I - Prêmio Pegadas de Literatura em prosa, contos e crônicas;
 - II - Prêmio Pegadas de Literatura em verso;
 - III - Prêmio Pegadas de Música, para compositores;
 - IV - Prêmio Pegadas de Música, para intérpretes;
 - V - Prêmio Pegadas de Artes Plásticas, óleo sobre tela;
 - VI - Prêmio Pegadas de Artes Plásticas, escultura;
 - VII - Prêmio Pegadas de Poesia Falada, texto;
 - VIII - Prêmio Pegadas de Poesia Falada, interpretação;
 - IX - Prêmio Pegadas de Poema Cantado - poema;
 - X - Prêmio Pegadas de Poema Cantado - ilustração.
- § 2º - O concurso será realizado em três fases, cada fase com premiação e prêmios específicos, com classificação de até dez trabalhos em cada categoria:
- I - Escolar;
 - II - Municipal;
 - III - Regional.



Escritor de talentos pesticidas na destruição do VALE DO RIO CLARO

O escritor e ensaísta Basileu Toledo França pode ser apontado, com justiça, como um dos estudiosos mais sérios do sudoeste goiano, sob os diversos ângulos de que essa próspera região é constituída. Sua interpretação desta região geo-econômica é profunda, e abarca vários ramos do conhecimento. Até mesmo na ficção o talento deste intelectual se manifesta, e é aí que ele consegue retratar, com sagacidade, a saga que os humanos vão tecendo, no cotidiano de suas vidas, muitas vezes conflitadas. Pioneiros, outra obra deste autor, é uma verdadeira saga do desflorescimento da região do sudoeste goiano: "Apresenta-se como romance, e assim constituiria e iniciação de Basileu Toledo França na criatividade literária". Falando sobre a Faculdade de Educação de Rio Verde, Basileu diz: "deseja que ela cumpra suas verdadeiras finalidades, e não dê continuidade à verdadeira praga, que é o bacharelismo." "Essa praga

Se alguém existe que conheça profundamente o sudoeste e ama sua gente e a saga de trabalho que promovem no dia-a-dia, este é Basileu Toledo França. Escritor, historiador, ensaísta de mérito, Basileu pode-se envaidecer de estar profundamente identificado com o sudoeste goiano, não apenas pelo fato de ser goiano e, sim, por motivações mais complexas e mais profundas: inlôntre sensível e acurado das vivências sudoestinas, este escritor foi tomado de paixão pela realidade desta próspera região geo-econômica de Goiás. A obra deste jalense por nascimento n, por vocação, é vasta, destacando-se na área do ensaio, onde o autor se revela pesquisador minudente e analista lúcio. Seu último livro, Vale do Rio Claro, traz histórias, reais ou imaginadas, acontecidas na memória ou no Vale do Rio Claro que Basileu tanto ama. Odory Ottoniel da Cunha definiu bem a natureza do trabalho que vem sendo desenvolvido por este ensaísta: "Trata-se da introdução de uma obra vasta e constituída, dentro da fênica do ensaio moderno, instimável contribuição ao conhecimento, não só do território terra-homem como ao estudo mais aprofundado e conjunto de outras regiões geo-econômicas que integram a realidade goiana dos nossos dias. Partindo de estudo da terra, nos seus mais variados aspectos", ressaltou Odory Ottoniel — o autor se detém na análise percuciente de seu povoamento, estudando-o e o desenvolvimento econômico, concluindo pela defesa ardorosa e excentemente documentada penetração em Goiás: pelo sudoeste. "Nos trilhos da estrada de ferro Aragarquense, empreendimento do mais alto alcance". Com uma linguagem fluente e um talento de narrador que não pretende complicar com a introdução de modernismos, Basileu conta histórias densas de conteúdo humano, onde revela arguto observador dos pequenos e grandes dramas que marcam a passagem dos humanos por este planeta.

SERTÃO DO RIO CLARO
Para o crítico Domingos Félix de Sousa, Vale do Rio Claro é uma obra destinada a afirmar-se como um dos bons lançamentos do momento literário: "Em princípio, o autor não faz ficção, destacando-se no meio intelectual do Planalto como um dos nossos mais lúcidos ensaístas. Exemplo de escolar dedicado, verdadeiro beneditino das letras, pesquisando, perquirindo fontes, confrontando incansável os dados controversos do nosso passado cultural, vem com firmeza construindo uma obra, sua obra, para a qual seu espírito se acha voltado. Mas, à margem dessa profícua e brilhante atividade em pesquisas, foi acumulando um acervo de produções que transcendiam do intento e se corporificavam, afinal, em projeto de livro autônomo. Bom projeto, porém, o título não afirmava nem significava mais que simples aferição de volume. De súbito, entretanto, se percebera a sua continuidade fundamental: resíduo de vivências humanas hauridas ao compasso das longas buscas de que resultariam Pioneiros (1954), Sudoeste, tentativa de interpretação (1959), Música e Maestros (1972), tudo girava em torno do desbravamento do sudoeste goiano, a sedimentação de um grupo social marcadamente diferenciado, a constituição do Sertão do Rio Claro em nova fronteira humana. E eis aí delinida a referência ideal

Verde, Corrente, Verdão, Apore e outros rios, o mesmo crime que estão cometendo em quase todo território do país: As máquinas poderosas raspam o solo, a pretexto de limpá-lo, revolvendo o humus e deixando-o, muitas vezes, impregnado de pesticidas. Os animais, que na minha meninice eram abundantes nos vastos campos do sudoeste, foram acudados no bolsão do Parque das Emas, perto das nascentes do Araguaia, no município de Mineiros. E o seu último refúgio para escapar da perseguição e da morte que lhe move impiedosamente o homem. Por nada. Pelo prazer de matar. Por tudo isso, o Rio Claro de hoje, com sua grande bacia, não tem a mesma estrutura ecológica de poucos anos atrás".

DADOS FOLCLÓRICOS
O crítico Domingos Félix de Sousa considera o livro Pioneiros uma saga do desflorescimento da região do sudoeste: "Apresenta-se como romance, e assim constituiria a iniciação de Basileu Toledo França nos terrenos da criatividade literária. Entretanto, este livro vai justificar a surpresa do leitor ante a nova face de seu espírito como acabado e admirável contista à me, fruto daquelas acuradas pesquisas, anule panel histórico, não chega a alcançar a transcendência do real que constituiu a essência mesma do romance, oferecendo, pelo contrário, precioso repertório de informes históricos, dialetológicos, geográficos, sociológicos, enfim. Mas essa qualidade essencial do estudioso, apurada no exercício e no hábito de inúmeras entrevistas com os velhos da região, o condicionariam à realização final dessa entretida colcha de retalhos que é o repertório notável de evocação do Vale do Rio Claro, trabalho de arte alicerçado no substrato da verdade social, em que não se sabe mais o que admirar, se a qualidade dos elementos reportados ou se o resultado estético, o acabamento artístico, a forma exemplar do conjunto; pois, com efeito, sem qualquer intenção de criatividade, fábulas e causos ouvidos e fielmente trasladados, as estórias aqui reunidas primam, no entanto, pela qualidade, pela forma exemplar, pela pureza e precisão da linguagem, tudo sem prejuízo do essencial interesse narrativo. Conclindo magistralmente a verdade sociológica e a condição artística, é Basileu Toledo França dos que poderiam de si próprio repetir, com o mesmo precursor Cristiano Tavares, a lição de estilo que abre sua profissão de fé literária: "Eu sou dos que pensam que, descrevendo os indivíduos como eles são, como eles sentem, contribui-se ao vivo para o estudo dos costumes dos povos".

PAISAGEM CULTURAL MODIFICADA
Respondendo, no Museu da Imagem e do Som da ABL, uma pergunta de Modesto Gomes sobre se a Universalidade que funciona em Rio Verde está modificando realmente a paisagem cultural do sudoeste, o autor de Vale do Rio Claro respondeu: "trinta anos atrás, ou pouco menos, todas as crianças lutavam pela instalação de um ginásio ou uma escola normal, em seus domínios. Isso constituía a necessidade mais premente, que os políticos e administradores públicos procuravam atender, nem sempre de modo criterioso. Plantaram então ginásios e escolas normais em quase todos

Goiania, 27/05/79
Página 2
Miguel Jorge

NOVOS LIVROS. LIVROS NOVOS
A Civilização Brasileira acaba de colocar em circulação o n° 10 de "Encontros com a Civilização Brasileira": Moacyr Félix. Parâmias do Poeta e seu Firm, Henrique De Lima Vaz: Crise da Puc: Descendo aos Raízes: Norbert Lechner: O Significado dos Direitos Humanos para os países Capitalistas Desenvolvidos. Hélio Jaguaribe-Estados Unidos: Sistema Democrático e Relações com o Terceiro Mundo. José Graziano Da Silva e Francisco Graziano Neto: Dois enfoques sobre a Agricultura no Brasil. E tantos outros artigos de vital importância.
Vale Do Rio Claro: Basileu Toledo França, publicação n° 284 da editora Oriente. A apresentação é de Domingos Félix de Sousa: "... fábulas e causos ouvidos e fielmente trasladados, as estórias aqui reunidas excellem no entanto pela qualidade, pela forma exemplar, pela pureza e precisão da linguagem, tudo sem prejuízo do essencial interesse narrativo".
Manhas do Poder (Umbanda, Asilo e iniciação), de Betty Milan, da coleção ensaios da editora Ática. Manhas do Poder, um texto sobre o poder na Umbanda, no Asilo e na Iniciação. Três poderes agindo através dos mesmos recursos para capturar o sujeito e frisar o desejo.

Opção Cultural

ANO IX Nº 481 Editor: JOSÉ MARIA E SILVA GOIÂNIA, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2003 A 3 DE JANEIRO DE 2004

BASILEU TOLEDO FRANÇA

O iluminista que desafiou o obscurantismo

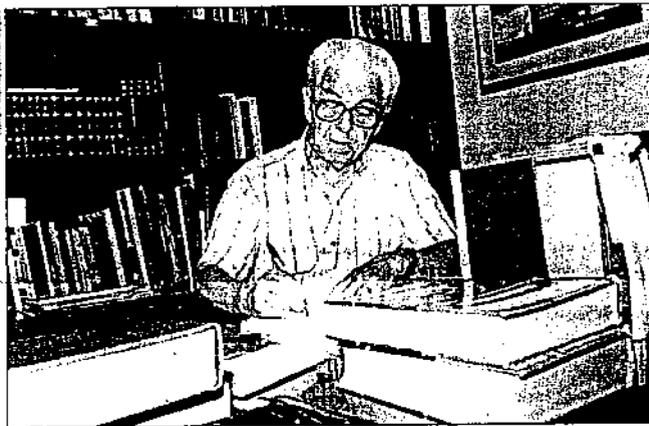
Lutando contra as traças, escritor resgatou a história dos pioneiros do Sudoeste goiano, servindo de exemplo para outros historiadores regionais no Estado

FILADELFO BORGES
Especial para o Jornal Opção

Meu pai chegou da loja, no fim da tarde, trazendo um exemplar de *Pioneiros*, de Basileu Toledo França, que ele comprara naquele dia. Tivera o Joaquim pequena escolaridade, porque fora de muita pobreza a sua infância. Alguns dos filhos dos meus avós Higinio e Cornélia morreram em tenra idade, levados pela inanição. Chegaram à vida adulta a Joana, o Jerônimo, o Lázaro, ele e o João Borges. A primeira se mudou, na década de 20 ou 30, para os confins de Mato Grosso, na companhia de Antônio Camarada, um rio-verdense que com ela acabava de se casar. Nunca mais voltaram a Goiás. Tornaram-se fazendeiros e constituíram família na região de Campo Grande. Os dois mais novos converteram-se em prósperos comerciantes. Em Jataí, o Joaquim; João, em Alto Garças, pequena cidade plantada nos caminhos para Rondonópolis.

Meu pai era vocacionado para o estudo da história e da geografia, e adquiriu bom conhecimento sobre Jataí. Puxei a ele, portanto. Era por isso que se mostrava satisfeito em ter adquirido *Pioneiros*. Lp-o, relia-o e o comentava. Foi, então, a primeira vez que tive acesso a um livro daquela natureza. Interessei-me pelas sagas dos Vilelas, dos Carvalhos e dos Barros, de maneira romancada, expostas nas páginas dessa obra de elevada significação para os goianos (e especialmente, claro, para os jataienses), que acabara de ser publicada. Era o ano de 1953. À frente da prefeitura se encontrava Cyllenéo França, tio do autor. O município comprara, autorizado pela Lei 179, de 7 de novembro de 1953, 500 exemplares.

Passados tantos anos, nunca me esqueci destas palavras do início do prefácio (do próprio autor): "Em 1942, vi um soldado varrer alguns papéis e queimá-los em seguida, no velho casarão da cadeia de Jataí. Alguém comentou comigo: 'Devem ser folhas do arquivo'. E continuou a me informar, com ironia amarga, que os livros da Prefeitura, onde dormia quase todo o passado da nossa terra e da nossa gente, estavam abandonados na prisão porque certo administrador não quis velharias entulhando o Paço Municipal. Fiquei surpreso com a notícia inacreditável, mas verifiquei depois que era simplesmente a expressão da verdade. Dura verdade: o arquivo — patrimônio público da cultura, da história e da administração local — ia desaparecendo dia a dia, por este e outros motivos". Contava com nove anos, nesse tempo, e os tempos que vieram não foram capazes de apagar da minha memória estas palavras. Basileu Toledo França não apenas salvou o que restava desse patrimônio de



Basileu Toledo França (1919-2003), escritor e historiador: história de Goiás contada em boa prosa

valor inestimável que a ignorância relega às traças, como o converteu nesse saboroso livro.

HOMENS EM RELEVO — Não lhe foi fácil o labor, como ele mesmo atesta, no segundo parágrafo desse prefácio: "O fato chocou-me profundamente. Perseguiu-me como idéia fixa. Sem parar. E a solução do problema de consciência foi impor-me, desde então, a tarefa que sabia difícil, trabalhosa e — talvez — incompreendida, de reconstruir as origens do lugar. Com o propósito único de preservar documentos, pôr em relevo homens e mulheres admiráveis, contar enfim a luta, as alegrias e as tristezas dos nossos primeiros, sem esquecer a contribuição dos humildes e obscuros negros, a fecundidade das mulheres rudes e a poesia dos brinquedos de criança".

Com *Pioneiros*, o notável mestre abriu as portas do passado aos seus conterrâneos. Foi a partir das suas páginas que começamos, não apenas a conhecer nosso prérito, mas a nos interessarmos mais pela nossa terra. *Pioneiros* foi uma injeção de elevados sentimentos no povo da Cidade das Abelhas. *Pioneiros* foi pioneiro não somente de Jataí, mas do Sudoeste, vocacionando outros municípios na busca dos seus *Pioneiros* e seus "Basileus": Onaldo Campos, Oscar Cunha Neto e Zilda Pires, em Rio Verde; Martiniano J. Silva, em Mineiros; professor César, em Santa Helena de Goiás; Jesus

Manoel, Cid Melo, Maria Eloá, Gênio Eurípedes, em Jataí. Esses e outros, e também eu (nascido em Jataí e residente em Rio Verde há três décadas), fomos — ou somos — os "Basileus", gente preocupada com memória das nossas cidades, impedindo que outras "velharias" sejam varridas e queimadas como entulhos.

Depois, Jataí e Goiás conheceram, de sua lavra, *Música e Maestro*, que fala das bandas musicais — tão comuns no Brasil de outras épocas — na então pequenina Jataí que herdamos de José Manoel Vilela, José Carvalho Bastos, Serafim José de Barros e outros. Nas páginas de *Velhas Escolas* (Editora da UFG, 1998, prefácio de Leonardo Arroyo, da Academia Paulista de Letras), Basileu Toledo França mostra as dificuldades naturais do começo da formação das principais cidades sudoestinas, no campo do ensino das suas crianças e da sua mocidade. Trata-se de uma obra que faz justiça ao lembrar que Jataí não é fruto apenas dos que vieram de longe, na primeira metade do século XIX, com a finalidade de montar fazendas para criação de gado. Outros andaram léguas e léguas no exercício do magistério. Basileu homenageia os professores, com estas palavras contidas no ensaio em pauta: "Para os que se dedicam à difícil e nobre tarefa de instruir e educar o nosso povo".



Cavalo de Rodas, de Basileu Toledo França: espécie de "história da vida privada" em Goiás

NOTÁVEL INTELECTUAL — Ao seu caráter de cronista, romancista e historiador adicionou-se o convívio familiar com o discutido Carvalhinho, seu tio por afinidade e chefe dos "Cainéguas", que lutavam contra os "Morcegos", liderados por José Morbeck, engenheiro natural da Bahia e que se tornou o chefe dos garimpos do Garças. Daí nasceu *Capangueiros e Jagunços* (o exemplar que ele dedicou ao ex-prefeito de Rio Verde e de São Simão, e fundador desta, meu amigo Célio Leão Borges, datado de 25 de abril de 1988, por ele, Célio, me foi transferido, há pouco). Essa obra veio à tona em 1987, sob os auspícios da *Bolsa de Publicações José Décio Filho*.

Sete anos depois, a intelectualidade goiana foi brindada com *O Triângulo dos Diamantes* (Coleção Documentos Goianos, Editora da UFG), focalizando a região

"Com Pioneiros, o mestre Basileu Toledo França abriu as portas do passado aos seus conterrâneos. Foi a partir de seus livros que começamos a nos interessar mais pela nossa terra"

Um fazendeiro luta pela cultura

— Com licença, pois o telefone toca outra vez. Hoje estou solicitado...

Quem brinca é Binomino da Costa Lima, sr. Meco para a maioria. Um misto de fazendeiro e mecenas da cultura em Jataí. Fala do primeiro andar de sua casa. Construiu ali uma sacada, como se quisesse abarcar com os olhos toda a cidade. Retorna do telefonema.

— Querem que eu vá participar de uma reunião, lá na Faculdade - diz, acenando novamente seu grande corpo à mesa.

Sem dúvida, Meco possui uma casa singular e bastante movimentada. A impressão que se tem é de se estar num mini-museu: ocupando os dois primeiros cômodos, há bichos empalhados, utensílios de aborígenes já extintos, minerais, fósseis e objetos paleontológicos milenares.

Nossa região possui vestígios arqueológicos dos mais ricos neste país - ela explica.

Fala numa voz lenta, quase arrastada mas segura. As vezes os olhos vivazes correm pelos diplomas - honórias causis - pendurados na parede. Mas nada diz sobre eles. Acaba mesmo à segurando nas mãos fortes objetos de antanho. Parece a falar sobre cada um deles: esse pote foi usado por tais índios, com isso aqui faziam aquilo...

Pesquisar para este homem de 54 anos, nascido em fazenda do município de Jataí, é dar sequência a uma saga presente no sangue da família. Afinal seu pai, Pedro da Costa Lima, filho de um dos três pioneiros da região - José Antônio de Carvalho -, era também pesquisador nato: metia-se a misturar pólenes de flores, a formar novas espécies - e colava do gênero.

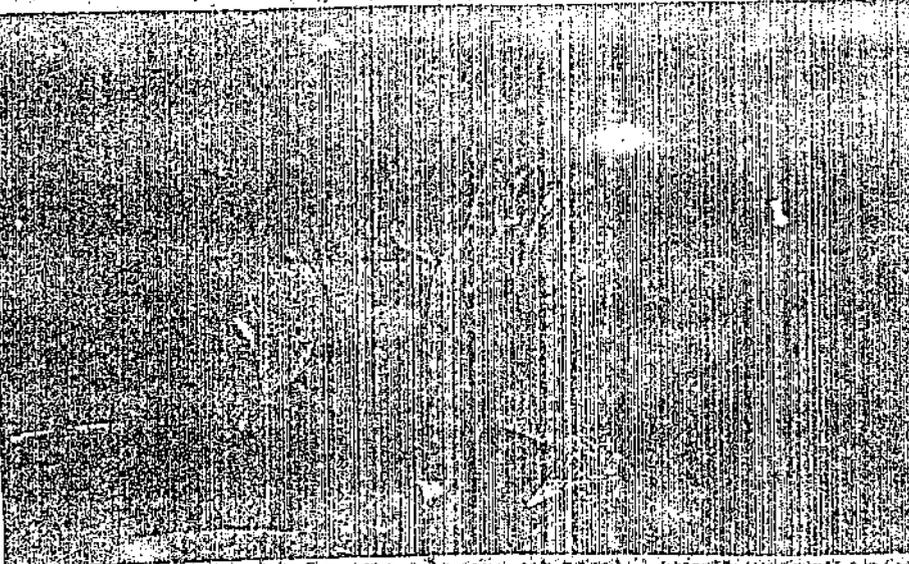
Já se nasce pesquisador - filosofa Meco, esticando os braços sobre a mesa e alargando o sorriso. Gosta de sorrir.

Sorri, também, das pessoas que não compreendem seu trabalho. "O seu Meco? Não é muito certo da bola", costumam dizer, nas esquinas.

Com efeito, deve soar estranho a alguém ver-se alguém colecionar velhos pedregulhos, pedaços de potes, restos de ossos e usar no vocabulário palavras como "Arqueologia, Paleontologia, Zoologia, Botânica, Museologia, taxidermia e similares".

Com o autodidatismo que caracteriza os gênios, Meco aprendeu a fazer de cada uma dessas ciências parte de seu métier. E desde que se obteve em pesquisador, tem se entusiasmado em grutas e lugares inhóspitos, a procura de vestígios pré-históricos. De posse deles, põe-se a estudá-los e fazer estranhas comparações.

— Vê este fósil? - indaga, segurando um bloco de argila petrificada. - Pois é, tem um bilhão de anos e foi encon-



trado nas margens do Rio Claro. Um pesquisador amigo disse que isso aí no meio é resto de peixe. Um outro acha que é fósil de uma planta. Fico com o segundo.

Que importância há nisso? Decerto nenhuma, para a maioria das pessoas. O mesmo não pensam pesquisadores do País, e mesmo do Exterior, que vez ou outra em Jataí aparecem. Em missões científicas, antes de qualquer iniciativa, consultam Meco e seus achados.

Nada mais prudente, uma vez que Meco explorou e conhece toda a região Centro-Sul do Estado; sua vegetação, seus bichos, principais sítios arqueológicos, líticos e cerâmicos - ao todo, contadas de grutas, das quais apenas umas 40, em Serranópolis, foram pesquisadas.

Quando iniciou os levantamentos há cerca de 12 anos, primeiro com meu primo José Silveira da Costa (naturalista de Mineiros) e depois com Américo Barros França (geólogo, hoje no IPT, SP), vi que tudo ali possuía inestimável valor, e não podia cair nas mãos de bedardões - recorda.

Era meados de 1973. Já havia preparado mapas das grutas e sítios das inscrições nas rochas. Passou a procurar cientistas que pudessem estudar e avaliar precisamente a importância do acervo. Diz que teve sorte: obteve a atenção do renomado cientista Pedro Ignacio Smitz do Instituto Anchietano de Pesquisa (IAS) e de Altair Salsa Barbosa, diretor do Instituto Golano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás (hoje trabalham juntos).

Quando montrei os sítios das grutas a eles, ficaram do lado - diz Meco, maturo.

Concluíram à época que os sítios ar-

queológicos encontrados nas fazendas Diogo, Simplicio e Manoel Braga, Serranópolis, eram dos mais antigos Brasil; datando de 12 mil anos alguns, pois humanos ali existentes. Hoje desbriram outros mais antigos; mas na ocasião os cientistas voltaram seus olhos para esta região.

Meco sorri meio maroto ao pensar tudo começou quando, santeiro ainda, pratica dos estudos em Bela Horizonte voltara para caçar e pescar - ocasião que as inscrições e vestígios pré-históricos aguçaram sua curiosidade: quantos? Quando?

Sem abandonar a investigação, Meco dedica-se ainda a outras atividades: parte diretoria do Lions Club de Jataí que já presidiu por duas ocasiões; é presidente da Associação Cultural de Jataí, membro da recém-criada Fundação Educacional de Jataí e do Conselho Comunitário; vive a incentivar os artistas locais; pode-se dizer, não há na cidade reunião de intelectuais que prescindam de sua presença.

Malgrado as tentativas infrutíferas esboçadas, ainda se encontra velho sítio em Jataí, ter seu próprio museu. Além disso, está em discussão a criação de um Museu do Casarão Francisco Honório, tal passo primeiro para a criação de museus estaduais e bazar para o comércio de artistas locais. Meco quer, também, uma escola de artes funcionando na Universidade de Jataí (conta com pleno apoio Rector), e um curso de Direito, ainda temporário.

Ah, e já reservou o porão do prédio para estudar mais ossos e petroglifos, ainda garindo.